

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL**

Bianca Breyer Cardoso

POR ONDE ANDAM AS CRIANÇAS?

Da estrutura sócio-espacial às práticas cotidianas em Porto Alegre

PORTO ALEGRE

2012

Bianca Breyer Cardoso

POR ONDE ANDAM AS CRIANÇAS?

Da estrutura sócio-espacial às práticas cotidianas em Porto Alegre

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Orientador: Prof. Dr. Eber Pires Marzulo

Linha de Pesquisa: Cidade, Cultura e Política

PORTO ALEGRE

2012

Bianca Breyer Cardoso

POR ONDE ANDAM AS CRIANÇAS?

Da estrutura sócio-espacial às práticas cotidianas em Porto Alegre

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Eber Pires Marzulo (orientador)

Prof. Dr. João Farias Rovati

Prof. Dr. Leandro Marino Vieira Andrade

Prof^a. Dr^a. Ana Marta Goelzer Meira

*Dedico este trabalho a duas eternas meninas:
À Vó Dorinha, exemplo de vida, por ter
colorido minha infância com suas histórias e
delícias, e à Serena, criança-inspiração, por
me deixar colorir um pouquinho da infância
dela.*

Agradecimentos

Assim como a experiência urbana, esta pesquisa é resultante de percursos e encontros. Fica o agradecimento a todos que contribuíram nesta aventura, recheada de aprendizado, sobretudo, por ter fortalecido o entusiasmo em atuar como pensadora da vida nas cidades.

Agradeço ao meu caríssimo orientador, Eber Marzulo, que se tornou também um amigo, por ter me acolhido de forma tão generosa, incentivando minha trajetória como pesquisadora através de um acompanhamento dedicado, criterioso e, ao mesmo tempo, irreverente.

A todos os professores que, durante a vida, me mostraram que ensinar é também ter vontade de aprender, em especial ao querido João Rovati, pela confiança e pelo exemplo.

Aos professores examinadores, pela imensa disponibilidade. Em especial à Ana Marta Meira, pela interlocução de um olhar atento para a cidade das crianças. E ao mestre Leandro Andrade que, ainda durante a graduação, me mostrou o significado do processo e da poesia no fazer do arquiteto urbanista.

A todos os colegas do PROPUR, especialmente à esfuziante Thaís Menna Barreto, pelo encorajamento e pela parceria.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Identidade e Território e da Rede Imagem e Identidade e Território, pela disponibilidade em trocar ideias, sorrir e crescer junto.

À UFRGS, minha *alma mater*, à Faculdade de Arquitetura e ao PROPUR, seus professores e funcionários, pelo amparo institucional.

À CAPES e à PROPESQ, pela concessão de auxílio financeiro.

Ao Observapoa, por disponibilizar informações essenciais à realização deste estudo.

Ao Colégio de Aplicação, pela organização do Colóquio de Estudos Urbanos, que possibilitou o encontro com os informantes. Em especial, aos estudantes da Turma 81, que através de seus mapas preencheram um espaço vital neste trabalho.

A todos os meus familiares e aos amigos de longa data, pela convicção com que sempre me apoiaram. Em especial à Tia Jane, revisora das minhas palavras e grande incentivadora dos meus passos. E às grandes amigas, Michele e Lívia, pelo apoio incondicional.

Ao meu pai, por todo o afeto, pelas histórias contadas e pela parceria nas andanças da minha infância.

À minha Mãe, pelo amor irrestrito e todo suporte material, pela intensidade com que deseja que seus desejos de mãe se tornem realidade, pelas horas de conversa ao telefone e por me inspirar a ser, como ela, uma educadora dedicada.

E, finalmente, ao Enrico, meu grande companheiro, pela proteção e pelo cuidado, pelo amor sempre renovado e por me conferir poder simplesmente ao acreditar, toda minha gratidão.

Resumo

O tema deste estudo é a relação da criança com a cidade na sociedade contemporânea. O problema de pesquisa se constitui a partir dos indicativos de que a fruição do espaço urbano, fundada na apropriação da rua como espaço de lazer, sofreria importantes transformações diante das inovações produtivas, tecnológicas e comunicacionais da sociedade. A hipótese é que a alteração das práticas está associada às diferenças na estrutura sócio-espacial, não sendo homogênea. Assim, seu objetivo é caracterizar a experiência urbana das crianças, identificando as práticas cotidianas e os espaços vividos; além de evidenciar a relação entre as práticas e as características sócio-espaciais; bem como avaliar a extensão do fenômeno de esvaziamento da rua como espaço de lazer. A investigação toma Porto Alegre como lócus de pesquisa, por se tratar de metrópole inserida no contexto da globalização. A empiria adota como recorte etário a faixa de 7 a 14 anos, e se estrutura em duas etapas: a primeira consiste na análise da estrutura sócio-espacial do município, através de dados censitários que articulam o espaço social das famílias ao espaço físico dos bairros, da qual resulta a classificação dos bairros segundo Perfis do Espaço Social. A segunda etapa é a análise da inter-relação entre a estrutura sócio-espacial de Porto Alegre, em seus aspectos demográficos, locacionais e morfológicos, e as práticas cotidianas. Como fontes de pesquisa, além dos dados censitários espacializados, estão os próprios habitantes, incorporados através de estudo piloto, realizado com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental. A análise da estrutura sócio-espacial aponta que grande parte das crianças porto-alegrenses vive em bairros de baixa renda situados, predominantemente, na periferia da cidade. A investigação das práticas cotidianas indica que a rua continua sendo apropriada para o lazer, embora prevaleça como espaço de circulação. O recolhimento ao espaço privado é verificado em todos os estratos e está vinculado, em alguns casos, à presença de condomínios fechados. Entre os estudantes, o envolvimento com o espaço público se dá em diferentes níveis, da utilização mais intensa, passando pelo equilíbrio na vivência público-privado, até chegar à experiência centrada no privado, que culmina na não-vivência do espaço público. A experiência urbana se constitui, portanto, através de múltiplas vias, marcadas pelas diferenças sócio-espaciais que envolvem o cotidiano de cada habitante. Disto emerge a validade de tomar o recorte etário como critério de análise e definição de políticas urbanas, uma vez que permite a incorporação da dimensão humana e da escala cotidiana à prática do planejamento urbano.

Palavras-chave: Experiência urbana. Cotidiano. Criança. Estrutura sócio-espacial. Bairro.

Abstract

The subject of this study is the children's relationship with the city in contemporary society. The research issue is constituted from the indications that the enjoyment of urban space, based on appropriation of the street as a space for leisure, has undergone important changes in face of the productive, technological and communicative innovations of society. The hypothesis is that the changing of the practices is associated with socio-spatial differences and is not homogeneous. So, the research objective is to characterize the urban experience of children, identifying the everyday practices and lived spaces; show the relationship between the practices and socio-spatial characteristics, and to assess the extent of the phenomenon of deflation of the street as a space for leisure. The investigation takes Porto Alegre, Brazil, as locus of research, because of its condition of metropolis into the context of globalization. The empirical study adopts as age cut the range from 7 to 14 years, and is divided into two stages: the first is the analysis of socio-spatial structure of the city, through census data that articulate the social space of the families with the physical space of the districts, which results in the districts' classification according the social-space profiles. The second step is the analysis of the inter-relationship between the socio-spatial structure of Porto Alegre, in their demographic, locational and morphological features, and everyday practices. As research sources, in addition to spatialized census data, are the inhabitants, incorporated through a pilot study with 8th grade students of elementary school. The analysis of socio-spatial structure shows that most children at Porto Alegre live in low-income neighborhoods, mostly located on the suburbs of the city. The investigation about everyday life indicates that street is still appropriate for leisure, although prevails as circulation space. The retreat into private space is found in all strata, and it is linked, in some cases, with the presence of gated communities. Among students, engagement with public space is established at different levels, from more intensive use, through the balance in public-private experience, to the experience focused on private, culminating in the non-experience of public space. The urban experience is constituted, therefore, through multiple ways, marked by socio-spatial differences surrounding the daily life of each inhabitant. Hence the validity to consider the age cut as an analysis and defining criterion of urban policies, especially because it allows the incorporation of the human dimension and of the everyday life scale into the urban planning practice.

Keywords: Urban experience. Everyday life. Children. Socio-spatial structure. Neighborhood.

Lista de Ilustrações

Ilustração 1 – Estrutura da dissertação.....	19
Ilustração 2 – O aprofundamento da experiência espacial.....	27
Ilustração 3 – Diferenças nos limites da atuação urbana de meninos e meninas.....	30
Ilustração 4, Ilustração 5 e Ilustração 6 – A essência da cidade da infância consagrada pela arte	32
Ilustração 7 – Práticas cotidianas que delimitam lugares da infância.....	33
Ilustração 8 – Padrões de utilização do espaço urbano em diferentes tempos	36
Ilustração 9 – Cruzamento entre práticas espaciais das crianças e características da família.....	41
Ilustração 10 e Ilustração 11 – Padrões de sociabilidade marcados pela diferenciação de classe	43
Ilustração 12 e Ilustração 13 – Oposição entre espaço privado e espaço público.....	43
Ilustração 14 – Elementos que compõem o sistema urbano	48
Ilustração 15 – Faixas de envolvimento: as diferentes escalas urbanas.....	48
Ilustrações 16, 17 e 18 – O paradigma da liberdade nas ruas de Nova York	50
Ilustrações 19, 20 e 21 – O paradigma da proteção nas <i>New Towns</i> americanas	52
Ilustrações 22, 23, 24 e 25 – O contraponto entre liberdade e proteção nos diferentes tecidos	52
Ilustrações 26 e 27 – A atualização dos paradigmas.....	53
Ilustração 28 – Diagrama conceitual do estudo.....	57
Ilustração 29 – Porto Alegre como lócus de pesquisa.....	59
Ilustração 30 – Mapa dos bairros de Porto Alegre.....	61
Ilustração 31 – Níveis de escolaridade por bairro.....	68
Ilustração 32 – Níveis de renda por bairro	68
Ilustração 33 – Classificação dos bairros segundo os Perfis do Espaço Social.....	69
Ilustração 34 – Bairros do Perfil 1: escolaridade e renda altas.....	70
Ilustração 35 – Bairros do Perfil 2: escolaridade alta e renda média.....	71
Ilustração 36 – Bairros do Perfil 3: escolaridade e renda médias.....	72
Ilustração 37 – Bairros do Perfil 4: escolaridade média e renda baixa.....	73
Ilustração 38 – Bairros do Perfil 5: escolaridade e renda baixas.....	74
Ilustração 39 e Ilustração 40 – Perfis do Espaço Social e Tipologia Sócio-ocupacional.....	75

Ilustração 41 – Diagrama das camadas: Estrutura e Práticas.....	78
Ilustração 42 – Perfil etário da população de Porto Alegre nos últimos 40 anos	81
Ilustração 43 – Comparativo entre as faixas etárias da população de Porto Alegre.....	81
Ilustração 44 – Distribuição por faixa etária da população de Porto Alegre em 2000.....	82
Ilustração 45 – Perfis de bairro e percentuais de crianças de 7 a 14 anos	84
Ilustração 46 – Representatividade dos Perfis segundo número de residentes de 7 a 14 anos.....	85
Ilustração 47 – Perfis de bairro e aspectos locacionais.....	86
Ilustração 48 – Perfis de bairro e Vilas Irregulares	88
Ilustração 49 – Perfis de bairro e Tipologia Habitacional Predominante	91
Ilustração 50 – Perfis de bairro e Condomínios Fechados	93
Ilustração 51 – Perfis de bairro, Shoppings, Escolas, Praças e Parques.....	94
Ilustração 52 – Espacialização dos tipos de tecido urbano, segundo classificação própria	97
Ilustração 53 – Referência para o mapeamento de espaços vividos	102
Ilustração 54 – Exemplo do mapa dos espaços vividos apresentado aos estudantes.....	103
Ilustração 55 – Perfis de bairro e localização da moradia dos respondentes	104
Ilustração 56 – Distribuição dos estudantes nos Perfis de bairro	105
Ilustração 57 – Resultados: Mapeamento Grupo 1/2.....	108
Ilustração 58 – Resultados: Mapeamento Grupo 3.....	109
Ilustração 59 – Resultados: Mapeamento Grupo 4.....	111
Ilustração 60 – Resultados: Mapeamento Grupo 5.....	112
Ilustração 61 – Resultados: Mapeamento Grupo 6.....	114
Ilustração 62 – Categorias da relação dos estudantes com a rua.....	115
Ilustração 63 – Nº de estudantes de cada categoria por Perfil de bairro.....	119
Ilustração 64 – Perfis de bairro e categorias de utilização da rua	120
Ilustração 65 – Nº de estudantes de cada categoria em função da localização.....	123
Ilustração 66 – Nº de estudantes de cada categoria em função da tipologia habitacional.....	124
Ilustração 67 – Nº de estudantes de cada categoria em função do tipo de tecido urbano.....	125
Ilustração 68 – Tecido urbano e categorias de utilização da rua.....	126
Ilustração 69 – Mosaico da experiência urbana dos estudantes	131

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Esquema com critérios de classificação dos dados censitários	63
Tabela 2 – Nº de bairros segundo relação escolaridade-renda.....	65
Tabela 3 – Nº de bairros segundo relação escolaridade-renda e população de 7 a 14 anos	65
Tabela 4 – Nº de bairros segundo relação escolaridade-renda e tipologia habitacional.....	66
Tabela 5 – Nº de bairros segundo relação renda e densidade demográfica.....	66
Tabela 6 – Nº de bairros segundo relação renda e condições de infraestrutura.....	66
Tabela 7 – Classificação dos Perfis do Espaço Social dos bairros de Porto Alegre	68
Tabela 8 – Nº de bairros segundo relação entre Perfis de bairro e tipo de desenho etário	83
Tabela 9 – Nº de bairros segundo relação entre Perfis de bairro e população de 7 a 14 anos	83
Tabela 10 – Combinação de tipos de tecido urbano em Porto Alegre	96

Sumário

<u>Introdução – Investigando a experiência urbana através do recorte etário</u>	<u>14</u>
<u>Capítulo 1 – As dimensões da experiência</u>	<u>25</u>
1.1. O cotidiano: uma dimensão espaço-temporal	25
1.2. A criança: as especificidades de uma faixa etária	28
1.3. Do passado ao presente: a diversificação da geografia das crianças	32
1.4. Público e privado: a função mediadora da família	37
1.5. Espaço social: a inserção na classe e sua materialização no vivido	42
1.6. Espaço físico: do bairro tradicional ao condomínio fechado	47
<u>Capítulo 2 – Porto Alegre como lócus de pesquisa</u>	<u>55</u>
2.1. Da ruptura à artesanaria: a construção do método	55
2.2. Família e bairro: uma análise a partir de dados censitários	58
2.3. Perfis de bairro: a hierarquia social materializada no espaço físico	67
<u>Capítulo 3 – O espaço urbano e as crianças</u>	<u>77</u>
3.1. Da estrutura às práticas: explorando a experiência em camadas	77
3.2. Aspectos demográficos: a distribuição da população infantil	81
3.3. Aspectos locacionais: as relações entre centro e periferia	86
3.4. Aspectos morfológico-espaciais: diferentes tipos de tecido urbano	90
3.5. Aspectos cotidianos: o mapeamento dos espaços vividos	101
<u>Capítulo 4 – Afinal, por onde andam as crianças?</u>	<u>118</u>
4.1. As práticas cotidianas e a estrutura sócio-espacial	118
4.2. Um mosaico da experiência urbana na cidade contemporânea	129
4.3. O recorte etário e os desafios ao Planejamento Urbano	145
<u>Referências Bibliográficas</u>	<u>149</u>

Anexos

Anexo A – Opiniões do senso comum acerca do problema de pesquisa

Anexo B – Tabela de apresentação dos dados por bairro

Anexo C – Tabela de apresentação dos dados por bairro após classificação

Anexo D – Tabela dos aspectos demográficos dos bairros

Anexo E – Tabela de classificação do tecido urbano dos bairros

Anexo F – Modelo de questionário

Anexo G – Quadro síntese dos respondentes

Anexo H – Descrição das práticas cotidianas e dos espaços vividos dos respondentes

Introdução – Investigando a experiência urbana através do recorte etário

No contexto contemporâneo, de mudanças estruturais da sociedade, que abrangem novas formas de produção e acumulação de bens e capitais, inovações tecnológicas e comunicacionais, principalmente pelo advento da comunicação virtual, a apropriação social do espaço se desenha a partir de novas dinâmicas. Diante destas transformações, que se processam de forma ainda mais intensa no interior das grandes cidades, é fundamental compreender o impacto das mudanças sobre o cotidiano dos habitantes, buscando entender de que forma os câmbios sociais interferem na dimensão espacial e como tais mudanças resultam em novas formas de experiência urbana.

O presente estudo toma um grupo social etariamente definido, as crianças, sobre o qual o impacto destas transformações vem sendo discutido, principalmente ao nível do senso comum¹, para investigar a experiência urbana na contemporaneidade. Partindo dos indicativos de que a fruição do espaço urbano pelas crianças, fundada na apropriação da rua como espaço de lazer e recreação, sofreria importantes transformações, busca-se caracterizar a relação da criança com a cidade na sociedade contemporânea.

Em face das mudanças demográficas em curso, que apontam o redesenho etário da população brasileira, com conseqüente diminuição da população infantil, tal recorte justifica-se, paradoxalmente, pela maior atenção exigida pelas camadas jovens, pelo papel central que tendem a assumir na sociedade num futuro próximo (LIVI-BACCI, 2001; CARVALHO, RODRÍGUEZ-WONG, 2008). Especialmente para o campo do planejamento urbano, entende-se como válida a discussão em torno da consideração dos recortes etários como critério para o estabelecimento de políticas e projetos. Sobretudo pela grande lacuna verificada em nosso país, que restringe a utilização de tais critérios a equipamentos específicos, quase em nível arquitetônico, ignorando-os na escala urbana. Por fim, considera-se que o mergulho na microescala, através da observação do cotidiano, possibilita aos planejadores urbanos uma compreensão do espaço da cidade a partir da apropriação social de seus habitantes.

¹ O Anexo A contém uma coletânea de textos referentes à problemática de pesquisa, publicados na imprensa, que expressam algumas opiniões do senso comum acerca das transformações na relação da criança com a cidade na sociedade contemporânea.

Sob o paradigma da modernidade, procuramos compreender como as alterações na relação da criança com a cidade estão relacionadas a um processo mais amplo, que abrange a sociedade como um todo. Tomamos a modernidade, nos termos de Berman (2007), como um tipo de experiência vital, ou, como uma maneira de experienciar o espaço e o tempo (HARVEY, 2009). E, como experiência espaço-temporal, consideramos que é afetada pelas transformações nos processos produtivos e econômicos e também nas relações entre Estado e sociedade, que lhe impõem novas características e conteúdos, ao alterarem o mundo do vivido (MARZULO, 2005).

Em seu estágio presente, a modernidade é marcada pela compressão tempo-espaço, que promove, segundo Harvey (2009), uma aceleração do ritmo da vida por meio de processos que revolucionam as qualidades objetivas do espaço e do tempo. Para os adultos a compressão tempo-espaço encolhe o espaço numa aldeia global e reduz os horizontes temporais ao presente, forçando-os a alterar, às vezes, radicalmente, o modo como representam o mundo para si mesmos, ao passo que para as crianças não existe necessidade de alteração, pois elas já constroem sua percepção nesta nova realidade. As crianças já possuem, nos termos do autor, um equipamento perceptivo que permite que percebam esse novo tipo de hiperespaço. Possivelmente, é aí que se instala uma lacuna que diferencia as experiências espaciais que tomam lugar em tempos e espaços distintos, ao mesmo tempo em que impede que os adultos captem as sutilezas que as distinguem.

Há no momento presente, ainda segundo Harvey, uma tendência de efemeridade, que domina a sociedade como um todo. Essa busca pelo impacto instantâneo, característica da compressão tempo-espaço, acaba gerando uma perda paralela da profundidade. Comparando o modo de produção anterior, do modelo fordista, ao atual, da acumulação flexível, o autor afirma que o movimento mais flexível do capital acentua o novo e o efêmero da vida moderna, ao invés dos valores mais sólidos, vigentes no fordismo.

Em paralelo, a globalização altera, segundo Milton Santos (2006), nossa relação com o mundo, ao incorporar a dimensão global. De uma relação antes vivenciada apenas na dimensão local, passamos a uma relação local-global. Por outro lado, esta incorporação institui uma nova realidade do lugar. Na perspectiva de Hall (2005), o efeito pluralizante e contraditório da globalização institui uma homogeneização cultural através da inserção da escala global, ao passo que valoriza a diferenciação local, sem ser capaz, contudo, de vincular as identidades ao lugar. A criação de espaços padronizados, como aeroportos ou shoppings centers, é um dos exemplos de como a escala global se insere no local e cria experiências globalmente homogêneas apesar de pontualmente localizadas.

A sociedade globalizada se torna, paradoxalmente, cada vez mais intimista e, de acordo com Sennett (1988), mais destacada da esfera pública. Ao processo de esvaziamento do espaço público corresponde, então, um recolhimento ao espaço privado, muitas vezes motivado pela institucionalização dos medos urbanos, que desestimula a vivência do espaço público, em favor de uma vida segura e protegida em espaços privados (BAUMAN, 2001).

Em face do redesenho entre domínios, o mergulho no processo coletivo, caracterizado pelo contato com o desconhecido e pela inauguração de uma vida pública, constitutivo da experiência urbana das crianças, estaria comprometido pelo fortalecimento da esfera privada. As ruas da cidade, tidas, até então, como espaço de lazer e liberdade, do jogo e da diversão, deixariam de ser espaço de sociabilidade e estariam reduzidas a local de passagem.

Diante deste contexto, algumas questões emergem como problema de pesquisa: o estágio presente da modernidade impõe o esvaziamento da relação da criança com a cidade, ou a transforma, atualizando-a aos novos conteúdos da vida moderna? A rua realmente se esvazia como espaço de lazer e recreação? Onde, afinal, as crianças brincam nos dias de hoje? Por onde andam as crianças na cidade contemporânea?

Tendo tais questões como motivação inicial, esta investigação busca caracterizar, de forma mais precisa, a experiência urbana das crianças na contemporaneidade, identificando suas práticas cotidianas e a rede de espaços vividos em seu dia-a-dia. Procuramos, também, evidenciar a relação entre as práticas espaciais, as características sócio-espaciais da criança e a natureza dos espaços urbanos. Por fim, pretendemos avaliar qual a extensão do fenômeno de esvaziamento da rua como espaço de lazer, se ele se manifesta de forma generalizada e irreversível ou se sua incidência possui caráter pontual.

Examinando como a relação da criança com a cidade vem sendo analisada, observamos que se constitui como temática multidisciplinar, que se consolida a partir da segunda metade do século XX, com o reconhecimento das singularidades da criança. Com esta legitimação, surge a necessidade de compreender de que forma a criança se relaciona com o espaço, a fim de assegurar seus direitos e qualificar esta interação.

Dentre os diferentes campos do conhecimento que tratam da relação criança-espaço, destacam-se a Psicologia, a Educação, a Pedagogia, a Geografia, as Ciências Sociais, a Antropologia, a História e o próprio campo da Arquitetura e do Urbanismo. Cada campo possui abordagens características, que levam em conta suas especificidades teóricas e resultam em pontos de vista diferenciados.

Além das abordagens disciplinares, o estudo da relação da criança com o espaço pode abarcar diferentes campos, de forma interdisciplinar. Contemporaneamente, existem muitas iniciativas que não se limitam ao âmbito acadêmico e envolvem o poder público e a sociedade civil como um todo. Os exemplos mais expressivos são os projetos *Ciudad Educadora*², *La città dei bambini*³ e *Child Friendly Cities*⁴. Em linhas gerais, tais iniciativas abordam a participação e a promoção da cidadania de crianças e jovens; o direito ao divertimento, ao jogo e à brincadeira; a pobreza infantil e as políticas de erradicação; bem como os instrumentos de avaliação das qualidades do ambiente amigável à criança.

No campo da Arquitetura e do Urbanismo, a relação da criança com o espaço é abordada, primeiramente, em termos ergonômicos, do ponto de vista da adequação dos espaços ao corpo e às necessidades da criança, e também em função de equipamentos com programas específicos, como escolas, creches, parques, etc. (LIMA, 1989). Além disso, há uma linha de estudos denominada Percepção Ambiental, ligada de forma interdisciplinar à Psicologia, que analisa a percepção dos usuários em relação aos espaços, avaliando basicamente a satisfação relativa ao espaço construído (GORLITZ, 1998). Há, ainda, outra perspectiva de abordagem que analisa a contribuição que o espaço urbano oferece à criança. Esta contribuição pode ser relativa aos aspectos físicos e aos recursos ambientais, que permitem o acesso ao jogo e ao divertimento e asseguram condições adequadas de circulação e mobilidade (KYTTÄ, 2004), ou pode ser relativa à construção da cidadania e da civilidade, potencializadas pelo convívio social no espaço da cidade (SANTOS et. al., 1985).

No Brasil, a obra de Oliveira (2004), “O ambiente urbano e a formação da criança”, aborda o compromisso dos arquitetos e urbanistas com a formação das futuras gerações, trazendo como ponto central a ótica das crianças para o seu próprio lazer, nos espaços públicos que a cidade lhes põe à disposição. Sua pesquisa empírica elege a rua como espaço público analisado, ao verificar sua interferência sobre a formação da criança. A autora analisa quatro grupos distintos (crianças em situação de risco, de escolas públicas e de escolas particulares e adultos pertencentes a diversos grupos sociais) e oferece um contraponto entre a visão de crianças e adultos, que insinua um panorama de transformação intergeracional das práticas de apropriação do espaço urbano. A tese de Oliveira traz um estudo teórico muito abrangente, que apresenta as principais questões concernentes à relação da criança com o espaço público, e oferece um panorama geral da situação atual.

² Movimento originado em 1990, na Espanha: http://www.bcn.es/edcities/aice/estatiques/espanyol/sec_iaec.html.

³ Projeto internacional do *Istituto di Scienze e Tecnologie della Cognizione*. Foi criado em 1991, pelo pedagogo e cartunista italiano Francesco Tonucci, na cidade de Fano. O site do projeto é: <http://www.lacittadeibambini.org>.

⁴ Projeto da UNICEF criado como sistema de governança local comprometido com os direitos das crianças. Maiores informações no site: <http://www.childfriendlycities.org/>.

Sua obra pode ser considerada como estudo inaugural desta reflexão no âmbito do planejamento urbano brasileiro, e é o trabalho nacional consultado que mais se aproxima da presente investigação. Entretanto, apesar de muito significativos, seus resultados ainda são insuficientes para delinear um quadro mais abrangente da situação brasileira, principalmente por não identificarem os fatores interferentes da relação da criança com a cidade e, em que medida, o próprio desenho urbano afeta esta relação. Por este motivo, o assunto deve ser, cada vez mais, colocado na pauta das discussões de arquitetos e urbanistas.

A formação em Arquitetura e Urbanismo, que envolve o saber e a técnica da organização dos assentamentos humanos, estimula o interesse pelo urbanismo enquanto modo de vida, a partir da preocupação com a qualidade que o ambiente oferece aos habitantes da urbe. Assim, o fazer do pesquisador oriundo deste campo está, mesmo que indiretamente, associado ao ato de planejar ou normatizar o espaço urbano a fim de qualificá-lo. Contudo, esta mesma formação tende a se centrar, muitas vezes, na qualidade material do ambiente urbano, relegando a um segundo plano o elemento humano.

Tal dificuldade ocorre, possivelmente, em função da oposição formulada por Certeau (2009, p.157) entre “*voyeurs* ou caminhantes”, separados pela distância com que veem a cidade, um de fora, outro de dentro, um do alto, outro do chão. Os arquitetos e urbanistas são tidos por Certeau como *voyeurs* que, desenlaçados da vida convulsiva das cidades, buscam apreendê-la como um todo, perdendo a capacidade de compreensão das partes. No entanto, ao urbanista caminhante, a cidade inquieta, por se mostrar menos apreensível e, portanto, menos totalizável. Ao pensador da vida urbana, que caminha pela cidade e a vê também do chão, se coloca o desafio de apreendê-la em fragmentos, inventá-la em pedaços. O urbanista caminhante vê assim a cidade como um mosaico da experiência urbana que nela se dá. Do alto e do chão, sua busca está em conciliar estes olhares, assumindo sua dupla condição.

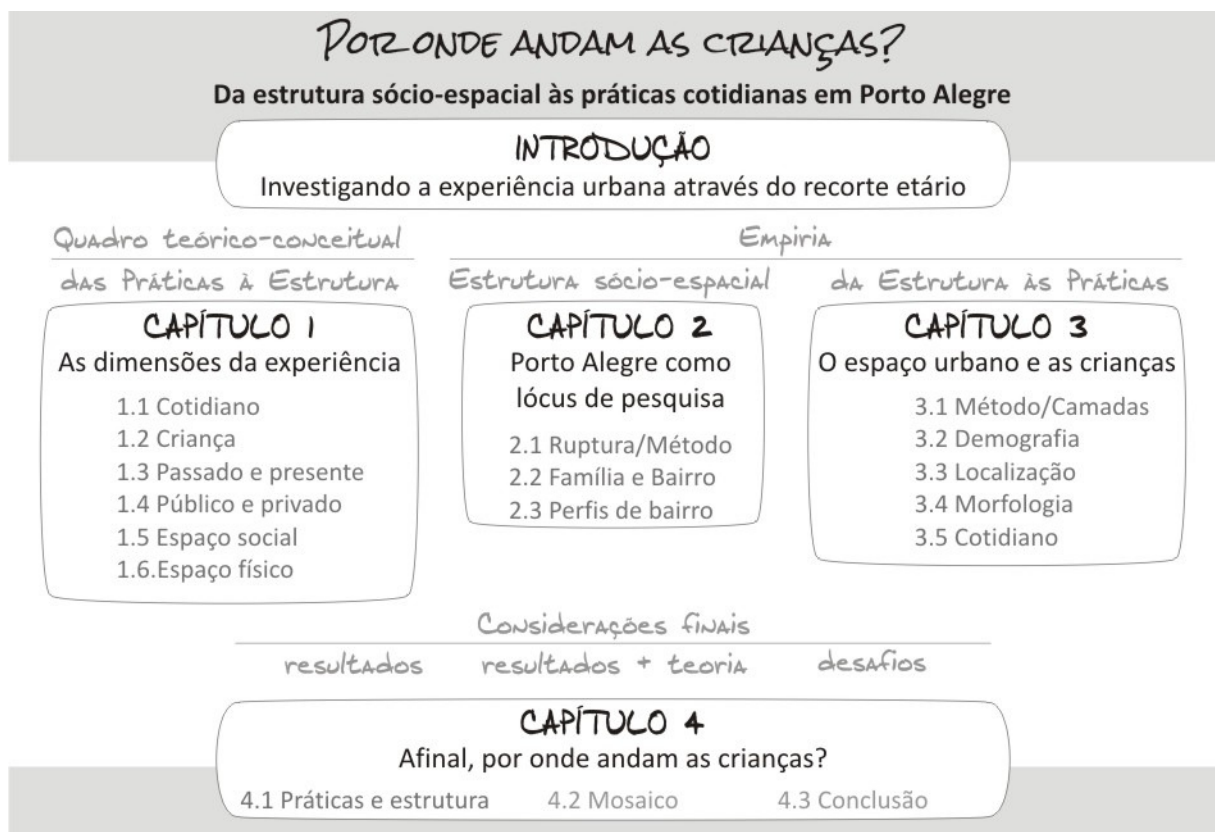
Este é o ponto de onde parte esta fala, motivo pelo qual a pretensão deste estudo é contribuir para o campo do Planejamento Urbano e, especialmente, do Urbanismo, através da exploração da vida na cidade, a partir de diferentes ângulos. Neste sentido, a filiação ao Grupo de Pesquisa Identidade e Território (GPIT/UFRGS), pertencente à Rede Imagem e Identidade e Território (RIIT), é promotora da busca por um novo olhar sobre o urbano, especialmente pelas discussões acerca dos métodos e das maneiras de fazer pesquisa, e da disposição em acionar fontes alternativas, como o cinema, para pensar a cidade.

Cabe salientar que, em paralelo à realização deste estudo, vem sendo conduzida uma análise de produções audiovisuais, de diferentes momentos históricos, com temáticas

relacionadas à infância urbana, com o objetivo de examinar a transformação da sociabilidade das crianças e compreender como a apropriação do espaço se desenha a partir das diferenças sócio-espaciais. Tal análise deu origem a algumas publicações (CARDOSO; MARZULO, 2010 e 2011) e, apesar de não ter sido incorporada integralmente a este estudo, forneceu muitos subsídios a sua realização. Incluímos apenas uma produção audiovisual como fonte bibliográfica, o filme *Meu Tio*, de Jacques Tati (1958), pela vinculação consagrada com o campo do Urbanismo, em função da crítica à cidade modernista, além de uma alusão à obra *Na Idade da Inocência*, de François Truffaut (1976)⁵.

Após situar o problema de pesquisa e fazer as considerações iniciais acerca desta investigação, procedemos agora à apresentação de sua estrutura (Ilustração 1), evidenciando as escolhas que foram feitas ao longo do processo. Buscamos, com isso, cumprir também a função de acolher o leitor e fazê-lo penetrar no emaranhado desta pesquisa, oferecendo-lhe uma visão do caminho percorrido.

Ilustração 1 – Estrutura da dissertação



Fonte: elaborado pela Autora

⁵ Além das produções francesas, já foram analisadas duas produções brasileiras recentes: *Cidade dos Homens: Uólace e João Victor*, dirigida por Fernando Meirelles em 2002, e *No Meio da Rua*, dirigida por Antonio Carlos Fontoura, em 2006.

Esta dissertação se estrutura em quatro capítulos, não incluída a Introdução. O primeiro capítulo apresenta o quadro teórico-conceitual do estudo e, enquanto os capítulos 2 e 3 dão conta de sua empiria, o capítulo 4 reúne as considerações finais da investigação.

A revisão bibliográfica que origina o quadro teórico-conceitual desta dissertação não se ateve aos estudos urbanos. Foi realizado um vasto percurso investigativo em busca de contribuições e referências. Este escrutínio para além do campo propiciou, acima de tudo, que o estudo se situasse dentro dele, pois ao observar como as outras áreas abordam a relação da criança com a cidade, foi possível delimitar a análise, ajustando seu foco e seus objetivos ao campo do Planejamento Urbano.

O exame da literatura considerou seis eixos, que constituem as dimensões da experiência urbana e dão origem à subdivisão do quadro teórico: Cotidiano, Criança, Passado e Presente; Público e Privado; Espaço Social; e Espaço Físico. No primeiro item do Capítulo 1, o cotidiano é analisado como dimensão espaço-temporal da experiência urbana. Nele buscamos compreender como se dá o processo de envolvimento do indivíduo com o espaço urbano, explicitando os conceitos teóricos relacionados.

O segundo item analisa, mais detidamente, como se dá o envolvimento da criança com o espaço, examinando as especificidades desta faixa etária, que vai do nascimento aos 12 anos. Nele, destacamos o caráter instaurador deste envolvimento, associado ao desenvolvimento da criança, e também seu caráter gradativo, que parte do reconhecimento do próprio corpo como ente distinto dos outros, avançando para o espaço circundante, desde a esfera privada até a esfera pública.

Após analisar a experiência cotidiana que constitui os lugares da infância, no item 1.3 discutimos a constituição dos lugares da infância em diferentes tempos históricos. Estabelecendo um paralelo entre um passado recente, de meados do século XX, e a atualidade, examinamos o processo de transformação das práticas espaciais da infância, a partir do enfraquecimento da rua como espaço das crianças. Neste item é evidenciada a constatação de um processo recente de diversificação da geografia das crianças, a partir da emergência de novos padrões de utilização do espaço. Esta diversificação está associada ao entendimento da existência de múltiplas infâncias e também a um redesenho contemporâneo entre os domínios público e privado.

Por este motivo, no quarto item abordamos o redesenho público-privado, analisando, primeiro, o surgimento da distinção segundo a qual o privado é por excelência o lócus da família e sua associação à reorganização física do espaço. Em seguida, examinamos a emergência da família como mediadora entre o íntimo e o social e a suposta intensificação

deste papel, mediante o processo contemporâneo de crescente recolhimento ao espaço privado, em contraponto ao desestímulo à vivência do espaço público. Por fim, neste item discorreremos sobre os indicativos de que a utilização do espaço pelas crianças varia de acordo com as características da família.

Na sequência, analisamos de que forma o espaço social da família e sua inserção na classe se materializa no vivido, examinando alguns exemplos do ponto de vista teórico. Ainda no item 1.5, abordamos como se dá a materialização da hierarquia social no espaço físico e como esta pode implicar em experiências urbanas distintas. Após constatar que as dimensões social e física atuam de forma interdependente sobre o cotidiano, somos conduzidos para a análise do espaço físico.

Assim, no último item do quadro teórico, examinamos como a forma urbana, em suas variadas escalas e nas diversas combinações entre seus elementos, pode implicar na variedade das experiências espaciais. Neste item, destacamos a importância que o bairro assume como principal escala urbana vivenciada pela criança. Na sequência, discutimos os paradigmas da liberdade e da proteção, que emergem dos discursos urbanísticos que privilegiam as crianças em suas proposições, examinando como se associam aos diferentes tipos de tecido urbano. Finalizamos o quadro teórico discutindo a manutenção destes paradigmas na cidade contemporânea, discorrendo sobre a presença dos condomínios fechados.

O Capítulo 2 consiste na primeira etapa empírica do estudo e, em seu primeiro item, abordamos, inicialmente, os preceitos epistêmicos que emergem da construção do objeto de pesquisa, identificando os elementos da ruptura com o senso comum. Em paralelo, descrevemos o tipo de abordagem utilizada e os conceitos que permitem a operacionalização da investigação. Apresentamos, ainda, a cidade de Porto Alegre como locus de pesquisa, explicitando que a definição do recorte espacial considera um contexto urbano condizente com o quadro das grandes cidades contemporâneas. Explicamos que a cidade se enquadra nas exigências teórico-conceituais do estudo por se tratar de uma metrópole com quase 1,5 milhão de habitantes, inserida no contexto da globalização. Por fim, delineamos o primeiro estágio de constituição do objeto empírico, que busca compreender a estrutura sócio-espacial do município a partir da materialização da hierarquia social no espaço físico, apresentando os subsídios teórico-metodológicos utilizados.

No item 2.2, apresentamos a primeira etapa empírica, que consiste na análise dos bairros de Porto Alegre por meio de dados censitários. A fim de compreender a estrutura sócio-espacial do município, busca-se uma articulação entre as características do espaço

social das famílias residentes e as características do espaço físico dos bairros. Ao evidenciar a correlação entre os aspectos analisados, bem como a possibilidade de agrupar os bairros de acordo com as características semelhantes, seus resultados servem de elemento para estruturação do estágio seguinte.

Cabe ressaltar que, a partir deste item, o estudo passa a dar ênfase à faixa etária de 7 a 14 anos, em função da subdivisão dos dados censitários analisados. Acredita-se que, pela baixa autonomia das crianças de 0 a 6 anos, o intervalo de 7 a 14 anos agregue crianças com distintos níveis de envolvimento com o espaço urbano, constituindo um período de maior autonomização da criança em relação aos pais e, portanto, capaz de oferecer informações mais relevantes aos propósitos desta pesquisa.

No último item do Capítulo 2, aprofundamos a análise da estrutura sócio-espacial do município, a partir dos agrupamentos de bairros com características semelhantes. Através da incorporação de ferramentas de geoprocessamento, procedemos à espacialização dos dados, ampliando o espectro da análise a partir de novas formas de visualização das informações. Apresentamos, também, a classificação dos bairros segundo Perfis do Espaço Social, categorias criadas pelo próprio estudo, que servem como referência para estruturação da etapa seguinte.

O Capítulo 3 propõe uma análise articulada entre a estrutura sócio-espacial do município e as práticas cotidianas das crianças porto-alegrenses, a partir dos Perfis de bairro. No primeiro item do capítulo, são descritos os estágios da segunda etapa de análise, subdivididos em demografia, localização, morfologia e cotidiano, e seu tratamento através da sobreposição de camadas. Deixamos claro que a sequência de análise procura explorar a tensão entre estruturas e práticas, a fim de superar o antagonismo entre *voyeurs* e caminhantes, ou entre urbanista e criança. Evidenciamos, também, a disposição em reputar as crianças como fonte obrigatória, incorporando seus relatos como peças de um mosaico, que somadas às camadas, dão profundidade ao estudo. Além disso, explicitamos a intenção de articular dados quantitativos e qualitativos, a fim de explorar a dimensão humana dos dados censitários, bem como sistematizar as informações qualitativas. Por fim, identificamos o bairro como principal escala de análise desta segunda etapa empírica, por se tratar de unidade morfológica dotada de significado, vivenciada com mais frequência pela criança, que articula, portanto, a estrutura sócio-espacial às práticas cotidianas.

A primeira camada desta etapa de análise é apresentada no item 3.2 e versa sobre os aspectos demográficos que envolvem as crianças. Neste item, buscamos compreender o perfil etário da população de Porto Alegre e de que forma a população de 7 a 14 anos está

distribuída. Destacamos quais os bairros que concentram maior número de crianças e, conseqüentemente, como a população infantil se distribui nos Perfis do Espaço Social.

O item 3.3 apresenta a segunda camada da análise, sobre os aspectos locacionais da estrutura sócio-espacial. Após verificar a correlação entre a distribuição das crianças e os Perfis do Espaço Social dos bairros, neste item, analisamos como se dá a distribuição geográfica dos perfis, observando quais as relações que estabelecem entre si. Destacamos as relações de distância e proximidade entre perfis e a formação de núcleos socialmente identificados.

A terceira camada da análise é apresentada no item 3.4, no qual examinamos as características do espaço físico dos bairros de cada perfil, buscando identificar as diferentes combinações entre os tipos de tecido urbano existentes em Porto Alegre. Para este exame, utilizamos elementos como tipologia habitacional, presença de condomínios fechados, equipamentos coletivos e espaços abertos, procurando, ainda, relacioná-los aos Perfis do Espaço Social.

Enquanto as três primeiras camadas constituem a análise acerca da estrutura sócio-espacial do município, a quarta está relacionada, diretamente, ao cotidiano. No item 3.5, articulamos todas as dimensões da experiência urbana, investigando como se estabelece a experiência das crianças de cada Perfil de bairro. Tal exame se dá através do mapeamento dos espaços vividos e das práticas cotidianas, realizado através de estudo piloto.

É importante mencionar que o ponto de partida da análise dos aspectos cotidianos surgiu de forma imprevista, através de um convite para participar do IV Colóquio de Estudos Urbanos da Região Metropolitana de Porto Alegre (IV CEU – RMPA), organizado pelo Departamento de Humanidades do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAp/UFRGS). O colóquio teve por objetivo divulgar, aos estudantes do CAp, a produção recente sobre a metrópole, através da apresentação de trabalhos gerados em nível de graduação e pós-graduação.

Diante do convite, elaboramos uma oficina de mapeamento dos espaços vividos e, como os resultados foram satisfatórios, acabamos convertendo-a em estudo piloto, através do acréscimo de uma etapa de aplicação de questionários. A oficina impactou, dessa forma, na mudança dos rumos da investigação dos aspectos cotidianos, que vinha sendo pensada para se estruturar através de um estudo de caso, que tomasse um bairro de Porto Alegre como lócus e as crianças residentes como fonte. Mesmo imprevista, a oficina veio resolver um impasse, pelas dificuldades em delimitar qual o tipo de bairro seria privilegiado e em ajustar os prazos a um estudo mais aprofundado, sem contar o pesar pela possibilidade de

perder de vista o espectro geral das práticas e possíveis nuances advindas da mescla entre diferentes condições sócio-espaciais, pela adoção de um único bairro. Nesse sentido, a oficina representou um grande ganho, não só em termos logísticos, mas, sobretudo pela diversidade de condições que reuniu.

No entanto, a mudança de rumos representou também uma alteração no recorte etário, pois a oficina foi realizada com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental, em tese na faixa dos 13 e 14 anos, mas que, na prática, abarca estudantes com idade superior. Como já havíamos ampliado o recorte etário na etapa de análise da estrutura sócio-espacial, em função da disponibilidade de dados na faixa de 7 a 14 anos, a alteração representava uma concentração analítica na idade limite, porém fora do período compreendido como infância. Novamente, foram os resultados da atividade exploratória que afastaram o temor de inadequação, uma vez que permitiram um exame muito alinhado com os objetivos iniciais do estudo. Dessa forma, a camada do cotidiano se constituiu como um dos pontos mais ricos da investigação. Primeiro, por reunir o imprevisto, e estimular a criação de soluções *ad hoc*. Em segundo, pelo inesperado que envolvia a adesão dos estudantes à atividade. Finalmente, pelo desafio em tirar proveito desta situação, potencializando a artesanaria do método, ao mesmo tempo em que exigia o fortalecimento dos elementos de sustentação do estudo.

O capítulo 4 reúne as considerações finais da investigação, e explicita o quão exitoso foi o percurso, graças à diversidade de situações encontradas na oficina. No item 4.1, tomamos os resultados da oficina como referência para a análise convergente de todas as camadas elencadas no Capítulo 3. Com objetivo de compreender como a materialização do espaço social no espaço físico atua sobre o cotidiano, examinamos de que forma os Perfis de bairro, os aspectos demográficos, locacionais, morfológico-espaciais e cotidianos se inter-relacionam, verificando a associação entre as práticas e a estruturação do espaço urbano. Ainda neste item, avaliamos a pertinência do estudo piloto realizado com os estudantes. No item 4.2, exploramos a riqueza da atividade realizada com os estudantes ao elaborar um mosaico da experiência urbana e, a partir deste conjunto, desenvolver uma reflexão articulada entre os resultados da empiria, expostos no item 4.1, e a teoria, reunida no quadro construído no Capítulo 1. Finalmente, no item 4.3, a multiplicidade das vivências, em seu enlace com a teoria, forneceu subsídios para definição dos encaminhamentos futuros que emergem desta investigação. Na conclusão final, apresentamos os principais desafios que se colocam ao Planejamento Urbano, diante da consideração do recorte etário e da experiência urbana das crianças na sociedade contemporânea.

Capítulo 1 – As dimensões da experiência

1.1. O cotidiano: uma dimensão espaço-temporal

A relação do indivíduo com a cidade se constitui a partir do tipo de envolvimento que estabelece com o espaço urbano. Aquele que perambula demoradamente pelas ruas, observando os detalhes do conjunto arquitetônico, ou se senta no banco da praça para contemplar o movimento dos pedestres, constrói certamente um envolvimento diferente do outro que se desloca de automóvel, seguindo a velocidade das vias expressas, mais atento ao ponto de chegada do que ao caminho percorrido. Assim como aquele que se desloca durante o dia, e vê o azul do céu refletido nos edifícios, e o outro que percorre suas ruas à noite, e admira as luzes da cidade. Ou ainda, um mesmo indivíduo, que alterne sua rotina entre caminhante e condutor, diurno e noturno, cada um estabelecerá um tipo de relação com a cidade. Neste item, buscamos compreender como se dá o processo de envolvimento do indivíduo com o espaço urbano, explicitando os conceitos teóricos relacionados.

Envolver significa conquistar, atrair, encantar. A cidade envolve, conquista a atenção, a admiração do indivíduo. Por outro lado, envolver significa tomar parte em, expor-se a, enredar-se, meter-se, misturar-se (HOUAISS, 2001). O indivíduo se envolve com a cidade, se expõe a ela e nela se enreda. Ao misturar-se à cidade, o indivíduo a experimenta. A experiência abrange, segundo Tuan (1983, p.9), “as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade” e “implica na capacidade de aprender a partir da própria vivência”.

O sentido de experiência em Tuan é análogo ao de prática em Certeau (1990/2009, p.175). Segundo ele, “para conhecer e lembrar de um lugar é preciso praticá-lo”. As práticas do espaço, através das “ações espacializantes” que se desenrolam no dia-a-dia do indivíduo, “tecem as condições determinantes da vida social”. São estas ações, que abrangem o ver, o caminhar e o falar, que constroem a familiaridade com o espaço.

Espaço e lugar são conceitos diretamente implicados no processo de envolvimento através da experiência, motivo pelo qual é fundamental acioná-los. Segundo Tuan, na experiência, o significado de ambos se funde:

“Espaço é mais abstrato do que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. [...] As ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra. [...] A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar.” (TUAN, 1983, p.6)

Na literatura acionada, entretanto, a relação estabelecida entre espaço e lugar recebe interpretações distintas. Ao passo que para Tuan o espaço transforma-se em lugar, para Certeau (1990/2009, p.202) esta relação ocorre em sentido inverso. Para ele, o espaço é “um lugar praticado”, assim, a rua geometricamente definida é um lugar transformado em espaço à medida que é praticado pelos pedestres.

No entanto, ambos deixam clara a ideia de um abstrato que se particulariza através da prática. Enquanto discordam em relação à ordem de particularização, que para Tuan vai do espaço para o lugar e, para Certeau, do lugar para o espaço, concordam ao atribuir ao espaço o caráter de movimento e ao lugar o caráter de estabilidade.

“Um lugar é uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. [...] Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis.” (CERTEAU, 1990/2009, p.201- 202)

O que os distingue, portanto, é que a experiência em Tuan estabiliza, enquanto para Certeau, movimenta. A interpretação de Augé (1994, p.85-87) parece conciliadora, ao caracterizar o lugar como “lugar antropológico”, que não opõe a “figura geométrica ao movimento”, mas representa o “lugar do sentido inscrito e simbolizado”.

Em termos semânticos, os conceitos se aproximam do entendimento de Augé e Tuan, uma vez que o vocábulo espaço é a “extensão limitada em uma, duas ou três dimensões”, ou seja, o espaço definido geometricamente, enquanto lugar é “parte do espaço”, uma área “para ser ocupada por pessoa ou coisa”, uma “posição” (HOUAISS, 2001), ou, uma porção do espaço particularizada pelo indivíduo. Para a presente análise, adota-se esta relação, consagrada também entre arquitetos e urbanistas, que considera o espaço como ente mais abstrato, que se transforma em lugar à medida que é praticado cotidianamente, adquirindo definição e significado. Logo, temos que lugar é o espaço vivido, nos termos de Milton Santos (2002).

O “não-lugar”, por sua vez, na expressão cunhada por Augé (1994, p.73), é o espaço praticado que não adquire significado. Segundo o autor, “se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico”, um espaço sem nenhuma destas características “definirá

um não-lugar”. O não-lugar pode tanto designar um espaço constituído com a intenção de não propiciar o envolvimento do indivíduo, a exemplo dos aeroportos, como pode designar a relação que os indivíduos estabelecem com este espaço, marcada pela superficialidade ou pela transitoriedade. Para Augé (p. 88, 98), os não-lugares são “aqueles que tomamos emprestados quando rodamos na autoestrada, fazemos compras no supermercado ou esperamos pelo próximo voo”. Contudo, os não-lugares não se opõem, simplesmente, aos lugares, eles também os atraem, uma vez que, para Augé, “a volta ao lugar é o recurso de quem frequenta os não-lugares”. Lugares e não-lugares se interpenetram, portanto, da mesma forma que os lugares e os espaços. Assim, há na experiência uma tensão que cria pares opostos, porém complementares.

A tensão entre movimento e estabilidade, entre deslocamento e permanência, também é constante, pois ao mesmo tempo em que estabiliza, a experiência cria movimento. Ou, não há continuidade de experiência sem movimento. O movimento pode ser tomado como ação desencadeadora e/ou continuadora do ato de experienciar. Para Moore e Young (1980), conforme Ilustração 2, o movimento se expressa através do elemento caminho, que atua como elemento aprofundador da experiência espacial ao estabelecer uma rede conectora entre o espaço e o lugar.



O movimento incorpora, dessa forma, o tempo como dimensão da experiência. O transcorrer das ações cotidianas se dá em função do tempo, o espaço é vivido em função do tempo, assim como a afeição pelo lugar se estabelece em função do tempo. O tempo é entendido, assim, como movimento, mas também como duração (TUAN, 1983).

O tempo da prática é o dia-a-dia, sucessivo e contínuo, o tempo do cotidiano. Na experiência, o espaço deixa de ser, de acordo com Santos (1996), “simples materialidade” e o cotidiano deixa de ser mera dimensão temporal, convertendo-se em dimensão espacial:

“O espaço ganhou uma nova dimensão: a espessura, a profundidade do acontecer, graças ao número e diversidade enormes dos objetos, [fixos], de que, hoje, é formado e ao número exponencial de ações, [fluxos], que o atravessam. [O cotidiano] é uma nova dimensão do espaço, uma verdadeira quinta dimensão.” (SANTOS, 1996, p.17)

Em síntese, o cotidiano é, assim, entendido como um conjunto de ações, as ditas ações espacializantes, através das quais o indivíduo constrói a familiaridade com o espaço. A experiência transforma o espaço em lugar, o espaço de ente abstrato se particulariza e ganha significado. Os espaços são vividos no cotidiano, entendido, finalmente, como dimensão espaço-temporal da experiência.

As ações cotidianas se constituem a partir da rotina dos indivíduos e dos movimentos que efetuam pela cidade. O dia-a-dia se estrutura, em linhas gerais, de acordo com a faixa etária de cada um. Enquanto os adultos, por exemplo, têm sua rotina estruturada, na maioria das vezes, pelo trabalho, os idosos, ao encerrarem sua vida profissional, acabam destinando mais tempo ao próprio bem-estar. Os jovens e as crianças, por sua vez, têm seu cotidiano organizado, predominantemente, em função das atividades escolares. Além disso, há uma sazonalidade nas atividades cotidianas que distingue, por exemplo, a rotina do final de semana ou das férias daquela do período de trabalho ou estudos.

Estas diferenças implicam, provavelmente, em experiências espaciais etariamente distintas, sobretudo, pelos diferentes graus de autonomia das diversas idades em relação ao espaço urbano. Por este motivo, cabe analisar, mais detidamente, as especificidades que envolvem o cotidiano das crianças e de que forma se dá seu envolvimento com o espaço, conforme faremos no próximo item.

1.2. A criança: as especificidades de uma faixa etária

De um lado, a cidade se apresenta como um imenso laboratório, que possibilita muitas descobertas, permite aprender a ser e impulsiona a apreendê-la. De outro, a criança, dona de um olhar atento, se mostra aberta, por curiosa ou ingênua, a observar e absorvê-la. Há nesta relação um componente específico: a disponibilidade. A cidade envolve a criança, a criança se deixa envolver por ela.

O cotidiano das crianças na cidade é marcado pelas especificidades de uma faixa etária. As crianças são definidas como seres humanos que se encontram na infância, legalmente reconhecida como o período que vai do nascimento até os 12 anos, quando se inicia a adolescência (BRASIL, 1990). A infância é uma etapa peculiar na vida dos indivíduos, pois assinala o início do envolvimento com a sociedade.

A experiência espacial da infância possui, portanto, um caráter instaurador. Para um recém-nascido não existe, segundo Piaget (1983, p.18), “um espaço como continente, pois não existe objeto”. A noção de um espaço geral, no qual o próprio corpo é mais um objeto, diferente dos outros, só é adquirida, segundo o autor, ao final da primeira etapa de desenvolvimento da criança, a etapa da inteligência sensório-motora, que dura aproximadamente 18 meses. Após o reconhecimento inicial, a criança vai se envolvendo, gradativamente, com o espaço circundante. Este envolvimento acompanha, por um lado, o desenvolvimento intelectual da criança, pois à medida que adquire novas noções, em estágios sucessivos marcados, de acordo com Piaget, pela aquisição das noções simbólicas, lógicas e combinatórias, pode aprofundar o contato com o mundo que a cerca.

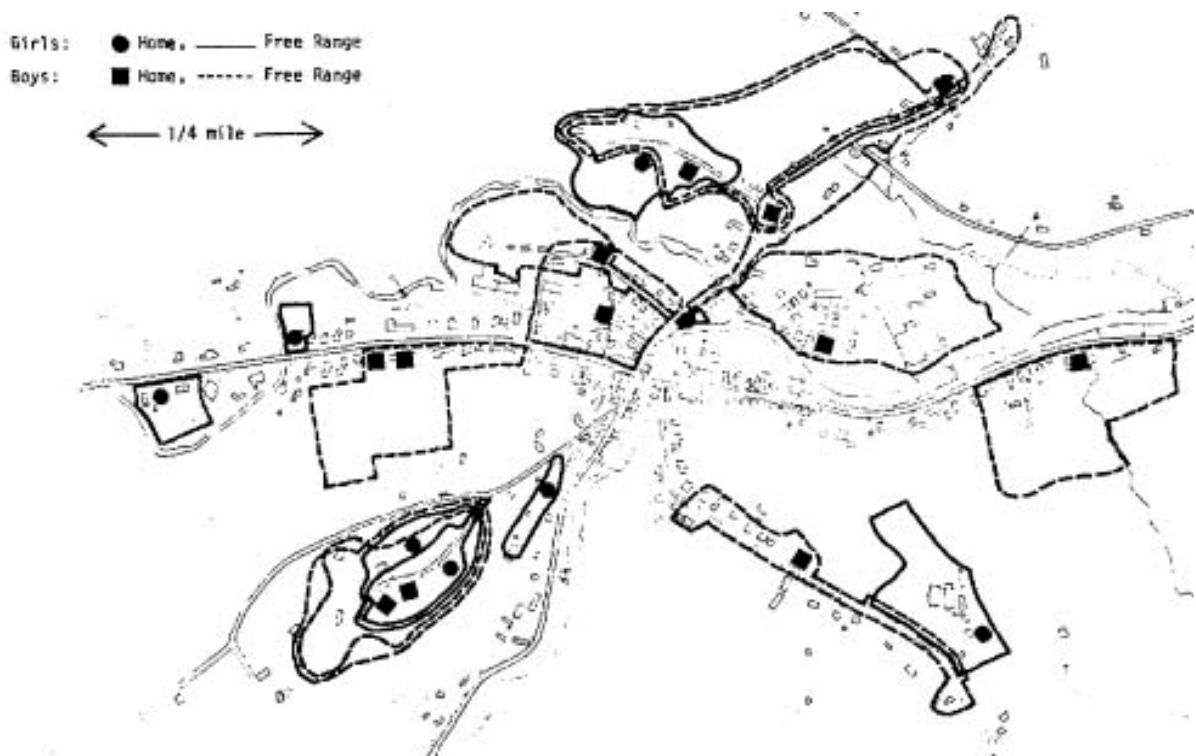
Por outro lado, o próprio envolvimento com o espaço age sobre o desenvolvimento da criança. A vivência espacial contribui de forma integral na estruturação do indivíduo, atuando, especialmente, nos aspectos físicos, motores, emocionais e cognitivos, ao permitir que a criança enriqueça o seu mundo mental (KYTTÄ, 2004; OLIVEIRA, 2004). Motivada pelo interesse e pela necessidade, a criança estrutura e organiza sua interface com a realidade, ao selecionar, armazenar e conferir significado às informações. De acordo com Oliveira, é através do movimento e do deslocamento no espaço que a criança percebe, representa e constrói uma imagem do mundo exterior.

A gradação da experiência espacial se dá a partir do domínio privado em direção ao domínio público, através de estágios sucessivos. Estes estágios compõem, de acordo com Harloff, Lehnert e Eybisch (1998), quatro faixas no sistema de espaços da vida urbana da criança, que avançam da habitação, passando pelo espaço imediatamente exterior à casa, em seguida pelo bairro, até chegar à cidade como um todo. Esta gradação é marcada pelo aumento da autonomia, caracterizado pela ampliação da liberdade de movimentos que expande os limites de atuação da criança no espaço urbano.

A autonomia das crianças está relacionada às escalas de permissão concedidas (ou não) pelos pais. O controle parental define condições restritivas que determinam intervalos de alcance, diferenciados pela possibilidade de circular sozinha com ou sem permissão prévia (MOORE; YOUNG, 1980). Dentre as características da criança, a idade é a mais

determinante para o estabelecimento dos limites, pois à medida que cresce seus níveis de permissão aumentam progressivamente. Outro aspecto apontado como fator de diferenciação da autonomia é o gênero, pois há indicativos de que meninos são mais autônomos do que meninas (MOORE; YOUNG, 1980), conforme exemplifica a Ilustração 3. Neste mapa, os meninos, cujo símbolo é o quadrado, possuem limites de atuação expandidos em relação aos limites das meninas, cujo símbolo é o círculo. Todavia, na atualidade, parece haver uma diluição desta distinção, ainda que o privilégio dos meninos seja mantido (TONUCCI et.al., 2002).

Ilustração 3 – Diferenças nos limites da atuação urbana de meninos e meninas



Fonte: Moore e Young (1980)

O domínio privado, a partir do qual se inicia o envolvimento da criança com espaço, é constituído, segundo Moore e Young (1980) como fonte de abrigo físico, segurança social e apoio psíquico. Em contraponto, ao expandir seus limites de atuação, a criança se depara com o domínio público, que proporciona o envolvimento com os sistemas vivos e com a cultura prevalente e constitui-se como domínio explorável.

É no domínio público que a criança entra em contato com os estranhos e inaugura uma vida pública. E é a partir dos processos de encontro com o desconhecido que, segundo Sennett (1988), a criança se familiariza com os riscos, enriquece suas percepções e sua experiência. É, ainda, através da experiência da vida pública que a criança desenvolve, de forma mais intensa, suas noções de cidadania e civilidade, pois de acordo com Santos et. al.

(1985), o ato de caminhar pelas ruas da cidade contém uma dimensão ritual, ao permitir o contato com o universo social mais imediato.

“O caminhar com tempo, algo que o homem sempre realizou, é uma forma agradável de vivenciar o espaço. A criança também gosta de fazer este caminhar, porque pode brincar com o piso das calçadas, pular com um pé só, perceber e gostar de observar ou escutar tudo que está ao seu redor, aprender e viver a vida da cidade.” (OLIVEIRA, 2004, p.152)

Os caminhos assumem, assim, um significado ainda mais peculiar para as crianças. Enquanto para os adultos podem significar, muitas vezes, meros canais de circulação, constituem-se como sequências de exploração para as crianças (MOORE; YOUNG, 1980, p.121). As ruas e calçadas consolidam-se como verdadeiros “lugares lineares”, à medida que, além de espaços de circulação, se tornam lugares de lazer, recreação, jogo, entretenimento e brincadeira.

O mergulho no processo coletivo, através do qual a criança explora a dialética do público-privado, torna-se, assim, constitutivo do que Borja (1990, p.51) denomina de “cidade da infância”. Caracterizada pela aventura, pelo enfrentamento dos riscos e pela descoberta dos outros, a cidade da infância é, para Borja, resultante dos percursos cotidianos, a partir dos quais a criança se depara com a diversidade de atividades e pessoas reunidas na cidade. Evocar a cidade da infância é, portanto, falar de um conjunto de experiências que colocam em contato criança e cidade. Experiências de espaço, experiências de si e dos outros, que alternam conhecido e desconhecido e permitem a constante ampliação dos limites de atuação no espaço urbano.

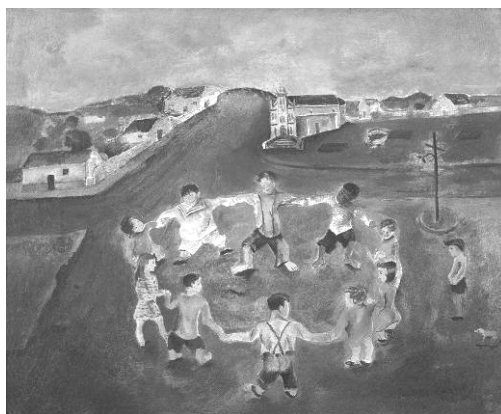
A cidade da infância, entendida como “aventura iniciática” nos termos de Borja, que faz da criança um caminhante, equivale-se, assim, a experiência cotidiana que constitui os lugares da infância. Os lugares da infância guardam em si o universal e o particular, pois, ao mesmo tempo em que constituem a experiência singular de toda e qualquer criança, se constituem de forma peculiar para cada criança, em cada contexto histórico, urbano e cultural. No próximo item, discutiremos a constituição dos lugares da infância em diferentes tempos históricos, estabelecendo um paralelo entre um passado recente, de meados do século XX, e a atualidade.

1.3. Do passado ao presente: a diversificação da geografia das crianças

“Lugar de criança é na rua”. Este aforismo repercute de diferentes formas com o passar dos anos. Da conformidade à inadequação, da tranquilidade à insegurança, seu (des)prestígio reflete as transformações pelas quais passa a sociedade contemporânea. Mas indica, sobretudo, a (re)constituição dos lugares da infância diante da urbanização acelerada, da difusão do automóvel e da expansão da escolarização, entre outros elementos que reconfiguram a relação da criança com a cidade.

Originada num tempo em que a experiência cotidiana das crianças era diretamente associada ao espaço público e que as ruas eram tidas como espaço de lazer, liberdade, jogo e diversão (OLIVEIRA, 2004), a expressão popular mencionada não estava apenas na boca do povo. A imagem da rua como típico lugar da infância se consolida através das narrativas literárias e das expressões artísticas em geral. Nas telas do pintor Cândido Portinari (Ilustração 4), os jogos infantis tomam lugar, preferencialmente, no meio da rua. Nas películas de Tati (1958 – Ilustração 5) e de Truffaut (1976 – Ilustração 6), fica nítida a sociabilidade infantil fundada na apropriação da rua como espaço de lazer e recreação.

Ilustração 4, Ilustração 5 e Ilustração 6 – A essência da cidade da infância consagrada pela arte



Fonte: Ronda Infantil (PORTINARI, 1932/2011)



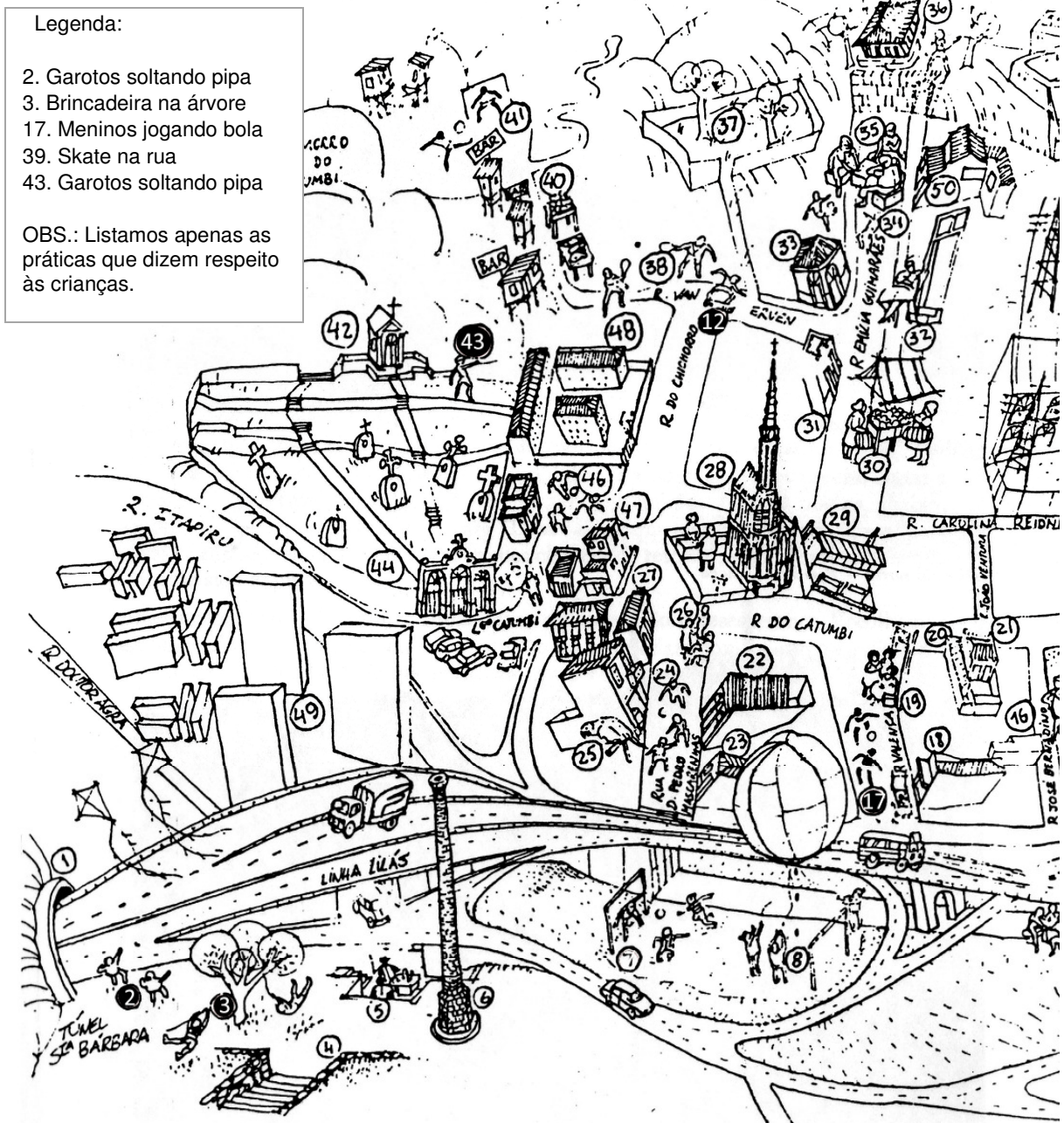
Fonte: Na Idade da Inocência (TRUFFAUT, 1976)



Fonte: Meu Tio (TATI, 1958)

A própria obra “Quando a rua vira casa”, de Carlos Nelson dos Santos et. al. (1985), seminal para o urbanismo brasileiro, descreve fartamente a presença das crianças no espaço público. Os autores nomeiam uma série de lugares da infância por meio das práticas que os delimitam, conforme revela o mapa das referências que ilustra ricamente o cotidiano de liberdade nas ruas do bairro analisado (Ilustração 7).

Ilustração 7 – Práticas cotidianas que delimitam lugares da infância



Fonte: Quando a rua vira casa (SANTOS et. al., 1985, p.18,19)

Contudo, na atualidade, o espaço público está cada vez mais dissociado da vivência infantil. A rua não é mais tida como lugar das crianças e tende a ser resumida à via de

passagem, além de ser vista como espaço violento e ameaçador. Ou seja, absolutamente repelente às práticas cotidianas de outrora. Seu esvaziamento como lugar da infância é apontado, intensamente, pelo senso comum. A redução da liberdade e o sentimento de privação das crianças de hoje em relação às do passado, justificados, na maioria das vezes, pelo aumento da insegurança urbana, ficam explícitos em recente matéria de jornal, na qual pais e filhos comparam suas experiências infantis:

“Mundo pela janela:

Depois de um dia de trabalho, [o pai] percorria um quilômetro **a pé** para chegar à escola, à noite. Hoje, [o filho] vai de carona com os pais e, às vezes, volta de lotação. Como qualquer pai, ele se preocupa com a **segurança** e o conforto dos filhos. Mas acredita que algo se perdeu com o passar do tempo:

— Uma grande diferença é o fato de hoje os adolescentes conhecerem a **cidade pela janela do carro**. A gente ia a pé, cumprimentando todo mundo, mas nossos filhos perderam a possibilidade de **andar sozinhos**.

Do lado de cá das grades:

Assim que voltou de Nova York, para onde foi em março deste ano, [a filha] contou para o pai, entusiasmada:

— Precisa ver que legal, a gente **andava** à 1h da manhã **na rua!**

Novidade para quem tem como regra esperar pela Kombi do colégio do lado de dentro das **grades** do prédio onde mora. Ao contrário do pai, que, apesar de ter assistido à multiplicação das grades [na cidade] onde cresceu, ainda se aventurava a pé à noite e ganhava as ruas em sua **bicicleta** — para [a filha], pedalar é um programa entre outros, não um gesto automático ao sair de casa como era para o pai.

— Meu pai era mais rebelde do que eu aos 15, sou mais certinha. Acho que ele era mais **livre** também.

Bicicleta sem função:

[O filho] não lembra ao certo da última vez em que andou de bicicleta. [...] Ao contrário do pai que, na sua idade, tinha a bicicleta como uma extensão do corpo, [e que] todas tardes, depois da aula, ganhava as ruas de [sua cidade] para pedalar com os amigos.

— A grande diferença agora é que tem **perigo** de assalto — diz [o filho].

Ao ouvir isso, [o pai] se inclina na direção do filho e faz a pergunta que jamais ocorreria a seu pai: — Tu te sentes preso em casa, filho?

— Não. Mas sinto falta de ter **amigos** com quem passar o tempo.

O desejo [do filho] é que a família se mude para um **condomínio**, onde ele poderia se soltar **ao ar livre**. Exatamente como o pai fazia.” (ZERO HORA, 2010, grifo nosso)

Os relatos explicitam uma alteração nas práticas das crianças e apontam elementos importantes para a análise deste processo. As formas de deslocamento, tipicamente associadas aos percursos a pé e de bicicleta, se alteram pela difusão do automóvel e dos meios motorizados em geral. Consequentemente, o envolvimento com a cidade é afetado pela mudança no ponto de vista, que vai da calçada para a janela do carro, por exemplo. O próprio espaço urbano se modifica pela profusão de vias expressas, grades e condomínios. Contudo, os relatos não permitem aferir, primeiro, se a rua realmente se esvazia como lugar da infância ou se este esvaziamento atinge apenas uma parcela das crianças. Em segundo,

pelo viés saudosista que possuem os relatos não deixam ver se a experiência singular da criança na cidade se extingue, contemporaneamente, ou se é ressignificada.

Acionando a literatura para analisar como se dá o processo de transformação das práticas, verificamos, num primeiro momento, certa contradição no próprio senso comum erudito. Pois ao passo que tende a generalizar o impacto das mudanças, indicando o fim da vivência cotidiana que coloca a criança em contato com a cidade, aponta que tais alterações não são generalizáveis. Tomemos o caso de Oliveira (2004) como exemplo. Inicialmente, a autora afirma:

“Atualmente, as crianças não caminham pela rua, não têm tempo de observar o espaço, os objetos, os seres vivos e tudo o que existe ao seu redor; andam apenas dentro dos carros e dos ônibus, sempre correndo e com o tempo restrito.” (em, p.49)

Em seguida, a partir dos resultados do próprio estudo sobre a relação das crianças com a rua na cidade de São Paulo, Oliveira demonstra a coexistência de três categorias de crianças, cujas práticas de deslocamento se diferenciam: as crianças que caminham pela rua; as crianças para as quais a rua é apenas circulação; e as crianças em situação de risco. Abaixo, destacamos a descrição que a autora faz de cada uma destas categorias:

“[Algumas] crianças caminham pelas ruas e vielas de seus bairros, indo de casa para a escola, para as casas de seus amigos ou para a padaria. Andam, enfim, por todo o bairro, conhecendo-o e elaborando seus mapas mentais do espaço onde vivem. A maioria sabe se conduzir sozinha, pois se vale de inúmeros referenciais.” (Ibid, p.101)

“Uma parte das crianças, [para as quais a rua é apenas circulação], vive num mundo do qual são isoladas por meio do vidro dos automóveis e das janelas de suas casas, dos muros dos condomínios, das paredes do shopping, das grades dos clubes e das escolas. É um mundo ilusório, cheio de estigmas, é um espaço composto por ilhas, como a ilha da casa, a ilha da escola.” (Ibid, p.102)

“As crianças em situação de risco social e pessoal são aquelas que, no seu dia-a-dia, apresentam situação de vulnerabilidade e de perigo de vida em sua forma de utilizar a rua, abrangendo uma ampla gama de circunstâncias e experiências individuais. Essa situação de risco apresenta-se aos que habitam a rua e também àqueles que a usam como espaço de sobrevivência.” (Ibid, p.106)

A incoerência inicial, verificada no estudo apresentado, revela que o decreto do fim da cidade da infância institui-se como discurso hegemônico, capaz de turvar o próprio fazer científico. Contudo, após se desvencilhar das pré-noções, a própria autora contrapõe o viés homogeneizante, que desconsidera nuances que podem resultar em experiências urbanas distintas. Ao explicitar que a transformação das práticas, que culmina na impossibilidade de

aprofundamento da experiência espacial, atinge apenas uma parcela da população infantil, Oliveira (2004) indica a não-homogeneidade do fenômeno.

Segundo Karsten (2005), há muita especulação sobre a mudança no comportamento espaço-temporal das crianças, mas, efetivamente, se sabe pouco a respeito. Buscando combater o discurso de que “tudo costumava ser melhor”, a geógrafa realizou um estudo sobre mudanças intergeracionais na utilização do espaço urbano pelas crianças holandesas. Neste estudo, Karsten constata que o espaço público da rua, considerado nas décadas de 1950-60 um lugar das crianças, havia se convertido em lugar dos adultos, ocorrendo o inverso com o espaço privado, antes domínio dos adultos. A autora verifica, ainda, que em adição ao uso do espaço aberto é possível distinguir, hoje, outros padrões de utilização do espaço pelas crianças, que se caracterizam pela diminuição das brincadeiras ao ar livre e pelo aumento da supervisão dos adultos (Ilustração 8).

Ilustração 8 – Padrões de utilização do espaço urbano em diferentes tempos



Fonte: elaborado pela Autora, a partir da obra de Karsten (2005)

Ao todo, Karsten identifica quatro grupos: além das crianças do espaço aberto do padrão tradicional, que mantêm a relação entre domínios inalterada, há uma atualização deste padrão, que se constitui pelo equilíbrio no uso do espaço público e do privado. Em paralelo, há as crianças do espaço fechado, cuja única opção é a atuação na esfera privada, principalmente pela insegurança em relação ao espaço público; e, por fim, há as crianças da geração banco de trás (*backseat generation*), cuja experiência do espaço público é dosada e mediada pelos adultos.

Comparando os estudos de Oliveira (2004) e Karsten (2005), é possível constatar resultados análogos no que se refere à manutenção de um padrão tradicional, das crianças que caminham pela rua e a utilizam como espaço de lazer, além da emergência de um novo padrão de utilização mediada ou não-utilização do espaço público. O aspecto singular da

realidade brasileira é a presença das crianças em situação de risco, que vivem a experiência do espaço público de forma distorcida, pela ausência de contraponto no domínio privado.

Para Karsten (2005), a emergência dos novos padrões resulta na diversificação da geografia das crianças, convergente ao entendimento expresso por Meira (2004, p. 120) de que as crianças não são um grupo homogêneo, o que indica a existência de “múltiplas infâncias”. Deste ponto de vista, a experiência urbana das crianças se desenharia através de múltiplas vias, nos termos de Meira, dentre as quais uma delas poderia ser a da não-vivência do espaço público.

A aceitação desta multiplicidade emerge, conforme verificado através da análise fílmica realizada em paralelo ao presente estudo, após um período marcado pelo empenho em delimitar a infância como faixa etária específica e homogênea, diferenciada do mundo adulto (CARDOSO; MARZULO, 2010). Este período coincide, inclusive, com o esforço em elaborar uma história social da criança, inaugurada por Philippe Ariès com a publicação *L'Enfant et La Vie familiale sous l'Ancien Régime*, em 1960. Assim, quando as singularidades da criança frente ao adulto são reconhecidas, é plausível reconhecer a pluralidade de condições que a infância abarca.

De forma concomitante, a diversificação das práticas cotidianas se delineia a partir de um redesenho contemporâneo entre os domínios público e privado. À medida que o espaço privado é ressignificado como lugar das crianças, se altera a relação que estabelecem com o espaço público. As causas desta reconfiguração não são unilaterais, nem oriundas apenas de um suposto perecimento do espaço público, e remontam, inclusive, às origens da distinção entre público e privado, também abordada por Ariès, motivo pelo qual merecem ser melhor investigadas, como faremos a seguir.

1.4. Público e privado: a função mediadora da família

A casa e a rua. O dentro e o fora. Um contraponto intrínseco à experiência urbana das crianças. Quando não está na rua, a criança está em casa. Se a rua não é lugar de criança, a escola o é. Esta polaridade incontornável obriga que a discussão sobre o esvaziamento do espaço público como lugar da infância considere, necessariamente, a atuação da criança nos espaços privados.

A distinção entre público e privado, segundo a qual o domínio privado é por excelência o lócus da família, tão difundida ocidentalmente, não se trata de uma constante histórica. Segundo Ariès (1960/2006), esta distinção surge apenas modernamente, acompanhando o surgimento do sentimento da infância e do sentimento de família. De acordo com o autor, o sentimento da infância, inexistente na sociedade medieval, começa a tomar forma a partir do século XIV, e só no século XVIII a criança assume um lugar central dentro da família.

É também neste período que se torna visível, segundo Ariès (Ibid, p. xix), “o recolhimento da família longe da rua, da praça, da vida coletiva, e sua retração dentro de uma casa mais bem defendida contra os intrusos”. Este recolhimento ocorre mediante uma reorganização física do espaço privado, que até então funcionava como extensão do espaço público, através da especialização dos cômodos:

“Essa especialização dos cômodos da habitação, surgida inicialmente entre a burguesia e a nobreza, foi certamente uma das maiores mudanças da vida cotidiana. Correspondeu a uma necessidade nova de isolamento. [...] Outrora, vivia-se em público e em representação, e tudo era feito oralmente, através da conversação. Agora, separava-se melhor a vida mundana, a vida profissional e a vida privada: a cada uma era determinado um local apropriado como o quarto, o gabinete ou o salão.” (Ibid, p.184)

A reorganização da casa é concomitante, segundo Ariès (Ibid, p.186), a uma “reforma dos costumes”, em favor da intimidade de uma família reduzida aos pais e seus filhos, sem a presença de agregados. O convívio entre os pais e as crianças se intensifica e o desenvolvimento deste sentido de família estabelece a necessidade de proteção do corpo da criança. A família emerge, assim, de acordo com Marzulo (2005, p.39, 50), como “instituição ou dispositivo de construção e afirmação da vida íntima”. Em paralelo, assume um papel de mediação para fora de sua interioridade, articulando-se com a escola. A família constitui-se, então, “como organização social caracterizada por uma dupla função mediadora”, articulada entre o íntimo e o social.

Contemporaneamente, o redesenho entre os domínios público e privado, em favor da esfera privada, descrito por inúmeros autores como característico da sociedade atual, guarda semelhanças com o processo descrito por Ariès. Sobretudo, quando o recolhimento ao espaço privado está associado a uma maior necessidade de proteção da criança, segundo Karsten (2008), marcada pelo entendimento de que o espaço externo oferece riscos à integridade física e moral da criança, entendida como ente altamente vulnerável.

A disseminação de uma “política do medo” associada, de acordo com Bauman (2001, p.49, 110) à “institucionalização dos medos urbanos”, acaba desestimulando a

vivência do espaço público pelas crianças, restringindo sua atuação pública a espaços protegidos e controlados. Cria-se, segundo Sennett (1988), uma sociedade intimista, que induz ao declínio da vida pública. O controle excessivo desqualifica a experiência urbana ao impedir o contato da criança com a diversidade que a cidade oferece, empobrecendo sua percepção espacial e também sua experiência cívica e social.

Ademais, a progressiva redução dos espaços públicos afeta os âmbitos de sociabilidade informal urbana, principalmente entre classes (KAZTMAN, 2001). Ao estimular o convívio entre iguais, o recolhimento ao privado uniformiza a experiência, e não encoraja o enfrentamento da ambivalência dos seres humanos. Na perspectiva sennettiana, mencionada por Bauman (2001), deixa de haver a capacidade de conviver com o estranho, o que subverte o entendimento da cidade como espaço onde estranhos têm chance de se encontrar, mantendo tal condição.

Na atualidade, também ocorre uma reorganização do espaço privado, de forma análoga ao período analisado por Ariès (1960/2006), agora pela valorização do lazer. A casa, que antes abrigava uma família mais numerosa, passa a oferecer mais espaço à criança, em parte pela ausência das mães que ingressam no mercado de trabalho, mas, principalmente, por disponibilizar maiores opções de diversão. Essas novas possibilidades devem-se, em grande parte, às novas tecnologias, inicialmente da televisão e, posteriormente, do computador pessoal, da internet e da comunicação virtual. Além disso, criam-se espaços exclusivos de recreação, que consolidam o dentro como lugar das crianças, assegurando que assumam, com desenvoltura, o domínio sobre o privado.

Todas estas mudanças refletem, segundo Schapira (2002), o ritmo da globalização, mas revelam, especialmente, as transformações familiares que vêm ocorrendo na sociedade contemporânea, marcadas pela individualização dos projetos. A partir disto, supomos que o crescente processo de recolhimento ao espaço privado intensifica o papel da família como instituição mediadora entre o público e o privado e, conseqüentemente, da experiência urbana da criança.

Estudos recentes ratificam tal suposição, ao constatarem, por exemplo, que o medo ambiental dos pais vem se colocando, cada vez mais, como importante barreira à liberdade de movimento das crianças (VEITCH et. al., 1996; HARLOFF; LEHNERT; EYBISCH, 1998), mesmo que se configure como insegurança imaginária (TONUCCI et.al., 2002). Além disso, verifica-se que a autonomia infantil está diretamente associada às características dos pais, dentre as quais se destaca a escolaridade, pois, segundo Tonucci et. al., pais mais escolarizados tendem a conceder menor liberdade aos filhos no espaço urbano.

Corroborando este entendimento, estudos realizados ainda nas décadas de 60 e 70 indicam que a utilização do espaço pelas crianças varia de acordo com as características da família.

O sociólogo americano Herbert Gans (1965), por exemplo, classificou os tipos de família encontrados na sociedade americana à época, enquanto analisava um bairro operário ítalo-americano de Boston. Indicando as peculiaridades da relação entre pais e filhos, Gans observou que nas famílias centradas no adulto, as crianças deviam se comportar como adultos em miniatura e a relação delas com os pais era distante. Nas famílias centradas na criança e naquelas orientadas pelo adulto, os pais subordinavam suas vontades às necessidades dos filhos e possuíam uma relação de diálogo e interação. Com a diferença de que, no último tipo, havia um claro direcionamento para um estilo de vida desejável.

No bairro analisado por Gans, a família centrada no adulto era predominante e o espaço privado era, nitidamente, domínio dos adultos, pois nele as crianças tinham suas atividades limitadas. No espaço público, em contrapartida, elas podiam agir de acordo com sua faixa etária, com liberdade e em interação com seus pares. A vida urbana do bairro era movimentada e as crianças brincavam nas ruas, mantendo a tradição das gerações anteriores.

O estudo realizado na Inglaterra por Elizabeth Bott (1976), sobre papéis conjugais e rede social, também dá pistas de como se estabelece a relação da família com o espaço urbano. Segundo Bott, casais com papéis segregados, ou distantes, tendem a ter uma malha estreita, com vínculos entre pares, estabelecidos por afinidade etária ou de gênero, mais fortes que os familiares. Isto fortalece os laços de vizinhança e a identificação da família com o lugar. Por outro lado, os casais com papéis conjuntos, ou próximos, tendem a ter uma malha frouxa, na qual as relações fora do núcleo familiar são esparsas. Neste caso, a baixa identificação com a vizinhança pode determinar menor vínculo com o lugar de moradia e uma maior coesão entre pais e filhos.

Articulando os estudos de Gans e Bott aos resultados dos estudos recentes de Tonucci et.al. (2002), Oliveira (2004) e Karsten (2005), é possível estabelecer um cruzamento entre as práticas das crianças e as características da família, conforme o quadro síntese abaixo (Ilustração 9, próxima página). Inicialmente, tomando Gans e Bott como referência, a comparação aponta que a utilização do espaço público pelas crianças tende a ser mais intensa nas famílias centradas nos adultos, cujos laços internos são mais segregados e as relações de vizinhança são mais fortes. Nesta situação, o domínio do adulto sobre o privado conduz, obrigatoriamente, as crianças para o espaço externo. Por

outro lado, famílias mais coesas e, portanto, mais centradas nas crianças, onde o convívio entre pais e filhos é mais harmônico, tendem a intensificar a vivência do espaço privado.

Ilustração 9 – Cruzamento entre práticas espaciais das crianças e características da família



Fonte: elaborado pela Autora

Além disso, fica clara a gradação na experiência público-privado, que vai da vivência mais intensa até a não-vivência. Articulando os estudos de Oliveira (2004) e Karsten (2005), observamos que, em um extremo, estão as crianças em situação de risco, que possuem uma “pseudoliberalidade” pela experiência ilimitada do espaço público, porém sem referência na esfera privada. Em seguida, estão as crianças do padrão tradicional, que experimentam intensamente o público pela pouca liberdade na esfera privada, caracterizada como domínio dos adultos. Numa posição intermediária, estão as crianças do padrão recente do espaço aberto, que caminham pelas ruas e possuem uma experiência equilibrada entre público-privado e uma boa interação com os pais. Em seguida, vêm as crianças da geração banco de trás, cuja experiência do espaço público é dosada e mediada pelos pais. Por fim, no outro extremo, estão as crianças do espaço fechado, para as quais a rua é apenas circulação e que possuem uma vivência quase nula do espaço público, pelo excesso de proteção ou insegurança dos pais.

Alguns destes estudos apontam, também, que há uma diferenciação de classe nos padrões de utilização do espaço urbano. Por este motivo, no próximo item vamos retomar tais autores, examinando como a inserção da família na classe pode afetar o cotidiano da criança, e se materializar no vivido.

1.5. Espaço social: a inserção na classe e sua materialização no vivido

Pobres e ricos. Centro e periferia. Estigma *versus status*. Diferenças que implicam em espacialidades distintas e dão origem a formas particulares de apropriação. A vivência do espaço é marcada pelas diferenças no espaço de cada criança. No intuito de compreender que diferenças são estas e como afetam a experiência urbana das crianças, começamos por analisar alguns exemplos da materialização dos aspectos sociais no vivido para, em seguida, examiná-las do ponto de vista teórico.

Retomando os estudos anteriormente analisados, percebemos que, em Oliveira (2004), há uma nítida associação entre a população de menor renda e as crianças que caminham pela rua. Segundo a autora, pelo fato das habitações características deste estrato econômico, em sua maioria localizadas em favelas e cortiços, apresentarem espaços internos exíguos, as crianças são conduzidas, quase que naturalmente, ao espaço externo. E, ainda que o espaço público também apresente condições pouco favoráveis, pelas vielas estreitas, a topografia íngreme, a falta de saneamento básico ou a escassez de praças e parques, estas crianças fazem da rua um espaço de lazer e brincadeiras. Em oposição, as crianças que não caminham pela rua possuem um espaço privado mais atraente, marcado por apartamentos e condomínios, shoppings e clubes, e pelos deslocamentos de carro. Um universo distante da escassez descrita anteriormente, associado, conseqüentemente, à população de maior renda.

O entendimento de Oliveira é convergente à diferenciação de classe na vivência do espaço urbano, apontada por Gans (1965) e Bott (1976). Estes autores indicam que, enquanto os estratos inferiores são inclinados a uma maior utilização do espaço público, os estratos superiores tendem a intensificar o convívio no espaço privado.

Tal diferenciação fica explícita em *Meu Tio*, película de Tati (1958) anteriormente mencionada, a partir da emergência, no seio de uma família de alta renda, de um padrão de sociabilidade fundado no recolhimento ao privado (Ilustração 10, próxima página), em oposição à sociabilidade urbana tradicional, baseada na rua como espaço de lazer (Ilustração 11, próxima página). Ao narrar o cotidiano do casal Arpel e de seu único filho

Gérard, que vivem em uma típica casa modernista, cercada de muros, o filme também apresenta o impacto do novo padrão de sociabilidade sobre a criança. Enquanto os pais se deslumbram com o *status* garantido pela casa e suas inovações tecnológicas, o menino se entedia pelo isolamento em relação ao mundo exterior (Ilustração 12). A alegria dele se expressa apenas quando ganha as ruas da cidade, especialmente na companhia do tio Hulot, admirado pelo sobrinho mesmo sendo um tipo fracassado aos olhos dos pais (Ilustração 13).

Ilustração 10 e Ilustração 11 – Padrões de sociabilidade marcados pela diferenciação de classe



Ilustração 12 e Ilustração 13 – Oposição entre espaço privado e espaço público



Fonte: Meu Tio (TATI, 1958)

Estas imagens e a descrição de Oliveira (2004) permitem entrever, preliminarmente, de que forma a inserção da família na classe se materializa no vivido e afeta as práticas espaciais das crianças. Cabe, agora, analisar de forma mais detida como se constitui esta inserção e como se dá esta interferência. Para tanto, começamos por delimitar a noção de classe e os demais conceitos teóricos a ela relacionados, analisando também como se estabelece o pertencimento dos indivíduos à classe e quais suas implicações.

De acordo com Marzulo (2005, p.78), a classe é associada, na perspectiva marxista, à posição dos sujeitos nas relações de produção capitalista, e complementarmente, do ponto de vista weberiano, à posição e situação na estrutura social. Na perspectiva giddensiana (HOLANDA, 2011, p. 3-4), a classe está associada às possibilidades de mercado, que se distinguem, segundo ele, em três tipos: “propriedade dos meios de

produção; detenção de qualificações técnicas ou educacionais; e detenção de força de trabalho manual". Tal distinção estruturaria um "sistema básico de três classes", no qual a sociedade capitalista subdividir-se-ia, respectivamente, em classe alta, classe média e classe baixa ou classe trabalhadora. Autores como Holanda adotam, ainda, uma subdivisão da classe alta, de acordo com a tradição marxista, em burguesia e pequena burguesia, esta última identificada como "antiga classe média".

Mais recentemente, a denominação da classe trabalhadora passa a ser discutida por autores como Marzulo (2005, p.116), em função de uma "perda do trabalho como referencial social", associada principalmente à emergência da informalidade, que desvincula o trabalho do emprego. Assim, seria mais adequado, segundo Marzulo, denominar a classe baixa de classe popular, ou simplesmente de pobres, ao invés de classe trabalhadora.

Contudo, é importante salientar o caráter relacional implícito à ideia de classe. Para Bourdieu (1996, p.26), inclusive, "as classes sociais não existem", como um dado. O que existe, segundo o autor, "é um espaço social, um espaço de diferenças", no qual a existência das classes se dá de modo virtual.

"Essa ideia de diferença, de separação, está no fundamento da própria noção de espaço, conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas as outras, definidas umas em relação às outras por sua exterioridade mútua e por relações de proximidade, de vizinhança ou de distanciamento e, também, por relações de ordem, como acima, abaixo e entre." (BOURDIEU, 1996, p.18-19).

Dessa forma, a noção de espaço social pode ser delimitada, segundo Ribeiro e Lago (2000, p.9), como um conjunto de relações que definem posições e condicionam os atributos dos indivíduos por elas distribuídos⁶. Isto faz com que uma semelhança de posição ou situação social possa implicar, de acordo com outra publicação dos mesmos autores (LAGO; RIBEIRO, 2001), em hábitos, interesses, costumes, valores e tradições semelhantes. Assim, a classe não é identificada, apenas, pela posição nas relações de produção, definida por índices como profissão, renda ou escolaridade (RIBEIRO; LAGO, 2000).

Em uma perspectiva menos estruturalista e mais culturalista, a noção de classe é associada, também, ao estilo de vida, ou, como afirma Savage (1995), às formas de ação

6 Na condução do presente estudo, assumimos a ideia de tripartição do espaço social, em estratos inferiores, médios e superiores. E, para fins de padronização da nomenclatura, adotamos os termos classe alta (ou, simplesmente, ricos), em referência aos estratos superiores; o termo classe média para os estratos médios; e, finalmente, classe popular (ou, simplesmente, pobres), em referência aos estratos inferiores.

social. Especificamente nos termos desta investigação, entende-se que a noção de classe está associada, também, às formas de apropriação do espaço urbano. O estudo em que Karsten (2008) analisa a transformação do uso das calçadas pelas famílias holandesas também é ilustrativo de como a posição no espaço social pode estar associada aos padrões de utilização do espaço. Karsten identifica que as calçadas, até então reconhecidas como espaço dos pobres, passam a ser um espaço apropriado pela classe média, quando jovens pais as ocupam para propósitos privados, como uma extensão da casa. Desafiando os padrões da própria classe, de que famílias respeitáveis deveriam viver suas vidas no interior e em privacidade, as famílias de classe média romperam também com a noção de que o espaço público é um espaço perigoso.

Isso demonstra que o pertencimento a uma classe não garante, conforme ressalta Savage (1995), uma forma de ação social. Segundo o autor, a ocupação de posições de classe cria interesses potenciais, e não impõe comportamentos. Assim, ao considerar a inserção da família na classe, é fundamental analisar seus hábitos e costumes, evitando atribuir, de forma apriorística, supostas características da classe à família.

Para Goldthorpe (1995), o projeto referencial de classe se materializa não só no estilo de vida, mas também no projeto da família, associado à prioridade em acumular determinado tipo de capital humano. Isto se confirma quando os pais traçam estratégias para auxiliar os filhos a manter a posição de classe, ou ascender socialmente. A estratégia cultural interfere na vida cotidiana quando, por exemplo, um esforço em promover a escolarização do filho é capaz de determinar o local de fixação da residência.

Há, ainda, outro aspecto importante salientado por Bourdieu (1997, p.160-161), de que a classe é definida, também, por uma distribuição determinada no espaço geográfico. Através da materialização da hierarquia social no espaço físico, “a posição de um agente no espaço social se exprime no lugar do espaço físico em que está situado”.

Tal situação é visível se compararmos a natureza física dos espaços ocupados por diferentes classes, expressa, muitas vezes, pelo contraste dos padrões habitacionais e locacionais. Ao analisar o espaço das metrópoles brasileiras, Ribeiro (2003) constata, por exemplo, que o território de uma cidade pode se organizar segundo o sistema de distâncias e oposições que insere os grupos no espaço social. Assim, enquanto a classe alta domina as áreas centrais, ditas nobres, a classe popular ocupa a periferia urbana, projetando no espaço urbano as linhas de divisão da sociedade.

A diferença entre centro e periferia se expressa, principalmente, no acesso a equipamentos educacionais, culturais e de saúde, bem como aos meios de transporte

(BOURDIEU, 1997). Moradores da periferia, que percorrem longas distâncias para acessar certos serviços, estabelecem, por exemplo, uma relação espaço-temporal com a cidade diferente daqueles que habitam zonas centrais e, portanto, tendem a ter percursos mais reduzidos. No caso das famílias, as distâncias entre habitação, trabalho e escola implicam em práticas cotidianas diferenciadas, principalmente pela natureza e duração dos deslocamentos.

Neste sentido, cabe destacar o entendimento de Lago, manifestado em palestra acerca da superação do espaço periférico⁷, baseado na diferença entre as noções de “periferia analítica” e de “periferia histórica”. Segundo a autora, a primeira se constitui a partir de uma leitura crítica, elaborada a partir dos anos 70, para dar conta dos problemas urbanos que afetavam as áreas de difícil acesso, com infraestrutura precária. A periferia analítica é, em síntese, a noção da “periferia como lugar da falta”. A periferia histórica, por sua vez, encerra aquelas zonas ditas periféricas que, com o passar dos anos, ganham infraestrutura, equipamentos e acessibilidade e se tornam tecido consolidado, mas mantêm o *status*, ou estigma, de periferia.

O estigma, neste caso, se mantém mesmo com a superação das características espaciais associadas à periferia. Da mesma forma, a constituição de espaços socialmente homogêneos retroalimenta a estigmatização, ao criar o que Kaztman (2001) denomina de subculturas marginais, e impor uma segmentação residencial. Tal fenômeno, principalmente quando associado à segmentação educativa, impede que crianças de diferentes estratos estabeleçam entre si uma relação. Esta segmentação é ainda mais degradante à medida que estigmatiza uns, consagrando positivamente outros, acentuando, assim, as diferenças:

“O bairro chique, como um clube baseado na exclusão ativa de pessoas indesejáveis, consagra simbolicamente cada um de seus habitantes, ao contrário, o bairro estigmatizado degrada simbolicamente os que o habitam, e que, em troca, o degradam simbolicamente.” (BOURDIEU, 1997, p.166)

Contudo, Ribeiro (2003, p.14) destaca que a divisão social da cidade nunca é absoluta, à medida que enclaves populares se estabelecem no interior dos espaços dominados pelos estratos superiores, ou vice-versa. Isto constitui um fenômeno de proximidade espacial e distância social. Supostamente, a proximidade espacial, que origina a heterogeneidade social, geraria efeitos positivos. Segundo Ribeiro (2003), isso se daria, principalmente, quando a exposição dos estratos inferiores aos valores e visões dos estratos superiores produzisse comportamentos mais ajustados ao modelo dominante. Porém, o

⁷ Palestra intitulada “A produção/superação das desigualdades urbanas no Brasil: um campo de disputa”, ministrada pela Professora Luciana Corrêa do Lago (IPPUR-UFRJ), em 16/11/2011 no Auditório da Faculdade de Arquitetura, em atividade promovida pelo PROPUR/UFRGS.

próprio estudo levado a cabo pelo autor constata que a proximidade espacial não garante a interação entre grupos sociais distintos, e pode gerar, inclusive, efeitos negativos, principalmente pela pressão social sobre os mais pobres.

Por fim, da mesma forma que o espaço social se materializa no físico, o espaço físico também pode exercer influência sobre o social, no que Bourdieu (1997) denomina de “efeito de lugar”, a exemplo de conjuntos habitacionais que acabam estimulando a degradação social dos moradores a partir de suas características espaciais (BIDOU-ZACHARIASEN, 1997). Espaço social e espaço físico atuam, assim, de forma interdependente, pois, de acordo com Bourdieu, hábito e *habitat* contribuem mutuamente na constituição um do outro. Por este motivo, é crucial que a análise da relação da criança com a cidade considere, também, sua inserção no espaço físico, como faremos a seguir.

1.6. Espaço físico: do bairro tradicional ao condomínio fechado

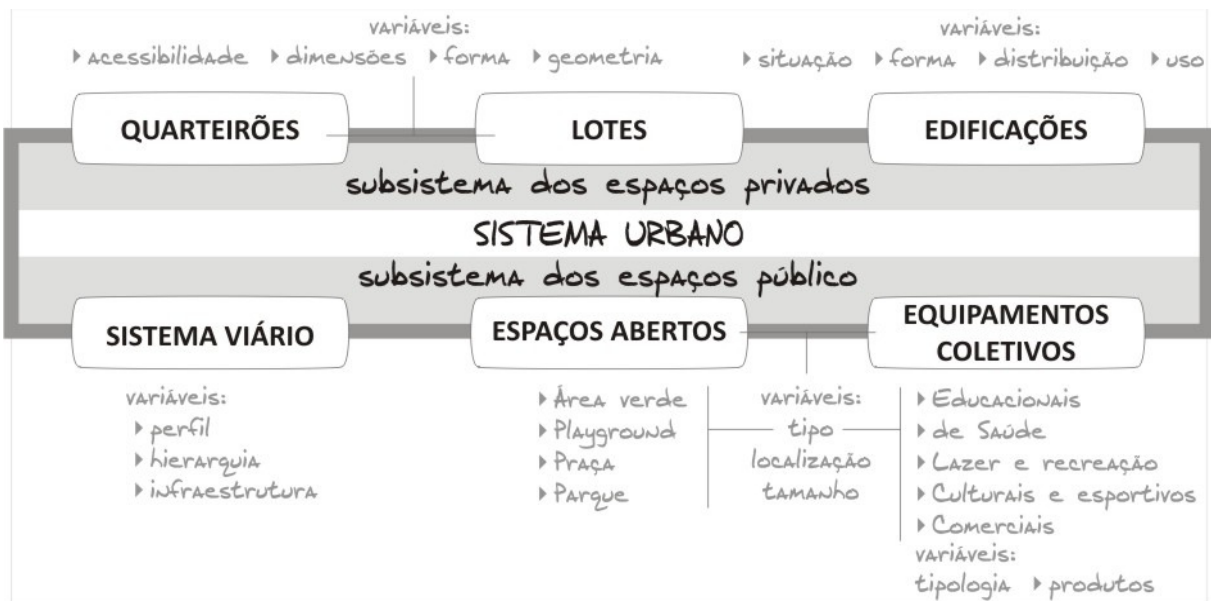
Favela e cortiço. Shopping e condomínio. Campinho de terra ou quadra de tênis. Vias estreitas ou ruas asfaltadas. As diferenças que delimitam formas distintas de apropriação e fruição do espaço pelas crianças são, também, marcadas pela dimensão física. A forma urbana, em suas variadas escalas e nas diversas combinações entre seus elementos, pode implicar na variedade das experiências espaciais. Objetivamos, aqui, analisar como tais elementos, e os diferentes modelos de cidade que conformam, privilegiam a experiência das crianças no espaço público.

Um ambiente físico amigável à criança é aquele que, segundo especialistas (MOORE; YOUNG, 1980; HART, 2002; KYTTÄ, 2004), oferece uma diversidade de recursos e o livre acesso ao divertimento, que possibilitem que a experiência combine exploração e espontaneidade. Além disso, o ambiente adequado garante uma estrutura coerente e legível, que permita que a criança estabeleça uma relação segura com o espaço.

A cidade, no entanto, não é constituída de espaços ideais, o que pode resultar em espaços inadequados à vivência infantil e redundar em experiências pouco vantajosas ao desenvolvimento da criança, ou, no mínimo, em experiências muito diversas entre si. A forma urbana se constitui pela articulação entre os elementos construídos. Segundo Castello (2008), o sistema urbano é composto por dois subsistemas (Ilustração 14): o subsistema dos espaços privados, formado por quarteirões, lotes e edificações; e o subsistema de

espaços públicos, que abarca áreas de uso e apropriação coletiva, independente da propriedade da terra, e é formado pelo sistema viário, pelos espaços abertos e pelos equipamentos coletivos. A articulação entre ruas, lotes e quarteirões conforma, ainda, o tecido ou malha urbana (SANTOS, 1988).

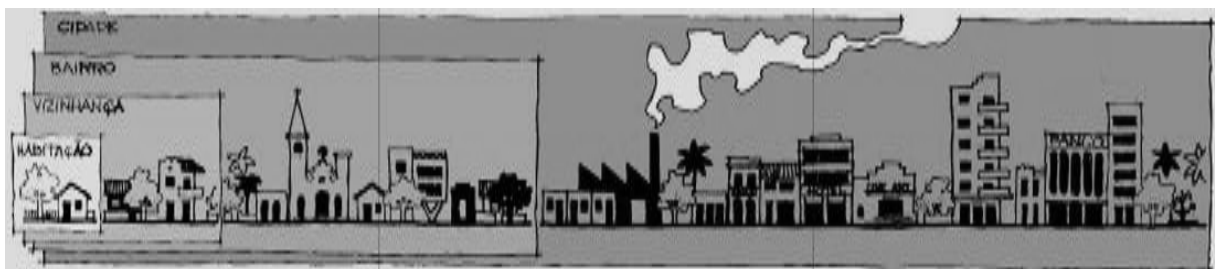
Ilustração 14 – Elementos que compõem o sistema urbano



Fonte: elaborado pela Autora, a partir de Rossi (1966/2010), Santos (1988) e Castello (2008)

Além disto, a cidade se estrutura em escalas urbanas, que vão da habitação à cidade como um todo, conforme figura extraída de Santos (1988), na Ilustração 15. Dentre tais escalas, que correspondem às faixas sequenciais do envolvimento da criança com a cidade, o bairro se constitui como unidade espacial correspondente à família, que tende a concentrar a rede dos espaços vividos pela criança.

Ilustração 15 – Faixas de envolvimento: as diferentes escalas urbanas



Fonte: A cidade como um jogo de cartas (SANTOS, 1988, p.160)

O bairro atua, para a criança, como uma extensão da casa constituindo, junto com a vizinhança, uma zona de maior autonomia (HARLOFF; LEHNERT; EYBISCH,1998). Geralmente, é nesta zona que se localizam suas atividades cotidianas, o que faz com que a criança experiencie com mais frequência e intensidade a escala do próprio bairro, em detrimento de outras zonas da cidade.

Oficialmente criado como subdivisão administrativa, o conjunto conformado pelo bairro se configura, antes de qualquer delimitação legal, como uma “continuidade temática”, definida por uma variedade de componentes, como textura, forma, usos, entre outros (LYNCH, 1960/2010, p.75). No entanto, além de uma “unidade morfológica”, caracterizada por uma paisagem urbana, o bairro se configura como unidade dotada de significado, caracterizada, portanto, também por um “conteúdo social” e por uma função (ROSSI, 1966/2001, p. 70). A variação destes elementos fixa, segundo Rossi, os limites do bairro, entendido como unidade relativamente autônoma, que está sempre referida à estrutura urbana como um todo, principalmente em termos de sua localização.

No entanto, apesar de fixados legalmente, os limites do bairro podem variar de acordo com a percepção dos moradores acerca de rupturas na continuidade. Assim, o bairro tem como principal característica, segundo Carlos Nelson dos Santos (1988, p.113), suas “relações de centralidade”, uma vez que se estrutura como um gradiente e não como uma mancha bem delimitada.

A fim de analisar de que forma as diferentes articulações entre os elementos do sistema urbano resultam em espaços residenciais de natureza distinta e, conseqüentemente, como estes tipos de bairro acarretam diferentes vivências do espaço pela criança, começamos examinando a obra clássica do urbanismo “Morte e vida de grandes cidades”, escrita em 1961 por Jane Jacobs (1961/2000, p.188). O livro não trata, especificamente, de crianças, mas, ao falar sobre o “funcionamento das cidades na prática”, buscando introduzir novos princípios ao urbanismo vigente, Jacobs destaca a experiência das crianças no ambiente urbano. Ao defender a diversidade urbana, expressa pela combinação de usos e a concentração de pessoas, afirma que as crianças “precisam de um local perto de casa, ao ar livre, sem um fim específico, onde possam brincar, movimentar-se e adquirir noções do mundo”.

Para Jacobs (1961/2000), as ruas e calçadas da cidade tradicional, cujo tecido é constituído pela combinação entre quarteirões regulares e edificações voltados diretamente para o espaço público, são um espaço das crianças. O desenho de calçadas largas induz ao predomínio do pedestre, e não do veículo, e pequenas reentrâncias surgidas por irregularidades no alinhamento das edificações oferecem condições para que a brincadeira ocorra informalmente. A articulação entre diferentes usos, não exclusivamente o residencial, possibilita a troca intergeracional, a partir da interação entre crianças e adultos, e também o cuidado informal, pois enquanto os adultos executam suas tarefas rotineiras, observam as crianças em suas brincadeiras.

Áreas verdes e grandes parques urbanos exigem, segundo Jacobs (1961/2000), que os adultos se dediquem, exclusivamente, ao cuidado das crianças e podem implicar em sérios problemas de segurança, caso não sejam sustentados por uma vizinhança diversificada, que garanta concentração de pessoas nos mais distintos horários. De acordo com Jacobs, o desenho dos espaços abertos deve privilegiar, portanto, a centralidade de localização, uma boa delimitação espacial em relação às edificações vizinhas, a insolação adequada à permanência e, principalmente, dimensões reduzidas, que permitam o controle espacial da área e fins específicos, que garantam a atração de pessoas.

Em síntese, suas ideias constituem o que podemos denominar de paradigma da experiência fundada na liberdade, profundamente associado ao ideal da cidade da infância, anteriormente examinado⁸. As fotos de Arthur Leipzig (1943/2011), contemporâneo de Jacobs e morador de Nova York como ela, reforçam a imagem da rua como lugar da infância, através do ensaio intitulado *“Children’s Games”* (Ilustrações 16 a 18). Além disso, evidenciam a paisagem da cidade tradicional, densamente construída, com edificações que se abrem diretamente para a rua. Ademais, revelam como o ambiente urbano atua não como mero cenário para as brincadeiras infantis, e sim como elemento integrante das práticas: o pavimento da rua torna-se suporte da amarelinha, o muro transforma-se na ponte para o soldadinho, e o carro estacionado passa a ser um belo esconderijo.

Ilustrações 16, 17 e 18 – O paradigma da liberdade nas ruas de Nova York



Fonte: Chalk Games (LEIPZIG, 1950), Fence Walk (LEIPZIG, 1951) e Hide and seek (LEIPZIG, 1943)

Contudo, o paradigma da liberdade não é o único discurso urbanístico que privilegia, declaradamente, a experiência espacial das crianças. Ao analisar a obra de Clarence Stein (1966), urbanista idealizador das cidades-jardim americanas, verificamos que as práticas infantis figuram como aspecto central de suas proposições:

⁸ Vide item 1.3, Ilustrações 4, 5 e 6, p.32. As fotos de Leipzig guardam profunda relação com as imagens de Portinari (1932), Tati (1958) e Truffaut (1976), que revelam a essência da cidade da infância.

“Radburn é, acima de tudo, uma cidade para crianças.” (STEIN, 1966, p.51)

No entanto, enquanto Jacobs considera as ruas e as calçadas como espaço das crianças, Stein as vê, principalmente em função do tráfego motorizado e do crime, como uma grande ameaça. Por este motivo, defende a necessidade de proteção da criança, a partir da criação de espaços exclusivos de recreação e da separação total entre pedestre e automóvel.

As ideias de Stein foram materializadas, inicialmente, no Plano de Radburn, comunidade construída segundo os preceitos da Unidade de Vizinhança, idealizada por Clarence Perry (1929). Apresentado como um modelo ideal de vizinhança residencial, o esquema de Perry privilegiava as crianças, ao definir o tamanho da vizinhança em função da distância máxima, de 400 metros, a ser percorrida no trajeto entre a casa e a escola, considerada a instituição central da comunidade. O sistema viário deveria garantir que as crianças não atravessassem vias arteriais em seus deslocamentos e a distribuição dos espaços abertos deveria estimular o divertimento e a interação comunitária, através de um sistema de pequenos parques e espaços de recreação.

Stein adaptou o esquema de Perry ao desenho de Radburn, iniciada também em 1929, agregando outros elementos que garantissem a segurança dos habitantes e a qualidade da vida em comunidade. O sistema urbano proposto combinava o desenho de superquadras com unidades residenciais unifamiliares, com duas frentes que se abriam para um jardim frontal e outro de fundos, articuladas por um parque, que funcionava como espinha dorsal da vizinhança. O sistema viário era considerado o aspecto central da segurança, motivo pelo qual previa uma rigorosa hierarquização, que distinguia as vias segundo o tráfego (arterial, local, de passagem) e o tipo de utilização, a fim de permitir a completa separação entre pedestres e veículos.

O conjunto de fotos das *New Towns* americanas (Ilustrações 19 a 21, próxima página) constitui outro paradigma da experiência urbana das crianças, centrado, agora, no bem-estar e na segurança de uma vida protegida em meio ao verde. Em contraponto à grande cidade do século XX, a cidade da infância instaurada pelos subúrbios é tranquila e espaiada. O espaço público, constituído na metrópole pela diversidade de atividades e pela sobreposição de pessoas e veículos, configura-se, aqui, como cenário calmo e homogêneo. As fronteiras entre público e privado, nítidas na cidade tradicional, diluem-se nos espaços abertos que fundem parques comunitários e jardins residenciais.

Ilustrações 19, 20 e 21 – O paradigma da proteção nas *New Towns* americanas



Fonte: STEIN, 1966

Estes paradigmas colocam em oposição diferentes modelos de cidade. De um lado, os usos combinados e a relação direta entre rua e edificação da cidade tradicional, de outro, o uso exclusivamente residencial e a relação indireta da edificação com a rua, associado à vertente culturalista do modernismo⁹. E, apesar de ambos contemplarem a experiência urbana das crianças, deixam entrever que características espaciais distintas instauram diferentes tipos de vivência. A oposição entre liberdade e proteção fica evidente, também, no filme de Tati (1958), que explora o contraponto entre cidade tradicional (Ilustrações 22 e 23) e cidade modernista (Ilustrações 24 e 25), porém em suas feições racionalistas. As inovações tecnológicas e urbanísticas que marcam o surgimento do modernismo são capazes de alterar o estilo de vida das famílias e os padrões de sociabilidade, como vimos no item 1.5, mas, principalmente, a relação entre os domínios público e privado.

Ilustrações 22, 23, 24 e 25 – O contraponto entre liberdade e proteção nos diferentes tecidos



Fonte: Meu Tio (TATI, 1958)

⁹ A adoção dos termos culturalista e racionalista, associados ao urbanismo modernista, segue a classificação de Choay (1965/2005). A vertente culturalista está associada ao modelo da cidade-jardim, de Ebenezer Howard, à unidade de vizinhança, de Perry (1929), e às *New Towns* americanas, de Stein (1966), e é marcada pelo traçado orgânico e pelas áreas residenciais em meio ao verde. Já a vertente racionalista está associada aos preceitos urbanísticos da classificação das funções urbanas e da verticalização da cidade para liberação do solo para grandes parques urbanos, e seu representante mais célebre é o arquiteto Le Corbusier. Contudo, a crítica de Jacobs (1961/2000) ao urbanismo modernista, não distingue tais vertentes, sendo endereçada a ambas. Jacobs se opõe aos ideais que constituem o paradigma da proteção, por não aceitar a criação de espaços exclusivos de recreação e o afastamento das crianças das ruas e calçadas da cidade tradicional.

Embora situados em um momento histórico anterior e num contexto geográfico diferente, os discursos analisados são paradigmáticos, sobretudo, porque se mantêm atuais. Contemporaneamente, princípios semelhantes aos de Jacobs pontuam as iniciativas em prol da liberdade de movimentos das crianças nas ruas da cidade (Ilustração 26), a exemplo da *Città dei Bambini*, descrito em Tonucci (2007), enquanto os ideais de Stein se atualizam através da multiplicação de empreendimentos residenciais que prezam por uma vida segura e protegida (Ilustração 27).

Ilustrações 26 e 27 – A atualização dos paradigmas



Fonte: Città dei Bambini (TONUCCI, 2007)



Fonte: Capão Ilhas Resort (BERALV, 2011)

Em síntese, a permanência destes paradigmas pontua o contato entre os diferentes tipos de tecido urbano que constituem a metrópole brasileira na atualidade. O tecido tradicional remanesce nos bairros mais antigos e demarca, junto com um tecido irregular, caracterizado pela malha de becos e vielas das vilas ou favelas, a vivência da rua como espaço de lazer e liberdade. Por outro lado, o tecido modernista vigora em áreas consolidadas em meados do século XX, e assinala, junto com um tecido contemporâneo emergente, uma experiência afastada da rua, vista como espaço inseguro e, portanto, restrito à circulação.

O tecido contemporâneo é marcado por novos empreendimentos urbanos, denominados por Caldeira (2000, p. 258) de “enclaves fortificados”, cuja versão residencial são os condomínios fechados, destinados às classes média e alta:

“Os enclaves fortificados incluem conjuntos de escritórios, shopping centers, [...] escolas, hospitais, centros de lazer e parques temáticos. Todos os tipos de enclaves fortificados partilham de algumas características básicas. São propriedade privada para uso coletivo e enfatizam o valor do que é privado e restrito ao mesmo tempo em que desvalorizam o que é público e aberto na cidade. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. São voltados para o interior e não em direção à rua, cuja vida pública rejeitam explicitamente. São controlados por guardas armados e sistemas de segurança. [...] São espaços autônomos, independentes do seu entorno, que podem ser situados praticamente em qualquer lugar. [...] Finalmente, os enclaves tendem a ser ambientes socialmente homogêneos.” (CALDEIRA, 2000, p. 258-259)

Apesar da coexistência dos dois paradigmas, a necessidade de proteção da criança, insinuada na cidade modernista pela criação de espaços exclusivos de recreação, é radicalizada na atualidade. O tecido contemporâneo é fartamente associado ao recolhimento ao privado, e a um mundo, nos termos de Oliveira (2004, p.102), constituído por “ilhas” privadas, entre as quais o deslocamento é sempre motorizado. O contato das crianças com o espaço público é impedido pelos vidros do automóvel, pelos muros do condomínio, pelas paredes do shopping ou pelas grades dos clubes e das escolas.

Os enclaves fortificados carregam em si certa ambiguidade, pois ao mesmo tempo em que geram benefícios aos usuários, impactam negativamente no espaço urbano. Como no caso dos condomínios fechados, que garantem a segurança e a interação social dos moradores no espaço interno e tendem a favorecer a incidência de crimes e a esvaziar os espaços abertos em suas adjacências (BECKER, 2005). Especialmente em relação às crianças, os condomínios suscitam questionamentos acerca do seu impacto sobre a experiência pública e a cidadania, uma vez que tendem a reproduzir mecanismos de segregação e criam um espaço público artificial e idealizado, dentro do espaço privado (SARAIVA, 2009).

Além os diferentes tipos de tecido urbano não implicam, apenas, em vivências variadas, mas se constituem, também, a partir de diferenças no espaço social. A articulação entre espaço físico, espaço social e experiência urbana fica mais nítida à medida que, de um lado, o tecido contemporâneo, associado aos ricos, vincula-se à proteção e, de outro, o tecido irregular, associado aos pobres, é vinculado ao paradigma da liberdade. O que corrobora, em última instância, os indicativos anteriormente acionados de que crianças pobres experimentam o espaço público com maior liberdade, enquanto as ricas tendem a viver um maior recolhimento ao espaço privado.

Obviamente, estas aproximações não são estritas, principalmente no que se refere à classe média, que não está associada, diretamente, a nenhum tipo de tecido urbano específico. Exatamente por este motivo, acredita-se que tais articulações merecem ser exploradas empiricamente, a fim de detectar, de forma mais precisa, a correlação entre as características sócio-espaciais e a experiência urbana das crianças. A delimitação efetuada no quadro teórico subsidiará a elaboração do método de pesquisa, exposto no próximo capítulo.

Capítulo 2 – Porto Alegre como lócus de pesquisa

2.1. Da ruptura à artesanía: a construção do método

O processo de investigação científica exige que o pesquisador se situe não apenas diante do conhecimento acumulado, através da revisão bibliográfica que sustenta o quadro teórico, mas também diante das formas de produção do conhecimento e dos entraves que se interpõem a sua produção. Neste item, ao acionar referenciais do campo da epistemologia, abordamos alguns preceitos epistêmicos que emergem da construção do objeto de pesquisa, explicitando a elaboração do método de investigação.

Ao analisar a relação da criança com a cidade hoje, este estudo adota uma abordagem exploratória e descritiva, que objetiva antes delinear “o que é” (SALOMON, 1991, p.112), em termos qualitativos, e não o que deveria ser, em caráter normativo. Contudo, a busca não é pelo absoluto ou pela verdade, pois parte-se do pressuposto de que o real é também uma construção e não um dado da natureza. Tal entendimento é convergente a “invalidação das verdades”, mencionada por Certeau (2009, p.68) em alusão à virada linguística wittgensteiniana:

“Essa mudança de lugar modifica o estatuto do discurso. Vendo-se preso na linguagem ordinária, o filósofo não possui mais lugar próprio ou apropriável. É-lhe retirada toda posição de domínio. O discurso analisador e o objeto analisado têm o mesmo estatuto, o de se organizar pelo trabalho de que dão testemunho, determinados por regras que não fundam nem superam, igualmente disseminadas em funcionamentos diferenciados, inscritos em uma textura onde cada fragmento pode cada vez apelar a uma outra instância, citá-la e a ela referir-se. Dá-se uma permanente troca de lugares distintos. O privilégio filosófico ou científico se perde no ordinário. Essa perda tem como corolário a invalidação das verdades.” (CERTEAU, 2009, p.67-68)

Assim, não há um empenho em determinar qual é a relação, em termos de sua unicidade, mas em compreender como se desenha a relação de diferentes crianças com a cidade, através de uma perspectiva de diversidade. Ao indagar “Por onde andam as crianças?”, buscamos uma articulação entre espaço, práticas e indivíduos, num esforço, portanto, de compreender uma dinâmica e suas variáveis.

Além disso, ao considerar a incorporação da linguagem ordinária como discurso legítimo, o presente estudo reafirma o pressuposto de Becker (1999) de que as mais

diversas fontes dizem o mundo social, sejam elas em formatos cientificamente consagrados, como tabelas estatísticas, gráficos ou mapas, ou aquelas criadas por artistas e leigos, como filmes, romances ou fotografias. Assim, a mesma perspectiva de diversidade aplica-se às fontes selecionadas.

Cientes dos preceitos epistêmicos iniciais, colocamos, agora, o problema de pesquisa nos termos dos obstáculos epistemológicos que ele suscita, considerando que tais obstáculos são, segundo Bachelard (1997), as causas da inércia que impedem, muitas vezes, que a investigação avance. Para o autor, identificar os obstáculos é fundamental para efetuar a ruptura epistemológica, possível apenas a partir de uma postura de vigilância epistemológica, que permite compreender os processos da descoberta científica e controlar os elementos com os quais se está rompendo.

Seguindo as premissas bachelardianas, a ruptura se coloca, de acordo com Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2007), inicialmente, contra a verdade dos fatos e a familiaridade com o universo social e, posteriormente, contra a opinião ou o senso comum. A ruptura com o senso comum, por sua vez, impõe-se, segundo os autores, principalmente pela separação imprecisa entre a opinião comum e o discurso científico no campo das ciências sociais. A influência das noções comuns, erroneamente tomadas como verdade, exige uma construção teórica provisória, que seja capaz de substituir tais noções por uma primeira noção científica.

Especificamente no âmbito desta pesquisa, a ruptura se dá, primeiro, pela necessidade de distanciamento do pesquisador (DELGADO; MÜLLER, 2005), a partir da identificação que os temas relacionados à infância usualmente suscitam. Assim como a familiaridade, tais temas geram, paradoxalmente, certo estranhamento nos adultos. O pesquisador deve estar atento a este possível paradoxo, para que possa enfrentá-lo sem acionar mecanismos de rejeição, frente a uma infância diferente da sua, ou de idealização, de como deveria ser a infância das crianças em questão. A vigilância se instaura quando o pesquisador pondera que sua experiência pertence a um momento histórico diferente do recorte analisado (MÜLLER, 2007).

Num segundo momento, o pesquisador deve exercer a ruptura com a opinião, afastando as pré-definições do senso comum que, neste caso, supõem o fim da experiência singular da criança na cidade, principalmente pela não-fruição da rua como espaço de lazer e recreação. Assim, o presente estudo coloca-se contra o decreto generalizado do fim da cidade da infância, enquanto conjunto de práticas que constitui os lugares das crianças, buscando entrever em que condições esta experiência se estabelece contemporaneamente.

Definidos os obstáculos inerentes ao problema e os elementos de ruptura, parte-se para a construção do método de investigação, pois, ancorados em Becker (1999, p. 9), entendemos que o método não se aplica, mas se constrói. Assim, constitui-se uma “artesanaria” do mundo científico, a partir da liberdade em inventar métodos capazes de resolver os problemas da pesquisa em questão.

Inicialmente, a construção do método aciona o quadro teórico do estudo, a partir de conceitos operatórios que viabilizam a investigação (Ilustração 28). Conforme explicita o diagrama conceitual do estudo, assume-se, primeiramente, o cotidiano como dimensão espaço-temporal da relação criança-cidade, e a experiência (TUAN, 1983) ou prática (CERTEAU, 2009) como processo de envolvimento do qual resultam os espaços vividos (SANTOS, 2006) ou lugares (TUAN, 1983; AUGÉ, 1994) da infância. As crianças são tomadas como grupo social etariamente definido, cuja experiência urbana é marcada pelo caráter instaurador (OLIVEIRA, 2004) e também gradativo, que avança da esfera privada (MOORE; YOUNG, 1980), em direção à esfera pública (SENNETT, 1988).

Ilustração 28 – Diagrama conceitual do estudo



Fonte: elaborado pela Autora

Entende-se, ainda, que o mergulho no processo coletivo constitui a cidade da infância (BORJA, 1990), associada, em essência, à fruição da rua como espaço de lazer e recreação (SANTOS et. al., 1985; KARSTEN, 2005). O enfraquecimento contemporâneo da rua como lugar das crianças indica que há um processo de transformação das práticas espaciais em curso (OLIVEIRA, 2004). Contudo, ao invés de indicar o fim da experiência singular da criança na cidade, este processo aponta a diversificação da geografia das crianças (KARSTEN, 2005), num entendimento de que existem múltiplas infâncias (MEIRA, 2004) e, portanto, múltiplas vias de experimentar a cidade.

A diversificação das práticas associa-se, por sua vez, a um processo característico da sociedade contemporânea, marcado pelo redesenho entre os domínios público e privado, que desestimula a vivência da esfera pública (SENNETT, 1988; BAUMAN, 2001; KAZTMAN, 2001) em favor da esfera privada (BIDOU-ZACHARIASEN, 1994; SCHAPIRA, 2001). No entanto o redesenho é marcado pela influência da família, sobretudo, quando os padrões de utilização do espaço variam conforme o tipo de família e a inserção na classe (GANS, 1965; BOTT, 1976; OLIVEIRA, 2004). Logo, a experiência urbana das crianças estaria cada vez mais condicionada ao espaço social da família, definido pelas posições e situações de classe (BOURDIEU, 2007), sem estar, necessariamente, dissociada do espaço público.

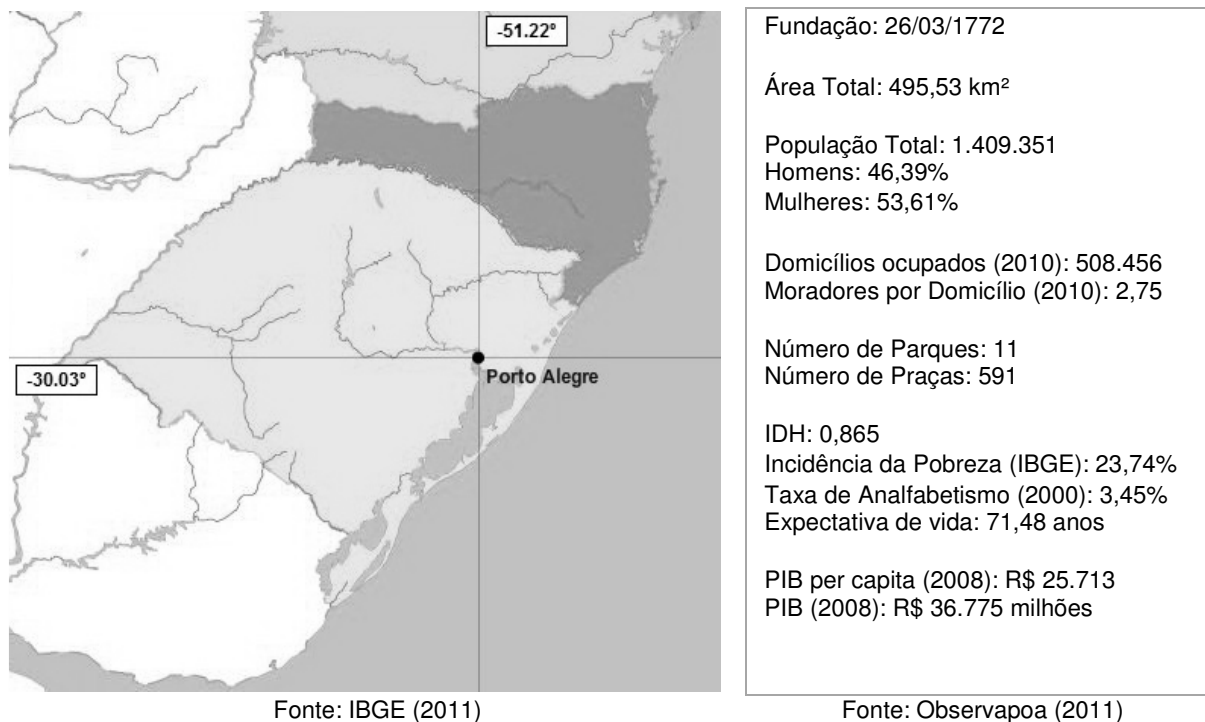
Considerando que a posição no espaço social é definida, também, pela posição no espaço geográfico, através da materialização da hierarquia social no espaço físico (BOURDIEU, 1997), ao investigar a experiência urbana das crianças, buscamos articular espaço social e espaço físico. Tomando família e bairro como conceitos articulados, buscamos caracterizar o espaço urbano a partir das características sócio-culturais da família, instituição mediadora entre o íntimo e o social (MARZULO, 2005), e das variações morfológicas do bairro, escala urbana supostamente vivenciada com mais intensidade pela criança (HARLOFF; LEHNERT; EYBISCH, 1998).

2.2. Família e bairro: uma análise a partir de dados censitários

Para definição do recorte espacial, considera-se como condição um contexto urbano condizente com o quadro das grandes cidades contemporâneas, que apresentam de forma visível transformações sócio-espaciais recentes, relativas principalmente aos novos arranjos entre os domínios público e privado. Portanto, a pesquisa não se vincula, *a priori*, a um local específico, uma vez que poderia ser viabilizada em inúmeras cidades brasileiras com estas características.

Esta investigação toma a cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, estado situado no extremo sul do Brasil, como lócus de pesquisa (Ilustração 29). Detentora de um dos mais altos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do país, sendo a nona colocada com 0,865, a cidade destaca-se, também, como uma das mais arborizadas. Além disso, caracteriza-se como importante polo econômico, possuindo o 7º maior PIB entre as cidades brasileiras (IBGE/2008) e o 4º maior PIB *per capita* entre as capitais. Contudo, apresenta uma incidência de pobreza de quase 25%, que apesar de não ser alta em relação às demais cidades, indica certa desigualdade social.

Ilustração 29 – Porto Alegre como lócus de pesquisa



A cidade se enquadra nas exigências teórico-conceituais do estudo, sobretudo, por se tratar de uma metrópole com quase 1,5 milhão de habitantes, inserida no contexto da globalização (HALL, 2005; SANTOS, 2006; HARVEY, 2009). Como polo de serviços e negócios, Porto Alegre reúne as feições de uma cidade globalizada pelo papel no cenário econômico nacional, por sediar empresas multinacionais e abrigar eventos de porte internacional, por possuir uma infraestrutura avançada de comunicações e inúmeras universidades e, sobretudo, pelo aumento de espaços globalmente homogêneos, como shoppings e museus. Tais espaços fortalecem suas características de cidade contemporânea, na qual a relação público-privado é cada vez mais indireta, principalmente, pela presença dos enclaves fortificados (CALDEIRA, 2000), ainda que mantenha características da cidade tradicional (JACOBS, 1961/2000).

A construção do método busca combinar dois enfoques apontados por Becker (1999, p. 24) como essenciais: um enfoque analítico, que permite “desvendar a estrutura lógica”, e outro sociológico, segundo o qual as descobertas devem ser incorporadas ao processo de investigação. A conjugação destes enfoques permite, segundo Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2007, p.18), que o conhecer evolua com o conhecido, evitando que a pesquisa se fixe numa “lógica anterior e exterior”. Num entendimento convergente ao de Becker, para quem o grau de improvisação na pesquisa qualitativa faz com que o pesquisador encontre soluções *ad hoc* para os problemas que emergem durante a investigação.

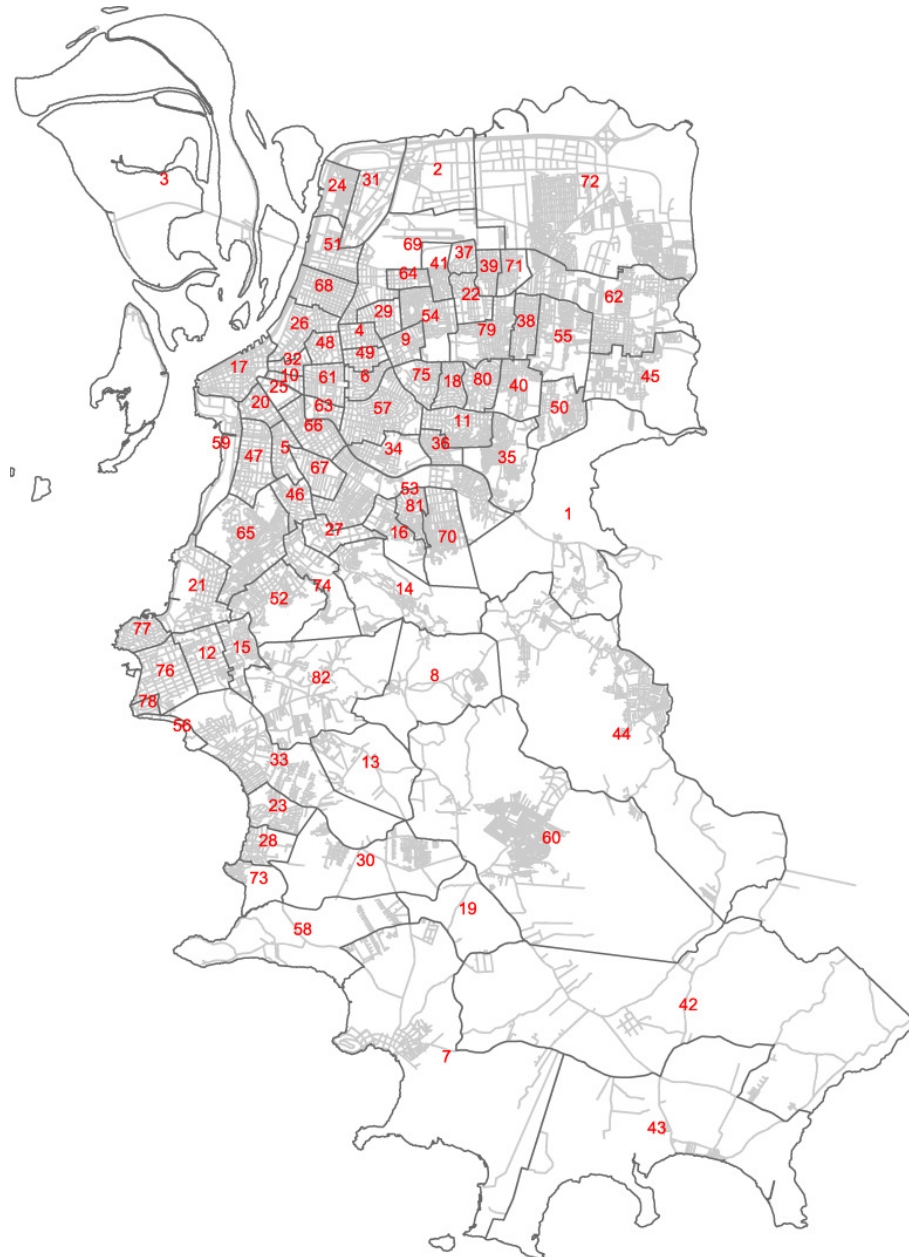
Assim, o estudo busca articular diferentes fontes para compreender como se estabelece, contemporaneamente, a relação da criança com o espaço urbano. Ademais, aceita que a análise é conduzida, como também afirma Becker (1999), sequencialmente, e que cada estágio depende do estágio anterior. De modo que as pré-conclusões de um estágio podem determinar como se estrutura o estágio seguinte, principalmente, a partir das lacunas remanescentes.

O primeiro estágio de constituição do objeto empírico busca compreender a estrutura sócio-espacial do município, por meio de dados censitários que articulam características do espaço social das famílias residentes e características do espaço físico dos bairros. O objetivo desta etapa é analisar de que forma a hierarquia social se materializa no espaço físico de Porto Alegre, a fim de compreender, posteriormente, o “efeito do lugar”, nos termos de Bourdieu (1997, p.160), sobre a experiência urbana das crianças.

Ainda que não haja, segundo Figueiredo Santos (2002), uma tradição empírica de mapeamento de classes no Brasil, nem estudos mais aprofundados acerca das consequências das posições de classe sobre a vida da população e, em que pese uma proclamação acerca do fim das classes, a classe persiste, segundo o autor, como um determinante de muitos aspectos da vida social. O mapeamento da disposição estrutural das posições e segmentos de classe da sociedade brasileira contemporânea, realizado por Figueiredo Santos, através dos dados fornecidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), serve como importante referencial para construção da primeira etapa de investigação. Sua contribuição é relevante, sobretudo, por explorar a dimensão humana dos dados censitários, aspecto que figura como um dos preceitos do presente estudo.

A análise considera os dados do penúltimo censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000), processados pelo Observatório da Cidade de Porto Alegre, base *on-line* de informações georreferenciadas da administração municipal (OBSERVAPOA, 2011). A base de dados do Observapoa foi adotada como principal fonte de informação desta etapa de análise por disponibilizar os dados já processados por bairro, unidade espacial do estudo, e não por setor censitário, conforme disponibilizado pelo IBGE. Oficialmente, Porto Alegre possui 81 bairros, entretanto, adotaremos a subdivisão do Observapoa (Ilustração 30), que considera um total de 82 bairros. A principal diferença entre elas se refere às áreas sem denominação, incorporadas aos bairros na subdivisão adotada.

Ilustração 30 – Mapa dos bairros de Porto Alegre



Legenda:

1 Agronomia	18 Chácara das Pedras	35 Jardim Carvalho	52 Nonoai	69 São João
2 Anchieta	19 Chapéu do Sol	36 Jardim do Salso	53 Partenon	70 São José
3 Arquipélago	20 Cidade Baixa	37 Jardim Floresta	54 Passo D'Areia	71 São Sebastião
4 Auxiliadora	21 Cristal	38 Jardim Itú	55 Passo das Pedras	72 Sarandi
5 Azenha	22 Cristo Redentor	39 Jardim Lindóia	56 Pedra Redonda	73 Serraria
6 Bela Vista	23 Espírito Santo	40 Jardim Sabará	57 Petrópolis	74 Teresópolis
7 Belém Novo	24 Farrapos	41 Jardim São Pedro	58 Ponta Grossa	75 Três Figueiras
8 Belém Velho	25 Farroupilha	42 Lageado	59 Praia de Belas	76 Tristeza
9 Boa Vista	26 Floresta	43 Lami	60 Restinga	77 Vila Assunção
10 Bom Fim	27 Glória	44 Lomba do Pinheiro	61 Rio Branco	78 Vila Conceição
11 Bom Jesus	28 Guarujá	45 Mário Quintana	62 Rubem Berta	79 Vila Ipiranga
12 Camaquã	29 Higienópolis	46 Medianeira	63 Santa Cecília	80 Vila Jardim
13 Campo Novo	30 Hípica	47 Menino Deus	64 Santa M ^ª . Goretti	81 Vila João Pessoa
14 Cascata	31 Humaitá	48 Moinhos de Vento	65 Santa Teresa	82 Vila Nova
15 Cavalhada	32 Independência	49 Mont' Serrat	66 Santana	
16 Cel. Aparício Borges	33 Ipanema	50 Morro Santana	67 Santo Antônio	
17 Centro	34 Jardim Botânico	51 Navegantes	68 São Geraldo	

Fonte: elaborado pela Autora, a partir de arquivo fornecido pelo Observapoa (2011)

A escolha dos dados para análise considera, primeiro, os elementos apontados pela literatura como possíveis fatores interferentes da relação que a criança estabelece com o espaço urbano. Além disso, a seleção leva em conta informações capazes de indicar a inserção da família na classe, a fim de articular família, classe e bairro. Por fim, a escolha se restringe aos dados disponíveis na base do Observapoa, em função da subdivisão por bairros já mencionada.

Associando as informações disponíveis no banco estatístico e os subsídios fornecidos pelo quadro teórico, foram escolhidos dados relativos aos aspectos socioeconômicos, morfológico-espaciais e demográficos dos bairros. A fim de caracterizar o espaço social das famílias residentes, foram adotados como dados socioeconômicos a escolaridade média dos responsáveis por domicílio, em anos, e a renda média dos responsáveis por domicílio, em salários mínimos. Tal escolha objetiva aferir, em etapa subsequente, como a escolaridade e a renda dos pais, apontados como fatores interferentes, afetam a fruição do espaço pela criança.

Como dados morfológico-espaciais, a fim de evidenciar as características físicas do bairro e das residências, considera-se, primeiro, a tipologia habitacional predominante, a partir do número total de domicílios e do número de domicílios particulares por espécie, classificados em apartamento, casa ou cômodo. As condições de infraestrutura urbana, relativas ao abastecimento de água, esgotamento sanitário e instalações sanitárias, também são consideradas, através do número de domicílios sem banheiro nem sanitário, do número de domicílios com abastecimento de água não adequado, do número de domicílios com esgotamento sanitário não adequado e do número de domicílios com lixo não coletado. Por fim, consideramos a densidade demográfica, calculada a partir da relação entre o número de habitantes e a área do bairro em hectares¹⁰.

Em termos demográficos, considera-se a população residente dos bairros, com ênfase na faixa etária de 7 a 14 anos. O enfoque se dá em função da subdivisão do Observapoa, que distingue as crianças acima e abaixo de 6 anos. A delimitação adotada extrapola, portanto, a idade instituída como limite da infância (BRASIL, 1990), e incorpora pré-adolescentes de 13 e 14 anos como alvo da investigação. Acredita-se que o intervalo adotado reúna diferentes níveis de envolvimento com o espaço urbano, principalmente por se constituir como um período de avanços da autonomia em relação aos pais, sendo mais pertinente aos propósitos desta pesquisa. Ao agregar estas informações, objetiva-se

¹⁰ A escolha por esta unidade está vinculada à tradição do Planejamento Urbano, a exemplo do próprio Plano Diretor de Porto Alegre (PDDUA, 1999). O IBGE utiliza a unidade de hab/km², para conversão, basta multiplicar a densidade, em hectares, por 100.

compreender como as crianças estão distribuídas geograficamente no município e se há relação entre a presença de crianças e as condições sócio-espaciais dos bairros.

Na tabela do Anexo B, são apresentados os aspectos socioeconômicos, morfológico-espaciais e demográficos de cada bairro, ordenados por ordem alfabética, nas quatorze categorias escolhidas. Com o objetivo de otimizar a análise e facilitar a comparação entre os dados, foram arbitrados níveis classificatórios que, em sua maioria, assumem a média dos bairros do município de Porto Alegre como referência, conforme demonstrado na Tabela 1.

Tabela 1 – Esquema com critérios de classificação dos dados censitários

Dados	Critério de Classificação	Classificação Resultante			
Escolaridade média dos responsáveis por domicílio em anos	Três níveis arbitrados em relação à média do município (9,1)	1ALTO	2MÉDIO	3BAIXO	
		>11	Entre 8 e 11	<8	
Renda média dos responsáveis por domicílio em salários mínimos	Três níveis arbitrados em relação à Média do município (11,26)	1ALTO	2MÉDIO	3BAIXO	
		>16	Entre 9 e 16	<9	
Percentual de domicílios particulares por espécie (Apartamento, Casa ou Cômodo)	Percentual superior a 60% indica a Tipologia Habitacional Predominante	1AP	2MI	3CA	
		Apartamento	Mista	Casa	
Densidade Demográfica (hab/ha)	Quatro faixas arbitradas a partir da referência do PDDUA (1999)	A	B	C	D
		>100	100-60	60-20	<20
Percentual da população residente de 7 a 14 anos	Três níveis arbitrados em relação à Média do município (11,6)	1BAIXO	2MÉDIO	1ALTO	
		<9	Entre 9 e 14	>14	
Percentual de Domicílios sem banheiro nem sanitário	Quatro faixas arbitradas em relação à Média do município	OISB	1ISB	2ISB	3ISB
		zero	0 a 1	1 a 3	3 a 6,4
Percentual de Domicílios com abastecimento água não adequado	Quatro faixas arbitradas em relação à Média do município	OISA	1ISA	2ISA	3ISA
		zero	0 a 1	1 a 7,5	>40
Percentual de Domicílios com esgotamento sanitário não adequado	Quatro faixas arbitradas em relação à Média do município	OISE	1ISE	2ISE	3ISE
		zero	0 a 5	5 a 25	>25
Percentual de Domicílios com lixo não coletado	Quatro faixas arbitradas em relação à Média do município	OISL	1ISL	2ISL	3ISL
		zero	0 a 1	1 a 5	>12

Fonte: elaborado pela Autora

Em relação à escolaridade média dos responsáveis por domicílio (em anos), cuja média de Porto Alegre é de 9,1 anos, foram arbitrados três níveis, correspondentes aos três níveis de ensino (fundamental, médio e superior): alta (acima de 11 anos – 24 bairros), média (entre 8 e 11 anos – 30 bairros) e baixa (abaixo de 8 anos – 28 bairros).

Para renda média dos responsáveis por domicílio em salários mínimos (SM), cuja média por bairro é de 11,26, também foram arbitrados três níveis: alta (acima de 16 SM – 16 bairros), média (entre 16 e 9 SM – 28 bairros) e baixa (abaixo de 9 SM – 38 bairros). Vale

mencionar que não adotamos a classificação do IBGE¹¹, mas sim uma classificação própria, que toma a média dos bairros como referência. Entende-se que ao convencionar uma subdivisão em três faixas para os itens escolaridade, renda e população residente, facilitamos a análise combinada dos dados, realizada em etapa subsequente.

A tipologia habitacional predominante no bairro foi definida a partir dos percentuais de domicílios particulares por espécie, subdivididos pelo IBGE em casa, apartamento ou cômodo. Para classificação, arbitramos que um percentual superior a 60% indica a tipologia predominante, podendo ser apartamento (1AP – 31 bairros) ou casa (2CA – 45 bairros). Arbitramos, também, que percentuais equilibrados (40-50%) indicam tipologia mista (3MI – 6 bairros).

A densidade demográfica, expressa pela relação habitante por hectare (hab/ha), foi obtida a partir da relação entre a população residente e área total do bairro. A partir dos resultados, foram arbitradas quatro faixas de densidade, que tomam o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Porto Alegre (PDDUA, 1999) como referência: faixa A (densidade superior a 100hab/ha – 18 bairros); faixa B (densidade entre 100 e 60hab/ha – 24 bairros); faixa C (densidade entre 60 e 20hab/ha – 24 bairros); e faixa D (densidade inferior a 20hab/ha – 16 bairros). Em relação ao percentual da população residente na faixa de 7 a 14 anos em cada bairro, cuja média dos bairros é de 11,6%, foram arbitrados três níveis: baixo (abaixo de 9% - 17 bairros), médio (entre 9 e 14% - 44 bairros) e alto (acima de 14% - 21 bairros).

Quanto às condições de infraestrutura, foram arbitradas quatro faixas relativas à média do município. Para todos os itens, foi criada uma faixa que inclui percentuais iguais à zero, indicando os bairros sem carência de infraestrutura. Além da faixa zero (0ISB), os percentuais de domicílios sem banheiro nem sanitário foram classificados em: de 0 a 1% (1ISB); de 1 a 3 % (2ISB); e entre 3 e 6,4% (3ISB). Os percentuais de domicílios com abastecimento de água não adequado foram classificados em: zero (0ISA); entre 0 a 1% (1ISA); entre 1 e 7,5% (2ISA); e superior a 40% (3ISA). Já os percentuais de domicílios com esgotamento sanitário não adequado foram classificados em: zero (OISE); de 0 a 5% (1ISE); de 5 a 25% (2ISE); superior a 25% (3ISE). Finalmente, os percentuais de domicílios com lixo não coletado foram classificados nos níveis: zero (OISL); de 0 a 1% (1ISL); de 1 a 5% (2ISL); superior a 12% (3ISL).

¹¹ O IBGE classifica as faixas de renda segundo o rendimento médio mensal familiar, não de acordo com a renda média dos responsáveis. A subdivisão é feita em cinco faixas: acima de 20SM; entre 20 e 10 SM; entre 10 e 5SM; entre 5 e 2SM; e inferior a 2SM. Em Porto Alegre, a menor renda é superior a 2SM.

Na tabela do Anexo C, são apresentados os níveis de cada bairro em cada um dos itens. Os bairros estão organizados segundo níveis de escolaridade, renda, tipologia predominante, densidade, população residente de 7 a 14 anos e condições de infraestrutura. Após a classificação arbitrada, iniciamos a comparação entre os dados pelos aspectos socioeconômicos. A primeira constatação é de que há um paralelo entre escolaridade e renda, pois, aos níveis mais altos de renda correspondem níveis mais altos de escolaridade, e vice-versa. Entretanto, a relação entre os níveis arbitrados não é estrita, ou seja, além das combinações alta e alta, média e média, baixa e baixa, existem mais duas: alta escolaridade-média renda e média escolaridade-baixa renda. Na Tabela 2, a relação escolaridade-renda é expressa em função do número de bairros. Enquanto os bairros de alta escolaridade se concentram nos níveis alto e médio de renda, todos os bairros de baixa escolaridade possuem baixa renda. A escolaridade média, por sua vez, está associada aos níveis de renda média e baixa.

Tabela 2 – Nº de bairros segundo relação escolaridade-renda

Renda média dos responsáveis por domicílio(em SM) → Escolaridade média dos responsáveis (anos) ↓	Renda Alta (Mais de 16)	Renda Média (Entre 9 e 16)	Renda Baixa (Menos de 9)
Escolaridade Alta (mais de 11)	16	8	0
Escolaridade Média (entre 8 e 11)	0	20	10
Escolaridade Baixa (menos de 8)	0	0	28

Fonte: elaborado pela Autora

Confrontando aspectos demográficos e aspectos socioeconômicos, verificamos que aos níveis mais altos de escolaridade e renda correspondem níveis mais baixos de população de 7 a 14 anos, enquanto há maior concentração desta faixa etária nos bairros com níveis mais baixos de escolaridade e renda. Na Tabela 3, a relação entre escolaridade-renda e população de 7 a 14 anos é expressa em função do número de bairros. Os bairros com escolaridade alta e média não apresentam percentuais altos de população nesta faixa, enquanto os bairros com escolaridade baixa não apresentam percentuais baixos.

Tabela 3 – Nº de bairros segundo relação escolaridade-renda e população de 7 a 14 anos

Percentual da população de 7 a 14 anos no bairro → Escolaridade-renda ↓	Menos (5 - 8%)	Médio (9 - 14%)	Mais (14% - 18%)
Escolaridade Alta e Renda Alta	9	7	0
Escolaridade Alta e Renda Média	6	2	0
Escolaridade Média e Renda Média	1	19	0
Escolaridade Baixa e Renda Média	1	8	1
Escolaridade Baixa e Renda Baixa	0	8	20

Fonte: elaborado pela Autora

Quanto aos aspectos morfológico-espaciais, verificamos uma relação entre a combinação escolaridade-renda e a tipologia habitacional predominante (THP). Na Tabela 4 (próxima página), que expressa a relação entre escolaridade-renda e THP em função do

número de bairros, observamos que todos os bairros com baixa escolaridade e baixa renda apresentam tipologia habitacional predominante de casas, enquanto todos os bairros com escolaridade alta e renda média apresentam tipologia predominante de apartamento.

Tabela 4 – Nº de bairros segundo relação escolaridade-renda e tipologia habitacional

Tipologia Habitacional Predominante → Escolaridade-renda ↓	Apartamento	Mista	Casa
Escolaridade Alta e Renda Alta	11	0	5
Escolaridade Alta e Renda Média	8	0	0
Escolaridade Média e Renda Média	9	3	8
Escolaridade Baixa e Renda Média	3	3	4
Escolaridade Baixa e Renda Baixa	0	0	28

Fonte: elaborado pela Autora

Ainda quanto aos aspectos morfológico-espaciais, não parece haver uma relação estrita entre tipologia predominante e densidade demográfica, uma vez que bairros com predomínio de casas também se inserem nas faixas de maior densidade. Da mesma forma, não parece haver uma relação estrita entre densidade demográfica e renda, pois os três níveis de renda apresentam as quatro faixas de densidade. Há, contudo, uma correspondência entre baixíssima densidade (faixa D) e nível de renda baixo. Na Tabela 5 tal relação fica evidente em função do número de bairros, principalmente se considerarmos que os bairros com outro nível de renda que apresentam baixíssima densidade possuem grandes áreas de parque ou preservação em relação à área total.

Tabela 5 – Nº de bairros segundo relação renda e densidade demográfica

Densidade Demográfica (hab/ha) → Renda ↓	Baixíssima (D: 1 a 20)	Baixa (C: 20 a 60)	Média (B: 60 a 100)	Alta (A: 100 a 250)
Renda Alta	2*	3	5	6
Renda Média	1*	11	9	7
Renda Baixa	13	10	10	5

* Inclui bairros com grande área de parque em relação à área total

Fonte: elaborado pela Autora

Por fim, em relação aos aspectos morfológico-espaciais, constatamos uma associação entre renda e infraestrutura urbana (Tabela 6). Fica evidente que os bairros com maiores níveis de renda tendem a apresentar níveis positivos, enquanto os bairros com renda baixa reúnem condições precárias de infraestrutura.

Tabela 6 – Nº de bairros segundo relação renda e condições de infraestrutura

Infraestrutura → Renda ↓	Banheiro				Água				Esgoto				Lixo			
	0ISB	1ISB	2ISB	3ISB	0ISE	1ISE	2ISE	3ISE	0ISA	1ISA	2ISA	3ISA	0ISL	1ISL	2ISL	3ISL
Renda Alta	10	6	-	-	9	6	1	-	7	8	1	-	14	1	1	-
Renda Média	12	12	4	-	9	16	3	-	7	18	3	-	18	9	1	-
Renda Baixa	1	15	15	7	1	11	23	3	2	11	17	8	4	17	16	1

Legenda: Vide Tabela 1, p.63

Fonte: elaborado pela Autora

Em síntese, a primeira etapa de análise evidencia uma correlação entre os aspectos socioeconômicos, morfológico-espaciais e demográficos dos bairros e das famílias residentes. Tal correlação permite agrupar os bairros segundo características semelhantes, conformando grupos com concentração de níveis de renda e escolaridade equivalentes, com percentuais de população de 7 a 14 anos inversamente proporcionais, e condições de infraestrutura urbana compatíveis com a renda. No próximo item, vamos explorar tais agrupamentos de bairro, analisando, especificamente, seu arranjo espacial, ou seja, a materialização do espaço social no espaço físico.

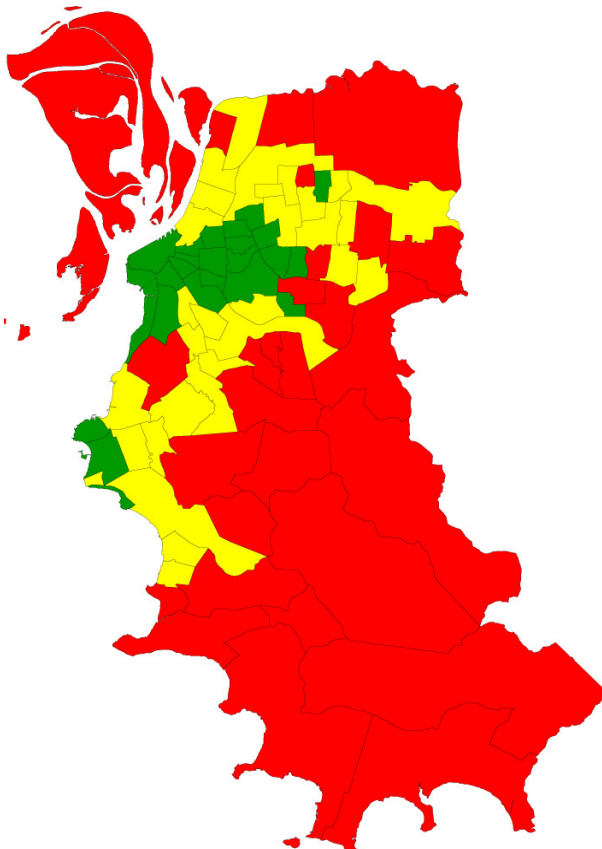
2.3. Perfis de bairro: a hierarquia social materializada no espaço físico

Nesta etapa, aprofundamos a investigação através da análise dos agrupamentos formados por bairros com características sócio-espaciais semelhantes, a fim de observar de que forma tais agrupamentos se materializam no espaço físico da cidade. Como ferramenta de análise, incorporamos o software de geoprocessamento GvSIG¹², que permite criar um banco de dados baseado em coordenadas geográficas, e produzir documentos cartográficos a partir dele. Assim, procedemos à espacialização dos dados, apresentados até então em tabelas, através de mapas, como forma de ampliar o espectro da análise a partir de novas formas de visualização.

Ao dar início ao processo de espacialização dos dados, começamos pelos níveis de escolaridade e renda. A partir dos mapas resultantes, apresentados respectivamente nas Ilustrações 31 e 32 (próxima página), verificamos uma alta concentração geográfica dos bairros com níveis semelhantes, em ambas as categorias. Diante disto, optamos por adotar como critério para definição do espaço social dos bairros de Porto Alegre e, posteriormente, da sua materialização no espaço urbano, as combinações entre os níveis de escolaridade e renda. Tal escolha se justifica, primeiro, pela correlação positiva entre as duas categorias, apontada por Figueiredo Santos (2002) e verificada empiricamente na etapa anterior. Em segundo, pela correlação entre as combinações escolaridade-renda e as demais categorias analisadas, principalmente com os percentuais de população de 7 a 14 anos por bairro, também demonstradas na etapa anterior. E, finalmente, pela alta concentração espacial verificada, que acaba por legitimar a análise por agrupamento, uma vez que são, também, geográficos.

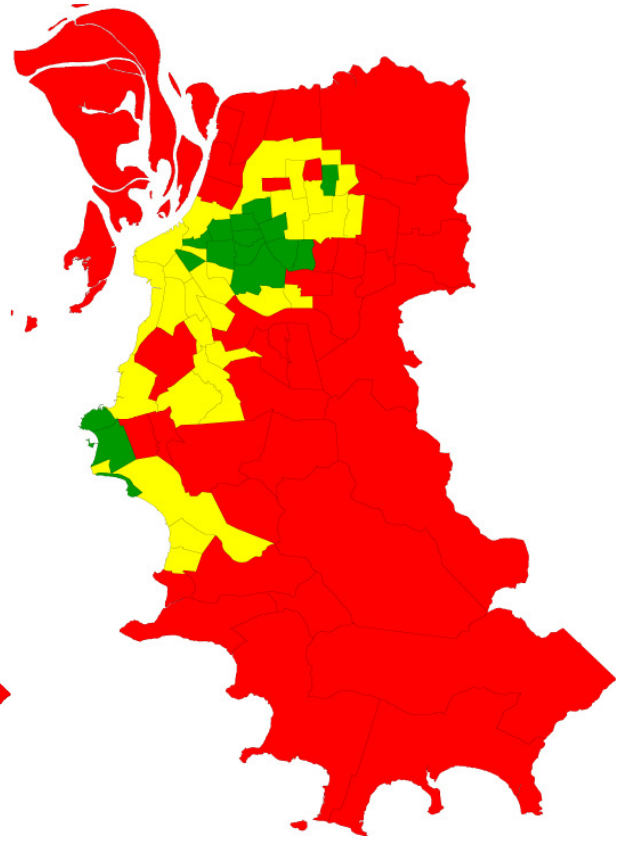
¹² O GvSIG é um software livre, desenvolvido pela *Conselleria d'Infraestructures i Transports* (CIT) da Comunidade de Valência e distribuído gratuitamente no portal www.gvsig.org.

Ilustração 31 – Níveis de escolaridade por bairro



Legenda:
■ Alta ■ Média ■ Baixa

Ilustração 32 – Níveis de renda por bairro



Legenda:
■ Alta ■ Média ■ Baixa

Fonte: elaborados pela Autora

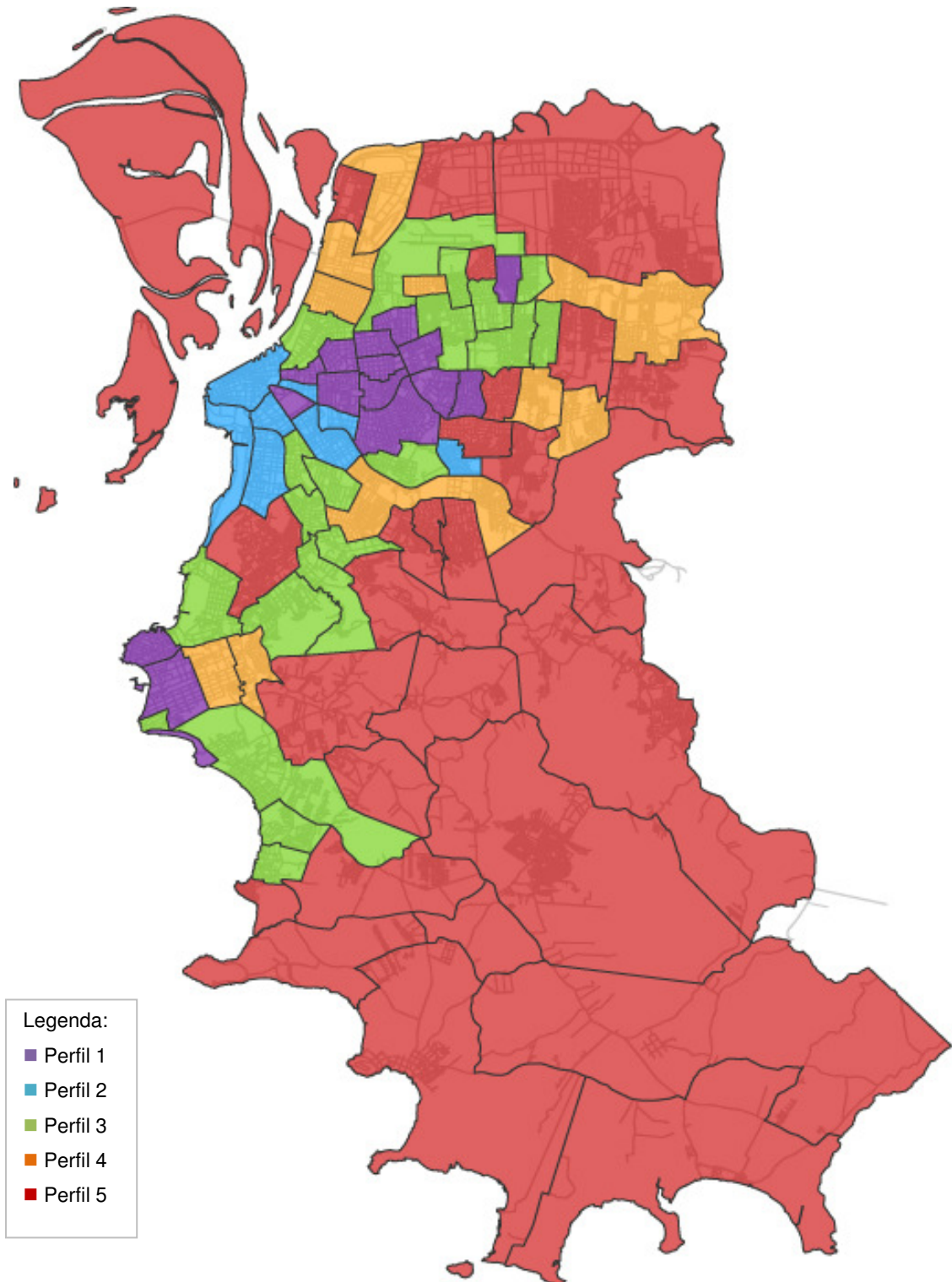
Dessa forma, assumimos que, para cada uma das combinações entre escolaridade e renda, temos um Perfil do Espaço Social dos bairros. Ao todo, são cinco perfis de bairro no município de Porto Alegre, identificados na Tabela 7.

Tabela 7 – Classificação dos Perfis do Espaço Social dos bairros de Porto Alegre

Perfil do Espaço Social	Nível de escolaridade	Nível de renda	Nº de bairros
Perfil 1	Escolaridade alta	Renda alta	16 bairros
Perfil 2	Escolaridade alta	Renda média	8 bairros
Perfil 3	Escolaridade média	Renda média	20 bairros
Perfil 4	Escolaridade média	Renda baixa	10 bairros
Perfil 5	Escolaridade baixa	Renda baixa	28 bairros

Fonte: elaborado pela Autora

Na Ilustração 33 (próxima página), apresentamos a distribuição geográfica dos Perfis do Espaço Social. Em seguida, apresentamos a descrição de cada um dos perfis, assinalando as características socioeconômicas, morfológico-espaciais e demográficas dos bairros componentes.

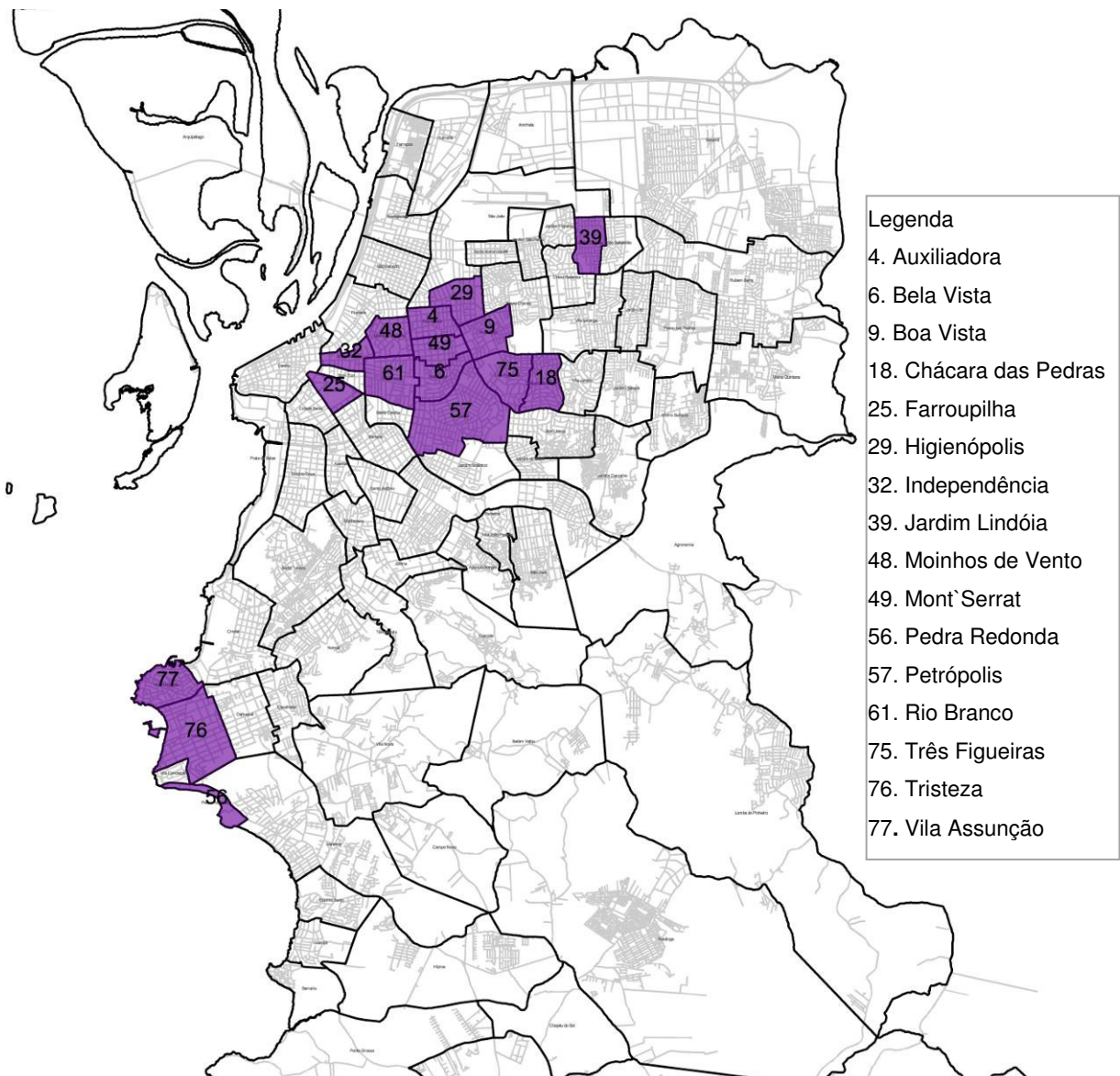
Ilustração 33 – Classificação dos bairros segundo os Perfis do Espaço Social¹³

Fonte: elaborado pela Autora

¹³ Chamamos atenção para a padronização de cores utilizada ao longo do estudo, numa escala que vai do roxo, passando pelo azul, verde, amarelo, laranja até chegar ao vermelho e que segue os indicativos apontados pelo quadro teórico que relacionam ricos-proteção-espço privado (roxo) e pobres-liberdade-espço público (vermelho). O objetivo da padronização cromática é facilitar a análise comparativa, bem como criar uma unidade simbólica para as ilustrações.

O Perfil 1, composto por 16 bairros, distribui-se geograficamente em dois núcleos (Ilustração 34): um concentrado a leste do Centro Histórico; e outro localizado na porção sul, junto à orla do Guaíba. Este perfil concentra os bairros com escolaridade e renda altas e percentuais de população infantil mais baixos. Os aspectos morfológico-espaciais confirmam a nucleação inicial do perfil, pois todos os bairros do segundo núcleo, junto à orla do Guaíba, possuem predomínio de casas. No primeiro núcleo, a predominância é de apartamentos, sendo que apenas dois bairros contíguos, Três Figueiras e Chácara das Pedras, possuem predomínio de casas. Quanto à densidade, os bairros com predomínio de apartamentos apresentam taxas altas em relação ao município. A maioria dos bairros não apresenta nenhuma carência de infraestrutura urbana.

Ilustração 34 – Bairros do Perfil 1: escolaridade e renda altas

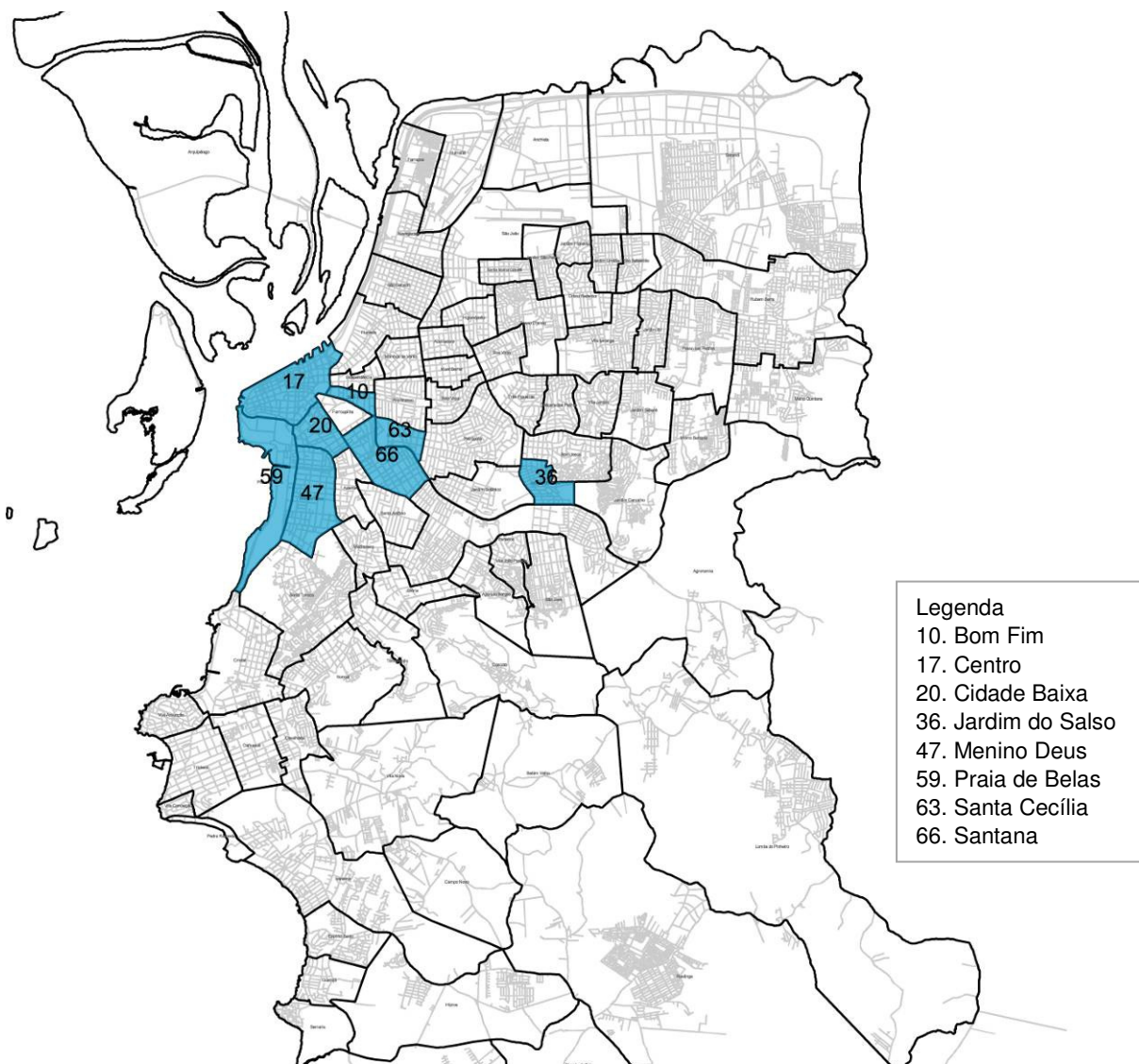


Fonte: elaborada pela Autora

O Perfil 2, composto por 8 bairros, possui alta concentração geográfica junto ao Centro Histórico e em sua porção sul, e é contíguo ao primeiro núcleo do Perfil 1, conforme a Ilustração 35. Apenas um bairro é disperso geograficamente dos demais. Este perfil reúne bairros com alta escolaridade e renda média, possivelmente pela proximidade com o campus da Universidade Federal. A maioria dos bairros possui baixo percentual de população infantil.

Em termos tipológicos, o Perfil 2 é homogêneo, com predomínio de apartamentos em todos os bairros. Quanto à densidade, as taxas são predominantemente altas, sendo que o perfil inclui o bairro mais denso do município. O bairro disperso geograficamente destoa dos da maioria quanto à densidade. Assim como o Perfil 1, a maioria dos bairros deste perfil não apresenta carência de infraestrutura urbana.

Ilustração 35 – Bairros do Perfil 2: escolaridade alta e renda média

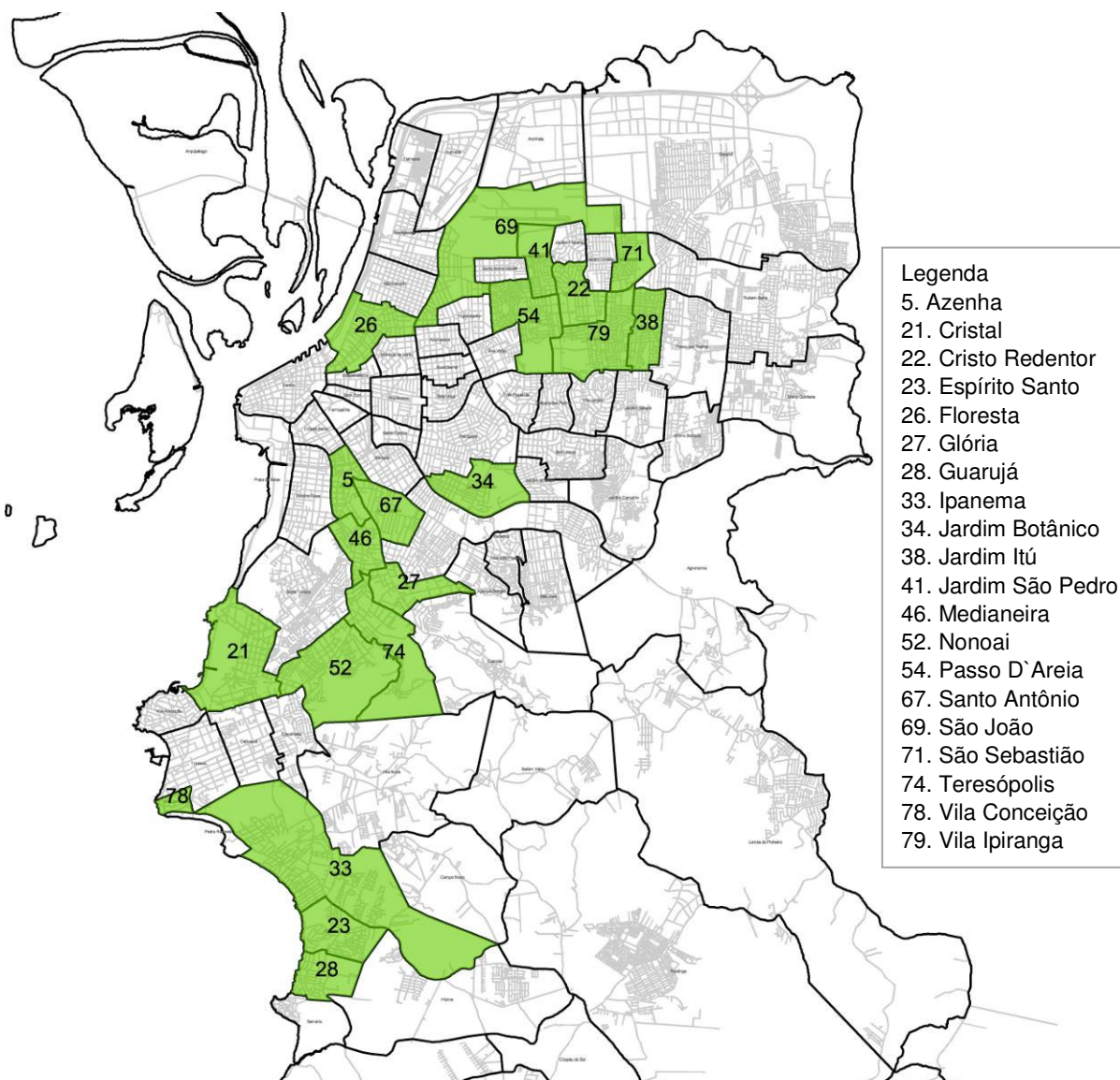


Fonte: elaborada pela Autora

O Perfil 3, formado por 20 bairros, possui três núcleos geográficos (Ilustração 36), um ao norte, acima do núcleo principal do Perfil 1, e outro dois ao sul, um deles localizado junto à orla. Este perfil apresenta índices médios de escolaridade, renda e população de 7 a 14 anos.

Quanto aos aspectos morfológico-espaciais, este perfil possui três subgrupos, um com predomínio de apartamentos, outro com predomínio de casas, e um terceiro com tipologia mista. Os bairros com predominância de casas conformam um conjunto com alta concentração geográfica, pois, à exceção de um, ocupam a porção sul. O perfil apresenta três faixas de densidade, com predomínio das densidades médias. Todos os bairros apresentam em algum nível carência de infraestrutura urbana.

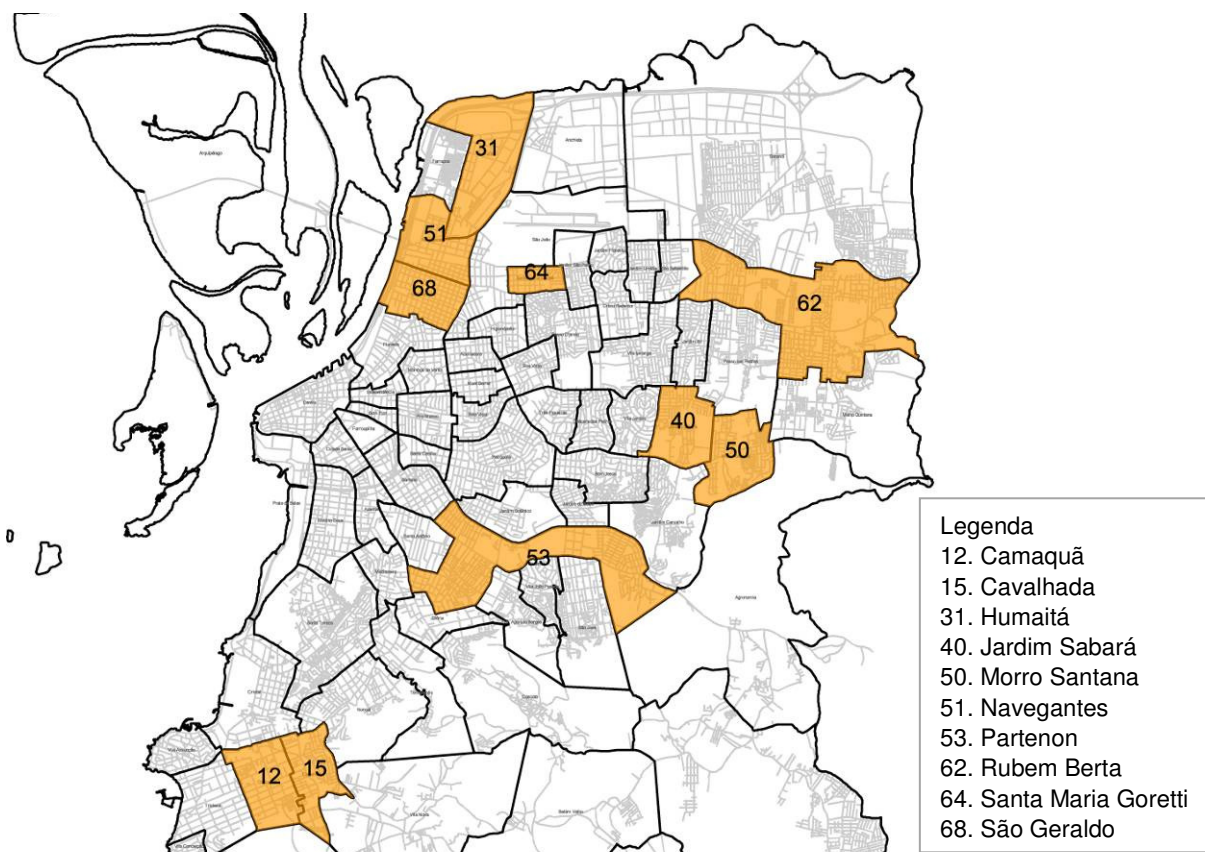
Ilustração 36 – Bairros do Perfil 3: escolaridade e renda médias



Fonte: elaborada pela Autora

O Perfil 4, formado por 10 bairros, é o que apresenta localizações mais dispersas, ao norte e ao sul do miolo central, com alguns núcleos de bairros contíguos (Ilustração 37). Junto com o Perfil 2, apresenta nível de escolaridade superior ao de renda, respectivamente, média e baixa. O percentual de população de 7 a 14 anos é médio na maioria dos bairros, a exceção de dois, que apresentam níveis alto e baixo. Morfologicamente, este perfil apresenta três subgrupos, com tipologias habitacionais de apartamentos, casas e mista. Todos os bairros apresentam densidades médias, nas faixas B e C. Quanto à infraestrutura urbana, a maioria dos bairros apresenta alguma carência, a exceção de um.

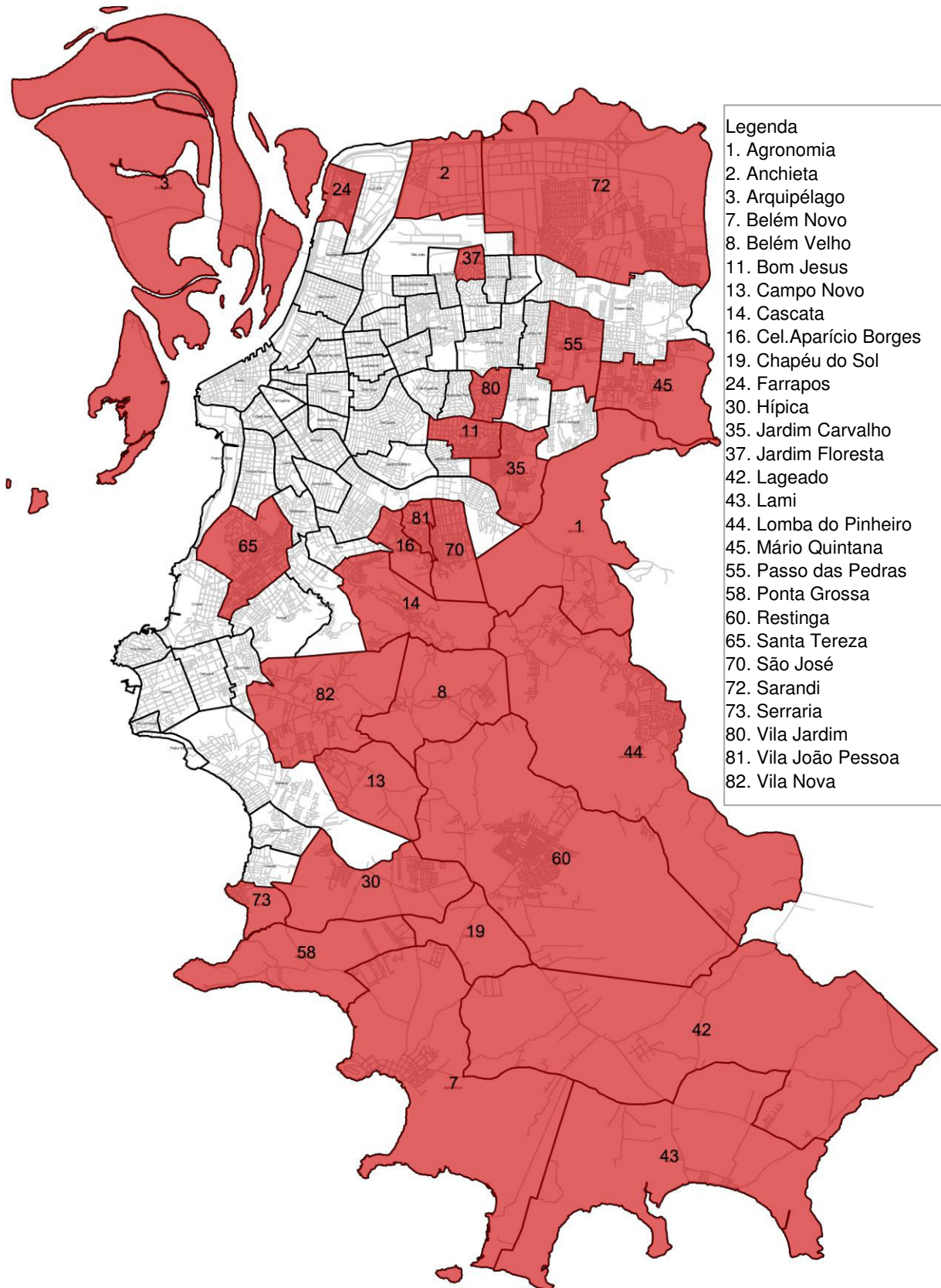
Ilustração 37 – Bairros do Perfil 4: escolaridade média e renda baixa



Fonte: elaborada pela Autora

O Perfil 5, composto por 28 bairros, representa mais da metade da área física do município. Seus bairros abrangem todas as áreas periféricas, incluindo as ilhas do Guaíba, a porção norte e a porção sul, onde apresenta com grande concentração (Ilustração 41, próxima página). Este é o perfil que reúne os menores níveis de escolaridade, renda e infraestrutura, em contraponto aos mais altos percentuais de população infantil. Apresenta tipologia predominante de casas em todos os bairros. Reúne grande parte dos bairros com baixíssima densidade demográfica (faixa D), que a exceção de um, se localizam no extremo sul do município.

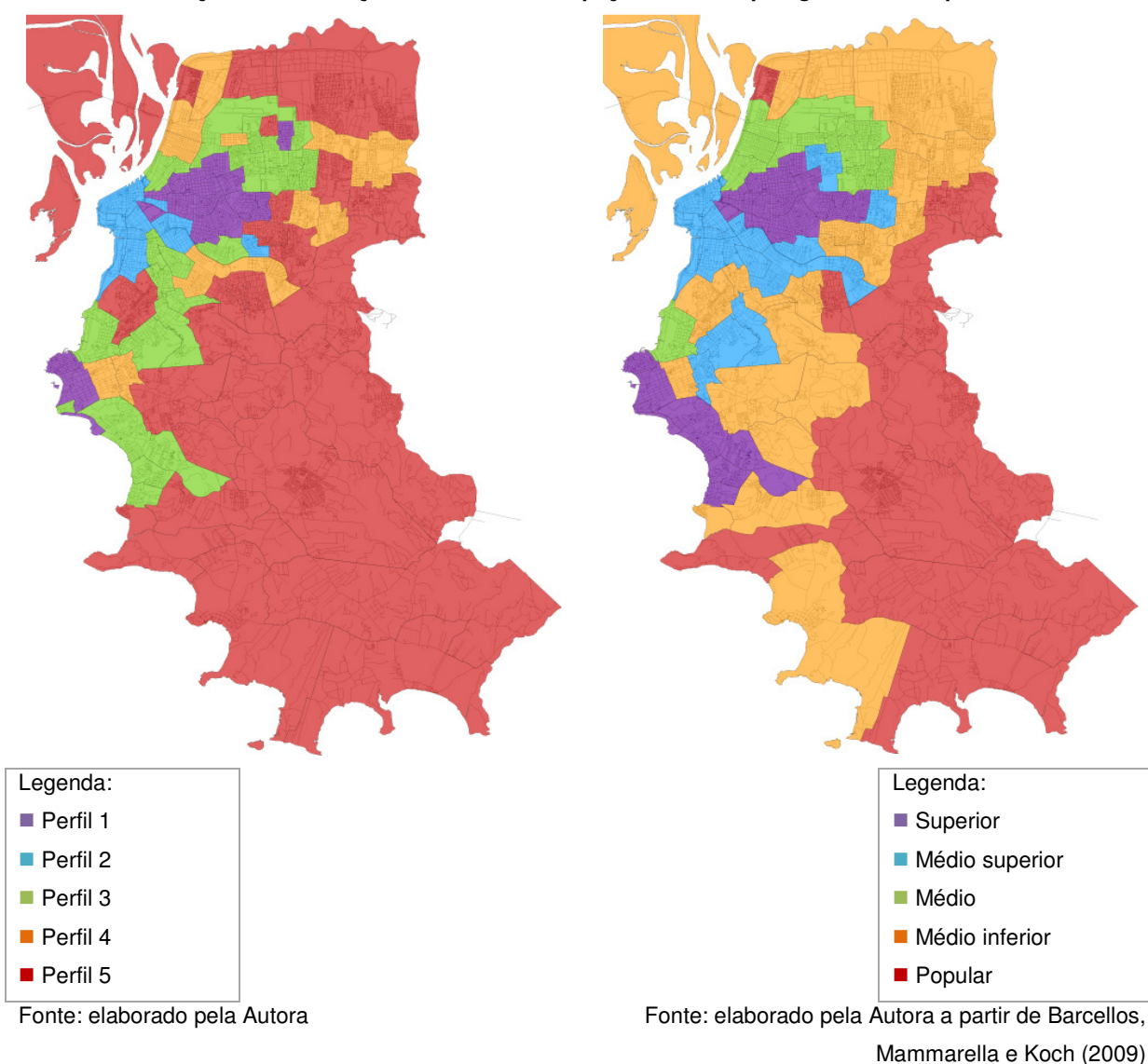
Ilustração 38 – Bairros do Perfil 5: escolaridade e renda baixas



Fonte: elaborada pela Autora

Como forma de validar a classificação dos bairros através de Perfis do Espaço Social, adotamos como parâmetro de comparação a Tipologia Sócio-Ocupacional utilizada por Barcellos, Mammarella e Koch (2009), em estudo sobre a estrutura sócio-ocupacional e a segmentação sócio-espacial na Região Metropolitana de Porto Alegre¹⁴. Em Porto Alegre, foram encontrados cinco dos nove tipos elencados pela Tipologia: Superior, Médio superior, Médio, Médio inferior e Popular, excetuando-se os três perfis Operários e o Agrícola. Nas Ilustrações 39 e 40, comparamos a distribuição geográfica dos Perfis de bairro e dos Tipos sócio-ocupacionais, a fim de analisar a convergência entre eles.

Ilustração 39 e Ilustração 40 – Perfis do Espaço Social e Tipologia Sócio-ocupacional



¹⁴ A classificação dos nove tipos, em Barcellos, Mammarella e Koch (2009), toma as 24 categorias sócio-ocupacionais (CATs) como insumos, subdivididas em oito grupos: Dirigentes, Intelectuais, Pequenos empregadores, Ocupações médias, Trabalhadores do terciário especializado, Trabalhadores do secundário, Trabalhadores do terciário não especializado e Agricultores. A população ocupada foi qualificada a partir da articulação destes grupos com a taxa de ocupação total e por gênero e a renda familiar, enfocando a proporção de famílias com rendimentos de até meio salário mínimo.

Analisando cada um dos Perfis de bairro em relação aos Tipos sócio-ocupacionais, verificamos que todos os bairros do Perfil 1 pertencem ao tipo Superior, à exceção do Lindóia, o único disperso em relação aos demais. Algo semelhante ocorre com o Perfil 2, pois à exceção do Jardim do Salso, também disperso em relação aos demais, todos os bairros pertencem aos tipos Superior e Médio Superior. O Perfil 3 apresenta grande homogeneidade em cada uma das suas porções: na centro-norte, predomina o tipo Médio; na porção centro-sul, predomina o tipo Médio Superior; e junto à orla, predomina o tipo Superior. O Perfil 4 inclui de forma dispersa os três tipos Médios. Por fim, o Perfil 5 apresenta, predominantemente, os tipos Médio Inferior e Popular.

Através desta aproximação entre as duas classificações, percebemos que, apesar das divergências entre as unidades espaciais adotadas¹⁵, há grande compatibilidade entre elas, pois os agrupamentos de bairros com características semelhantes são compatíveis na forma e na distribuição. Também há compatibilidade no escalonamento dos níveis, numa transição em sequência na ordem 1, 2, 3, 4 e 5, para os Perfis, e Superior, Médio Superior, Médio, Médio Inferior e Popular, para os tipos. Dessa forma, ao tomarmos a Tipologia Sócio-Ocupacional como parâmetro para validação dos Perfis do Espaço Social dos bairros, concluímos que é válido assumir a combinação entre escolaridade e renda como critério para definição do espaço social dos bairros.

Outra forma de validar a classificação, considerando que esta análise toma dados do ano 2000, seria confrontá-los com dados recentes. Contudo, os dados do último censo realizado pelo IBGE em 2010 foram fornecidos parcialmente, sem informações de escolaridade e renda. Após a liberação, feita por setor censitário, ainda seria necessário processar os dados por bairro, o que, de acordo com o Observapoa, seria feito a partir de 2012, sem previsão de conclusão, isto impossibilitou sua incorporação a este estudo.

Apesar da impossibilidade de atualização dos dados, consideramos que a materialização dos Perfis do Espaço Social no espaço físico fornece subsídios para discussão, uma vez que se mostra coerente com a classificação por Tipologia Sócio-ocupacional. Sendo assim, damos continuidade à análise, tomando os Perfis de bairro como referência para compreender como a estrutura sócio-espacial de Porto Alegre atua sobre as práticas cotidianas das crianças, no capítulo subsequente deste estudo.

15 Enquanto o presente estudo adota o bairro como unidade de análise, a Tipologia Sócio-Ocupacional adota as Áreas de Expansão Demográfica (AEDs), em função da disponibilidade dos dados. Num total de 49 no município, algumas AEDs correspondem a um único bairro, enquanto outras agrupam dois ou mais bairros. O fato de a informação estar mais agregada por AED do que por bairro pode gerar maior contiguidade entre os bairros do mesmo tipo sócio-ocupacional.

Capítulo 3 – O espaço urbano e as crianças

3.1. Da estrutura às práticas: explorando a experiência em camadas

Partindo dos Perfis de bairro resultantes da classificação realizada no item anterior, que considera a materialização do espaço social da família no espaço físico do bairro, objetivamos, nesta etapa, compreender como a estrutura sócio-espacial de Porto Alegre se inter-relaciona com as práticas cotidianas. Para tanto, efetuamos uma análise dos aspectos demográficos, locacionais, morfológico-espaciais da estrutura sócio-espacial e, finalmente, dos aspectos cotidianos da experiência urbana. Através da sobreposição de camadas, articulamos os dados censitários já apresentados com novas informações, dando ênfase ao exame dos mapas resultantes da espacialização de todas as informações.

A sequência de análise deste item procura explorar a tensão entre estruturas e práticas, mencionada por Certeau (1990/2009) na crítica a Pierre Bourdieu:

“Na medida em que a sociologia define **estruturas objetivas** a partir das **regularidades** que recebe das estatísticas (elas mesmas baseadas em enquetes empíricas), na medida em que ela considera toda **situação** ou **conjuntura objetiva** como um **estado particular** de uma dessas estruturas, precisa compreender o ajustamento – ou o desnível – das práticas em relação a essas estruturas. Entre as práticas e as estruturas (estas presentes através de seus **estados particulares** que são conjunturas), de onde é que vem a concordância que se constata geralmente? As respostas recorrem ora a um automatismo reflexo das práticas, ora a uma genialidade subjetiva de seus autores. Por boas razões, Bourdieu rejeita ambas as hipóteses. Em seu lugar coloca a sua **teoria** que via explicar, pela gênese das práticas, a sua adequação às estruturas.” (CERTEAU, 1990/2009, p. 117-118, grifo do autor)

Há para Certeau (1990/2009, p. 118), na tensão entre o que é observado e o que é concluído a partir das estatísticas, uma urgência da teoria, que desconsidera a necessidade de interrogar-se acerca da suposta objetividade das estruturas e dos limites das práticas em dar conta dos modelos estruturais. Para ele, ao buscar o ajuste das práticas às estruturas, que explique também os desníveis entre elas, Bourdieu surpreende, pela análise detalhada das práticas, ao mesmo tempo em que agride, pela velocidade com que as reduz a uma realidade mística e as toma como verdades.

Apesar de não dar a questão por resolvida, a crítica serve de alerta e é pertinente para o presente estudo, primeiro, pelo fato de acionarmos tanto Certeau (1990/2009) quanto Bourdieu (1996; 1997 e 2007) como importantes referenciais teóricos da análise. Segundo, porque ao criticar o efeito totalizante das estruturas, Certeau nos remete à oposição entre *voyeurs* e caminhantes, segundo a qual os primeiros são identificados como aqueles que se colocam à distância, buscando uma visão do conjunto, em menção aos urbanistas, enquanto os últimos são os praticantes ordinários da cidade, cujos corpos estão enlaçados em suas ruas.

Como uma espécie de produtos desta oposição, estão, de um lado, os mapas, transformados pela geometria, segundo Certeau (Ibid, p.189) em um “conjunto formal de lugares abstratos”, e, de outro, os percursos, entendidos como relatos ou “feituas de espaço”, na acepção de autor. Entendendo que os mapas se originam dos percursos, e funcionam, por um longo período da história, como descrição de itinerários, há uma relação a ser resgatada.

Assim, buscamos superar o antagonismo entre estruturas e práticas, entre *voyeurs* e caminhantes, que coloca em diferentes lados, nos termos desta análise, o urbanista e a criança. Sem negar a condição do urbanista, o presente estudo busca articular estes diferentes pontos de vista: começando pelo mapa, pretende chegar ao percurso, partindo do alto, procura chegar ao chão. Num movimento que vai da compreensão da estrutura urbana ao entendimento das práticas cotidianas, desenvolvemos a análise de acordo com o esquema da Ilustração 41.

Ilustração 41 – Diagrama das camadas: Estrutura e Práticas



A primeira camada consiste numa análise demográfica que associa criança e espaço social. Nela verificamos o volume da população infantil em relação às demais faixas etárias, examinando também de que forma as crianças e, em especial, a população de 7 a 14 anos, se distribui no município. Objetivamos observar quais os bairros e, conseqüentemente, quais os Perfis de bairro que concentram maior número de crianças. Posteriormente, na segunda camada, focamos na localização dos bairros de cada perfil, articulando espaço social e espaço físico. Examinando a distribuição geográfica dos Perfis do espaço social, exploramos as relações de distância e proximidade que estabelecem entre si, buscando compreender suas peculiaridades locacionais. Avançando em direção à microescala, na terceira camada, examinamos as características do espaço físico dos bairros de cada perfil, analisando os tipos de tecido urbano, em função da tipologia habitacional, presença de equipamentos coletivos e espaços abertos, e pelas atividades predominantes.

Enquanto as três primeiras camadas constituem a análise acerca da estrutura sócio-espacial do município, a quarta camada está relacionada, diretamente, ao cotidiano. Ao articular todas as dimensões da experiência urbana, elencadas ao longo do Capítulo 1, investigamos como a experiência se estabelece para os habitantes, tomados como principal fonte de informação. Tal exame se dá através do mapeamento dos espaços vividos e das práticas de alguns residentes dos diferentes Perfis de bairro.

A incorporação dos habitantes como fonte considera que seus relatos do cotidiano ajudam a compor uma espécie de mosaico da experiência urbana na cidade contemporânea. A ideia de mosaico em Becker (1999) indica que as diferentes peças compõem uma trama que não é finita, a qual podem ser somados relatos e fontes, capazes de ampliá-la, melhor definindo-a, sem torná-la, contudo, definitiva ou fechada. As diferentes fontes de pesquisa são tratadas, assim, como camadas, passíveis de serem analisadas isoladamente, mas que, superpostas, vão dando profundidade ao estudo.

Os relatos atuam como mais uma camada, ou, como peças do mosaico. Contudo, ao incorporá-los, considerando que pertencem ao universo do senso comum, temos a instauração de um paradoxo no estudo: ao passo que efetua a ruptura com a opinião, absorve-a como informação. Petersen (1995, p.38) resolve tal impasse ao afirmar que o reencontro da ciência com o sentido comum é a “ruptura da ruptura epistemológica”. Sendo assim, após um movimento inicial de contrariedade, ocorre uma caracterização alternativa, que revaloriza o senso comum, fazendo com que passe de explicação à fonte de investigação. Segundo a autora, a primeira ruptura é imprescindível para que se constitua a ciência, mas deixa o senso comum intocado, enquanto a segunda transforma o senso comum com base na ciência, avançando duplamente.

Superada a contradição na incorporação dos habitantes como fonte, adicionamos à ideia da constituição de um mosaico da experiência urbana, o preceito epistêmico da quase-estatística. Tal conceito se estabelece, de acordo com Becker (1999), quando as conclusões são essencialmente quantitativas e podem ser utilizadas para descrever adequadamente o fenômeno, sem que as informações coletadas se prestem, contudo, a serem transformadas em dados estatísticos legítimos. Segundo o autor, a quase-estatística é pertinente quando a quantificação é relevante ao estudo por possibilitar um maior controle sobre a frequência e a distribuição dos fenômenos.

Em sua articulação com o mosaico, a quase-estatística se sustenta porque as informações quantitativas não são usadas isoladamente, mas sim associadas às informações qualitativas. Isto torna sua fragilidade estatística irrelevante, uma vez que as quantificações são incorporadas como mais uma camada, ou como parte sem pretensão de se desagregar do todo, cuja função principal é atuar como elemento aprofundador das conclusões, garantindo espessura ao estudo. Por um lado, o enlace entre a quase-estatística e o mosaico pode ser tomado como forma de equalizar a tensão entre estrutura e prática, ao explorar a dimensão humana dos dados quantitativos. Por outro, equaliza a tensão ao sistematizar as informações qualitativas em relação aos dados quantitativos.

Nesta empreitada, tomamos o bairro como principal escala de análise, por se configurar, de um lado, como unidade morfológica, legalmente definida e sistematizada como elemento da estrutura urbana municipal (LYNCH, 1960/2010, p.75), e, por outro lado, por se tratar de unidade dotada de significado (ROSSI, 1966/2001). O bairro é, assim, mais um elemento de articulação entre a estrutura sócio-espacial e as práticas cotidianas, sobretudo por se tratar da escala vivenciada com mais intensidade e frequência pelas crianças (HARLOFF; LEHNERT; EYBISCH,1998).

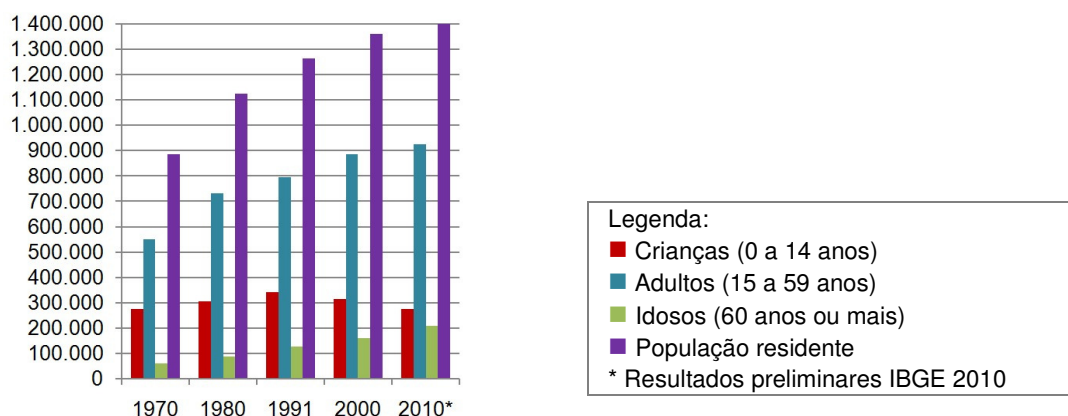
Desdobrando a pergunta inicial “Por onde andam as crianças?” em três níveis, surgem outras questões. O primeiro nível articula demografia e localização: Onde estão as crianças? Qual sua localização no espaço urbano? O segundo nível relaciona espaço social e espaço físico: Que espaço é este? Quais são suas características sociais e físicas? Por fim, o terceiro nível coloca em relação o cotidiano e o espaço físico: As crianças andam? Por onde?

3.2. Aspectos demográficos: a distribuição da população infantil

Neste item, buscamos compreender o perfil etário da população de Porto Alegre e de que forma os habitantes de 7 a 14 anos estão distribuídos no município, destacando quais os bairros que concentram maior número de crianças e, conseqüentemente, como a população infantil se distribui nos Perfis do Espaço Social.

Analisando o perfil etário da população porto-alegrense nas últimas quatro décadas a partir dos dados censitários fornecidos pelo IBGE (Ilustração 42), verificamos que os habitantes se distribuem em três grupos: o primeiro grupo reúne os jovens e adultos na faixa de 15 a 59 anos; o segundo reúne as crianças na faixa de zero a 14 anos; e o terceiro reúne os idosos na faixa de 60 anos ou mais.

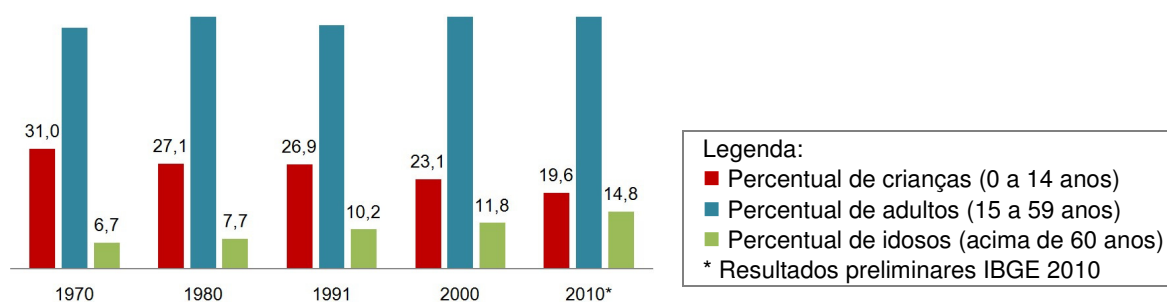
Ilustração 42 – Perfil etário da população de Porto Alegre nos últimos 40 anos



Fonte: elaborado pela Autora, a partir de dados do IBGE

Ao longo deste período, constatamos que, ao passo que a população total do município, o grupo de jovens e adultos e de idosos vêm crescendo, em termos absolutos, o grupo de crianças cresceu até 1991 e vem diminuindo desde então. Em termos percentuais (Ilustração 43), as crianças representavam, em 1970, 31% do total de habitantes enquanto os idosos totalizavam 6,7%. Já em 2010, segundo os resultados preliminares do último censo, o percentual de idosos chegava a 14,8%, enquanto o de crianças totalizava 19,6%.

Ilustração 43 – Comparativo entre as faixas etárias da população de Porto Alegre

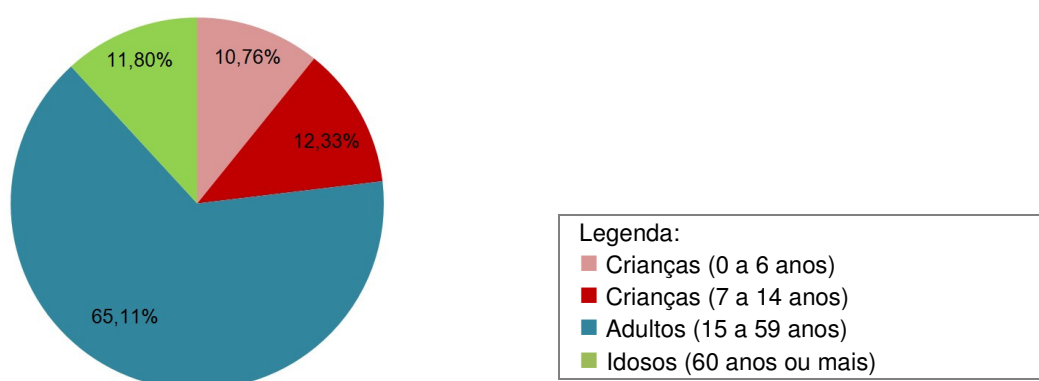


Fonte: elaborado pela Autora, a partir de dados do IBGE

Contudo, observamos que a proporção entre os grupos se mantém igual, ou seja, as crianças continuam sendo o segundo grupo mais numeroso, apesar do decréscimo da população infantil. Dessa forma, constatamos que o desenho etário de Porto Alegre se mantém estável nas últimas décadas, mantendo a proporção adultos>crianças>idosos.

Concentrando a análise no ano de 2000, pela compatibilidade com os dados do Observapoa, verificamos que, naquele ano, as crianças totalizavam cerca de 313 mil habitantes, num universo de 1,3 milhão, ou seja, 23% do total. Destes, 53% pertenciam à faixa de 7 a 14 anos, num total de 167 mil habitantes, cerca de 12% do total (Ilustração 44).

Ilustração 44 – Distribuição por faixa etária da população de Porto Alegre em 2000



Fonte: elaborado pela Autora, a partir de dados do Observapoa

Tomando o bairro como unidade de análise, observamos que há grande variação na representatividade da população infantil, quando comparada às demais faixas etárias¹⁶. Ao examinarmos como a população de cada bairro se distribui nas diferentes faixas, percebemos que, além do desenho semelhante ao do município (adultos>crianças>idosos), os bairros apresentam outros dois desenhos etários: um que mantém a proporção entre os grupos, porém com percentuais elevados de crianças; e outro no qual o percentual de idosos é maior que o de crianças, o que resulta num desenho de adultos>idosos>crianças.

Ao compararmos o desenho etário dos bairros aos Perfis do Espaço Social (Tabela 8, próxima página), verificamos que a maioria dos bairros (33 de 82), possui desenho semelhante ao do município, e a parcela das crianças varia de 15 a 23%. Estes bairros estão distribuídos em todos os Perfis, mas a metade deles se concentra no Perfil 3. Outros 28 bairros possuem desenho etário no qual as crianças se destacam, representando de 25 a 38% da população do bairro. Este tipo de desenho é encontrado, majoritariamente, no Perfil 5, ocorrendo também em bairros do Perfil 4. Por fim, o desenho etário no qual a parcela de idosos é maior que a parcela de crianças, que varia de 10 a 17%, abrange 21 bairros. Destes, nenhum pertence ao Perfil 5 e a maioria pertence ao Perfil 1.

¹⁶ Todas as informações demográficas relativas aos bairros estão contidas na tabela do Anexo D.

Tabela 8 – Nº de bairros segundo relação entre Perfis de bairro e tipo de desenho etário

Desenho etário → Perfis do Espaço Social ↓	Alto percentual de crianças:	Mesmo do município:	Mais Idosos:
	Adultos > Crianças > Idosos 56-68% 25-38% 4-11%	Adultos > Crianças > Idosos 62-72% 15-23% 8-17%	Adultos > Idosos > Crianças 62-70% 14-26% 10-17%
Perfil 1	0	7	9
Perfil 2	0	2	6
Perfil 3	0	16	4
Perfil 4	2	6	2
Perfil 5	26	2	0

Fonte: elaborado pela Autora

Constatamos, assim, que os bairros do Perfil 5 são, em sua maioria, bairros em que a parcela de crianças é bastante significativa. Os bairros dos Perfis 3 e 4 possuem, em sua maioria, desenho semelhante ao do município. Por fim, nos bairros dos Perfis 1 e 2 a parcela de idosos tende a se sobressair em relação à das crianças.

Dando sequência à análise, tomamos apenas a faixa etária de 7 a 14 anos, para analisar se os bairros do Perfil 5, com maiores percentuais de criança em relação ao bairro, são também os que concentram o maior número de crianças do município, em termos absolutos. Na Tabela 9, comparamos o percentual de indivíduos de 7 a 14 anos por bairro com o número de indivíduos nesta faixa em relação ao município. Utilizamos uma classificação em três níveis para ambos, sendo que para os percentuais reproduzimos os níveis estipulados no item 2.2¹⁷, e para os números absolutos criamos três níveis de acordo com a média, utilizando o mesmo critério da classificação anterior.

Tabela 9 – Nº de bairros segundo relação entre Perfis de bairro e população de 7 a 14 anos

População de 7 a 14 anos no bairro → Perfis do Espaço Social ↓	Percentual			Nº Absoluto		
	Mais (14% - 18%)	Médio (9 - 14%)	Menos (5 - 8%)	Mais (+3000hab)	Médio (1000- 3000hab)	Menos (-1000hab)
Perfil 1	0	7	9	0	3	13
Perfil 2	0	2	6	0	4	4
Perfil 3	0	19	1	1	13	6
Perfil 4	1	8	1	2	5	3
Perfil 5	20	8	0	11	10	7

Fonte: elaborado pela Autora

Verificamos que o Perfil 5, além de reunir os bairros com maior percentual de indivíduos de 7 a 14 anos, concentra os bairros com maior número de indivíduos nesta faixa. Já os bairros dos Perfis 1 e 2, ao mesmo tempo em que não agrupam bairros com alto percentual de crianças em relação às demais faixas, não concentram bairros com número elevado de crianças em relação ao município. No entanto, se analisarmos bairro a bairro, veremos que em alguns casos não há compatibilidade entre o percentual em relação ao

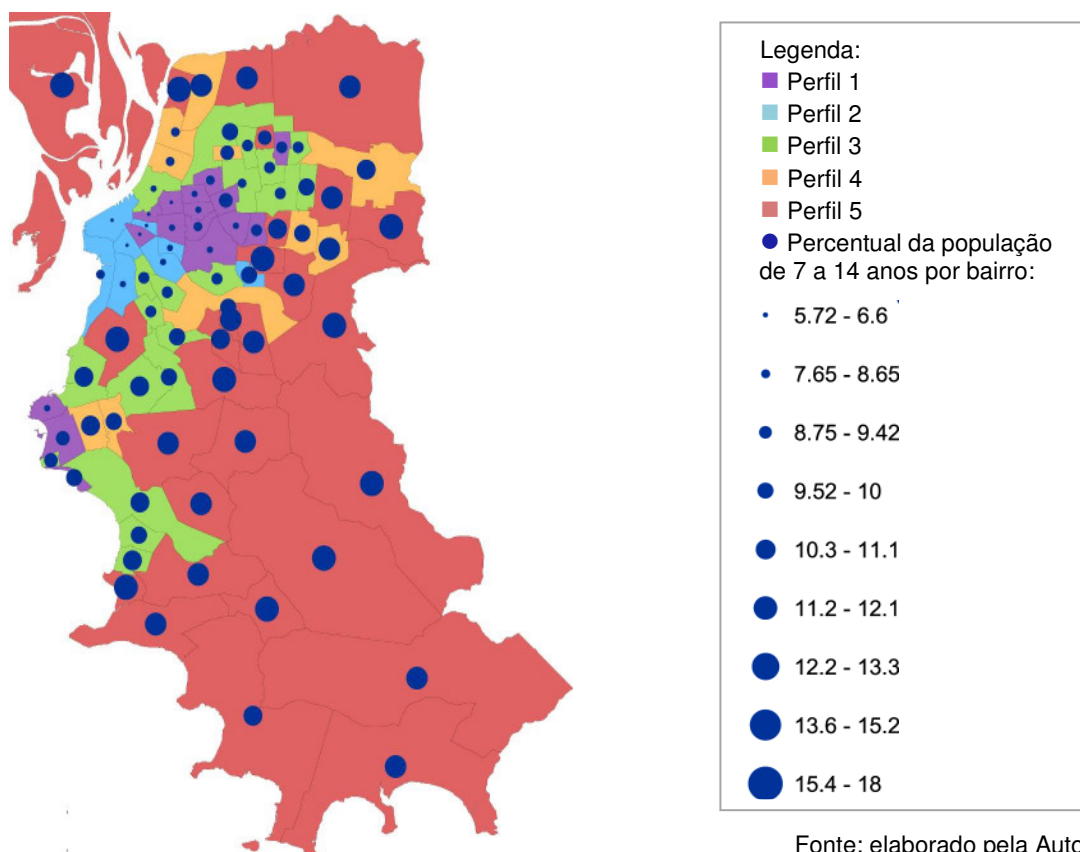
¹⁷ Vide Tabela 1, p.64.

bairro e o número em relação ao município. É o caso do Chapéu do Sol, que apresenta o maior percentual em relação ao bairro (18,05%), mas que reúne menos de mil indivíduos de 7 a 14 anos (473 habitantes). Isso quer dizer que, na escala do próprio bairro, as crianças e adolescentes do Chapéu do Sol são muito representativas, mas não apresentam a mesma representatividade, em termos numéricos, quando comparadas aos demais bairros. Em sentido contrário, o bairro Centro abriga mais de 2 mil indivíduos nesta faixa (há 2.290 habitantes), mas esta parcela representa apenas 8,28% da população do bairro. As crianças e adolescentes do Centro são, portanto, mais representativas, na escala municipal, do que os do Chapéu do Sol, mas menos representativas dentro do próprio bairro.

Isto indica que a adoção do bairro como unidade de análise revela aspectos que ficam imperceptíveis na escala do município. Em que pese o decréscimo da população infantil verificado nos últimos anos, a relevante presença das crianças dentro de muitos bairros, principalmente quando estes apresentam desenho etário diferente do município, reforça a importância do recorte etário como critério de análise.

A espacialização dos percentuais da população de 7 a 14 anos em relação ao bairro, apresentada na Ilustração 45, evidencia a representatividade destes indivíduos dentro do próprio bairro e no conjunto dos bairros conformados pelos Perfis do Espaço Social.

Ilustração 45 – Perfis de bairro e percentuais de crianças de 7 a 14 anos

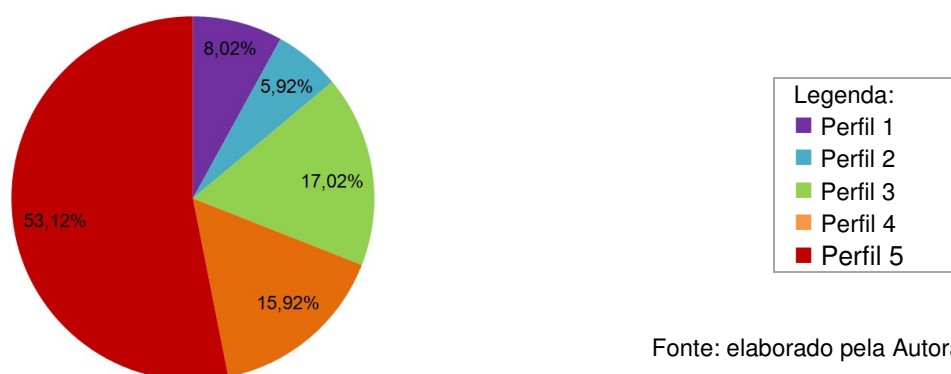


Fonte: elaborado pela Autora

O mapa reafirma a importância da população de 7 a 14 anos nos bairros dos perfis inferiores, ao passo que evidencia a baixa representatividade nos bairros dos perfis superiores. Enquanto a presença destas crianças e adolescentes é muito significativa nos bairros dos Perfis 4 e, principalmente, 5, nota-se que os bairros do Perfil 2 e também alguns do Perfil 1 apresentam percentuais muito baixos. Os bairros do Perfil 3 apresentam níveis intermediários.

Analisando a representatividade de cada perfil em função do número de residentes de 7 a 14 anos, conforme demonstra a Ilustração 46, verificamos que o Perfil 5 é o que abriga maior número, cerca de 89 mil, ou, mais da metade das crianças porto-alegrenses nesta faixa etária. Os Perfis 3 e 4 abrigam quase o mesmo número de crianças nesta faixa, cerca de 28 e 26 mil, respectivamente. Por fim, os Perfis 1 e 2 reúnem, respectivamente, cerca de 10 e 13 mil residentes de 7 a 14 anos.

Ilustração 46 – Representatividade dos Perfis segundo número de residentes de 7 a 14 anos



Fonte: elaborado pela Autora

Sendo assim, constatamos que quase 70% das crianças e adolescentes porto-alegrenses de 7 a 14 anos vivem em bairros de baixa renda (Perfis 4 e 5), com alguma carência de infraestrutura urbana, enquanto apenas 8% delas vivem em bairros com alta renda (Perfil 1). Os 23% restantes vivem em bairros com níveis médios de renda, que apresentam condições de infraestrutura diversas (Perfil 3). Em relação à escolaridade, mais da metade das crianças nesta faixa se concentra em bairros com baixos níveis (Perfil 5), enquanto cerca de 14% habitam os bairros com níveis altos de escolaridade (Perfis 1 e 2).

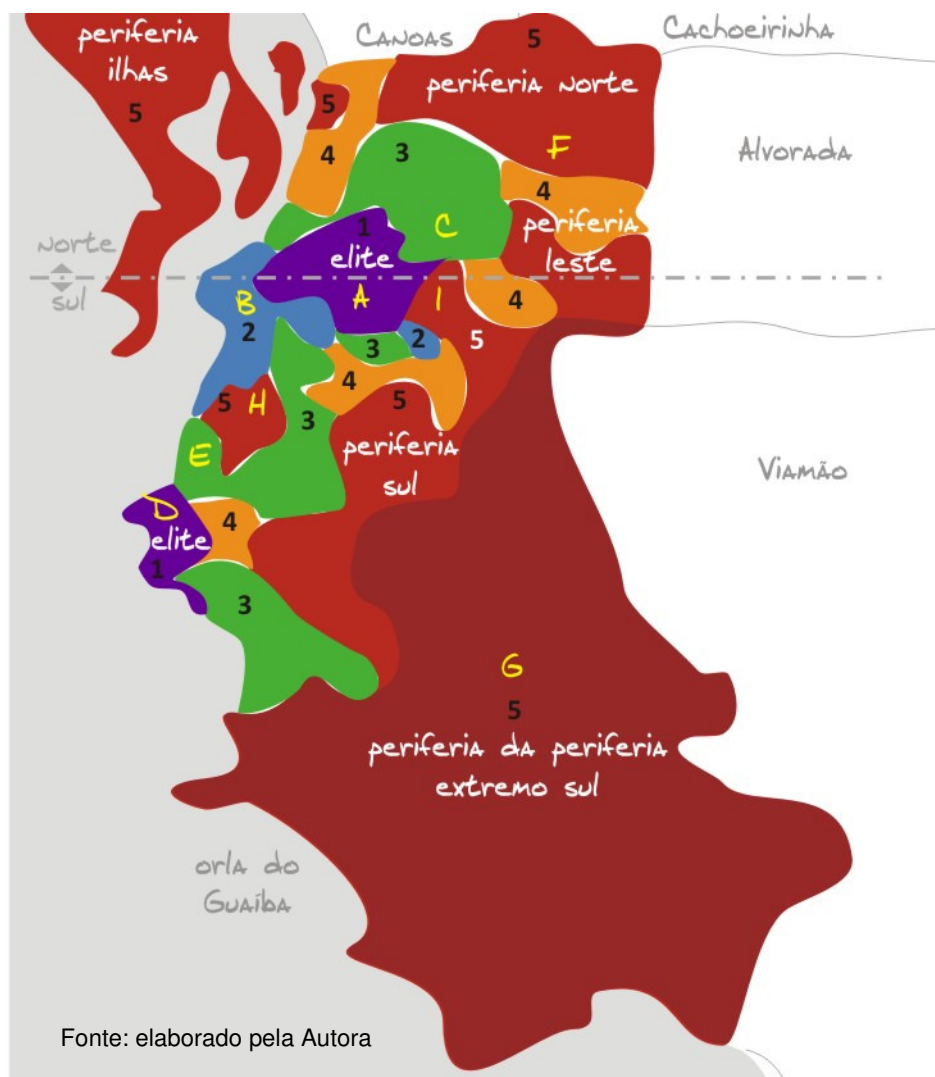
Como encaminhamento do estudo, a espacialização dos dados populacionais deixa claro que a presença das crianças respeita certa distribuição geográfica, o que faz com que os aspectos locacionais emergjam como fator relevante para a análise em curso. Por este motivo, no próximo item cabe analisar de forma mais detida como se dá a distribuição geográfica dos Perfis do Espaço Social, buscando compreender seu impacto sobre a experiência urbana das crianças.

3.3. Aspectos locacionais: as relações entre centro e periferia

Após verificar a correlação entre a distribuição das crianças de 7 a 14 anos e os Perfis do Espaço Social dos bairros, neste item, analisamos como se dá a distribuição geográfica dos perfis, observando quais as relações que estabelecem entre si. Procuramos destacar as relações de distância e proximidade entre perfis, a formação de núcleos socialmente identificados e, também, a presença do fenômeno de proximidade espacial e distância social, descrito no quadro teórico deste estudo, a fim de analisar de que forma os aspectos locacionais interferem no cotidiano das crianças.

Como vimos, a materialização dos Perfis do Espaço Social no espaço físico indica que bairros de mesmo perfil tendem a ser contíguos, conformando agrupamentos de bairros com características semelhantes. Buscando, agora, analisar de que forma os diferentes agrupamentos se inter-relacionam, elaboramos um diagrama, apresentado na Ilustração 47.

Ilustração 47 – Perfis de bairro e aspectos locacionais



Neste diagrama, ao traçarmos um eixo horizontal na altura do Centro Histórico, onde se origina a urbanização de Porto Alegre e que congrega até hoje as funções administrativas e seu principal polo de serviços e acessibilidade, subdividimos o município em duas porções, a porção norte e a porção sul. Em seguida, identificamos dois polos, configurados pelos bairros do Perfil 1, que articulam a distribuição dos demais perfis: um localizado a leste do Centro Histórico, em área reconhecida como de expansão elites, e outro situado na porção sul, junto à orla do Guaíba. Em ambos, verificamos que os perfis se distribuem gradativamente, do centro para a periferia, num movimento que vai dos bairros com maiores níveis de renda e escolaridade aos bairros com níveis inferiores.

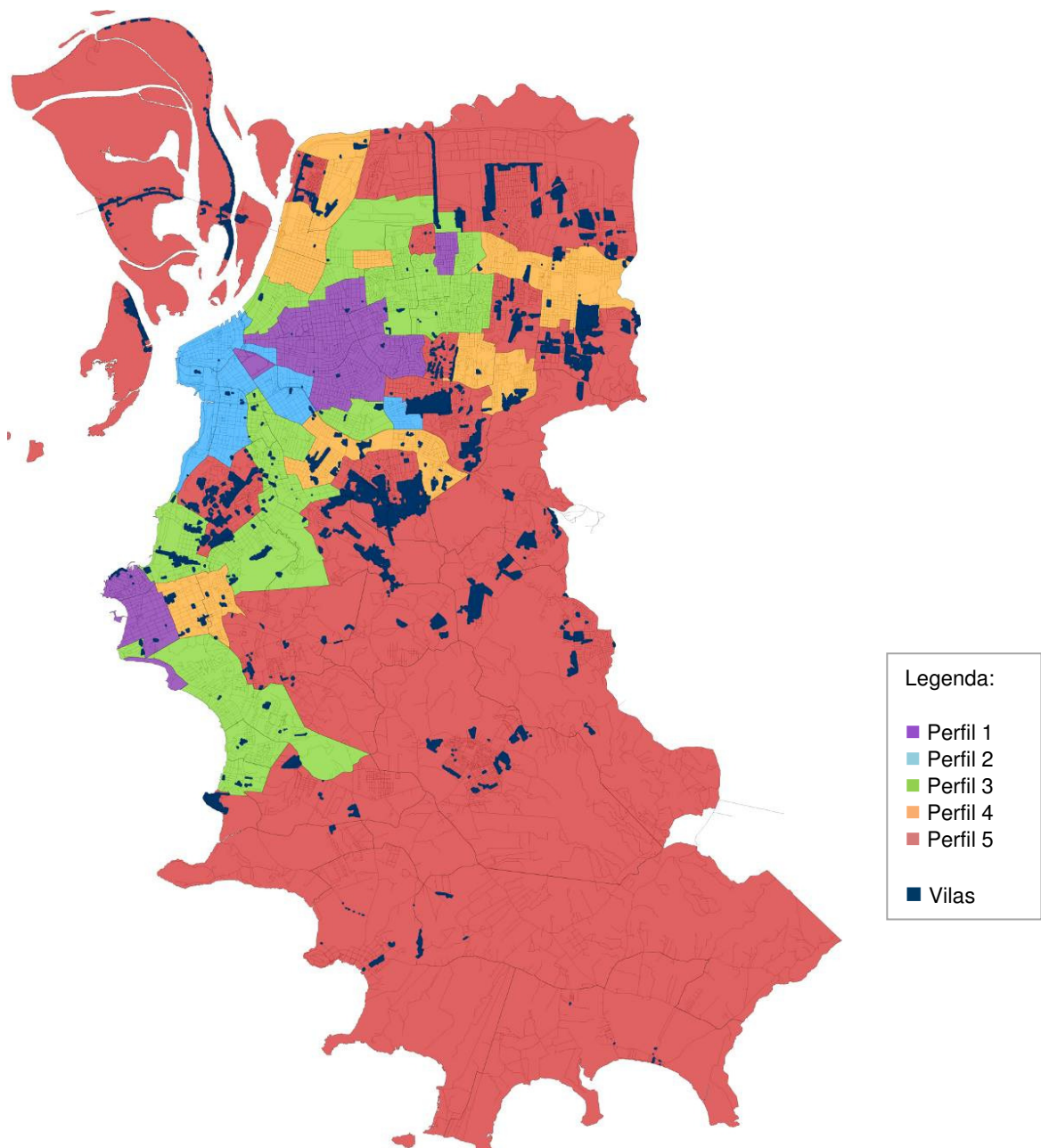
O polo central dos bairros do Perfil 1 (A) é cercado pelos bairros do Perfil 2, concentrados no Centro Histórico e ao sul dele, que são caracterizados por abrigar uma classe média altamente escolarizada (B), e pelos bairros do Perfil 3, principalmente em sua porção norte (C). Nitidamente, o Perfil 3 constitui um anel de interface, que atua na transição entre os perfis superiores e inferiores, podendo ser identificado como o perfil da classe média. O segundo núcleo da elite (D), situado junto à orla, também polariza a distribuição gradativa dos perfis, porém em menos níveis, pela ausência de um anel semelhante àquele constituído pelo Perfil 2 no primeiro núcleo. O Perfil 3 segue atuando como interface, neste caso junto com o Perfil 4 (E). Os bairros dos Perfis 4 e 5 se concentram nas zonas periféricas do município, e se situam, em sua maioria, para além da zona de interface configurada pelo Perfil 3.

As diferenças de densidade demográfica do Perfil 5, mencionadas anteriormente, demarcam a subdivisão deste perfil em duas zonas, que constituem uma periferia em dois níveis. O primeiro é formado pelos bairros dos Perfis 4 e 5 e compõe a periferia do núcleo central (F), subdividindo-se em periferias norte, leste e sul. O segundo nível (G), que poderíamos chamar de periferia da periferia, é constituído pelos bairros do Perfil 5 que apresentam baixíssima densidade, com menos de 20hab/ha, e constituem a denominada zona rururbana, localizada no extremo-sul do município.

A distribuição geográfica dos perfis permite, ainda, identificar uma área popular deslocada em relação às demais, localizada abaixo dos bairros do Perfil 2 e formada pelo bairro Santa Tereza, que se constitui como enclave pobre (H). Além desta, podemos identificar apenas um ponto de contato direto entre o Perfil 1 e o Perfil 5 junto ao polo central da elite, na zona conformada pelos bairros Três Figueiras, Chácara das Pedras e Bom Jesus (I). Tanto o enclave quanto esta interface apontam para a existência do fenômeno de proximidade espacial e distância social, mencionado no quadro teórico deste estudo, que pode ser melhor analisado através da identificação dos núcleos populares intra-bairros.

Para tanto, sobreposemos ao mapa dos Perfis do Espaço Social uma camada com a distribuição das vilas irregulares de Porto Alegre (Ilustração 48), de acordo com mapeamento fornecido pelo Observapoa. O termo vilas irregulares é utilizado pelo Departamento Municipal de Habitação (DEMHAB) como sinônimo para aglomerados subnormais, conforme terminologia do IBGE. Para o DEMHAB, tais termos definem núcleos que, em geral, são dispostos de forma desordenada e densa, em sua maioria, carentes de serviços públicos essenciais, cujos habitantes não são proprietários da terra e não têm nenhum contrato legal que lhes assegure permanência no local.

Ilustração 48 – Perfis de bairro e Vilas Irregulares



Fonte: elaborado pela Autora, a partir do mapeamento do DEMHAB fornecido, em SIG, pelo Observapoa.

O acréscimo desta camada explicita a concentração das vilas irregulares nos bairros do Perfil 5 e, também, sua existência, de forma mais esparsa, nos bairros dos Perfis 4 e 3. A presença pontual de vilas irregulares nos bairros dos Perfis 1 e 2 indica que o fenômeno da distância social é menos frequente na escala intra-bairro. Isto indica que o contato entre crianças de diferentes estratos socioeconômicos tende a ficar restrito às situações de contiguidade entre bairros de diferentes Perfis.

Por fim, ao sobrepor os resultados da análise dos aspectos demográficos aos aspectos locacionais examinados, constatamos que há uma grande concentração de crianças de 7 a 14 anos nas áreas periféricas do município de Porto Alegre. Associando a presença de crianças às zonas do município elencadas na Ilustração 47, observamos que a periferia porto-alegrense (F), em suas porções norte, leste e sul, reúne mais da metade da população na faixa etária analisada. A chamada periferia da periferia (G) é a segunda zona com maior número de crianças. Em seguida, vêm as duas zonas de interface, dos polos 1 (C) e 2 (E); o polo central (A); a zona altamente escolarizada do Perfil 2 (B); e, por fim, o polo da orla (D).

Sendo assim, verificamos que há uma convergência entre a distribuição dos Perfis do Espaço Social, as relações centro-periferia e a presença de crianças. Temos, portanto, três gradações sobrepostas: bairro rico – classe média – bairro pobre; centro – interface – periferia; menos crianças – média – mais crianças. Logo, temos que os bairros ricos e escolarizados ocupam as zonas centrais e abrigam menor número de crianças, enquanto os bairros pobres e menos escolarizados concentram-se em zonas periféricas, com significativa presença de crianças. A classe média atua como interface na localização de ricos e pobres, apresentando níveis médios de renda, escolaridade e percentuais de população infantil.

Para compreender de que forma as diferenças de localização afetam a experiência urbana das crianças, é necessário caracterizar morfológica e espacialmente os bairros de cada perfil. Como vimos no quadro teórico, a noção de periferia se constitui, historicamente, como lugar da falta de infraestrutura urbana, equipamentos de lazer, meios de transporte. Até aqui, pudemos constatar que os bairros periféricos de Porto Alegre possuem, em sua maioria, condições precárias de saneamento, no entanto, cabe verificar como se estruturam urbanisticamente, buscando compreender se se constituem como espaços carentes de equipamentos coletivos e de espaços abertos, ou, se superam a noção da periferia analítica e garantem condições de lazer e bem-estar aos seus moradores.

3.4. Aspectos morfológico-espaciais: diferentes tipos de tecido urbano

Este item analisa, mais detidamente, as características do espaço físico dos bairros de cada Perfil do Espaço Social, buscando identificar as diferentes combinações do tecido urbano existentes em Porto Alegre, a fim de relacioná-las, posteriormente, à experiência urbana das crianças. Como elementos de definição do tecido dos perfis, tomamos, além da tipologia habitacional predominante e das condições de infraestrutura urbana, a localização de equipamentos coletivos e dos espaços abertos, e a distribuição das vilas irregulares e dos condomínios fechados. Levamos em conta, ainda, o histórico dos bairros, a fim de caracterizar as funções urbanas predominantes. Dessa forma, pretendemos identificar se há relação entre os Perfis do Espaço Social e os tipos de tecido urbano.

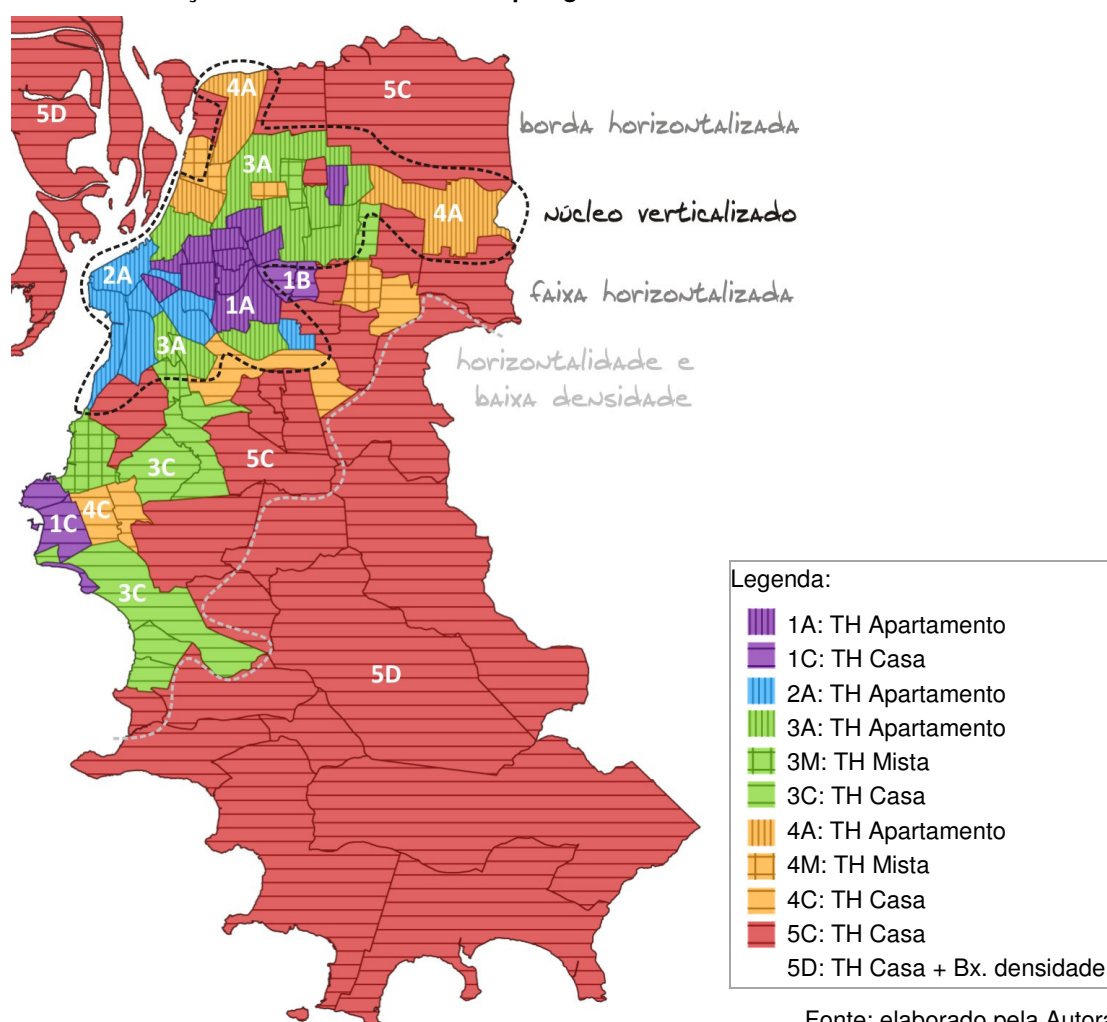
A escolha dos elementos definidores leva em conta aspectos apontados pelo quadro-teórico como interferentes da relação da criança com a cidade, bem como a disponibilidade de informações. Quanto à tipologia habitacional, considera-se que a variação na predominância de casas ou apartamentos implica não só em uma paisagem urbana distinta, marcada pela horizontalidade ou pela verticalidade, mas, possivelmente, em uma relação diferenciada com a rua. Acredita-se que, da mesma forma, a presença de condomínios fechados interfira não só na paisagem urbana, pela separação através de muros entre público e privado, mas também no contato com a rua, principalmente pela constituição de um espaço intermediário de caráter semi-privado. Além disso, busca-se confirmar se a localização dos condomínios está associada ao espaço social dos ricos, em caráter semelhante à associação entre vilas irregulares e espaço dos pobres. Em paralelo, considera-se que as condições de infraestrutura também constituem a paisagem urbana, pelas diferenças no aspecto físico de áreas carentes de saneamento básico e zonas bem dotadas, além de indicarem a materialização da hierarquia social no espaço físico e, provavelmente, interferirem na qualidade da experiência do espaço público.

Em relação aos equipamentos coletivos, adotam-se as escolas e os shoppings centers, porque enquanto a escola possui grande centralidade no cotidiano da criança e, possivelmente, articula a rede dos espaços vividos, os shoppings centers tendem a ser apontados como um dos elementos centrais na constituição de um novo tipo de experiência, marcada pela sociabilidade em espaços fechados, em oposição à sociabilidade fundada na rua como espaço de lazer. A inclusão das praças e dos parques se justifica porque os espaços abertos são tidos como elemento de transição na experiência que vai da rua ao shopping, e também porque tendem a assumir, junto com as escolas, posição central na definição de políticas de planejamento urbano que tenham as crianças como alvo.

Por fim, o exame das funções urbanas diferencia as zonas marcadas pela diversidade de usos, nas quais a função residencial está associada, fundamentalmente ao uso comercial, e aquelas de uso exclusivamente residencial. Considera-se que essa diferenciação pode implicar em variações na animação e frequência dos espaços públicos e, conseqüentemente, na experiência urbana das crianças.

Começando pela tipologia habitacional predominante (THP) nos bairros de cada perfil (Ilustração 49), verificamos que enquanto os Perfis 2 e 5 apresentam homogeneidade tipológica, com predomínio, respectivamente, de apartamentos (2A) e casas (5C), os demais perfis possuem mais de uma tipologia predominante.

Ilustração 49 – Perfis de bairro e Tipologia Habitacional Predominante



Fonte: elaborado pela Autora

As variações na tipologia habitacional predominante dão origem a subperfis: 1A (apartamento); 1C (casa); 3A (apartamento); 3M (mista); 3C (casa); 4A (apartamento); 4M (mista); e 4C (casa). A exceção do Perfil 4, que possui grande fragmentação entre os bairros, os demais subperfis tendem a conformar agrupamentos de acordo com a tipologia predominante.

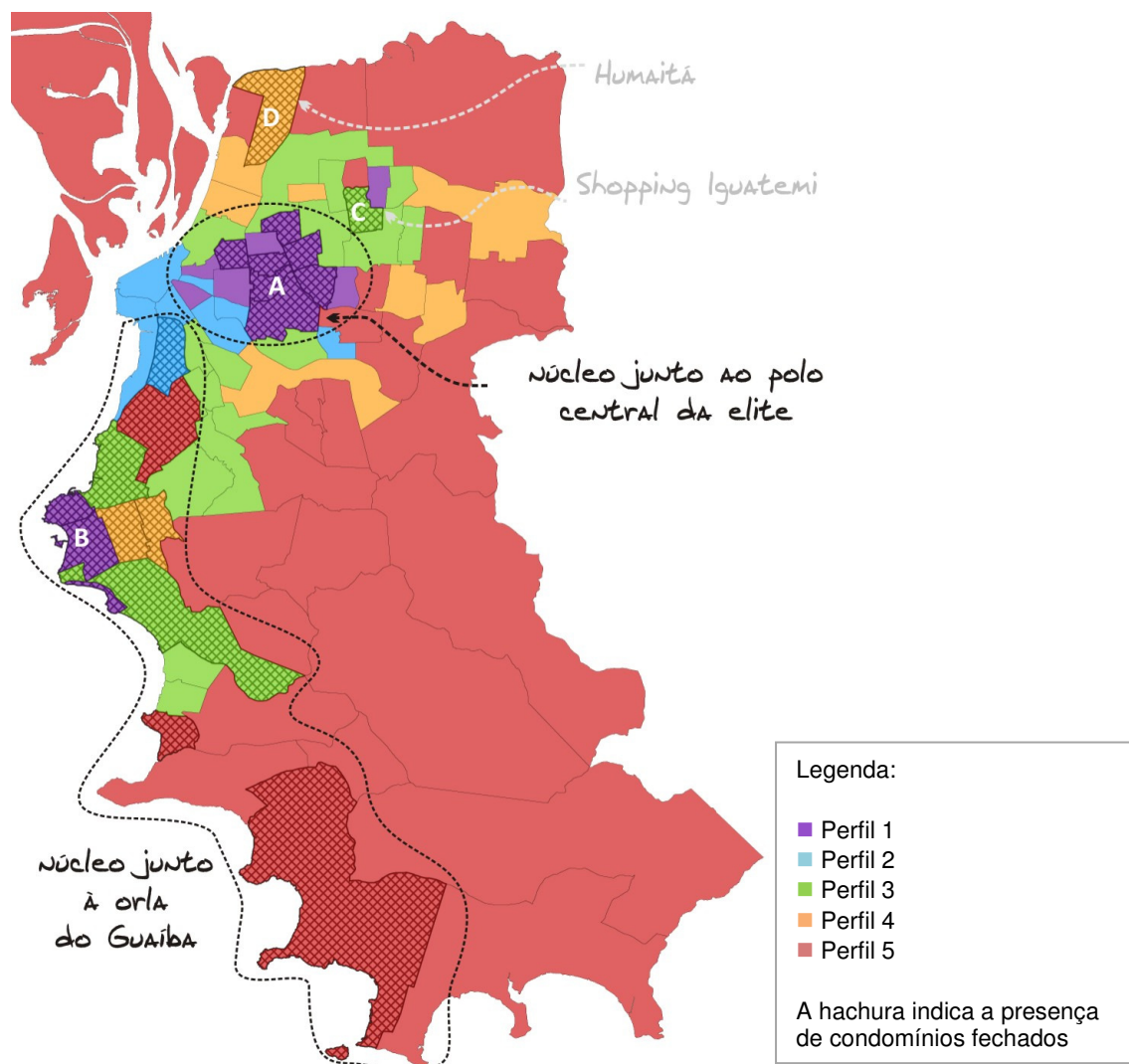
Além disso, sem considerarmos a classificação em Perfis do Espaço Social, os bairros com mesma THP conformam dois grandes grupos no município: um na porção central em torno do eixo que divide norte e sul, no qual há predomínio de apartamentos e que constitui um núcleo verticalizado; e outro nas áreas periféricas, onde há predomínio de casas, sendo marcado pela horizontalidade. Como já vimos, há ainda um terceiro grupo, também marcado pela horizontalidade, que se constitui a partir das baixas densidades demográficas no extremo-sul do município (5D).

Analisando, agora, a presença de condomínios fechados em Porto Alegre, tomamos os bairros citados por três fontes como referência. Primeiro por Ueda (2005), em estudo no qual são identificados os principais empreendimentos imobiliários desta natureza tendo como base o biênio 2003-2004. A autora verifica a existência de dois tipos de condomínio fechado em Porto Alegre: as torres e condomínios inteligentes verticais e os condomínios horizontais fechados. Ambos se caracterizam pelo uso exclusivamente residencial, pelo cercamento, pelas amplas áreas de lazer e pelos sistemas de vigilância. Ueda constata que a construção de condomínios fechados verticais tem se concentrado nos bairros Bela Vista, Cristal, Cristo Redentor, Higienópolis, Menino Deus, Moinhos de Vento, Mont`Serrat, Petrópolis e Três Figueiras, enquanto os condomínios fechados horizontais se concentram nos bairros Belém Novo, Cavalhada, Cristal, Tristeza, Vila Assunção e Vila Conceição.

A segunda fonte é a dissertação de Becker (2005), que versa sobre o desempenho interno e o impacto urbano dos condomínios fechados horizontais de Porto Alegre, no qual a presença de condomínios desta natureza é citada nos bairros Boa Vista, Camaquã, Cavalhada, Cristal, Higienópolis, Humaitá, Ipanema, Nonoai, Santa Tereza, Tristeza e Vila Assunção. Por último, tomamos como fonte o histórico dos bairros (SPM, 2011), elaborado pela administração municipal, que identifica a presença de condomínios fechados horizontais nos bairros Camaquã, Cavalhada, Humaitá, Pedra Redonda e Serraria.

Através da articulação destas fontes, identificamos a presença de condomínios fechados em 22 bairros de Porto Alegre, de acordo com a Ilustração 50 (próxima página). Constatamos, também, a formação de dois agrupamentos: um no polo central, composto por bairros do Perfil 1 (A), e outro na orla do Guaíba, onde se encontra o segundo polo de bairros do Perfil 1, mas que inclui bairros de todos os perfis (B). Há condomínios fechados, ainda, em dois bairros isolados em relação aos demais: o Cristo Redentor, possivelmente pela proximidade com o Shopping Iguatemi (C) e o Humaitá, no limite nordeste do município (D).

Ilustração 50 – Perfis de bairro e Condomínios Fechados

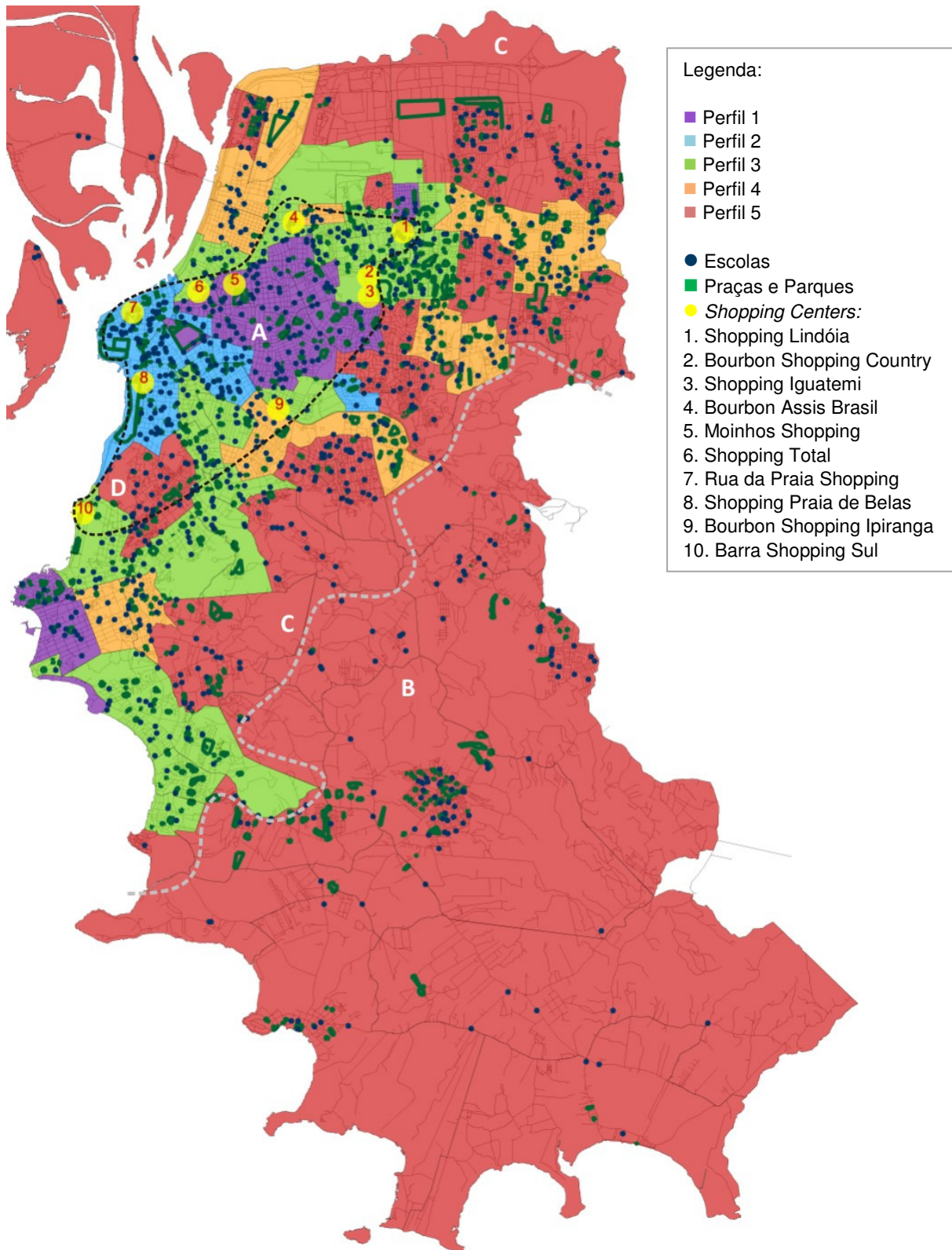


Fonte: elaborado pela autora, a partir de Ueda (2005); Becker (2005) e SPM (2011)

Não há, portanto, correlação direta entre os Perfis do Espaço Social e a presença de condomínios fechados, apesar do predomínio dos bairros do Perfil 1 (10 bairros) dentre os que possuem este tipo de empreendimento. O Perfil 3 é o segundo com maior número, num total de cinco bairros, enquanto os Perfis 4 e 5 possuem três e o Perfil 2, talvez por se tratar daquele com tecido mais consolidado, apenas um. Verificamos que há uma correlação entre o tipo de condomínio fechado e a tipologia habitacional predominante, uma vez que os condomínios horizontais prevalecem em áreas onde há predomínio de casas, enquanto os verticais estão nos bairros com predomínio de apartamentos.

Partimos para o exame da presença de equipamentos coletivos nos bairros de cada Perfil do Espaço Social, a fim de verificar se há diferenças na provisão de equipamentos educacionais e recreativos e de espaços abertos nos diferentes perfis. Para esta análise, foram sobrepostas três camadas aos perfis de bairro (Ilustração 51, próxima página).

Ilustração 51 – Perfis de bairro, Shoppings, Escolas, Praças e Parques



Fonte: elaborada pela Autora, a partir de mapeamento de escolas, praças e parques fornecido pelo Observapoa

A primeira camada contém o mapeamento das escolas federais, estaduais, municipais e privadas de Porto Alegre, com base no ano de 2011, fornecido pelo

Observapoa em formato SIG. A segunda abrange as praças e os parques do município, também mapeados pela administração municipal, no ano de 2010, e fornecidos pelo Observapoa. Por fim, a terceira camada engloba os principais shoppings centers da cidade, mapeados em SIG pela autora.

Através da sobreposição mostrada na Ilustração 51 (página anterior), verificamos que a distribuição de espaços abertos e equipamentos educacionais varia segundo os níveis de localização dos bairros, de acordo com a divisão centro, periferia e periferia da periferia. A presença de escolas, praças e parques é mais intensa nas áreas centrais, principalmente no polo central da elite e nos bairros adjacentes (A), e vai se tornando mais esparsa nas áreas mais afastadas do centro, sendo bastante rarefeita na chamada periferia da periferia (B). Por este motivo, os bairros do Perfil 5, localizados em sua maioria nas áreas periféricas, são menos providos deste tipo de equipamento, enquanto os bairros dos Perfis 1 e 2 os apresentam em maior concentração. No entanto, não é possível afirmar se e como os aspectos socioeconômicos afetam esta distribuição, ou se ela é, apenas, resultado dos aspectos locacionais, uma vez que fica nítido que a distribuição dos equipamentos acompanha a consolidação do tecido viário, sendo ausente nos vazios urbanos (C).

A disposição dos shoppings centers, por sua vez, está, visivelmente, associada à materialização do espaço social no espaço físico, uma vez que tais equipamentos comerciais se localizam, prioritariamente, em zonas próximas aos perfis superiores (ainda na Ilustração 51). O perímetro criado pela união dos pontos onde estão localizados os shoppings de Porto Alegre conforma, inclusive, uma espécie de borda do núcleo central que reúne a maioria dos bairros do Perfil 1 e aqueles do Perfil 2 (D).

Sobrepondo as camadas analisadas até aqui (tipologia habitacional predominante, presença de vilas irregulares, condomínios fechados, escolas, shoppings centers, praças e parques, e condições de saneamento) ao histórico dos bairros e à descrição das macrozonas urbanas, ambos disponibilizados pela Secretaria de Planejamento Municipal (SPM, 2011)¹⁸ e que descrevem as funções urbanas, buscamos caracterizar o espaço físico conformado pelos bairros de Porto Alegre.

A partir das características morfológico-espaciais encontradas, identificamos os tipos de tecido urbano presentes no município. Tomando o quadro teórico deste estudo como

18 Documentos produzidos por técnicos da administração municipal. Disponíveis, respectivamente, em:
http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p_secao=128. Acesso em 20 out. 2011.
http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=1&p_secao=193. Acesso em 20 out. 2011.

referência, em especial o item 1.6 que aborda as características do espaço físico e os elementos componentes da forma urbana¹⁹, classificamos os tipos de tecido urbano encontrados em: rururbano; irregular; tradicional; tradicional vertical; modernista e contemporâneo. Descrevendo cada um deles de forma bastante sintética, consideramos que o tecido rururbano é marcado pela ocupação rarefeita, pela malha viária pouco consolidada, pelas baixas densidades demográficas e pelo uso produtivo da terra. O tecido irregular delimita a presença de aglomerados subnormais com mais de 50 domicílios, cuja malha viária é caracterizada por becos e vielas e pelas condições precárias de saneamento.

O tecido tradicional é constituído por quarteirões e lotes regulares, cujas edificações possuem relação direta com o espaço público. A variação vertical do tecido tradicional emerge pela existência de zonas altamente verticalizadas que guardam as características deste tecido. O tecido modernista é marcado pela nítida delimitação das funções no espaço urbano e pelas zonas residenciais que se estruturam em meio às áreas verdes, principalmente através do desenho das superquadras. Por fim, o tecido contemporâneo é aquele em que se destacam os condomínios fechados, espaços residenciais cuja relação entre público e privado se dá de forma indireta.

Nos termos desta classificação, que leva em conta a sobreposição dos elementos analisados, consideramos que os únicos tipos de tecido que se manifestam de forma isolada em Porto Alegre são o tradicional e o tradicional vertical, os demais estão sempre associados a outros tipos. Por este motivo, os bairros foram classificados segundo as combinações de tecido urbano que os configuram, num total de dez categorias, listadas na Tabela 10. A Tabela do Anexo E apresenta a classificação dos bairros de cada Perfil do Espaço Social, organizados em ordem alfabética, segundo o perfil e a categoria do tecido urbano. As siglas utilizadas no anexo são as mesmas da Tabela 10.

Tabela 10 – Combinação de tipos de tecido urbano em Porto Alegre

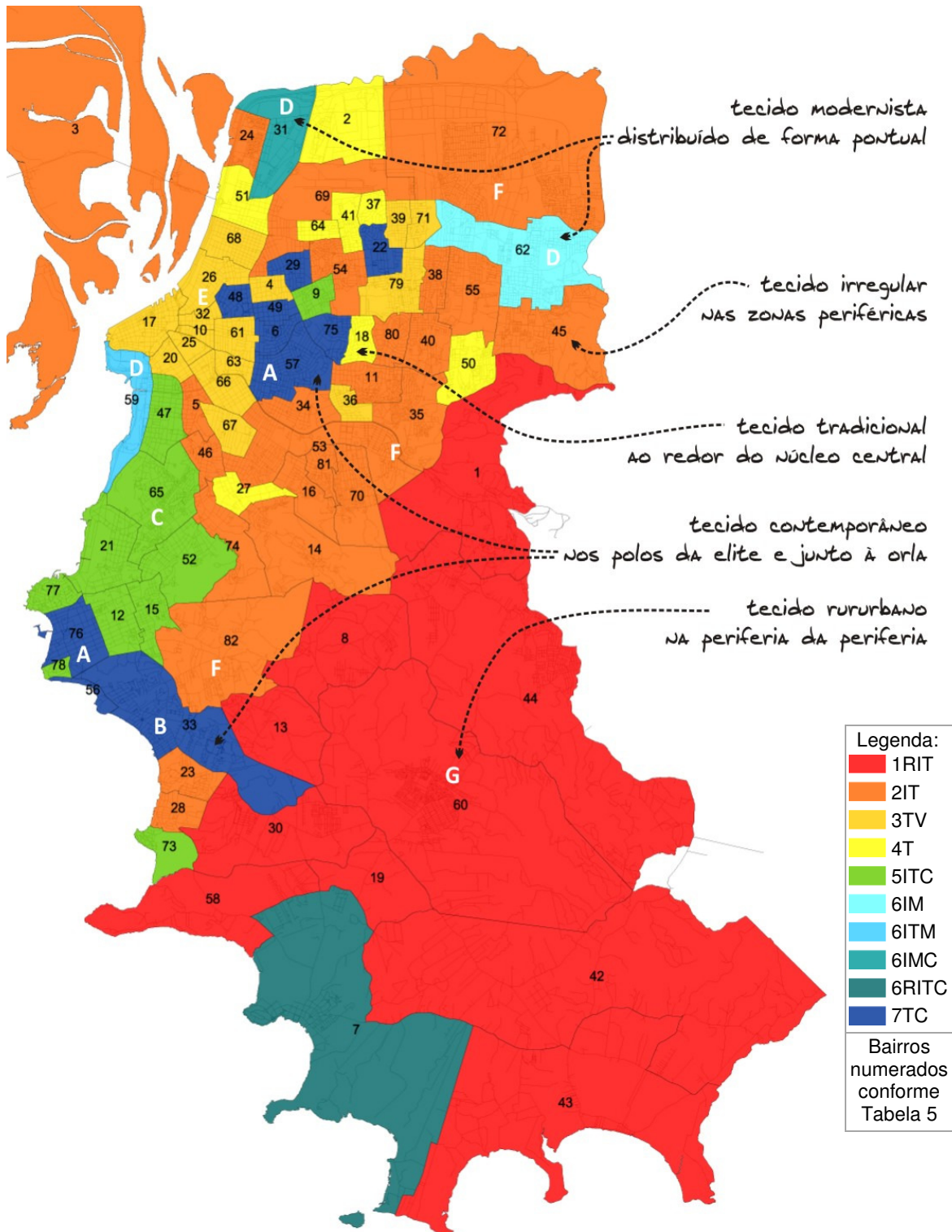
Sigla	Combinação de tecidos urbanos
1RIT	rururbano e irregular e tradicional
2IT	irregular e tradicional
3TV	tradicional vertical
4T	tradicional
5ITC	irregular e tradicional e contemporâneo
6IM	irregular e modernista
6IMC	irregular e modernista e contemporâneo
6ITM	irregular e tradicional e modernista
6RITC	rururbano e irregular e tradicional e contemporâneo
7TC	tradicional e contemporâneo

Fonte: elaborado pela Autora

¹⁹ Vide Ilustração 14 – Elementos que compõem o sistema urbano, p.48.

Antes de descrever os tipos de tecido urbano em cada perfil, apresentamos a espacialização das combinações encontradas nos bairros de Porto Alegre, na Ilustração 52.

Ilustração 52 – Espacialização dos tipos de tecido urbano, segundo classificação própria



Fonte: elaborado pela Autora

Analisando a distribuição espacial dos diferentes tipos de tecido urbano, conforme Ilustração 52 (página anterior), verificamos que há uma concentração do tecido contemporâneo junto aos dois polos da elite (A), onde aparece associado ao tecido tradicional. Este tecido também é encontrado nas proximidades da orla do Guaíba (B), onde prevalece a associação ao tecido irregular, inclusive, pela configuração de um núcleo (C), abaixo do Centro Histórico, de bairros que mesclam o tecido tradicional às vilas irregulares e aos condomínios fechados. O tecido modernista se manifesta de forma pontual, sempre associado ao tecido irregular e, por vezes, combinado com os tecidos tradicional ou contemporâneo (D). O tecido tradicional esta presente em toda área urbana, sendo predominante, em sua variação vertical, no 2º anel do polo central e em suas imediações (E). À medida que se afasta do centro, este tecido se manifesta associado ao tecido irregular, que prevalece na periferia urbana (F). Em associação com o tecido rururbano, o tecido irregular predomina, também, na chamada periferia da periferia (G).

Examinando a relação entre os tipos de tecido urbano e os Perfis do Espaço Social, constatamos que os tecidos tradicional, irregular e contemporâneo aparecem nos bairros de todos os perfis, enquanto o tecido tradicional vertical só não aparece nos bairros do Perfil 5. O tecido modernista, por sua vez, se manifesta nos bairros dos Perfis 2 e 4, enquanto o tecido rururbano fica restrito aos bairros do Perfil 5.

Ao observar a configuração urbana dos bairros de cada perfil, verificamos que o Perfil 1 apresenta predomínio do tecido tradicional, principalmente em sua variação vertical, e do tecido contemporâneo, com baixa incidência do tecido irregular. Em linhas gerais, seus bairros configuram três grupos com características morfológico-espaciais distintas. O primeiro, no núcleo central, reúne bairros residenciais com variedade de comércio e serviços, no qual predominam a tipologia de apartamentos e as altas densidades demográficas. Esta área é bem servida de equipamentos educacionais e recreativos, possuindo dois dos principais parques urbanos do município, o Parque Farroupilha (Redenção) e o Parque Moinhos de Vento (Parcão), nela também se localizam dois shoppings centers. Há, ainda, no núcleo central do Perfil 1, um outro grupo, formado por bairros essencialmente residenciais, onde a tipologia habitacional predominante é de casas e a presença de condomínios fechados é intensa. Por fim, o terceiro grupo deste perfil, localizado junto à orla do Guaíba, apresenta características semelhantes ao segundo, por agrupar bairros essencialmente residenciais, com predomínio de casas e grande incidência de condomínios fechados horizontais, mas se destaca pela influência do modelo urbanístico da Cidade-jardim, que implica na abundância de áreas verdes.

O Perfil 2 é bastante homogêneo em termos morfológico-espaciais e apresenta predomínio do tecido tradicional, principalmente em sua variação vertical, com baixa incidência dos tecidos irregular, modernista e contemporâneo. Este perfil reúne bairros residenciais com presença de comércio e serviços, caracterizados pela predominância de apartamentos e pelas altas densidades, bem como pela proximidade com *campi* universitários. Bem provido de equipamentos educacionais e recreativos, contém dois dos shoppings centers da cidade e se destaca por abrigar o Centro Histórico, uma grande diversidade de prédios públicos e dois parques urbanos, o Parque Marinha do Brasil e o Parque Harmonia.

O Perfil 3 apresenta predomínio do tecido tradicional, também na variação vertical, e do tecido irregular, com incidência de tecido contemporâneo. Seus bairros configuram três grupos, com distintas características urbanas. O primeiro grupo reúne bairros que se destacam pelos centros comerciais e de serviços e pela predominância da tipologia de apartamentos, possuindo um núcleo na porção norte e outro na porção sul. O segundo grupo reúne bairros basicamente residenciais, marcados pelo ar tranquilo e pelas ruas arborizadas, e possui três núcleos na porção sul do município. Há ainda um terceiro grupo, que agrupa bairros residenciais com atividades comerciais, de serviços e industriais, caracterizados pelas ruas arborizadas e pelo predomínio de casas localizados na porção norte da cidade. Assim como os perfis anteriores, é bem provido de equipamentos educacionais e recreativos, se destacando pela presença de seis shoppings centers.

O Perfil 4 possui predomínio dos tecidos tradicional e irregular, com incidência dos tecidos contemporâneo e modernista. Possui dois grupos de bairros, sendo que o primeiro reúne bairros essencialmente residenciais com pequeno comércio local, que se subdivide em outros dois grupos. Um deles caracterizado pelo tecido modernista de grandes conjuntos habitacionais de apartamentos, marcado ora pela presença de condomínios fechados, ora pela presença de vilas irregulares. O outro subgrupo é caracterizado pelo tecido tradicional com predomínio de casas e possui um núcleo na porção norte e outro na porção sul. O segundo grupo reúne bairros que mesclam características residenciais e comerciais. Este perfil possui ainda bairros com características industriais. É bem provido de equipamentos educacionais e recreativos, sobretudo pela presença de praças e do Parque Mascarenhas de Moraes, mas apresenta alguns vazios sem equipamentos. Neste perfil não há nenhum shopping center.

Por fim, o Perfil 5 apresenta predomínio dos tecidos tradicional, irregular e rururbano, com baixa incidência de tecido contemporâneo. Este perfil apresenta dois grupos de bairros, um que reúne bairros essencialmente residenciais com pequeno comércio local, que

mesclam pequenos conjuntos habitacionais da iniciativa pública e vilas irregulares, localizados na porção centro-leste e na porção sul. O outro grupo é marcado pelas feições rurais e se concentra no extremo-sul do município, na área que denominamos periferia da periferia. Neste grupo, destacam-se núcleos urbanos mais consolidados, que reúnem o comércio local que atende os demais bairros. A área conformada pelos bairros deste perfil apresenta grande incidência de vilas irregulares, e se destaca pela emergência pontual de condomínios fechados. Quanto aos equipamentos educacionais e recreativos, este é o perfil que apresenta menor provisão, com concentração nos núcleos consolidados e grandes áreas onde sua presença é rarefeita.

Diante da análise realizada acerca do município de Porto Alegre, é possível afirmar, primeiro, que há uma relação entre estratos superiores e tecido contemporâneo, pela presença de condomínios fechados, sobretudo, no Perfil 1, da mesma forma que entre estratos inferiores e tecido irregular, pela presença de vilas, nos Perfis 3, 4 e 5. No entanto, a relação não é estrita, uma vez que ambos os tecidos aparecem em bairros de outros perfis. O tecido rururbano, sim, está associado, diretamente ao Perfil 5 e, especificamente, à localização mais periférica. Logo, constatamos que a correlação entre Perfis do Espaço Social e tecido urbano existe, em maior ou menor grau, dependendo do tipo de tecido.

Quanto à provisão de equipamentos de lazer e recreação, observamos que os bairros dos Perfis 4 e 5, são, realmente, menos providos de escolas, praças e parques, sendo completamente desprovidos de shoppings centers, enquanto os bairros dos Perfis 1, 2 e 3 apresentam maior provisão destes equipamentos. Contudo, não é possível afirmar se isto se dá por questões socioeconômicas ou de estruturação da malha urbana.

Até aqui, pudemos compreender como se estrutura o espaço urbano de Porto Alegre, em seus aspectos locacionais, morfológicos e espaciais, verificando, inclusive, como se dá a distribuição das crianças de 7 a 14 anos. Observamos que a estrutura centro, periferia e periferia da periferia é bem delimitada, em termos morfológicos e também demográficos. Vimos que as crianças se concentram nos bairros pobres, sobretudo, nas áreas periféricas e que estas áreas são menos providas de equipamentos coletivos diretamente relacionados à experiência cotidiana do que as demais.

Sendo assim, partimos, agora, para a análise da experiência urbana em si, buscando compreender como se dá o cotidiano na cidade de Porto Alegre. Objetivamos, com isso, analisar as práticas espaciais a fim de confrontá-las, num segundo momento, com a estrutura sócio-espacial, caracterizada nos itens anteriores deste capítulo.

3.5. Aspectos cotidianos: o mapeamento dos espaços vividos

Após analisar a estrutura sócio-espacial de Porto Alegre, em seus aspectos demográficos, locacionais e morfológico-espaciais, este item se debruça sobre os aspectos cotidianos da experiência urbana. Nesta etapa, o humano é acionado como principal fonte de informação, através da análise das práticas espaciais e dos espaços vividos.

As informações apresentadas aqui foram coletadas em uma atividade exploratória, realizada com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAp/UFRGS). O CAp é uma instituição federal, cujo ingresso se dá mediante sorteio e, por este motivo, reúne estudantes de distintas origens socioeconômicas e culturais. Tal característica foi vista como uma oportunidade de atender, de forma bastante objetiva, uma das premissas elencadas no quadro teórico-epistemológico do estudo: a ideia de que a vivência das crianças e adolescentes na cidade contemporânea está associada à multiplicidade, que implica num universo de experiências muito diversas entre si.

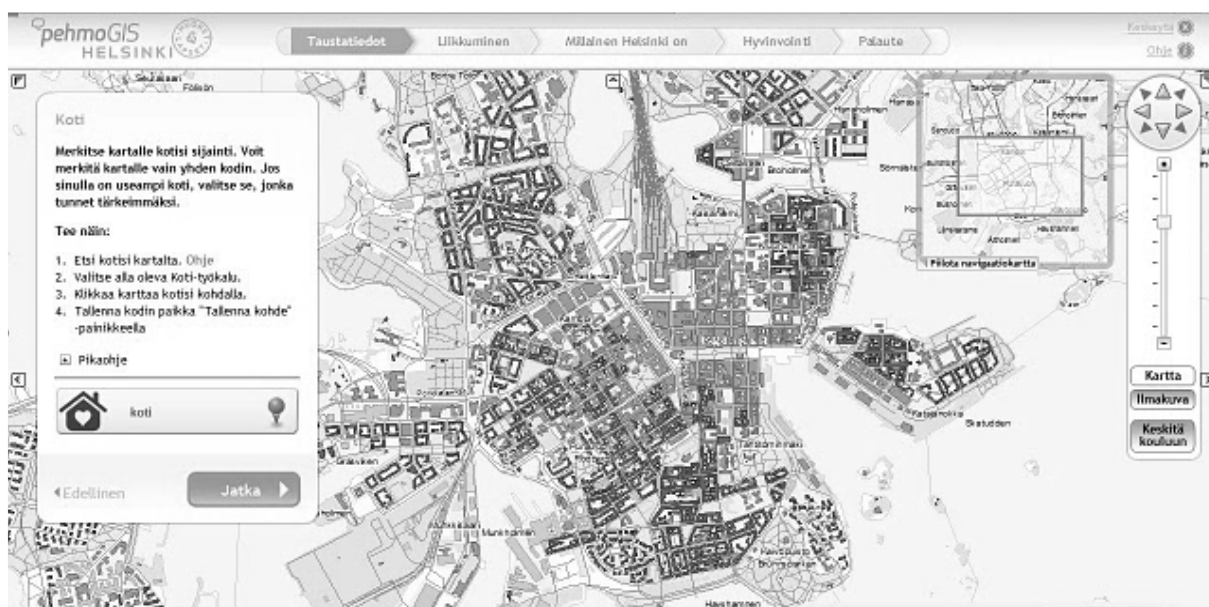
De fato, como ficará claro a seguir, a Turma 81 reunia estudantes das mais diversas origens. Composta por 31 alunos, a turma possuía 16 meninas e 15 meninos, com idades entre 13 e 16 anos. A questão da idade emergiu, inicialmente, como uma preocupação, pois o recorte etário do estudo iniciava nos sete e tinha os 14 anos como limite. Contudo, o receio de que a investigação pudesse fugir do foco, em função da faixa etária dos estudantes, foi se dissipando à medida que a atividade se caracterizava como estudo piloto, com potencial de ser aplicado em turmas de outras idades. Além disso, pelo fato de a faixa etária dos estudantes ser marcada pela transição nos níveis de autonomia, seria interessante analisar a incidência do recolhimento ao privado sobre estes indivíduos que, em tese, já estariam em vias de consolidar seu domínio sobre o espaço público²⁰.

A oficina intitulada “Por onde andam as crianças? Discutindo a experiência urbana na cidade contemporânea”, foi desenvolvida em duas etapas, durante as aulas da disciplina de Geografia, ministradas pela Professora Ana Clara Fernandes. A primeira etapa consistiu no mapeamento dos espaços vividos, realizado a partir da formação de grupos de acordo com o local de moradia e o Perfil de bairro correspondente. A ideia de mapear os espaços vividos surgiu, inicialmente, a partir da obra de Moore e Young (1980), na qual os autores apresentam um mapa dos limites de autonomia de meninos e meninas, ao discutir as

²⁰ A incorporação dos adolescentes como informantes exigiu um cuidado com a nomenclatura utilizada, uma vez que não se tratam de crianças. Sendo assim, os informantes são identificados pelos termos estudante(s) ou respondente(s). O termo criança(s) passa a ser utilizado junto com adolescente(s), para generalizações que não digam respeito, especificamente, às informações sobre o cotidiano dos estudantes.

práticas infantis nos espaços abertos²¹. Além desta, tomamos como referência o projeto desenvolvido por Kyttä e Broberg (2011)²², no qual as autoras investigam a mobilidade independente por meio de questionários nos quais as próprias crianças mapeiam suas rotas diárias através de ferramentas de geoprocessamento (Ilustração 53).

Ilustração 53 – Referência para o mapeamento de espaços vividos



Fonte: Kyttä e Broberg (2011)

A etapa de mapeamento foi estruturada a partir de seis perguntas, relacionadas às práticas e aos lugares do cotidiano dos participantes: (i) “Onde você mora?”; (ii) “Onde fica sua escola?”; (iii) “Que lugares frequenta durante a semana?”; (iv) “E no final de semana, aonde você vai?”; (v) “Onde moram seus amigos e parentes?”; (vi) “Qual o lugar mais longe de casa que já foi sozinho?”. A elaboração das questões levou em conta o roteiro apresentado na pesquisa finlandesa, tomando como subsídio, também, elementos do quadro teórico deste estudo, principalmente nas questões relativas à sazonalidade, pela diferença entre as práticas de dias úteis e finais de semana, e à autonomia, associada à liberdade da criança de circular sozinho pela cidade.

O mapeamento foi realizado no dia 28 de setembro de 2011 e, após uma breve introdução em que foram expostos os objetivos da pesquisa e um exemplo do mapa, a atividade se desenvolveu em duas fases. Na primeira, a turma foi subdividida em grupos, de acordo com a classificação do espaço social dos bairros de moradia, de forma que cada grupo de estudantes correspondesse a um Perfil de bairro, numa escala de 1 a 5. Os bairros componentes de cada perfil foram apresentados, um a um, através da projeção de slides.

²¹ Vide Ilustração 3 – Diferenças nos limites da atuação urbana de meninos e meninas, p.30.

²² Trata-se do projeto intitulado “Soft GIS Children – Helsinki”, realizado na Finlândia e disponível no site <http://pehmoGIS.tkk.fi/lastengis/fi/lasten.html>.

Na segunda fase, foi feita a marcação das respostas de cada estudante no mapa do grupo, em folha e cores padronizadas, conforme modelo da Ilustração 54.

Ilustração 54 – Exemplo do mapa dos espaços vividos apresentado aos estudantes



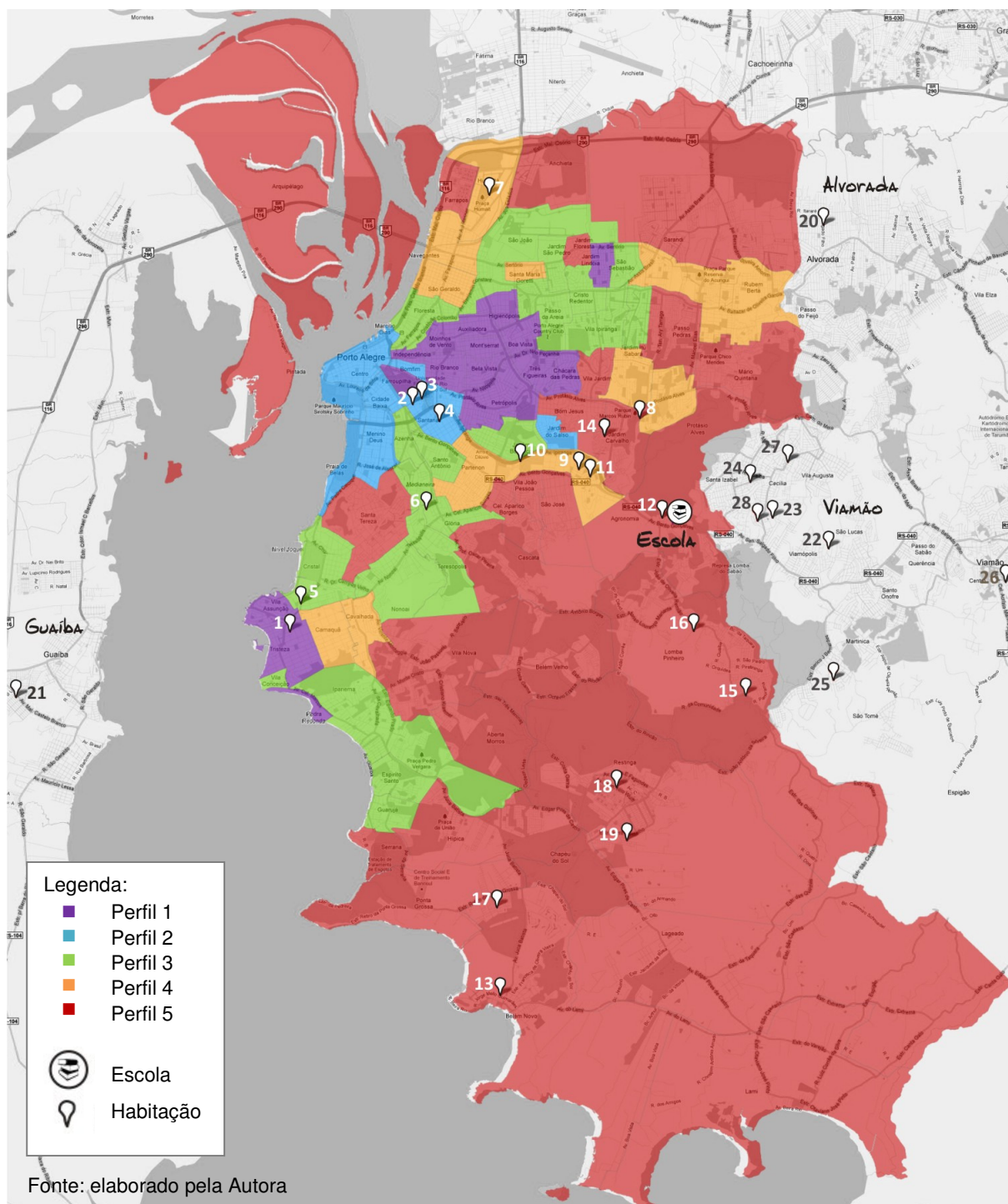
Fonte: elaborado pela Autora

A segunda etapa da atividade com os estudantes foi realizada através da aplicação de questionários individuais. A elaboração do questionário modelo, apresentado no Anexo F, seguiu quatro eixos: o primeiro associado à identificação dos estudantes, com nome, idade, gênero e endereço; o segundo eixo, relacionado ao espaço social da família, perfil sócio-ocupacional dos pais e conviventes na habitação; o terceiro eixo, com informações relativas ao espaço físico da habitação, como tipologia habitacional e equipamentos de lazer e recreação no espaço privado; e, por fim, o quarto eixo, relacionado ao cotidiano, com questões acerca das práticas de deslocamento e dos lugares frequentados.

Entre a realização do mapeamento dos espaços vividos e a aplicação do questionário transcorreram dois meses, e a aplicação só pode ser feita mediante autorização da Comissão de Pesquisa (COMPESQ-CAP/UFRGS). Assim como o mapeamento, a aplicação foi conduzida diretamente pela pesquisadora, na presença da professora substituta Kelly Mota. Em ambas as ocasiões havia 28 estudantes presentes, ou seja, em cada etapa três estudantes da turma estavam ausentes.

Por meio dos questionários, foi possível identificar a localização exata da moradia dos estudantes, o que permitiu criar um mapa georreferenciado utilizando uma ferramenta *on-line* gratuita²³, com a posição da habitação de cada um deles²⁴ (Ilustração 55).

Ilustração 55 – Perfis de bairro e localização da moradia dos respondentes

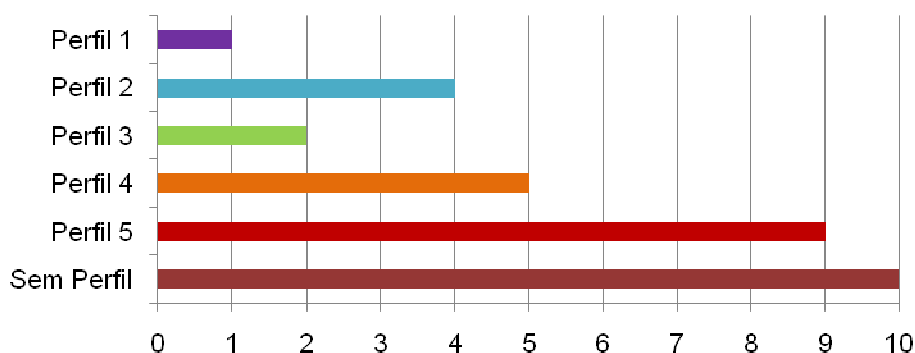


²³ Trata-se da ferramenta “Meus Lugares”, do *Google Maps*. Disponível em: <http://maps.google.com.br/>.

²⁴ Os números identificam cada um dos estudantes e são os mesmos utilizados ao longo do estudo (quadro de respondentes, descrição das práticas e demais mapas).

Sobrepondo o mapa resultante ao dos Perfis do Espaço Social, observamos que a moradia dos estudantes se distribui pelos cinco perfis de bairro, com predomínio de estudantes que vivem fora de Porto Alegre. A exceção de um, todos os estudantes do município vivem na porção sul, e os de fora vivem, em sua maioria, na cidade de Viamão, limítrofe ao bairro Agronomia, onde se localiza a escola. De acordo com a Ilustração 56, o Perfil 5 é o que abriga maior número de estudantes de Porto Alegre, seguido pelos Perfis 4, 2, 3 e, finalmente, pelo Perfil 1, o menos numeroso deles.

Ilustração 56 – Distribuição dos estudantes nos Perfis de bairro



Fonte: elaborado pela Autora

Após identificar os estudantes segundo a localização da moradia e os Perfis de bairro correspondentes, iniciamos a apresentação dos resultados pelas informações obtidas através da aplicação dos questionários individuais. A Tabela do Anexo G apresenta o quadro síntese dos respondentes, contendo as informações de cada estudante nos quatro eixos analisados. O primeiro eixo identifica perfil de bairro, grupo de mapeamento, número de identificação, gênero e idade. O segundo eixo identifica o espaço físico, indicando bairro de moradia, ou cidade quando localizado fora de Porto Alegre; tipologia da habitação (TH), classificada em casa, casa em condomínio fechado, apartamento e apartamento em condomínio com dois ou mais blocos; e se existem equipamentos de lazer no espaço privado. O terceiro eixo caracteriza o espaço social da família pelo nível de escolaridade dos pais, classificada em ensino fundamental, ensino médio e ensino superior, completo ou incompleto; e o número e laço familiar de conviventes na habitação. O quarto eixo identifica as práticas cotidianas e os lugares frequentados, indicando autonomia e tipos de deslocamento, se realiza percurso a pé e se utiliza o carro como único meio de transporte. Por fim, no quarto eixo são caracterizados os lugares frequentados pelos estudantes e as formas de utilização, indicando se a rua não é utilizada para nenhuma atividade, se o estudante cita espaços públicos (rua, centro, praças e parques) e, mais especificamente, se menciona praças e parques e shoppings centers (espaços privados de uso público) dentre os lugares frequentados.

Analisando as respostas de cada estudante, verificamos que, em relação ao espaço social da família, os níveis de escolaridade dos pais variam entre médio, que inclui Ensino Médio e Superior Incompleto, e alto, com Ensino Superior completo. Quanto à profissão dos pais, há uma diversidade de ocupações, mas parece haver um predomínio de funcionários públicos, principalmente entre os moradores de Porto Alegre.

Em relação ao espaço físico da habitação, a tipologia habitacional predominante entre os estudantes é a casa, seguida por casa em condomínio fechado, apartamento em condomínio com dois ou mais edifícios e apartamento em edifício único no terreno. A maioria dos estudantes possui dormitório exclusivo e aqueles que dormem acompanhados dividem o quarto, predominantemente, com irmãos. Todos possuem equipamentos eletrônicos no dormitório, dentre os quais se destacam a televisão e o computador. Um terço dos alunos possui equipamentos de lazer no espaço privado, que incluem itens como salão de festas, piscina, *playground* e/ou quadra esportiva.

Quanto às práticas de deslocamento, um quinto dos estudantes não costuma andar sozinhos pela cidade e utilizam o carro como meio de transporte principal. Para um quarto dos estudantes, inclusive, o carro é citado como único meio de deslocamento. No entanto, a maioria menciona o deslocamento a pé como uma das formas de circulação. No percurso até a escola, mais da metade dos estudantes utiliza transporte escolar (van), seguido de carro e ônibus, e menos de um décimo deles se desloca a pé.

Dentre as atividades realizadas nas ruas do bairro, a mais mencionada é encontrar amigos, seguida por andar de bicicleta ou skate. Em terceiro, estão caminhar e fazer compras, seguidas de circular de carro. Como atividades mencionadas e não sugeridas pelo questionário, aparecem jogar bola e passear com o cachorro. Uma parcela dos estudantes, menos de um quinto, não realiza nenhuma atividade nas ruas de seu bairro.

Dentre os lugares frequentados, os espaços públicos, como praças e parques e as ruas do centro da cidade, figuram na lista da metade dos estudantes. A maioria dos estudantes que não menciona os espaços públicos possui equipamentos de lazer no espaço privado. Os lugares que os estudantes mais frequentam são a casa de parentes e amigos e os shoppings centers. Contudo, mais de um terço deles não citam os *shoppings* como lugares frequentados.

Não há grande variação entre os lugares frequentados durante a semana e no final de semana. Durante a semana, os lugares mais frequentados são, em ordem decrescente, a escola, a casa de parentes e amigos, o shopping, cursos, praças e parques, clube e o centro de Porto Alegre. No final de semana, a sequência é a mesma, excetuando a escola e os

curiosos. Como lugares não sugeridos pelo questionário, são mencionados o centro de Porto Alegre, restaurantes e viagens.

Após examinar, individualmente, as práticas cotidianas dos estudantes, partimos para a análise por Perfil de bairro. Nesta fase, serão analisados os mapas de espaços vividos de cada grupo e a convergência entre as práticas e os lugares mencionados por seus integrantes nos questionários. Através deste exame, objetivamos compreender se há homogeneidade na experiência urbana dos moradores de cada Perfil.

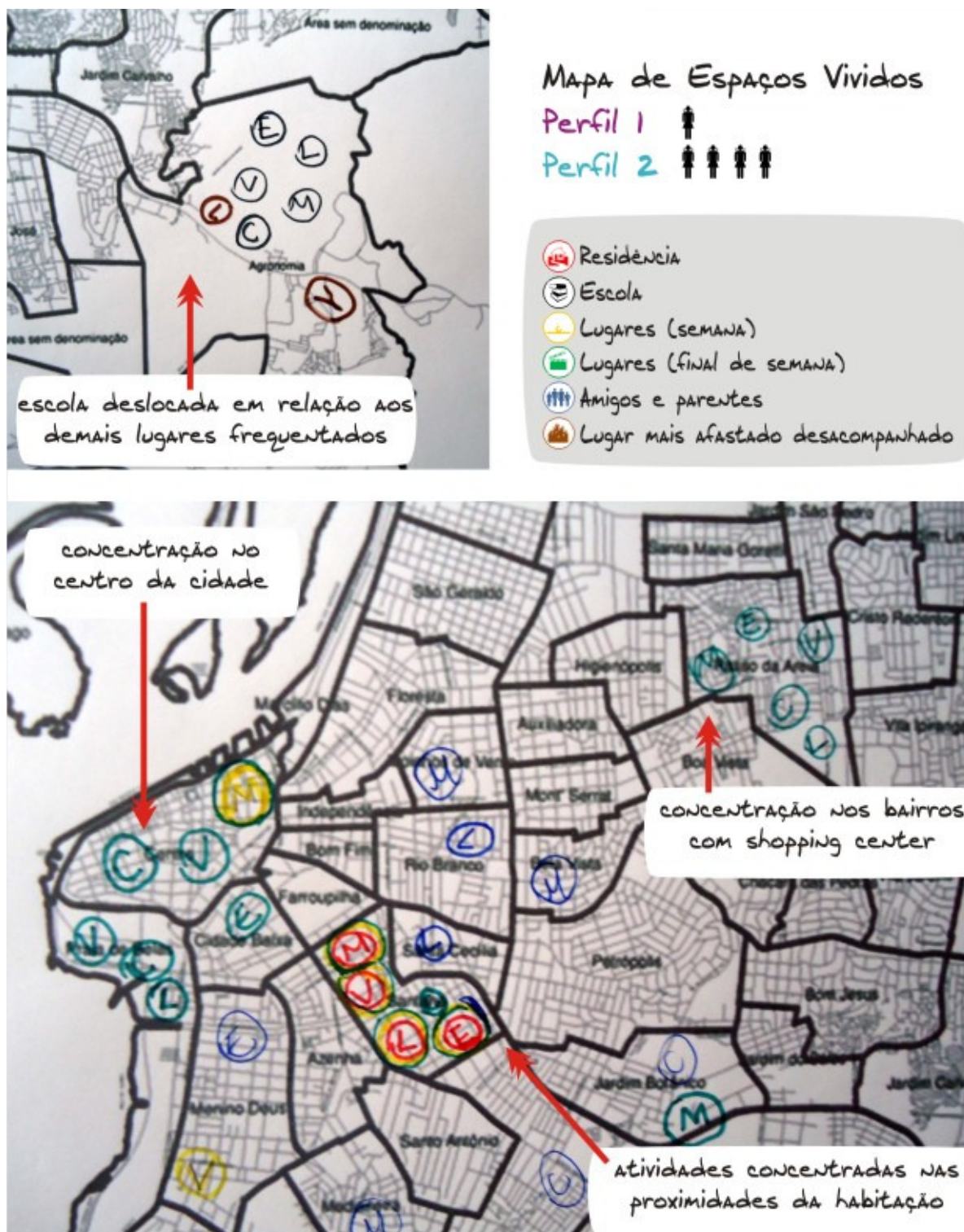
Começamos pelo Grupo 1/2, formado por cinco meninas, dentre as quais apenas uma integra o Perfil 1, e foi incorporada ao grupo para não realizar a atividade sozinha. Enquanto a menina do Perfil 1 vive numa casa em condomínio fechado no bairro Tristeza, as demais vivem em casa ou apartamento no bairro Santana, bairro pertencente ao Perfil 2, que abriga um dos *campi* da UFRGS.

Observando o mapa (Ilustração 57, próxima página), verificamos que, no bairro, da escola, não foram marcados outros lugares, o que leva a crer que as meninas frequentam o bairro Agronomia apenas em função da atividade escolar. Neste bairro, inclusive, foram indicados por duas meninas os pontos mais distantes que já visitaram sozinhas.

Através do mapa, é possível visualizar que, durante a semana, as meninas têm suas rotinas centradas na escola e em atividades dentro do próprio bairro de moradia. Nos finais de semana, os espaços vividos se distribuem pelos bairros vizinhos e se concentram nos bairros Passo D'Areia e Praia de Belas, em função da presença de shoppings centers. O bairro Centro também é frequentado pela maioria das meninas no final de semana. A localização da casa de amigos e parentes é o aspecto que apresenta maior distribuição geográfica, pois, a exceção de uma, todas as meninas possuem conhecidos em bairros bastante afastados de suas residências. Além disso, há lugares marcados em bairros de todos os cinco perfis.

Quanto às práticas cotidianas, todas as meninas do grupo costumam andar sozinhas, e realizam atividades nas ruas de seus bairros. A metade das meninas menciona praças e parques como lugares frequentados, possivelmente pela proximidade do bairro Santana com o Parque da Redenção, um dos principais parques urbanos da cidade.

Ilustração 57 – Resultados: Mapeamento Grupo 1/2

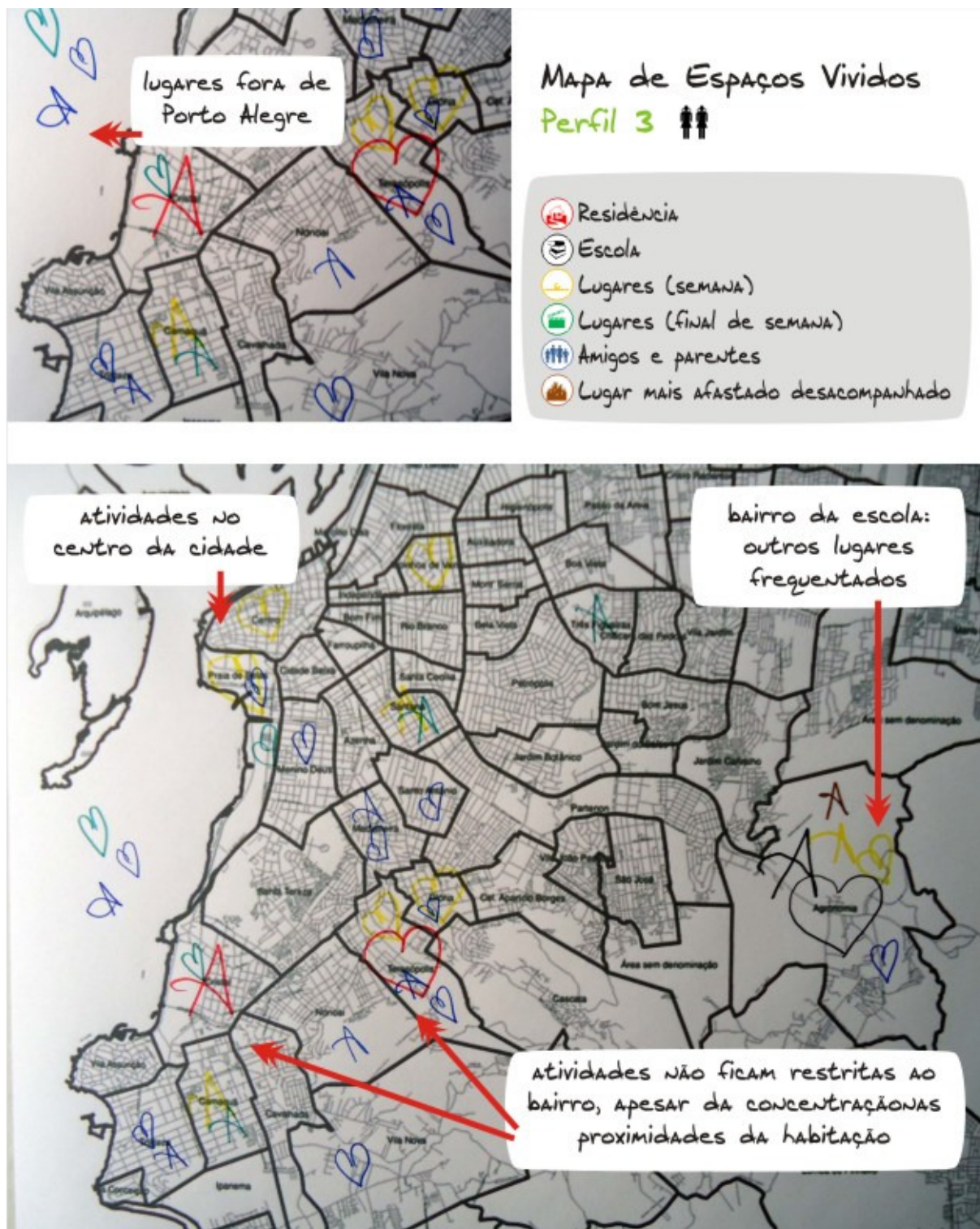


Fonte: elaborado pela Autora, a partir dos mapas produzidos pelos estudantes

O Grupo 3 foi formado por duas meninas, moradoras de apartamento em condomínio com dois ou mais blocos no bairro Cristal, e em casa no bairro Teresópolis. Através do mapa (Ilustração 58, próxima página), observamos que suas atividades são distribuídas tanto durante a semana quanto no final de semana, e não ficam, portanto, restritas ao bairro

de moradia, apesar de haver uma concentração de espaços vividos nos bairros vizinhos ao local da residência.

Ilustração 58 – Resultados: Mapeamento Grupo 3



Fonte: elaborado pela Autora, a partir dos mapas produzidos pelos estudantes

O bairro da escola também abriga lugares frequentados durante a semana e a casa de amigos. As duas indicam que saem de Porto Alegre para visitar amigos e parentes. A vivência de ambas é restrita a uma faixa central do mapa em direção ao sul, não abarcando os extremos norte e sul do município. Ambas realizam atividades nas ruas do bairro, nenhuma das meninas possui equipamentos de lazer no espaço privado, e uma delas cita o carro como único meio de deslocamento e não menciona espaços públicos dentre os lugares frequentados.

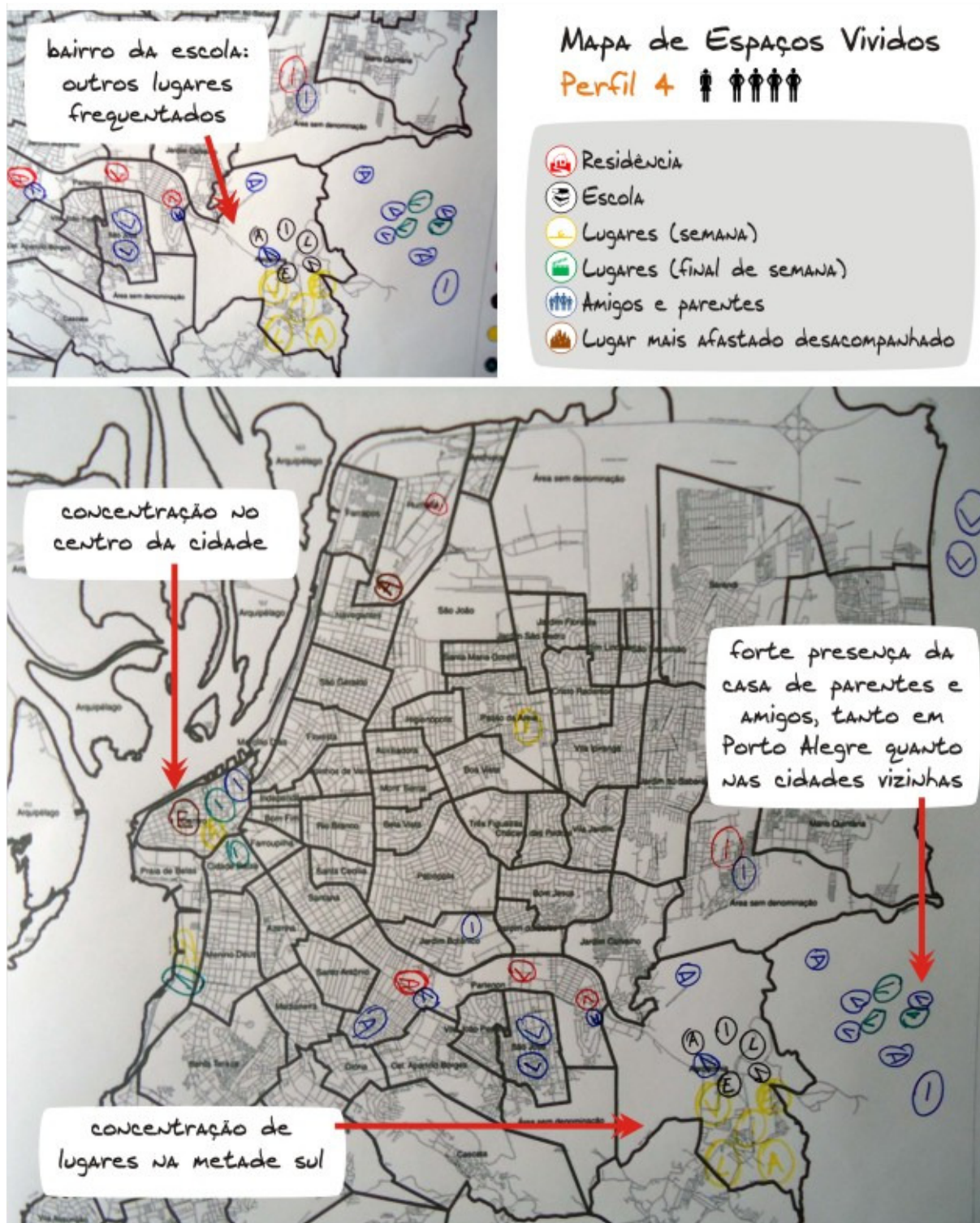
O Grupo 4 foi formado por uma menina, moradora de casa em condomínio fechado no Morro Santana, e quatro meninos, um morador de casa em condomínio fechado no Humaitá, e três moradores de casas e apartamento no Partenon.

Analisando o mapa (Ilustração 59, próxima página), verificamos uma concentração de espaços vividos no bairro do Centro, mesmo que todos os integrantes morem em bairros afastados dele. A rotina da menina está mais distribuída em pontos dispersos em relação à moradia. Há uma concentração de espaços vividos na metade centro-norte do município, e na metade sul há apenas um espaço vivido marcado, no bairro do Lami.

Um aspecto que se destaca em relação aos outros grupos é que há muitos pontos marcados no item de amigos e parentes, tanto dentro de Porto Alegre, com em municípios vizinhos como Viamão e Cachoeirinha. Este fato pode indicar que entre estes estudantes há um convívio mais intenso com familiares e amigos, que pode vincular a sociabilidade aos espaços residenciais e menos a espaços públicos como parques e shoppings centers. Os garotos que vivem no Partenon têm muitos amigos e parentes nos bairros vizinhos. E no bairro da escola, também são indicadas casas de amigos e parentes.

A maioria dos integrantes deste grupo não menciona o deslocamento a pé como forma de circulação, cita o carro como único meio de deslocamento, não menciona espaços públicos dentre os lugares frequentados e possui equipamentos de lazer no espaço privado. Dois estudantes afirmam que não costumam andar sozinhos pela cidade.

Ilustração 59 – Resultados: Mapeamento Grupo 4

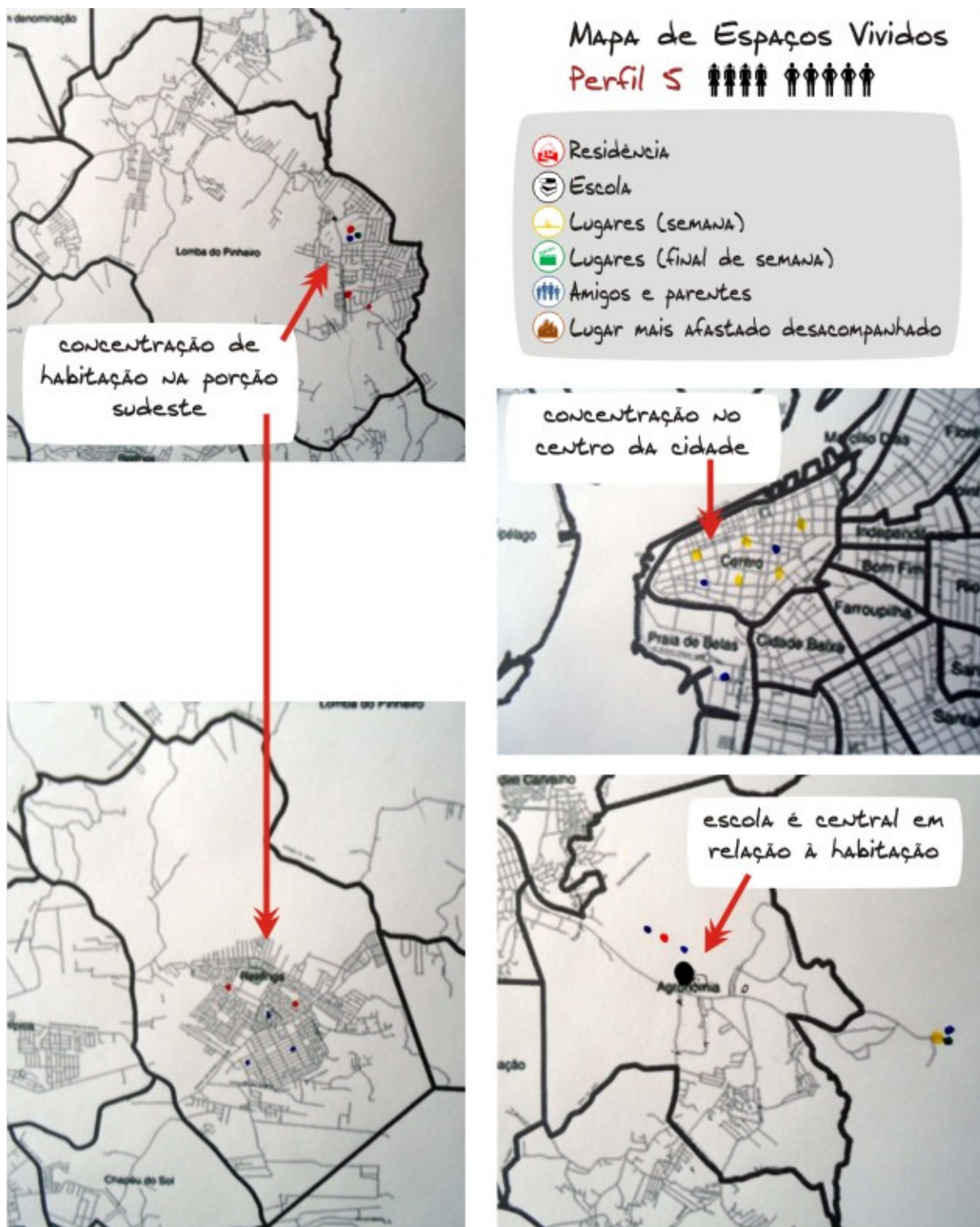


Fonte: elaborado pela Autora, a partir dos mapas produzidos pelos estudantes

O Grupo 5 é formado, predominantemente, por moradores da região sudeste do município, que vivem, em sua maioria em casas: uma menina na Ponta Grossa, outra no Jardim Carvalho, e uma terceira no Belém Novo; um menino e uma menina da Restinga, esta moradora de apartamento em condomínio com dois ou mais blocos; um menino do

Agronomia; e três da Lomba do Pinheiro, sendo que um morador de apartamento em condomínio com dois ou mais blocos.

Ilustração 60 – Resultados: Mapeamento Grupo 5



Fonte: elaborado pela Autora, a partir dos mapas produzidos pelos estudantes

Analisando o mapa (Ilustração 60, página anterior), percebemos que os espaços vividos deste grupo apresentam uma clara concentração no centro e na metade sul. Há presença de espaços vividos também em Viamão, em zona contígua aos bairros da Agronomia e da Lomba do Pinheiro. Não há nenhum ponto na metade norte do município. O grupo não diferenciou os pontos por integrante, por isso é difícil analisar a rotina de cada um deles e também as diferenças de gênero.

Contudo, através dos questionários, é possível observar que a maioria dos estudantes menciona o deslocamento a pé e realiza atividades nas ruas de seu bairro. A metade menciona espaços públicos dentre os lugares frequentados, apesar de alguns possuírem equipamentos de lazer no espaço privado. Apenas uma das meninas não costuma andar sozinha pela cidade. Nos finais de semana, todos frequentam a casa de parentes e amigos, e alguns frequentam shoppings centers e praças e parques.

O Grupo 6, composto por cinco meninos e três meninas, foi formado no momento da oficina, apenas por estudantes que não residem em Porto Alegre. O principal local de moradia é o município de Viamão, onde moram sete estudantes. A exceção de um, que vive em casa em condomínio fechado, todos possuem tipologia habitacional de casas.

Como o mapa (Ilustração 61, próxima página) não continha municípios vizinhos, os estudantes foram orientados a situarem, na medida do possível, sua habitação na área externa aos limites da cidade. Eles se empenharam bastante nesta tarefa e, tomando a escola como ponto de referência, localizaram a moradia em função do tempo de deslocamento até o CAP. Dentro da cidade, foram marcados os lugares que os estudantes frequentam nos finais de semana, com destaque para a concentração no bairro Praia de Belas, possivelmente pela presença de um shopping center. Outros bairros marcados foram Centro, Azenha, Cristal e Partenon, concentrados na faixa central e de interface entre centro e periferia do município.

Através dos questionários, é possível verificar que a maioria dos estudantes menciona o deslocamento a pé, realiza atividades nas ruas de seu bairro, menciona espaços públicos dentre os lugares frequentados, e não possui equipamentos de lazer no espaço privado. Dois meninos e uma menina não costumam andar sozinhos pela cidade. O cotidiano de um dos meninos chama atenção pelo afastamento das ruas e dos lugares públicos, pois não realiza nenhuma atividade nas ruas de seu bairro e cita o carro como único meio de deslocamento. A casa de parentes e amigos, o shopping center e as praças e parques são mencionados, pela maioria, como lugares frequentados tanto durante a semana quanto no final de semana.

Ilustração 61 – Resultados: Mapeamento Grupo 6



Fonte: elaborado pela Autora, a partir dos mapas produzidos pelos estudantes

Diante dos resultados da oficina, buscamos verificar a intensidade da vivência do espaço público a partir do conjunto das práticas cotidianas e espaços vividos pelos estudantes. Observamos, primeiro, que os estudantes se subdividem em dois grupos: os que têm a rua como espaço de lazer (REL), pois a utilizam para andar de bicicleta, skate ou para jogar bola; e aqueles que a utilizam como espaço de circulação (REC), onde fazem compras, caminham, passeiam com cachorro, circulam de carro e, por vezes, encontram os amigos. Não incluímos o encontro com os amigos como lazer porque, através dos questionários, não foi possível aferir como se dava este encontro, se determinava a permanência na rua ou se se constituía apenas como atividade passageira.

Em linhas gerais, verificamos que mais da metade dos estudantes utiliza a rua como espaço de circulação e que um pouco menos da metade a têm como espaço de lazer. Constatamos, ainda, que há uma diferenciação de gênero em relação à utilização da rua, pois ao passo que mais da metade dos meninos utiliza a rua como espaço de lazer, a maioria das meninas a utiliza como espaço de circulação. Após estas constatações, buscamos compreender se havia variações na intensidade da vivência do espaço público em cada um dos grupos. Foi possível detectar a existência de três categorias em cada grupo (Ilustração 62).

Ilustração 62 – Categorias da relação dos estudantes com a rua



Fonte: elaborado pela Autora

Dentre os estudantes que utilizam a rua como espaço de lazer, temos, primeiro, os que citam os espaços públicos como lugares frequentados e não citam shoppings centers (REL1); em seguida, temos os que citam tanto os espaços públicos como os *shoppings* (REL2); e, por fim, aqueles que não citam os espaços públicos, mas citam os *shoppings* (REL3). No grupo dos estudantes que têm a rua como espaço de circulação, temos, primeiro, os que não realizam atividades de lazer na rua, mas citam os espaços públicos como lugares frequentados e realizam alguma atividade na rua (REC1); aqueles que não realizam atividades de lazer na rua, nem citam os espaços públicos, mas realizam alguma

atividade nas rua (REC2); e, finalmente, os que não realizam nenhuma atividade na rua, nem citam espaços públicos ou shoppings centers (REC3).

Verificamos, assim, que há um gradiente na vivência do espaço público que vai da vivência mais intensa (mais liberdade), à não-vivência (mais proteção), no qual as categorias se dispõem sequencialmente, na seguinte ordem: REL1, REL2, REL3, REC1, REC2 e REC3. Entre os estudantes, a categoria mais numerosa é a REC1 (com sete estudantes), seguida pelas categorias REL2 e REC 3 (com cinco em cada); em terceiro vêm a REL1 e a REC2 (com quatro em cada) e, por último, a REL3 (com três estudantes).

No próximo capítulo, analisaremos de que forma as categorias de utilização da rua, resultantes da análise dos aspectos cotidianos da experiência dos estudantes, estão associadas à estruturação sócio-espacial do município, em seus aspectos demográficos, locais e morfológico-espaciais. Como forma de concluir este item, trazemos algumas impressões que emergiram do acompanhamento da atividade exploratória, através da observação participante. A fim de de revelar aspectos que não puderam ficar gravados nos mapas ou nas respostas dos questionários, damos ênfase à fala dos estudantes, manifestada ao longo do processo de mapeamento dos espaços vividos e reflexão acerca das práticas cotidianas.

Inicialmente, a formação dos grupos gerou certa agitação pela desaprovação à ideia de que a composição não seguiria os critérios de afinidade. Segundo, porque à medida que os bairros de cada perfil iam sendo listados surgiam algumas manifestações, do tipo “neste não tem ninguém”, em referência ao Perfil 1, “é tudo da Lomba”, em alusão ao bairro Lomba do Pinheiro, ou “esse grupo só tem vila”, em relação ao Perfil 5. As manifestações logo se mostraram coerentes, pois o Grupo 1 possuía, realmente, apenas uma integrante, que acabou sendo incorporada ao Grupo 2, enquanto muitos dos estudantes moravam nos bairros próximos à escola, dentre os quais a Lomba do Pinheiro.

A menção às vilas irregulares do Grupo 5 demonstra, por um lado, a perspicácia do estudante em reconhecer o espaço dos pobres da cidade. Por outro, se associa diretamente ao método utilizado para classificação dos perfis. Como vimos, o Perfil 5 agrupa os bairros mais pobres do município e abrange muitas vilas irregulares. O Perfil 1, em oposição, reúne os bairros ricos, fato que pode explicar sua posição minoritária em uma escola pública.

Outro aspecto que emergiu da formação dos grupos foi o fato de muitos estudantes residirem fora do município de Porto Alegre, o que significava que não se inseriam em nenhum dos grupos pré-estabelecidos, o que os motivou a se autodenominarem como “os sem-terra”. Um dos estudantes manifestou, inclusive, certa inconformidade por não residir

em Porto Alegre. Enquanto ele dizia que morava no bairro Azenha, os colegas o desmentiam, dizendo que ele morava em Guaíba. Sua explicação era de que o pai vivia na Azenha e que ele passava parte da semana lá, motivo pelo qual considerava o bairro o seu “chão”. Contudo, mesmo autorizado a se inserir no Grupo 3, ele acabou decidindo ficar no 6.

A identificação dos bairros gerou, ainda, outra situação inusitada, quando um dos estudantes disse que o seu bairro, o Intercap, não estava na lista. Após ouvir a explicação de que este local não era, oficialmente, um bairro e que estava inserido dentro de um dos bairros da lista, no caso, o Partenon, ele reagiu, afirmando que era um “absurdo” e que seu “bairro” deveria ser incluído na lista. Outra estudante manifestou dificuldade em identificar o seu bairro, pois sua rua possui trechos em dois bairros. Por fim, o fato de Porto Alegre e Viamão terem bairros homônimos, denominados Santa Cecília, também gerou certa confusão na hora da identificação dos grupos.

A marcação dos espaços vividos no mapa não suscitou muitas manifestações, a não ser pela incerteza na localização de vias, *shoppings* e praças. Diante das dúvidas, foi salientado que não era necessário buscar localizações precisas, inclusive porque a escala dos mapas impressos não permitia. Foi sugerido, então, que buscassem relações entre bairros, a fim de comparar, por exemplo, se havia concentração de lugares no bairro de residência ou se as atividades se distribuíam pela cidade.

Durante a oficina, foi possível verificar uma adesão muito boa dos grupos. De forma geral, os estudantes se concentraram em responder a todas as perguntas, marcando os lugares no mapa. Somente um grupo apresentou dispersão, conseguindo mapear apenas parcialmente os espaços vividos, sem identificar o local de moradia de seus integrantes.

Por fim, uma situação que foi, possivelmente, a mais emblemática, e que diz muito do problema de pesquisa sobre o qual este estudo se debruça, ocorreu quando um dos garotos perguntou por que deveria elencar as atividades que realizava nas ruas de seu bairro se, afinal, ele fazia “tudo” na rua. Foi explicado que o motivo pelo qual ele deveria marcar suas atividades era porque muitas crianças e adolescentes não realizavam nada, ao que a colega que estava ao seu lado se manifestou, levantando o dedo: “eu, eu não faço nada na rua”. Essa mesma menina citou como um dos lugares frequentados o seu próprio quarto, aspecto que reafirma o quanto sua experiência cotidiana está desvinculada do espaço público e centrada no recolhimento ao privado. Ao mesmo tempo, esta situação corrobora a ideia de que a experiência urbana das crianças na contemporaneidade é marcada pela multiplicidade de vivências, inclusive para aqueles que possuem uma rotina, em função da escola, com características muito semelhantes.

Capítulo 4 – Afinal, por onde andam as crianças?

4.1. As práticas cotidianas e a estrutura sócio-espacial

Em caráter conclusivo, este item articula os resultados parciais das análises realizadas no Capítulo 3, buscando compreender como a materialização do espaço social no espaço físico atua sobre o cotidiano. Examinando de que forma os aspectos cotidianos se inter-relacionam com os Perfis de bairro, os aspectos demográficos, locacionais e morfológico-espaciais, objetivamos verificar se há associação entre as práticas e a estruturação do espaço urbano. Tomamos o estudo piloto acerca da experiência urbana dos estudantes como referência, de modo que os demais aspectos sejam analisados à luz dos resultados da oficina. Além disso, discutimos a validade do método e, especificamente, deste estudo piloto, examinando a abrangência e a pertinência dos resultados alcançados.

Investigamos, em resumo, de que forma as características sócio-familiares de cada estudante se inter-relacionam com as práticas cotidianas e a rede de espaços vividos, e se a localização dos bairros e suas características morfológico-espaciais guardam relação com o tipo de experiência urbana dos residentes. Para tanto, examinamos a associação entre o tipo de vivência urbana de cada estudante, especialmente quanto à utilização da rua²⁵, e aspectos como gênero, composição familiar, tipologia habitacional, relação centro-periferia, presença de equipamentos recreativos, tipo de tecido urbano, entre outros.

Começamos confrontando os resultados da atividade exploratória com as considerações acerca dos aspectos demográficos analisados²⁶. Ao comparar a distribuição nos Perfis do Espaço Social dos estudantes moradores de Porto Alegre e das crianças porto-alegrenses na faixa de 7 a 14 anos, verificamos que se equivalem quanto à predominância do Perfil 5, que é majoritário em ambos. Os demais perfis apresentam variações, principalmente pela representatividade, entre os estudantes, do Perfil 2, minoritário no município. No entanto, a composição da parcela dos estudantes é compatível com o município, se tomarmos os níveis de escolaridade como referência (baixa escolaridade = mais crianças; alta escolaridade = menos crianças). Assim como no

²⁵ Através das categorias associadas ao lazer (REL) e à circulação (REC), descritas no item 3.5. Vide p.117.

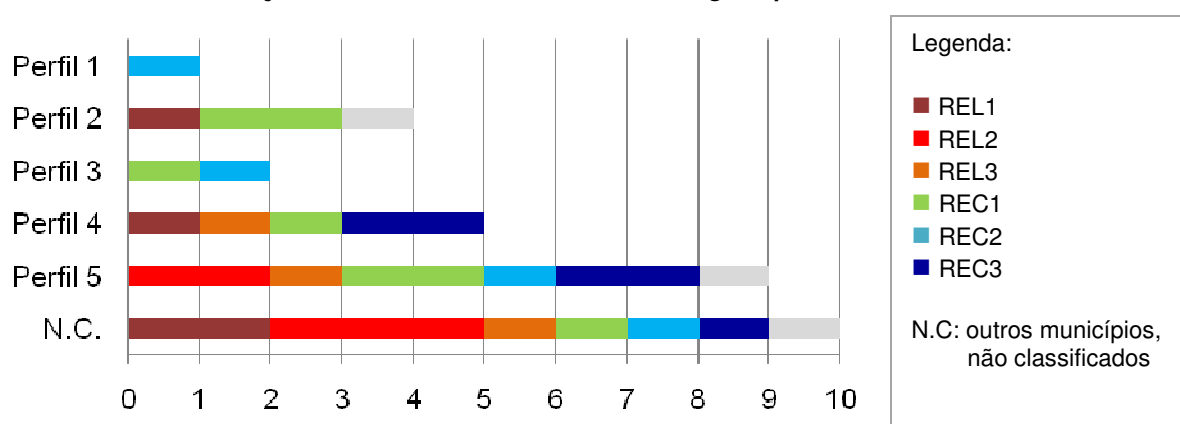
²⁶ Apresentados no item 3.2, vide p.82-86.

município, o Perfil 5, de baixa escolaridade, reúne mais estudantes que a soma dos Perfis 3 e 4, de escolaridade média, e estes maior número que a soma dos Perfis 1 e 2, de escolaridade alta. Portanto, o grupo dos estudantes guarda semelhanças, em seus aspectos demográficos e sócio-espaciais, com o conjunto das crianças e adolescentes porto-alegrenses.

O desenho etário dos treze bairros de moradia dos estudantes segue, em sua maioria, o desenho do município (adultos>crianças>idosos). O bairro Santana é o único que apresenta mais idosos do que crianças. Dentre os treze, três bairros, Agronomia, Lomba do Pinheiro e Restinga, apresentam significativa presença de crianças e reúnem um décimo da população de 7 a 14 anos do município. Estes três bairros, mais Ponta Grossa e Humaitá, apresentam percentuais por bairro superiores a 14% (lembrando que o percentual mais alto entre os bairros é de 18%). Dessa forma, observamos que as crianças e os adolescentes possuem grande representatividade nos bairros de moradia dos estudantes, e que tais bairros são representativos também em termos numéricos em relação ao município.

Comparando o tipo de vivência dos estudantes com a inserção do bairro de moradia nos Perfis do Espaço Social, constatamos que, ao passo que a experiência urbana de alguns integrantes possui certa equivalência, há experiências muito diversas no interior de um mesmo grupo. Especificamente em relação às categorias de utilização da rua, à exceção do sexto grupo, cuja maioria dos estudantes tem a rua como espaço de lazer, todos os demais grupos (1/2, 3, 4 e 5) possuem predomínio da rua como espaço de circulação. A Ilustração 63 indica o número de estudantes de cada categoria por Perfil de bairro, explicitando a concentração da utilização da rua como espaço de lazer nos perfis inferiores.

Ilustração 63 – Nº de estudantes de cada categoria por Perfil de bairro

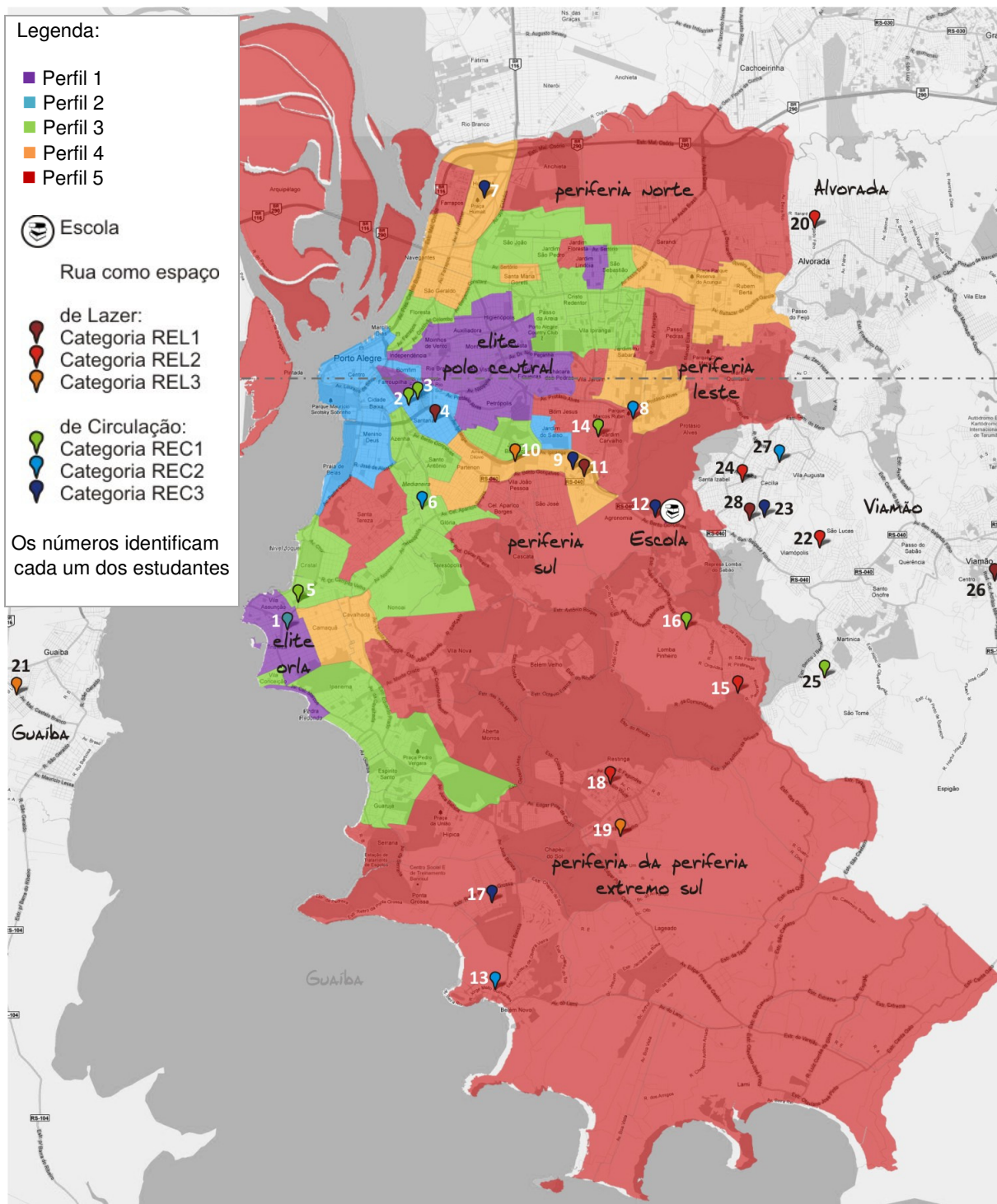


Fonte: elaborado pela Autora

A Ilustração 64 (próxima página) contém o mapa de localização da moradia dos estudantes segundo as categorias de utilização da rua, sobreposto ao dos Perfis do Espaço Social. Este mapa compõe junto com o Anexo H, de descrição da experiência urbana de

cada um dos estudantes, uma síntese da articulação entre a estrutura sócio-espacial de Porto Alegre e as práticas cotidianas das crianças. Por este motivo, a leitura conjunta do mapa e do anexo possibilita uma visão ampla dos aspectos a seguir pormenorizados.

Ilustração 64 – Perfis de bairro e categorias de utilização da rua



Fonte: elaborado pela Autora

Quanto à relação entre Perfis de bairro e categorias de utilização da rua, a ilustração acima permite observar, através da convergência de cores, que a maioria dos estudantes que moram em Porto Alegre e utilizam a rua como espaço de lazer (tons avermelhados) vivem em bairros dos Perfis 4 e 5 (cores laranja e vermelha). Por outro lado, os estudantes que utilizam a rua como espaço de circulação (tons esverdeados e azulados) apresentam compatibilidade com os Perfis 1, 2 e 3 (cores roxa, azul e verde), mas também vivem em bairros dos Perfis 4 e 5.

Tal convergência confirma, em parte, a hipótese de que os estratos inferiores, menos escolarizados, possuem uma vivência mais intensa da rua, ao passo que os estratos superiores, mais escolarizados estabelecem menor contato com o espaço público. Contudo, não há uma relação unívoca entre os tipos de vivência do espaço público e a materialização da hierarquia social no espaço físico. Sobretudo, pela existência de estudantes com acentuada não-vivência do espaço público em bairros dos Perfis 4 e 5, um indicativo de que o recolhimento ao espaço privado também se manifesta nos bairros tradicionalmente ocupados pelos estratos inferiores.

É possível identificar padrões distintos de utilização do espaço público nos diferentes Perfis de bairro, porém as diferenças não se referem, especificamente, à dualidade entre uso e não-uso, ou entre lazer e circulação. Dentre as variáveis, se destacam os espaços vividos e as práticas de deslocamento. Comparando a experiência dos estudantes moradores de bairros do Perfil 2 com a dos estudantes do Perfil 4, por exemplo, observamos que enquanto os do Perfil 2 revelam assiduidade a parques e praças e preferência pelos deslocamentos a pé, os estudantes do Perfil 4 não mencionam as praças dentre os lugares frequentados e tendem a citar o carro como único meio de deslocamento.

Um aspecto marcante das práticas cotidianas dos estudantes é a diferenciação de gênero quanto à utilização da rua, tida pela maioria das meninas como espaço de circulação e pela maior parte dos meninos como espaço de lazer. Todavia, o recolhimento ao espaço privado é majoritário entre os meninos, enquanto a frequência de praças e parques é majoritária entre as meninas.

Isso demonstra, possivelmente, uma dualidade mais acentuada na experiência masculina, pois os garotos ou estão na rua, jogando bola e “zoando”, conforme o relato de um dos estudantes, ou possuem um perfil de recolhimento ao privado. As meninas, por sua vez, possuem uma experiência mais dosada entre domínios, pois ao mesmo tempo em que frequentam a casa das amigas e o shopping, passeiam pelas ruas do bairro e vão ao parque no final de semana.

Apesar da diferença no tipo de utilização da rua, o gênero não está associado diretamente à liberdade de movimentos dos estudantes, uma vez que é constatada entre meninos e meninas. Já a baixa autonomia está mais associada, de forma surpreendente, aos meninos.

Partindo para a análise concomitante de aspectos locacionais e cotidianos, ainda relacionada à Ilustração 64 (p.121), destaca-se, em primeiro lugar, a concentração de estudantes na metade sul do município, especialmente nas zonas periféricas, que incluem a Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA). Como vimos, tal concentração está relacionada à localização da própria escola e implica em semelhanças locacionais que dividem a turma em três grandes grupos: um de moradores da periferia, outro de residentes na periferia da periferia e um terceiro dos habitantes da RMPA. Há, ainda, outro grupo numericamente menos expressivo, de moradores da área central, cuja representatividade entre os estudantes pode se explicar pela vinculação entre as localizações dos *campi* da Universidade Federal. Por fim, identificamos algumas localizações dispersas, relacionadas à interface entre centro e periferia e a um dos polos da elite, situado junto à orla do Guaíba.

Diante da variação locacional da moradia dos estudantes, a primeira hipótese a ser analisada é de que a subdivisão polo-centro/periferia-periferia da periferia implicaria em vivências urbanas distintas, principalmente em função da diferença de acesso aos bens e equipamentos imposta pela distância. Tal hipótese é confirmada pelo exame das práticas cotidianas e do conjunto de espaços vividos pelos estudantes, a começar pelo fato de que os estudantes que moram em áreas centrais, pertencentes aos Perfis 1, 2 e 3, possuem limites de atuação no espaço urbano expandidos em relação aos moradores das zonas periféricas. Ao passo que os estudantes da periferia frequentam lugares, predominantemente, próximos à moradia e mencionam poucos bairros em seus relatos de espaço; os moradores das áreas centrais circulam por diversos bairros, nas proximidades da habitação e distantes dela, constituindo uma rede de espaços vividos distribuída pelas diferentes zonas do município.

Poderíamos supor, ainda, que crianças e adolescentes que possuem limites de atuação ampliados, tendem a possuir um envolvimento mais superficial com o próprio bairro. No entanto, tal hipótese não se confirma entre os estudantes, porque a rotina de atividades estabelecida durante a semana tende a se concentrar, para todos, junto ao bairro da habitação e em suas proximidades.

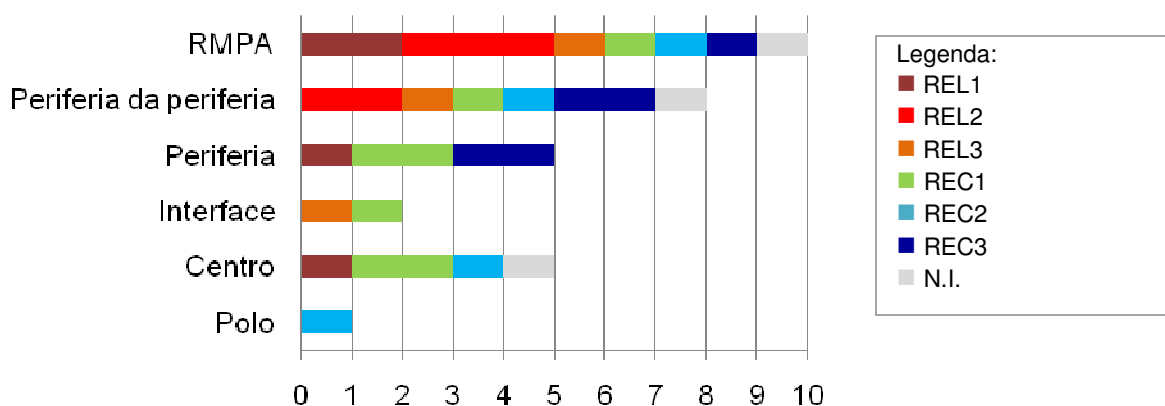
Em terceiro, temos a hipótese de que as crianças e adolescentes da periferia tendem a possuir o Centro de Porto Alegre como importante referência dentre os espaços vividos,

pela concentração de equipamentos comerciais, recreativos e culturais nas áreas centrais. Esta suposição se confirma, sobretudo, para os estudantes do Perfil 5 e para os moradores da RMPA. A rede de espaços vividos destes estudantes tende a ser polarizada pelas atividades realizadas no próprio bairro e pelos deslocamentos até as áreas centrais.

Em contrapartida, surge a hipótese de que as crianças e adolescentes moradoras da periferia da periferia não possuem as áreas centrais como referência em função da grande distância que as divide de suas zonas de moradia. A confirmação se dá, em parte, quando cerca da metade dos estudantes do Perfil 5 menciona apenas o próprio bairro como espaço vivido. No entanto, o envolvimento com as ruas do próprio bairro não é aprofundado em função da concentração dos espaços vividos, pelo forte recolhimento ao espaço privado verificado entre estes estudantes.

Em linhas gerais, observamos através da Ilustração 65 que, quanto mais periférica a localização da moradia, numa gradação que vai da RMPA, passando pela periferia da periferia, periferia, interface e centro até chegar ao polo, maior a utilização da rua como espaço de lazer. Todavia, isto não quer dizer que não há utilização da rua como espaço de lazer entre os estudantes das áreas centrais, nem que não há utilização da rua como espaço de circulação entre os estudantes da periferia.

Ilustração 65 – Nº de estudantes de cada categoria em função da localização



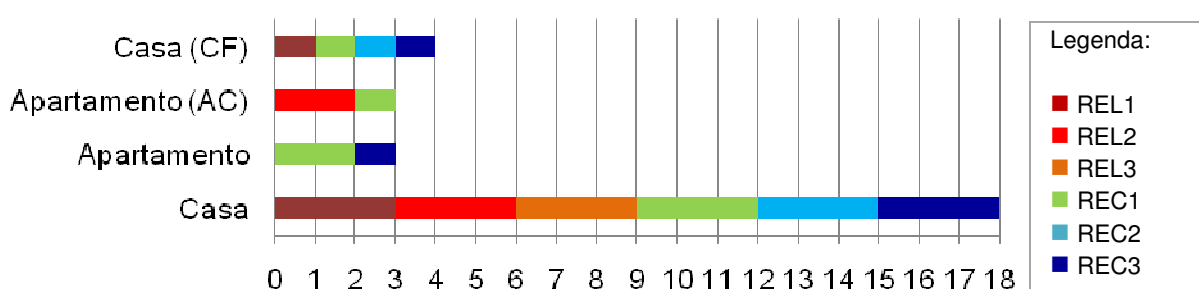
Fonte: elaborado pela Autora

Sendo assim, constatamos que os aspectos locacionais não atuam de forma isolada sobre a experiência urbana, ainda que tenham forte correlação com ela. Concluímos que a grande questão que emerge da comparação entre cotidiano e localização se refere ao caráter dúbio da experiência urbana das crianças e adolescentes moradores da periferia, que possuem uma vivência mais aprofundada do espaço público e um maior envolvimento com o próprio bairro, ao mesmo tempo em que enfrentam a carência de infraestrutura urbana e de equipamentos culturais e comerciais que agregam recreação e lazer.

Como último aspecto a ser destacado na análise dos aspectos locacionais da experiência urbana, está a presença maciça de estudantes moradores de outras cidades da RMPA. O que chama atenção para esta parcela de estudantes é o fato de serem o único grupo locacional que possui o predomínio da rua como espaço de lazer, onde realizam “tudo”, conforme a já mencionada fala de um dos garotos, desde as práticas de deslocamento e consumo até as atividades de recreação e sociabilidade. Além disso, há uma peculiaridade na experiência destes estudantes, no que se refere ao movimento pendular entre cidades, que os reputa como categoria específica não só em termos locacionais, mas também frente à vivência concomitante de espaços urbanos distintos, que amplia a polaridade centro-periferia para metrópole-região metropolitana, abrindo, possivelmente, um leque maior de variáveis na relação entre estrutura sócio-espacial e práticas cotidianas.

Partindo para a análise paralela entre os aspectos morfológico-espaciais e cotidianos, começamos observando a convergência entre as categorias de utilização da rua e a tipologia habitacional. De acordo com a Ilustração 66, verificamos que todos os moradores de apartamento e a maior parte dos moradores de casas em condomínios fechados (CF) utilizam a rua como espaço de circulação, enquanto a maioria dos moradores de apartamentos em condomínios com dois ou mais blocos (AC) utilizam a rua como espaço de lazer. Dentre os moradores de casas, há uma equivalência, pois metade utiliza como espaço de lazer e a outra metade como espaço de circulação.

Ilustração 66 – Nº de estudantes de cada categoria em função da tipologia habitacional



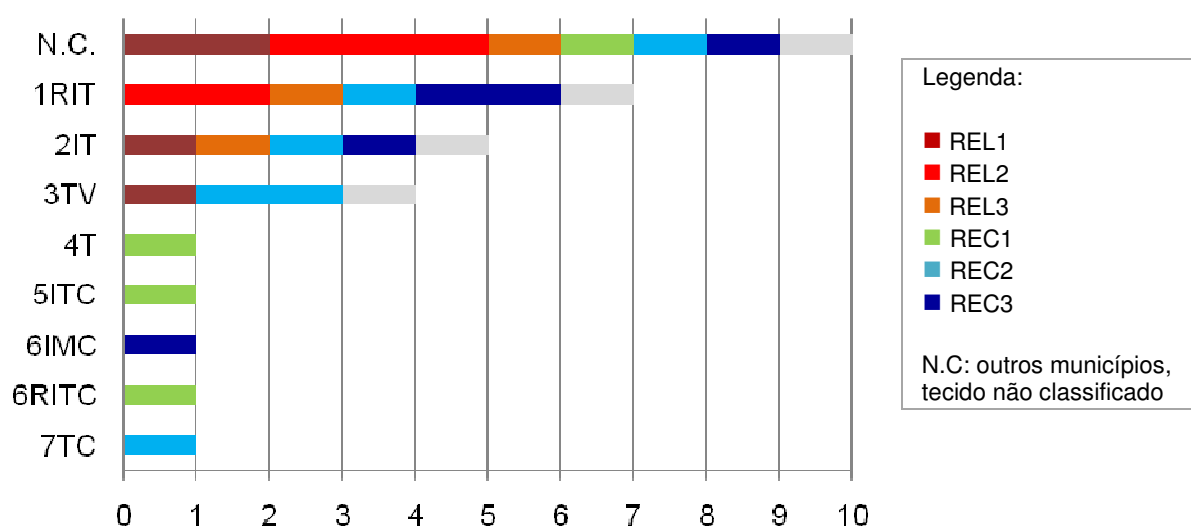
Fonte: elaborado pela Autora

Contudo, há uma variação locacional associada à tipologia, uma vez que a totalidade dos moradores de condomínio fechado em Porto Alegre tem a rua como espaço de circulação. Ao mesmo tempo, na RMPA, o tipo de relação com a rua não está associado à tipologia habitacional, pois o predomínio de casas não impede a variação nas categorias, nem que o único estudante morador de condomínio fechado tenha a rua como espaço de lazer.

Ainda quanto à tipologia da habitação, observamos a correlação entre residência em condomínio fechado e a composição familiar dos estudantes. Tal associação é verificada no caso das famílias do tipo monoparental materna, pois apenas um dos estudantes que mora em condomínio fechado vive com os pais, enquanto todos os demais moram apenas com a mãe.

Quanto à vinculação entre tipo de tecido urbano e categorias de utilização da rua, demonstrada na Ilustração 67, verificamos que dentre os estudantes de Porto Alegre que utilizam a rua como espaço de lazer, não há moradia em bairros com tecido contemporâneo ou modernista, apenas com tecido rururbano, irregular e tradicional. Em contrapartida, todos os estudantes que moram em bairros com incidência de tecido contemporâneo possuem a rua como espaço de circulação.

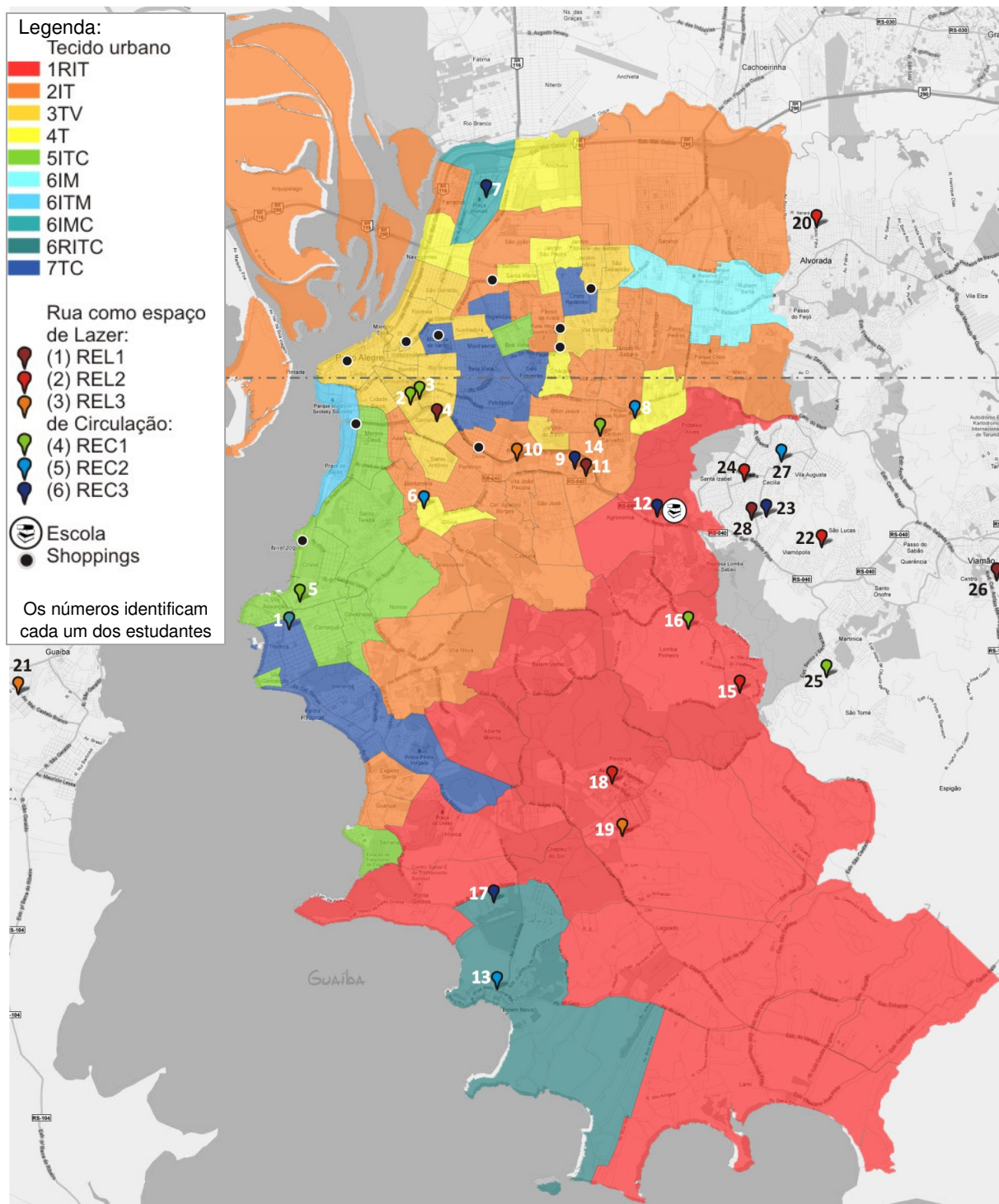
Ilustração 67 – Nº de estudantes de cada categoria em função do tipo de tecido urbano



Fonte: elaborado pela Autora

O elo entre os tecidos contemporâneo e modernista e a utilização da rua como espaço de circulação fica visível na Ilustração 68 (próxima página), através da convergência de cores entre os tecidos azulados e as categorias do mesmo tom, no caso dos estudantes 1, 5, 7, 13 e 17. Da mesma forma, a associação entre tecido rururbano e utilização da rua como espaço de lazer pode ser percebida pela convergência entre os tecidos avermelhados e as categorias de tonalidade semelhante, a exemplo dos estudantes 15, 18 e 19. Aliás, a comparação entre categoria e tecido revela que a estudante da Ponta Grossa (nº 17) possui, na realidade, habitação localizada nos limites do bairro Belém Novo. No entanto, feita a ressalva, optamos por manter a vinculação da menina com o bairro originalmente identificado por ela.

Ilustração 68 – Tecido urbano e categorias de utilização da rua



Fonte: elaborado pela Autora

Para finalizar a comparação entre aspectos morfológico-espaciais e cotidianos, buscamos compreender se havia relação entre a não menção de shoppings centers dentre os lugares frequentados por alguns dos estudantes e a localização destes equipamentos (marcados na ilustração acima) em relação à habitação. Verificamos que dos oito estudantes moradores de Porto Alegre que não citam shoppings, seis não possuem nenhum

equipamento desta natureza num raio de, no mínimo, 5 quilômetros da residência (7, 9, 11, 12, 13, 17). Dos outros dois estudantes, um (6) possui um shopping e outro (4) possui quatro shoppings a menos de cinco quilômetros de casa.

Quanto às categorias de utilização da rua, a não menção dos shoppings está associada aos estudantes da categoria REL1, extremo da vivência intensa da rua, e aos estudantes da categoria REC 3, que ocupa o outro extremo, caracterizado pela não-vivência do espaço público. O local de moradia dos estudantes da categoria REC3 está associado, de modo geral, à baixa incidência de equipamentos recreativos e espaços abertos. Dos quatro estudantes moradores de Porto Alegre nesta categoria, apenas um possui alta concentração de equipamentos nas imediações de casa.

Após analisar as práticas cotidianas dos estudantes, através das categorias de utilização da rua, em convergência com os aspectos demográficos, locacionais e morfológicos da estrutura sócio-espacial do município, concluímos que, enquanto o grupo que tem a rua como espaço de circulação se compõe de forma heterogênea, o grupo que a tem como espaço de lazer é mais homogêneo. A homogeneidade na utilização da rua como espaço de lazer se dá em relação ao gênero, à localização, ao tipo de tecido urbano e aos Perfis do Espaço Social. A maioria dos estudantes que realizam atividades de lazer na rua são meninos, que moram nas áreas periféricas da cidade, incluindo a Região Metropolitana, vivem em bairros de tecido rururbano, irregular e/ou tradicional, que pertencem aos Perfis 4 e 5 ou não classificados, mas supostamente semelhantes ao Perfil 5.

Dessa forma, comprovamos que há uma relação entre a experiência cotidiana dos estudantes e a estruturação do espaço urbano de Porto Alegre. Contudo, não é possível afirmar que a materialização da hierarquia social no espaço físico e que a própria configuração espacial atuem, deterministicamente, sobre o cotidiano destes habitantes, mas sim que interferem, em maior ou menor grau, no tipo de vivência que cada estudante estabelece com a cidade.

Após a exposição e análise dos resultados empíricos, cabe avaliar, de forma mais detida, a pertinência do método construído ao longo da investigação. Discutimos, a seguir, a adequação do método aos propósitos iniciais do estudo e sua capacidade de aplicação em outras pesquisas, bem como a validade e abrangência do estudo piloto realizado com os estudantes.

Buscando recapitular os passos iniciais da pesquisa, sua principal motivação era caracterizar a experiência urbana das crianças na contemporaneidade, identificando suas práticas cotidianas e a rede de espaços vividos em seu dia-a-dia. Procurávamos, também,

evidenciar a relação entre as práticas espaciais, as características sociais e a natureza dos espaços urbanos. Por fim, pretendíamos avaliar se o fenômeno de esvaziamento da rua como espaço de lazer, apontado pelo senso comum, poderia ser confirmado.

Neste processo, compreendíamos que havia uma disposição em examinar não apenas as práticas em si, mas também a estruturação do próprio espaço urbano. O binômio estrutura e prática deu origem à construção do método, que partiu da análise da estrutura do espaço urbano de Porto Alegre, metrópole escolhida como lócus de pesquisa, a fim de chegar à investigação das práticas cotidianas de seus habitantes, para, enfim, buscar a articulação entre estas duas dimensões, entendidas como complementares. Após verificar, no Capítulo 2, como se dava a estruturação da cidade, a partir da materialização do espaço social no espaço físico, examinamos, no Capítulo 3, os aspectos da estrutura sócio-espacial especificamente relacionados aos habitantes na faixa de 7 a 14 anos. Como fechamento da investigação, elaboramos um estudo piloto centrado nos aspectos cotidianos da experiência urbana, no qual reputamos estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental como fonte de informação acerca dos espaços vividos e das práticas cotidianas.

Este estudo se estruturou através de uma oficina de mapeamento de espaços vividos e da aplicação de um questionário individual. A fala dos estudantes foi sendo captada através da observação participante, no transcorrer destas atividades. A escolha das técnicas mostrou-se, num primeiro momento, bastante eficaz, pela facilidade de aplicação e pela objetividade das informações coletadas. A otimização da coleta permitiu um tratamento mais aprofundado dos dados, sem que isso prejudicasse os prazos de realização do estudo. Muitas das decisões de método foram, aliás, tomadas em função do cronograma, pelo entendimento de que a boa condução da pesquisa reside, também, na atenção aos prazos. A propósito, cabe mencionar que a pretensão inicial, de levar a cabo um amplo estudo de caso, tomando um ou dois bairros como lócus, foi considerado temerário pela necessidade de compreender a estruturação do espaço urbano antes de mergulhar na questão das práticas, o que implicaria em mais tempo para efetivação da pesquisa.

Dessa forma, entendemos que as técnicas utilizadas permitiram uma primeira aproximação com o objeto de pesquisa, cujo aprofundamento, após o término desta dissertação, poderia se dar, por exemplo, através do emprego de técnicas de entrevista, através das quais fosse possível chegar à família dos respondentes, observando também as condições do bairro e da habitação. Além disso, seria interessante efetuar observações do cotidiano, acompanhando, por exemplo, os percursos diários dos estudantes, a fim de registrar suas impressões acerca da experiência propriamente dita.

A ideia de um estudo de caso ou do estudo comparado de dois bairros, de diferentes perfis sócio-espaciais, se mantém plausível, ainda mais por entendermos que o presente estudo fornece importantes subsídios teóricos e empíricos para a continuidade desta investigação, principalmente a partir de lacunas remanescentes.

Imaginamos, ainda, que este estudo piloto possa ser realizado com crianças e adolescentes de diferentes idades, uma vez que abarcamos apenas o limite da faixa etária investigada. Contudo, acreditamos que crianças mais novas precisariam de um maior acompanhamento, principalmente no mapeamento dos espaços vividos, e que o questionário teria de ser adaptado, especialmente nas perguntas relativas à profissão e escolaridade dos pais.

Outra possibilidade seria instituir um processo informatizado, a exemplo daquele realizado na Finlândia (vide p. 102), num projeto mais amplo, que envolvesse a iniciativa pública, nos âmbitos do Planejamento Urbano e da Educação. Este projeto poderia não só fornecer subsídios às políticas públicas, mas também criar um importante canal de discussão da qualidade de vida dos habitantes da cidade e, especialmente, das crianças. As discussões poderiam envolver a sociedade como um todo, incluindo a administração pública, a universidade, a escola e a família.

Em resumo, fica o entendimento de que o estudo aqui apresentado se configura como etapa inicial de um processo investigativo, que tanto pode ser conduzido na continuidade das atividades de pesquisa, como pode ser ampliado e assumir outros contornos, como um projeto de extensão dentro da própria Universidade, ou até mesmo, sendo conduzido por outras instituições. No próximo item, examinaremos como os resultados desta pesquisa se colocam diante do quadro teórico que a sustenta, avaliando sua capacidade de dialogar com os autores acionados e de produzir conhecimento no campo em que se insere.

4.2. Um mosaico da experiência urbana na cidade contemporânea

Ao assumir o cotidiano como dimensão espaço-temporal da experiência urbana, reconhecemos que a vivência do espaço é trivial, corriqueira, feita no dia-a-dia, na repetição das atividades banais. Ir para a escola, encontrar os amigos, dar uma passadinha no shopping, passear com os cachorros, visitar um amigo, sair de carro, bater uma bolinha, ligar a TV, andar de skate, ficar em casa, dar uma volta no condomínio, conversar no parque, ir ao centro, voltar para casa, comprar pão, passar no clube, passear de bicicleta,

ficar no quarto, jogar videogame, entrar no *messenger*, bater um papo, desconectar, sair do quarto, pegar o ônibus, ir para a escola. Inúmeras ações típicas da vida de uma criança ou de um adolescente. Ações que constroem a relação com o espaço da casa, do bairro e da cidade. Práticas cotidianas que resultam em espaços vividos e constituem o ato de experimentar a cidade. O foco desta investigação acerca da experiência urbana.

Contudo, antes de mergulharmos no universo das práticas, fixamos nosso olhar sobre o espaço urbano e o que nele diz respeito à vivência de crianças e adolescentes. E, antecipadamente, vimos que se trata de um espaço de diferenças que implicam, conseqüentemente, numa multiplicidade de condições para o envolvimento. E quando, enfim, nos debruçarmos sobre o universo cotidiano, vimos que, realmente, a experiência urbana constitui um mosaico, com peças ímpares e únicas, díspares ou semelhantes. Olhando para o comum, encontramos o particular. Cada peça é, em si, um quebra-cabeça que se monta e se desmonta na rotina, nas escolhas, nos encontros, nos percursos. Menino ou menina. Casa ou Apartamento. Condomínio Fechado. Centro ou periferia. Shopping. A pé ou de carro. No bairro. Pela cidade. Rua. Lazer ou circulação.

Na Ilustração 69 (próxima página), apresentamos um fragmento deste mosaico da experiência urbana dos estudantes na cidade de Porto Alegre e em sua região metropolitana. Suas peças também contêm fragmentos: da estrutura sócio-espacial do município, das práticas cotidianas e dos lugares frequentados, do bairro e da família, da habitação e das formas de deslocamento. Trata-se de um conjunto de experiências pinçadas de um conjunto maior²⁷, a partir do qual iniciamos a reflexão acerca dos resultados desta investigação. À luz do quadro teórico-conceitual construído no Capítulo 1, e tomando sua estrutura como roteiro, buscamos, aqui, dialogar com os autores acionados, a fim de discutir as principais questões que emergem da empiria.

Começando pela rotina de atividades, todas as peças são pautadas por um elemento comum: a escola. Afinal, este foi o ponto de partida do estudo piloto, motivo pelo qual este mosaico não abarca a experiência daqueles que não frequentam a escola, e que tem sua rotina pautada por outros elementos, como o trabalho ou a criminalidade. Uma das razões para a condição de incompletude do conjunto aqui exposto, uma vez que ele não dá conta de todas as experiências possíveis. Aliás, de acordo com o preceito epistêmico de invalidação das verdades (CERTEAU, 2009), nunca pretendeu fazê-lo, pelo simples fato de que não há um todo das experiências, finito ou absoluto. Assim, se trata de um mosaico inacabado, porque inacabável.

²⁷ Conforme mencionado anteriormente, o Anexo H contém a descrição das experiências de todos os estudantes, do qual foram extraídas as descrições destacadas na Ilustração 69.

Ilustração 69 – Mosaico da experiência urbana dos estudantes

[26] Menino de Viamão REL 1:

Mora em uma **CASA** com a mãe e um irmão, com quem divide o quarto, onde possui TV, videogame e PC. Tem a **RUA COMO ESPAÇO DE LAZER**, onde caminha, anda de skate, encontra amigos, faz compras, circula de carro e joga bola, cita espaços públicos como lugares frequentados e **NÃO CITA SHOPPINGS**. Frequenta o **centro** de sua cidade, **anda sozinho** e se desloca **A pé**, vai à escola de van.

[11] Menino do Partenon REL 1:

Mora com a mãe e um irmão em uma **CASA**. Dorme sozinho em quarto com PC e guitarra. Vive em **ÁREA RESIDENCIAL COM PRAÇAS, RUAS PAVIMENTADAS E ARBORIZADAS**. Tem a **RUA COMO ESPAÇO DE LAZER**, onde anda de bicicleta ou skate, encontra **AMIGOS**, faz **COMPRAS** e joga **BOLA**, cita espaços públicos como lugares frequentados e não cita shoppings centers, não tendo nenhum no entorno de sua casa. Frequenta **A CASA DE PARENTES E AMIGOS**, praças e parques e o **centro** de Porto Alegre. **Anda sozinho** pela cidade e se desloca **A pé** ou de ônibus.

[18] Menina da Restinga REL 2:

Mora em **APARTAMENTO**, num condomínio com dois blocos ou mais, provido de **piscina** e quadras esportivas, com os pais e dois irmãos, com quem divide o quarto, onde tem TV, videogame e PC. Seu bairro constitui um núcleo autossuficiente, com escolas e equipamentos recreativos, não possui **nenhum shopping** e congrega loteamentos populares e **vilas irregulares**. Tem a **RUA COMO ESPAÇO DE LAZER**, onde anda de bicicleta ou skate, cita espaços públicos e shoppings centers como lugares frequentados. Além do **Shopping Praia de Belas**, frequenta **CURSOS** e a **CASA DE AMIGOS** e parentes na zona sul, e o **Parque Marinha do Brasil**, no Praia de Belas. **Anda sozinho** e se desloca de **ônibus**, **A pé** e de **carro**, vai de **van** à escola.

[3] Menina do Santana REC1:

Mora com a mãe e o padrasto em **APARTAMENTO**. Dorme sozinha e possui PC no quarto. Situado na área central, com tecido **tradicional vertical**, seu bairro é residencial com comércio de menor porte. Tem a **RUA COMO ESPAÇO DE CIRCULAÇÃO**, mas encontra **AMIGOS** e faz **COMPRAS**. Frequenta o **Parque da Redenção** e o **Shopping Iguatemi**. **Anda sozinho** e se desloca **A pé**, de van (escola) ou de carro.

[16] Menino da Lomba do Pinheiro REC1:

Mora em **CASA** com **piscina** com a mãe, o padrasto e um irmão, com quem divide o quarto, onde possui TV, videogame e PC. Seu bairro possui ocupação heterogênea, mesclando núcleos densamente povoados, **vilas irregulares e áreas de preservação ecológica**. **NÃO REALIZA ATIVIDADES DE LAZER NA RUA**, mas **caminha**, faz **COMPRAS** e circula de **carro**. Frequenta **CURSOS** no **Centro** e a **CASA DE AMIGOS** e parentes no próprio bairro. **Anda sozinho** e se desloca de **ônibus** ou de carro, vai de van à escola.

[1] Menina da Tristeza REC 2:

Mora com os pais em **condomínio fechado**, com **piscina**, **playground** e **salão de festas**. Em seu quarto, onde dorme sozinha, tem TV, PC, som e DVD. Seu bairro fica no segundo polo da **elite** junto à **orla do Guaíba**, com uso residencial e comércio concentrado na Av. Wenceslau Escobar, muito próxima da sua casa. **NÃO CITA ESPAÇOS PÚBLICOS** como lugares frequentados, **NEM REALIZA ATIVIDADES DE LAZER NA RUA**, apenas encontra amigos. Durante a semana vai à escola, a **CURSOS** e ao **shopping** e, nos finais de semana, visita **PARENTES E AMIGOS** na **ZONA NORTE**. **Anda sozinho** e se desloca **A pé**, de carro, ônibus ou van (escola), durante a semana, e nos **FINAIS DE SEMANA** apenas de **carro**.

[17] Menina da Ponta Grossa REC 3:

Mora em uma **CASA**, com os pais, um irmão e a avó. Divide o quarto com os dois, onde há uma TV. Seu bairro possui tecido **rururbano** e irregular e é ocupado por **sítios** e sedes sociais. Nas imediações de sua casa **NÃO HÁ EQUIPAMENTOS EDUCACIONAIS OU RECREATIVOS NEM SHOPPINGS**. Não realiza **nenhuma atividade NA RUA**, nem cita espaços públicos e shoppings centers como lugares frequentados. Frequenta, durante a semana, um **clube** em Ipanema e, no final de semana, a casa de **PARENTES E AMIGOS** no próprio bairro. **NÃO ANDA SOZINHA**, mas se desloca **A pé** ou de **carro**, vai à escola de van.

[7] Menino do Humaitá REC3:

Mora com a mãe em casa em **condomínio fechado**, com **piscina**, **playground** e **salão de festas**. Dorme sozinho e possui TV e videogame no quarto. Com **tecido irregular, modernista e contemporâneo**, seu bairro é residencial e dispõe de pequeno comércio. Mora na mesma rua do **Parque Mascarenhas de Moraes**, mas não o frequenta. **NÃO REALIZA NENHUMA ATIVIDADE NA RUA**, **NEM CITA ESPAÇOS PÚBLICOS OU SHOPPINGS**. Frequenta apenas a **CASA DE PARENTES E AMIGOS**, no bairro Restinga. **NÃO ANDA SOZINHO**, cita o **carro** como **único meio** de deslocamento, vai à escola de van.

Apesar de a escola ser um elemento de ligação entre as experiências, ela não possui a mesma representatividade no cotidiano dos estudantes. Primeiro, porque possui peso distinto dentre os espaços vividos. Para o menino do Humaitá, por exemplo, é o único lugar frequentado durante a semana, enquanto divide espaço com uma série de outros lugares na rede de espaços vividos da menina da Restinga.

Além disso, a forma de deslocamento até a escola não é a mesma, ainda que prevaleça o deslocamento de van ou kombi escolar. O menino do Partenon, por exemplo, vai à escola sozinho, percorrendo uma distância de mais de 2 quilômetros, a pé ou de ônibus. Se lembrarmos de que a distância máxima a ser percorrida por uma criança em seu trajeto até a escola, conforme delimitado por Perry (1929) no modelo de unidade de vizinhança, era de 400 metros, veremos que este garoto percorre uma distância cinco vezes maior do que a aconselhada.

O fato de caminhar tanto possibilita, por um lado, que o menino do Partenon tenha uma experiência urbana aprofundada. No entanto, ao passo que constrói maior familiaridade com o espaço, tornando-o lugar à medida que o particulariza (TUAN, 1993), este garoto se depara com os não-lugares. Com aqueles espaços que, nos termos de Augé (1994), não propiciam o envolvimento do indivíduo: calçadas esburacadas, longas extensões de muro, vazios urbanos. A paisagem urbana do seu trajeto do Partenon à Agronomia é constituída pela interpenetração de lugares e não-lugares. Afinal, seria ingênuo imaginar que a experiência é puro envolvimento, pois assim como carrega a oscilação entre movimento e estabilidade, a prática do espaço alterna, naturalmente, profundidade e superficialidade, permanência e transitoriedade.

A condição de alternância se torna ainda mais intrínseca à medida que a aceleração espaço-temporal característica da sociedade globalizada se associa, segundo Harvey (2009), ao incremento da instantaneidade. Lembrando que a busca pelo instantâneo gera uma perda paralela da profundidade, podemos considerar que a efemeridade tende a ser uma das características da experiência urbana contemporânea, mesmo para as crianças ou adolescentes que mantêm uma relação mais profunda com a cidade.

Neste sentido, cabe discutir se o que caracteriza a experiência urbana aprofundada é a multiplicidade da vivência, a variedade dos espaços vividos e das formas de deslocamento, ou, a uniformidade que intensifica a prática de um mesmo espaço, numa rede menos complexa de lugares frequentados. Se, por um lado, a profundidade está associada à variedade e à amplitude, então a menina da Tristeza, que conhece vários bairros em diferentes pontos da cidade, possui uma vivência mais rica. Por outro lado, se a

profundidade está associada à intensidade, a menina do Santana, cujos espaços vividos se concentram no entorno da própria casa, experimenta mais. À luz do quadro teórico, o aprofundamento da experiência se relaciona, inicialmente, à intensidade e à duração (MOORE; YOUNG, 1980), está no tempo alargado, no transcorrer mais demorado das ações, na dimensão ritual do caminhar (SANTOS et.al., 1985). Mas, se considerarmos que a experiência se constitui através das diferentes maneiras de conhecer (TUAN, 1993), podemos admitir que não se trata de opor a vivência de quem atravessa a cidade para ir à escola à daquele que mora perto e vai a pé, colocando variedade contra intensidade.

O contraponto necessário da experiência reside na alternância entre os domínios público e privado, dialética fundante da cidade da infância, segundo Borja (1990). É a partir deste contraste que se constitui, portanto, a riqueza da experiência urbana. Logo, podemos opor, de forma acertada, a vivência do menino do Humaitá, recolhido aos espaços privados e desprovido, na perspectiva de Sennett (1988), do contato com o desconhecido e com a vida pública, ao cotidiano do menino da Lomba do Pinheiro, que também não realiza atividades de lazer na rua, mas caminha pelo próprio bairro, vai ao Centro e anda sozinho pela cidade.

Esse caminhar pelas ruas, ainda que não se constitua como apropriação para fins recreativos ou que seja mera circulação, possibilita que a criança e o adolescente observem o que está ao seu redor e vivenciem a vida da cidade, nos termos de Oliveira (2004). Dessa vivência, ainda que aparentemente superficial, depende a constituição concomitante da cidadania, exercício da responsabilidade com relação ao que é comum, e da civilidade, exercício apropriado de aplicação das regras, desenvolvidas através do que Santos et.al.(1985) definem como pedagogia da rua.

Quando a gradação no envolvimento com o espaço, que se dá do privado ao público, não avança de forma progressiva, contrariando a lógica de constituição do sistema de espaços da criança (HARLOFF; LEHNERT; EYBISCH, 1998), sua emancipação fica impedida. A exemplo do menino do Humaitá ou da menina da Ponta Grossa, extremos da não-vivência da rua, o desenvolvimento das habilidades sociais, especialmente relacionadas ao contato com estranhos, fica estacionado, ao passo que a criança ou o adolescente não exercitam seu domínio sobre o espaço público.

O mais surpreendente é que, supostamente, o contato com a esfera pública já estaria consolidado, ou em vias de se consolidar, na adolescência, que se inicia aos 12 anos, quando se encerra infância (BRASIL, 1990). Apesar de já estarem na faixa dos 13 aos 16 anos, alguns dos estudantes do estudo piloto se destacam pela baixa autonomia no

espaço urbano e por limites de atuação muito reduzidos. Neste sentido, a alteração do recorte etário, efetuada no transcorrer da investigação, acabou não se consolidando como uma barreira. Apesar de fugir do escopo inicial, a investigação do cotidiano de adolescentes rendeu subsídios para reflexão, sobretudo, a partir da constatação de que a não-vivência do espaço público, exceto pelos trajetos motorizados, é capaz de atingir até mesmo indivíduos de 13 e 14 anos, que já não se encontram mais na infância.

Por outro lado, o mosaico nos mostra que, apesar da não-vivência estampada em algumas peças, a rua não se esvazia como espaço de lazer, pois segue sendo palco das brincadeiras, dos jogos e da diversão. Mas a rua passa a ser, também e cada vez mais, espaço de circulação. Outros espaços se somam a ela na lista dos espaços vividos, outros, ainda, a descartam do rol dos lugares da infância. Cada um tem a sua rua. Mera via de passagem ou lugar linear. Lugar para tudo. Ou, espaço para nada.

O mosaico é a nítida expressão da diversificação da geografia das crianças e dos adolescentes (KARSTEN, 2005). A locução cunhada por Karsten reflete de forma precisa a multiplicidade contida na experiência urbana contemporânea. A configuração cotidiana dos espaços vividos é realmente diversificada, e pode se expressar ora pela concentração, ora pelo espraiamento dos lugares de cada estudante. A geografia do menino da Lomba do Pinheiro se desenha nas áreas próximas a sua habitação e tem apenas alguns pontos distantes. Enquanto isso, os lugares da menina da Restinga desenharam um mapa expandido, descentralizado.

Estas múltiplas geografias refletem a multiplicidade que envolve a infância e a adolescência. Múltiplas vias, nos termos de Meira (2004), de experienciar a cidade, de praticar o urbano, de particularizar o espaço. Da vivência intensa à não-vivência do espaço público. A coleção dos lugares de cada estudante é, realmente, única. Cada um constitui a cidade da sua infância. E cada cidade assume um contorno, mais pública ou muito privada, mais amigável ou nada amistosa, fértil de encontros e cheia de percursos ou a cidade que se vê pela janela do carro. De qualquer forma, se constituirá como experiência singular para toda e qualquer criança ou adolescente em qualquer contexto urbano.

A categorização das experiências é uma forma de apreender e reunir essa diversidade, uma forma de sistematizar a cidade da infância, torná-la mais palpável à compreensão dos que não a vivenciam cotidianamente, mas que estão interessados em saber dela. Dentre as categorias de Oliveira (2004), a exceção daqueles em situação de risco, pelos motivos já expostos relativos à entrada em campo através da escola, encontramos tanto os que caminham pela rua, quanto os que não caminham. No entanto, o

que percebemos, ao contrário da oposição apontada pela autora de que os que caminham estão associadas aos bairros pobres enquanto os outros ao universo dos ricos, é que esta vinculação não é estrita. Tomamos como exemplo o caso da menina da Tristeza, que apesar de viver em condomínio fechado, localizado em um dos polos da elite, e ir ao shopping, caminha pelas ruas de seu bairro.

Entre as categorias elencadas por Karsten (2005), temos exemplos das quatro entre os estudantes. Na categoria espaço aberto padrão tradicional podemos incluir aqueles que não citam o shopping center como lugar frequentado, a exemplo do menino do Partenon, que tem a rua como espaço de lazer, consumo e sociabilidade e frequenta parques e praças. No padrão recente do espaço aberto, estão aqueles estudantes que mantêm a rua como espaço de lazer, mas incluem espaços privados, como o shopping, entre os lugares frequentados, como é o caso da menina da Restinga. Na categoria espaço fechado, podemos destacar aqueles que não realizam nenhuma atividade na rua, nem citam espaços de uso público dentre os lugares frequentados, cujos exemplos são o menino do Humaitá que, além da escola, frequenta apenas a casa de parentes e amigos, e a menina da Ponta Grossa, que cita apenas a escola e o clube como lugares frequentados. Por fim, na categoria geração banco de trás, podemos incluir aqueles que citam o carro como principal meio de deslocamento, e que possuem, portanto, uma experiência mediada pelos adultos, como no caso da menina da Tristeza, que apesar de caminhar pelo bairro durante a semana, circula apenas de carro nos finais de semana.

Ainda que as experiências do mosaico sejam compatíveis com as categorias expostas no quadro teórico, optamos por criar categorias próprias, mais alinhadas com os objetivos do estudo e que expressam, de modo mais fiel, os resultados encontrados. A escolha em distinguir as categorias segundo o tipo de utilização da rua está diretamente associada ao objetivo de verificar se os indicativos do esvaziamento da rua como espaço de lazer se confirmavam. A criação das subcategorias, por sua vez, surgiu a partir dos resultados, principalmente pela constatação de que não havia apenas três tipos de dosagem entre domínios: só público, público e privado e só privado.

A classificação²⁸ permitiu constatar que o esvaziamento não se confirma, apesar da utilização da rua como espaço de lazer, exemplificada na vivência dos meninos de Viamão e do Partenon e na da menina da Restinga, não ser predominante entre os estudantes. Além disso, foi possível explicitar a existência de uma categoria, menos representativa entre os estudantes, dos que tem a rua como espaço de lazer, apesar da concentração de lugares

²⁸ Os critérios de classificação e as categorias resultantes são expostos no item 3.5. Vide p.116.

frequentados na esfera privada. Foi possível explicitar, ainda, a subdivisão em dois grupos dos que utilizam a rua como espaço de circulação e têm sua rotina concentrada nos espaços privados: um grupo que reúne os frequentadores de shoppings, a exemplo da menina da Tristeza; e outro grupo formado por aqueles que não os frequentam e que possuem uma vivência restrita aos espaços privados de uso privado, a exemplo do menino do Humaitá e da menina da Ponta Grossa.

Buscando compreender os fatores interferentes do tipo de vivência do espaço público, começamos por analisar os aspectos apontados pelo quadro teórico como determinantes para o grau de autonomia no espaço urbano. Verificamos que a idade, primeiro fator apontado, não se confirma como determinante da liberdade de movimentos dos estudantes, muito menos do contato com o espaço público. Concluímos que o início da adolescência não se constitui, assim, como marco definitivo para expansão dos limites e para o início da vida pública, fora dos espaços privados da casa ou da escola. Em seguida, verificamos que o gênero também não se configura como fator de diferenciação dos níveis de autonomia e muito menos o privilégio dos meninos, cuja manutenção na atualidade é apontada ainda que de forma reduzida (TONUCCI et.al., 2003), uma vez que é o gênero majoritário dentre os casos de não-vivência. Logo, excluídas a idade e o gênero, nos restou como elemento de definição da autonomia a permissão parental, apontada por Moore e Young (1980) como principal fator determinante.

Dessa forma, nos aproximamos dos aspectos relativos à função da família em atuar como mediadora da experiência urbana. Como elementos do quadro teórico, o medo ambiental e a escolaridade dos pais figuravam como aspectos interferentes iniciais, seguidos do tipo de relação entre pais e filhos, entre cônjuges e com a malha social, bem como pela inserção da família na classe.

Considerando que a investigação se centrou na análise de dados censitários e na coleta junto aos estudantes, não tomando a própria família como fonte, o conjunto dos dados relativos às características familiares ficou pouco expressivo diante das demais informações coletadas. Contando apenas com dados de escolaridade e profissão dos pais e composição do núcleo familiar, através do número de conviventes na habitação, não reunimos elementos suficientes para discutir, de forma mais precisa, como se dá a mediação da família sobre a vivência do espaço público.

No entanto, ao assumirmos, na construção do método de pesquisa, o raciocínio de Bourdieu (1997) de que a posição na estrutura social pode ser determinada a partir da posição no espaço físico, tomamos a família como conceito operatório articulado ao bairro.

Dessa forma, na definição da estrutura sócio-espacial do município, consideramos a família através da inserção na classe expressa pela materialização da hierarquia social no espaço físico do bairro. Por este motivo, mesmo não sendo possível estabelecer a correlação direta entre família e práticas espaciais, consideramos a condição familiar dos estudantes, ainda que de forma indireta.

Alguns aspectos relativos ao âmbito familiar que emergiram da empiria guardam relação com elementos do quadro teórico. A começar pela associação, apontada por Ariès (1960/2006), entre a reorganização da casa e o recolhimento da família ao espaço privado. Como vimos, enquanto a especialização dos cômodos marcou a vida cotidiana no século XVIII, contemporaneamente, o incremento das opções de lazer no espaço interno consolidou o privado como domínio das crianças. Entre os estudantes, o predomínio de dormitório exclusivo e a presença maciça de equipamentos eletrônicos em seu interior delimita a crescente individualização dos projetos, apontada por Schapira (2000) como principal característica das transformações familiares na sociedade globalizada. Cada um no seu quarto, com sua própria TV e computador pessoal, uma fórmula que acaba por afastar a criança e o adolescente do convívio e, ainda mais, da rua. Uma vez que o espaço privado reúne ampla oferta de opções recreativas, há menos motivos para buscar diversão fora dele.

É também o caso das estruturas de lazer presentes, principalmente, nos condomínios fechados. Piscina, *playground*, quadra esportiva e salão de festas compõem um cardápio muitas vezes mais atraente do que praças e parques, espaços públicos, em sua maioria, carentes de características ambientais amigáveis à criança e ao adolescente. A prova está no fato de que metade dos estudantes que possuem equipamentos de lazer no espaço privado, não mencionam espaços públicos dentre os lugares frequentados. É o caso do menino do Humaitá e da menina da Tristeza, ambos moradores de condomínio fechado com infraestrutura de lazer, cujo cotidiano não inclui a frequência de espaços públicos.

A alta frequência à casa de parentes e amigos, principalmente nos finais de semana, é outro aspecto que merece ser destacado à luz do quadro teórico. O padrão de sociabilidade fundada no recolhimento ao privado, em oposição à sociabilidade urbana tradicional que toma lugar na rua, ilustrado no filme de Tati (1958) como típico de famílias ricas, parece se tornar cada vez mais difundido em todos os estratos. A menina do Santana é uma das poucas que não visita amigos e parentes, pois possui origem familiar fora do estado do Rio Grande do Sul. Os outros dois estudantes que não possuem esta prática têm a rua como espaço de lazer, e pertencem à categoria cuja vivência do espaço público é mais acentuada.

O aspecto em que ficou mais explícita a relação entre as características da família e a dimensão do cotidiano chama atenção para a materialização do projeto da família no vivido, destacada por Goldthorpe (1995). A vinculação entre a tipologia habitacional de casas em condomínio fechado e famílias constituídas apenas pela mãe e os filhos pode ser um indicativo de um projeto relacionado à segurança e proteção dos filhos, na falta da figura paterna. A busca pela proteção associada à tipologia do condomínio fechado redundava, neste caso, numa experiência cotidiana centrada na esfera privada e completamente dissociada do espaço público, cujo exemplo mais ilustrativo dentre as peças do mosaico é o menino do Humaitá, que vive apenas com a mãe em um empreendimento desta natureza.

A materialização do projeto de família no cotidiano pode ocorrer, ainda, de forma semelhante ao exemplo utilizado por Goldthorpe, de que um esforço em promover a escolarização do filho é capaz de determinar o local de fixação da residência. Dentre os estudantes, há uma situação em que a localização do trabalho parece determinar o local da residência. É o caso da menina do Santana, cuja mãe trabalha no Hospital de Clínicas, vizinho a sua habitação. A escolha em morar perto do trabalho associada, possivelmente, a opção em promover um tipo de escolarização à filha, pelo perfil singular do Colégio de Aplicação, implica, neste caso, que a garota tenha que percorrer uma distância superior a 10 quilômetros para chegar à escola. A estas opções pode se somar a escolha por um tipo de tecido sócio-espacial que, no caso do bairro Santana, está associado a um bairro de tecido tradicional, de classe média, localizado na área central da cidade. O conjunto conformado por estes três aspectos pode inviabilizar, por exemplo, que a residência se localize em uma área periférica, distante do trabalho, mas próxima da escola. Da mesma forma, pode impedir que a menina frequente uma escola mais próxima de casa, por não haver escolas de perfil semelhante à escolhida.

A própria predileção por um tipo de escola pode estar associada ao projeto da família, por permitir, no caso do Colégio de Aplicação, o convívio entre crianças e adolescentes de diferentes estratos, não ocorrendo o que Kaztman (2001) define como segmentação educativa. O fato de reunir estudantes oriundos de bairros com características sócio-espaciais muito distintas entre si possibilita, inclusive, que a rede de amigos seja geograficamente descentralizada. Isto estimula que os estudantes tenham, também, uma rede de espaços vividos mais distribuída, a partir do momento em que frequentam a casa dos colegas.

A associação entre o projeto de família e a escolarização dos filhos, ainda nos termos de Goldthorpe (1995), explicaria o fato de muitos estudantes frequentarem esta escola, apesar de morarem em bairros muito afastados dela. A distância de casa à escola

chega a 25 quilômetros, no caso de uma menina moradora de Belém Novo e, no caso dos moradores de outros municípios, chega a 40 quilômetros, a exemplo do menino que vive em Guaíba.

Os aspectos locacionais da habitação dos estudantes suscitam, ainda, outras questões, relacionadas com a materialização da hierarquia social no espaço físico (BOURDIEU, 1997). A primeira delas se refere à constatação de que o recolhimento ao espaço privado é verificado em todos os estratos sócio-espaciais e nas variadas localizações habitacionais. Por outro lado, constata-se que a maior utilização da rua como espaço de lazer está associada aos estratos inferiores, cuja moradia se localiza, predominantemente, nas áreas periféricas de Porto Alegre e em sua região metropolitana. Tais constatações corroboram, por um lado, o entendimento de que a classe popular tende a utilizar de forma mais intensa o espaço público, segundo a perspectiva de Gans (1965), Bott (1976) e também de Oliveira (2004). Mas, por outro lado, enfraquecem a vinculação quase unilateral entre o recolhimento ao espaço privado e os estratos superiores, insinuada pelos mesmos autores e também pela película de Tati (1958).

Entretanto, a principal questão que emerge da associação entre aspectos cotidianos e locacionais é a correlação entre a vivência mais intensa do espaço público e os estudantes moradores da periferia²⁹. Tal questão abre uma importante frente de reflexão, senão a principal deste estudo, a ser explorada em, pelo menos, três níveis, relacionados à distribuição geográfica das crianças no município, à experiência urbana dos moradores das áreas periféricas e à presença de equipamentos de uso coletivo nestas zonas. No primeiro nível, a questão envolve a constatação de que 53% dos indivíduos de 7 a 14 anos de Porto Alegre vivem em bairros do Perfil 5, e quase 16% vivem em bairros do Perfil 4. Ou seja, quase 70% dos habitantes nesta faixa etária vivem em bairros de baixa renda, situados em sua maioria na periferia da cidade.

Para uma investigação cuja ruptura inicial se dava contra o decreto generalizado do esvaziamento da rua como espaço de lazer, constatar que o perfil da maioria dos habitantes na faixa analisada se associa, justamente, à manutenção das atividades de lazer no espaço público soaria, em primeira análise, como a linha de chegada. Todavia, entendemos que este ponto revela uma nova perspectiva sobre o problema de pesquisa, até então centrado no recolhimento aos espaços privados, que reside na ambiguidade da vivência do espaço público que envolve crianças e adolescentes da periferia.

²⁹ Tal questão foi enunciada, preliminarmente, no item 4.1. Vide p.124.

Sob esta ótica, a periferia, tida como lugar da falta, do estigma e da distância, assume um novo status frente à experiência urbana: passa a ser o lugar da (remanescente) vivência profunda, onde a cidade da infância parece preservada em sua essência. Nas ruas da periferia há jogo e brincadeira, há aventura e descoberta. Nas ruas da periferia de Porto Alegre, há, sobretudo, criança. Jogando, brincando, se aventurando e descobrindo. Mas e a falta, o estigma e a distância? Foram superados? Eis a ambiguidade.

Na mesma fala em que discute a superação do espaço periférico, mencionada ainda no quadro teórico³⁰, Lago aponta que o caso de Porto Alegre parece se enquadrar na categoria de periferia analítica. Ou seja, a periferia construída teoricamente nos idos de 1970, exatamente como lugar da falta de infraestrutura, saneamento, equipamentos, meios de transporte. Após considerar a presença de equipamentos educacionais, espaços abertos e shoppings centers, a análise efetuada neste estudo ratifica o enquadramento na categoria de periferia analítica, principalmente na localização denominada aqui de periferia da periferia, na qual os equipamentos são ainda mais rarefeitos.

Sendo assim, ao constatararmos que a superação do espaço periférico, nos termos de Lago, não se efetiva em nossa cidade, concluímos que a experiência urbana das crianças e dos adolescentes moradores destas áreas tende a ser, realmente, ambígua. Ao mesmo tempo em que são privilegiados, pelo contato profundo com o espaço público, estes indivíduos são carentes de condições para usufruir do espaço público de forma plena. Essa questão se enquadra dentre os encaminhamentos deste estudo, e merece ser discutida à luz dos desafios que coloca ao Planejamento Urbano, conforme faremos no último item.

Mas voltando ao mosaico, cabe observar como a provisão de equipamentos interfere na relação dos estudantes com o espaço urbano, especialmente no caso daqueles que vivem em áreas mais afastadas do centro. O caso da menina da Ponta Grossa é o mais emblemático do impacto da falta de equipamentos no entorno da habitação, pois não há escolas, praças, parques ou shoppings num raio de aproximadamente 5 quilômetros de sua casa. Ela não realiza nenhuma atividade na rua, não cita espaços públicos nem shoppings e sua rede de espaços vividos se restringe à escola, a um clube em outro bairro e à casa de parentes e amigos no próprio bairro.

Para esta menina, o grande motivo de recolhimento ao espaço privado talvez seja a falta de opções de lazer e recreação. Em sentido convergente ao entendimento de Bourdieu (1997), de que, primeiro, a diferença de acesso aos equipamentos coletivos delimita o contraste entre centro e periferia e, segundo, de que o bairro pobre degrada simbolicamente

³⁰ Referência no item 3.5, acerca do espaço social. Vide p.46.

seus moradores, podemos concluir que a falta de equipamentos pode degradar a experiência urbana. Ao não oferecer recursos de exploração e divertimento às crianças e aos adolescentes, estaria caracterizado o fenômeno de degradação social a partir das características físicas do espaço urbano, destacado por Bidou-Zachariassen (1997).

Um aspecto que pode amenizar a análise desta situação é o fato de se tratar, no caso da menina da Ponta Grossa, de um bairro cujo tecido urbano possui, predominantemente, características rurais. Isto poderia indicar que a política de implantação de equipamentos coletivos nesta área é diferenciada em relação ao restante do município. No entanto, a associação entre os aspectos demográficos e morfológicos demonstra que a concentração de crianças nas áreas periféricas redundava na concentração de crianças também no tecido rururbano, característico da periferia da periferia de Porto Alegre. Cerca de 15% dos habitantes na faixa dos 7 a 14 anos vivem em bairros com presença de tecido rururbano, na grande maioria associado ao tecido irregular que, por sua vez, incide nos bairros onde vivem quase 80% dos indivíduos nesta faixa. Em contraponto, menos de 8% destes indivíduos vivem em bairros com incidência de tecido contemporâneo, sem a presença de tecido irregular.

Essa questão conduz para a pertinência em adotar o bairro como unidade não só de análise da experiência urbana das crianças e dos adolescentes, mas também como escala para o estabelecimento de políticas urbanas voltadas para a população infantil. Já havíamos mencionado preliminarmente este parecer, no item 3.2³¹, ao verificar que a representatividade das crianças e dos adolescentes variava de bairro para bairro. Destacamos, naquele ponto, que a consideração da escala do bairro se faz necessária principalmente nas situações em que o desenho etário do bairro é diferente daquele encontrado no município.

A importância de considerar a escala do bairro se deve não apenas à representatividade que as crianças e os adolescentes assumem em determinados bairros, sobretudo nos perfis sócio-espaciais inferiores, mas também pelo significado que o próprio bairro possui no cotidiano destes indivíduos. Como vimos através do estudo piloto, as atividades realizadas durante a semana tendem a se concentrar nas imediações do bairro de moradia, confirmando os indicativos do quadro teórico de que o bairro é a escala urbana, associada à vizinhança, experienciada com mais frequência e intensidade pela criança (HARLOFF; LEHNERT; EYBISCH, 1998). Para alguns estudantes, inclusive, o bairro

³¹ Vide conclusão acerca dos aspectos demográficos, p.86.

concentra a grande maioria dos espaços vividos, constituindo-se, por vezes, na única escala urbana vivenciada.

De acordo com os autores acionados, o bairro se constitui pelas relações de centralidade (SANTOS, 1988) e pela continuidade temática (LYNCH, 1960/2010), motivo pelo qual a compreensão acerca de seus limites, ainda que legalmente fixados, pode variar entre os habitantes. As dúvidas acerca da definição dos limites ficaram visíveis quando a menina do Santana pediu ajuda para identificar o seu bairro e, principalmente, no caso da menina da Ponta Grossa. Apesar de morar dentro dos limites do bairro Belém Novo, ela identifica uma Ponta Grossa com ampliada em relação à delimitação oficial, motivo pelo qual define que este é o seu bairro.

Finalmente, a questão do bairro e dos aspectos físicos envolve a associação entre o tipo de tecido urbano e os paradigmas da experiência urbana das crianças. Retomando a construção elaborada no quadro teórico, vimos que a maneira como os discursos urbanísticos distinguem a vivência das crianças constitui diferentes paradigmas. Através dos autores acionados, identificamos a existência do paradigma da liberdade e do paradigma da proteção, que colocam em oposição diferentes articulações entre os elementos da forma urbana e que se mantêm atuais através da permanência de seus ideais. De um lado, o paradigma da experiência fundada na liberdade (JACOBS, 1961/2000) está profundamente associado ao ideal da cidade da infância e à utilização da rua como espaço de lazer. Por outro lado, o paradigma da experiência centrada na proteção (STEIN, 1966) tem a rua como espaço ameaçador e defende a necessidade de proteção da criança, a partir da criação de espaços exclusivos de recreação.

Vimos também que, originalmente, o paradigma da liberdade, está associado ao tecido urbano do tipo tradicional, caracterizado pela combinação entre usos combinados e quarteirões regulares com edificações voltados diretamente para o espaço público. E que, contemporaneamente, este paradigma está associado também ao tecido irregular, delimitado pela malha de becos e vielas das vilas ou favelas, núcleos que, em geral, são dispostos de forma desordenada e densa, cujas habitações apresentam condições precárias.

Em paralelo, o paradigma da proteção está associado, originalmente, ao modelo da cidade jardim e da unidade de vizinhança, de traçado modernista culturalista (CHOAY, 1965/2005), marcado pelas áreas residenciais dispostas de forma orgânica em meio a áreas verdes. Contemporaneamente, este paradigma se expressa pela emergência dos enclaves fortificados (CALDEIRA, 2000), categoria na qual se incluem shoppings, centros de lazer,

entre outros, cuja versão habitacional são os condomínios fechados. Estes condomínios são, quase sempre, marcados pelo uso exclusivamente residencial, delimitados fisicamente através de muros e grades e caracterizados pela relação indireta da edificação com o espaço público.

Diante destas considerações, a análise acerca da interpolação entre cotidiano e espaço físico se centrou em examinar se as características morfológico-espaciais dos bairros guardavam relação com o tipo de experiência urbana dos estudantes. Conforme destacamos no item de análise dos resultados³², foi possível identificar, primeiro, uma correlação entre tipologia habitacional de casa em condomínio fechado e a utilização da rua como espaço de circulação, assim como foi possível constatar que todos os bairros com incidência de tecido contemporâneo estão associados a esta categoria. Verificamos, também, que entre bairros de moradia dos estudantes que possuem a rua como espaço de lazer, não há incidência de tecido contemporâneo ou modernista. Por fim, observamos que a utilização da rua como espaço de lazer está mais associada aos tecidos rururbano, irregular e tradicional, principalmente quando sobrepostos, apesar desta relação não ser estrita, pois há incidência, ainda que baixa, de utilização da rua como espaço de circulação em bairros com estes tipos de tecido.

Considerando que a utilização da rua como espaço de lazer está associada ao paradigma da liberdade e que a utilização da rua como espaço de circulação está associada ao paradigma da proteção, os resultados da atividade realizada com os estudantes confirmam, de certa forma, a vinculação estabelecida no quadro teórico entre tecido contemporâneo e paradigma da proteção. Além de reafirmarem sua desvinculação, e também a do tecido modernista, ao paradigma da liberdade. Ademais, as conclusões confirmam a aproximação entre tecidos tradicional e irregular e o paradigma da liberdade, da mesma forma que apontam uma relação entre o mesmo paradigma e o tecido rururbano.

Acionando o mosaico para ilustrar de que forma pode se estabelecer a relação entre o espaço físico e o cotidiano, tomamos o exemplo do menino do Humaitá, descrevendo cada etapa da investigação acerca do tecido urbano. Ainda no quadro teórico, o tecido contemporâneo foi associado à presença de condomínios fechados, bem como ao paradigma da proteção, marcado pelo afastamento das crianças da rua. Na análise empírica, identificamos a presença de condomínios fechados no bairro Humaitá, classificando-o como bairro com incidência de tecido contemporâneo. O menino do Humaitá mora em condomínio fechado, dotado de infraestrutura interna de lazer e recreação. Este

³² Conclusões apresentadas no item 4.1. Vide p.119-130.

garoto possui a rua como espaço de circulação e seu cotidiano é marcado pela não-vivência do espaço público.

Fica evidente, portanto, a forte correlação entre as características do espaço físico, o tipo de vivência associada e as práticas do próprio garoto. Este caso é emblemático do fenômeno denominado por Bourdieu (1997) como efeito de lugar quando, nos termos do autor, o habitat contribui para conformar o hábito. No entanto, como o próprio Bourdieu destaca “se o habitat contribui para fazer o hábito, o hábito contribui para fazer o habitat através dos costumes sociais” (Ibid, p. 165). Ou seja, não sabemos em que medida é o fato de morar em condomínio fechado que determina a experiência fundada na proteção, ou se é a busca por proteção que determina a escolha pelo condomínio fechado. Especialmente numa situação como a do menino do Humaitá, o que fica explícito é que a fusão entre composição e projeto de família, inserção na classe, medo ambiental, entre outros, redundam num tipo de vivência cotidiana na qual o espaço público não é visto como espaço atraente às práticas da criança e do adolescente.

E, ainda que não fique clara a ordem de determinação, nem sequer se ela existe, fica evidente que os condomínios fechados estão associados à não-vivência do espaço público. A ambiguidade que este tipo de empreendimento carrega, descrita por Becker (2005), é reafirmada diante do cotidiano dos estudantes. Pois, ainda que se constituam como espaços protegidos, que garantem liberdade para que a criança brinque em seu interior, os condomínios fechados representam efetivamente um prejuízo à experiência urbana das crianças e dos adolescentes de modo geral. Ao eliminarem o contraponto entre os domínios público e privado na vivência dos residentes e ao favorecerem, também segundo Becker (2005), o aumento da violência urbana e a degradação dos espaços públicos em suas adjacências, os condomínios fechados constituem-se como prejuízo duplo, aos de fora e aos de dentro.

Vale lembrar que, em Porto Alegre, a incidência do tecido contemporâneo está associada, em muitos bairros, à presença do tecido irregular. A combinação entre os dois tecidos coloca a criança moradora da vila e a criança do condomínio lado a lado, separadas apenas por um muro. E, considerando a associação entre tecido irregular e vivência da rua como espaço de lazer e a vinculação do tecido contemporâneo à não-vivência da rua, temos que o mesmo espaço público que é palco de recreação e brincadeiras para a criança da vila é espaço ameaçador para a criança do condomínio. Contudo, enquanto a criança do condomínio tem um aparato de lazer no espaço interno, a criança da vila fica com o espaço que acaba se tornando ameaçador também para ela, pela criminalidade e degradação fortalecidas pela presença do condomínio.

Esta situação, gerada pela ambiguidade do condomínio fechado e seu duplo prejuízo, se coloca dentre as questões mais relevantes acerca da relação contemporânea da criança com a cidade, ao lado da também ambígua experiência dos moradores da periferia. Juntas, instauram uma barreira à materialização da cidade da infância em essência, ao mesmo tempo em que se constituem como enormes desafios aos planejadores urbanos, aos gestores públicos e a todos que buscam tornar o ambiente urbano amigável à criança e ao adolescente.

4.3. O recorte etário e os desafios ao Planejamento Urbano

Diante de tudo que foi exposto e à guisa de conclusão, buscamos delinear a contribuição específica deste estudo para o campo do Planejamento Urbano. Em paralelo, elencamos os desafios que emergem desta investigação. Como principais questões a serem abordadas estão a consideração do recorte etário como critério de planejamento e a observação do cotidiano e da apropriação social dos habitantes como ferramenta de compreensão do espaço da cidade.

Começando pela consideração do recorte etário como critério de planejamento, a possível dúvida que se coloca é acerca da pertinência de pensar a cidade, tomando como referência os diferentes grupos etários, de crianças, jovens, adultos ou idosos, apesar do risco de acabar isolando-os, ao pensar em cidades específicas para cada um. A conclusão a que se chega é que o recorte etário é pertinente como mais um elemento de definição de políticas urbanas, principalmente por incorporar a dimensão humana, com certa especificidade, de forma bastante objetiva. A disponibilidade dos dados censitários, principalmente quando agregados por bairro, como no caso deste estudo, facilita a definição do enfoque das políticas, bem como do público-alvo a que se destinam.

A identificação do perfil da população residente e das necessidades associadas a cada faixa etária, sobretudo pela espacialização dos dados através das ferramentas de geoprocessamento, permite mapear de forma mais precisa os problemas urbanos, sendo possível identificar os pontos de maior demanda e também de maior carência. Enquanto a análise através de tabelas permite, por exemplo, verificar o alinhamento de Porto Alegre com o processo de inversão etária entre crianças e idosos, em curso na esfera global e com previsão de efetivação dentro de trinta anos no Brasil (CARVALHO; RODRÍGUEZ-WONG, 2008), a análise espacializada dos aspectos demográficos possibilita verificar o processo em suas nuances. Ou seja, ao analisarmos a representatividade das crianças na escala do

bairro, constatamos que o desenho etário do município não se aplica de forma homogênea aos bairros, havendo pontos em que a inversão levará, provavelmente, mais tempo para ocorrer. Isto implica na impossibilidade de definir políticas urbanas em escala municipal, desconsiderando as variações na microescala, que dizem respeito, de forma mais direta, ao cotidiano dos habitantes.

Além disso, a espacialização dos dados referentes aos aspectos demográficos, locais e morfológicos, sobreposta à materialização da hierarquia social no espaço físico, definida neste estudo pela classificação dos Perfis de bairro, permite identificar convergências geográficas, que se acentuam com o acréscimo da camada dos aspectos cotidianos. A principal delas, no âmbito desta pesquisa, é a convergência de altos níveis de população infantil nos bairros pobres e periféricos, onde há falta de equipamentos coletivos, e predomínio da rua como espaço de lazer. A convergência oposta é a de que há menos crianças nos bairros ricos das áreas centrais, onde há boa provisão de equipamentos e predomínio da rua como espaço de circulação. Há, ainda, uma terceira convergência, de casa em condomínio fechado, em bairro com tecido contemporâneo, associada à não-vivência do espaço público.

A constatação destas convergências serve como orientação para o estabelecimento das políticas públicas, mas revela, sobretudo, o quanto o espaço urbano de Porto Alegre está estruturado a partir das diferenças sócio-espaciais. Nos termos de Ribeiro (2003), as linhas da sociedade são marcadas de forma nítida no espaço físico.

Tomar o recorte etário como critério de planejamento e o cotidiano como escala de análise não significa projetar cidades segmentadas, só para crianças, ou só para idosos. Compreender as variações na distribuição geográfica das diferentes faixas etárias, por exemplo, significa endereçar as políticas, para não incorrer no erro da generalização de planejar uma cidade “para todos”, quando não se está pensando em nenhum. Além disso, ao planejar uma cidade para crianças, se está planejando uma cidade para pessoas. A cidade amigável para a criança é amigável para o jovem, o adulto e o idoso. Principalmente porque a cidade para as crianças é sustentada pela vitalidade urbana que garante animação e, conseqüentemente, segurança para os espaços públicos e para todos os seus usuários (JACOBS, 1961/2000).

Em paralelo, pensar em equipamentos coletivos de recreação e na qualificação das atividades de lazer no espaço aberto, tendo as crianças como foco, não significa pulverizar a cidade de *playgrounds* padronizados. Antes de ser valorizada por um desenho rebuscado e previsível, a vivência espacial das crianças é potencializada, justamente, pela liberdade de

exploração e manipulação do ambiente. A qualificação do espaço público, seja pela instalação de equipamentos de recreação, pelo tratamento urbanístico e paisagístico do sistema viário, através da instalação de saneamento básico, da qualificação dos passeios, travessias, ciclovias, e/ou da provisão de espaços abertos, com respectivo tratamento paisagístico e garantia de manutenção, são formas de qualificar a experiência urbana das crianças que têm a rua como espaço de lazer. Do mesmo modo, combater a exclusividade do uso residencial ou uma malha viária com desenho inadequado à circulação a pé, seja pela extensão das quadras e/ou pela topografia íngreme, também são formas de fazê-lo.

Contudo, a qualificação da vivência do espaço público não encontra meios apenas na intervenção sobre o próprio espaço público, mas também no controle da relação entre os domínios público e privado. Neste sentido, medidas de combate ao recolhimento excessivo ao espaço privado consistem, basicamente, em amenizar seus impactos sobre o espaço público. A ação do poder público sobre o espaço privado é complexa, e não poderia impedir, por exemplo, a instalação de estruturas de lazer que estimulem a vivência centrada no espaço interno e protegido, e nem seria o caso de fazê-lo. A intervenção pública se faz possível, e necessária, na normatização da interface entre público e privado. Tal regulação poderia se dar através de medidas restritivas relacionadas às barreiras físicas, que impedissem, por exemplo, que longas extensões de passeio público tenham como única interface muros cegos de mais de dois metros de altura.

Indiretamente, esta é também uma forma de qualificar a experiência das crianças que têm a rua como espaço de lazer, uma vez que são atingidas, como vimos, pelos problemas advindos do descontrole na regulação da interface dos condomínios fechados com o espaço público. Isso significa dizer, por exemplo, que a política de parcelamento do solo e a normatização dos loteamentos está diretamente relacionada à experiência das crianças. As medidas de qualificação do espaço urbano são também medidas de superação do espaço periférico quando, considerada a análise concomitante dos aspectos locacionais e morfológicos, por exemplo, é verificada a concentração de carência de equipamentos e de espaços abertos na periferia urbana de Porto Alegre.

Estamos falando aqui de intervenções pontuais, no sentido de pontualmente localizadas, que são capazes de gerar melhorias na escala do lugar, do cotidiano, do bairro, que qualificam a experiência dos praticantes ordinários, nos termos de Certeau (1990/2009), mas que se originam, como política urbana, na escala macro, do município e até da região metropolitana. Ponto a partir do qual se faz necessária a visão do conjunto que, apesar do clichê, é sim a soma das partes, e não um todo genérico e desparticularizado, absoluto e imobilizado. A dinâmica do conjunto urbano se dá pela ação dos praticantes ordinários, os

mapas se originam dos percursos, e é por isso que não se pode perder de vista nem um nem outro. Mapa e percurso. Voyeur e caminhante. Urbanista e criança. Estrutura sócio-espacial e práticas cotidianas, essa é a articulação que dá origem à experiência urbana e que constitui o mosaico da vida na cidade.

E é em nome da vida nas cidades, e pela essência da cidade da infância, que nos alinhamos à necessidade de desestímulo do paradigma da proteção, porque gera prejuízos à vivência do contraponto entre público-privado, ao mesmo tempo em que combatemos a instauração do paradigma da liberdade desprovido de condições urbanas adequadas, porque gera, da mesma forma, prejuízos à saúde e à integridade da criança. Por fim, é em nome da cidadania e da civilidade, constituídas pelo desempenho da vida pública em espaços públicos, e em nome da sociedade do futuro, na qual as crianças e os adolescentes de hoje terão papel central, como urbanistas, gestores, cidadãos, que questionamos: como as políticas urbanas contemplam a experiência urbana dos jovens habitantes?

Referências Bibliográficas

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- AUGÈ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BECKER, Debora. **Condomínios horizontais fechados**: avaliação de desempenho interno e impacto físico-espacial no espaço urbano. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – PROPUR/UFRGS, Porto Alegre, 2005.
- BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BERALV. Material de divulgação do empreendimento imobiliário Capão Ilhas Resort, da Beralv Empreendimentos Imobiliários Ltda., 2011. Disponível em: <http://www.capaoilhasresort.com.br/2010/content/home/>. Acessado em 19 jan.2011.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BORJA, Jordi. La ciudad conquistada: un punto de vista desde la sociología. In: FERNANDO, Jordi; MORELL, Sussi (coord.). **La ciudad educadora**: I Congrès Internacional de Ciutats Educadores. Barcelona: Ayuntamiento de Barcelona, 1990. p. 49-58.
- BOTT, Elizabeth. **Família e rede social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.
- _____. Efeitos de lugar. In: _____ (org). **A miséria do mundo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997, p. 159-166.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo** – Metodologia da pesquisa na sociologia. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente (1990). **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. – 3. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.
- CALDEIRA, Teresa. **Cidade de Muros**: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CARDOSO, Bianca Breyer; MARZULO, Eber. **Infâncias urbanas multidiscursivas**. In: V Simpósio Nacional de História Cultural, 2010, Brasília. V Simpósio Nacional de História Cultural, 2010.

_____. **Classe, família e criança**: a sociabilidade urbana no século XXI. In: XXVIII Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Sociologia (ALAS 2011), 2011, Recife - PE. Anais XXVIII Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Sociologia (ALAS 2011), 2011. Disponível em: http://www.sistemasmart.com.br/alas/TrabalhoSite/visualiza_popup1.asp?IdAtividade=2397. Acesso em: 17 jan.2012

CARPINEJAR, Fabrício. **Varredores**. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://carpinejar.blogspot.com/2010/11/varredores.html#comments>. Acesso em 03 nov.2010

CARVALHO, José Alberto Magno de; RODRÍGUEZ-WONG, Laura L. A transição da estrutura etária da população brasileira na primeira metade do século XXI. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n.24, v.3, p.597-605, mar. 2008. Disponível em: <http://www.cedeplar.ufmg.br/>. Acesso em: 04 mar.2011.

CASTELLO, Iára Regina. **Bairros, loteamentos e condomínios**: elementos para o projeto de novos territórios residenciais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**, vol. I - artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2009 (1990).

CHOAY, Françoise. **O urbanismo: utopias e realidades uma antologia**. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2010 (1965)

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. **Abordagens Etnográficas nas pesquisas com crianças e suas culturas**. In: 28ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2005.

FIGUEIREDO SANTOS, José Alcides. **Estrutura de Posições de Classe no Brasil**: mapeamento, mudanças e efeitos na renda. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2002.

GANS, Herbert. J. **The urban villagers: group and class in the life of Italian-Americans**. New York: The Free Press, 1965.

GOLDTHORPE, John. The service class revisited. In: T. Butler, M. Savage (ed.), **Social change and middle classes**, London: UCL Press, 1995.

GÖRLITZ, Dietmar et. al. (Ed.). **Children, cities, and psychological theories: Developing relationships**. Berlin and New York: de Gruyter, 1998.

GUERRA, Abílio. **Sobre espaço público, final de semana e crianças**. Portal Vitruvius: 2010. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.007/940>. Acesso em 17 jun.2010

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP& A, 2002.

HARLOFF, Hans Joachim; LEHNERT, Simone ; EYBISCH, Cornelia. Children's life worlds in urban environments. In: GÖRLITZ, Dietmar et al (Ed.). **Children, cities, and psychological theories: Developing relationships**. Berlin and New York: de Gruyter, p. 55-84, 1998.

HART, Roger. Containing children: some lessons on planning for play from New York City. **Environment and Urbanization**, v.14, n.2, p.135-148, 2002.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. SP, Loyola, 2009.

HOLANDA, Frederico Borges de. É a luta de classes, estúpido! In: **XIV Encontro Nacional da ANPUR**, 2011, Rio de Janeiro. Anais XIV Encontro Nacional da ANPUR. Rio de Janeiro: ANPUR, 2011.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 20 out. 2011.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS (Org.). **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000 (1961).

KARSTEN, Lia. It All Used to be Better? Different Generations on Continuity and Change in Urban Children's Daily Use of Space. **Children's Geographies**, v.3, n.3, p. 275–290, dez. 2005.

_____. The upgrading of the sidewalk: from traditional working-class colonisation to the squatting practices of urban middle-class families. **Urban Design International** n. 13, p. 61–66, 2008.

KAZTMAN, Rúben. Seducidos y abandonados: el aislamiento social de los pobres urbanos. In: **Revista de la CEPAL** n.75, p. 171 -189, dez. 2001.

KYTTÄ, Marketta. The extent of children's independent mobility and the number of actualized affordances as criteria for child-friendly environments. **Journal of Environmental Psychology**, v. 24, p. 179–198, 2004.

KYTTÄ, Marketta; BROBERG, Anna. **Soft GIS**: Urban environment and children's mobility. Disponível em: <<http://pehmo.tkk.fi/home/projects/3/content>>. Acesso em: 30 ago. 2011.

LAGO, Luciana Corrêa do; RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. A divisão favela-bairro no espaço social do Rio de Janeiro. In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; BÓGUS, Lúcia (org.), **Cadernos Metrópole**, 5; 37-59, 2001.

LEIPZIG, Arthur. **Chalk games**. Estados Unidos: 1943-1958. Ensaio fotográfico. Disponível em: <http://www.arthurleipzig.com/>. Acesso em: 20 out.2011.

LIMA, Mayumi Watanabe de Souza. **A cidade e a criança**. São Paulo: Nobel, 1989.

LIVI-BACCI, Massimo. Too Few Children and Too Much Family. **Daedalus**, v.2, p.1-15 Summer, 2001. Disponível em: <http://www.cedeplar.ufmg.br/>. Acesso em: 04 mar.2011.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010 (1960).

MARZULO, Eber. **Espaço dos pobres. Identidade social e territorialidade na modernidade tardia**. Tese (Doutorado) - IPPUR-UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

MEIRA, Ana Marta. **A cultura do brincar: A infância contemporânea, o brincar e a cultura no espaço da cidade.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – PPGPsi/UFRGS, Porto Alegre, 2004.

MOORE, Robin; YOUNG, Donald. Childhood Outdoors: Toward a Social Ecology of the Landscape. In: ALTMAN, I.; WOHLWILL, J. (Ed.). **Children and the Environment** (Human behavior and environment v.3). New York: Plenum Press, 1980.

MÜLLER, Fernanda. **Retratos da infância na cidade de Porto Alegre.** Tese (Doutorado em Educação) – PPGEduc/UFRGS, Porto Alegre, 2007.

OBSERVAPOA. **Observatório de Porto Alegre.** Disponível em: <http://www.observapoa.palegre.com.br/>. Acesso em: 01 out. 2011.

OLIVEIRA, Claudia Maria Arnhold Simões de. **O ambiente urbano e a formação da criança.** São Paulo: Aleph, 2004.

PERRY, Clarence A. The Neighborhood Unit. In: **Regional Survey of New York and its Environs**, v.VII, Monograph One. New York: Arno Press, 1929. Disponível em: <http://codesproject.asu.edu/node/11>. Acesso em 12 dez.2011.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. O cotidiano como objeto teórico ou o impasse entre ciência e senso comum no conhecimento da vida cotidiana. In: MESQUITA, Zilá; BRANDÃO, Carlos R. (org.). **Territórios do cotidiano.** Ed. Universidade/UFRGS/Ed. Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, 1995, p. 30-39.

PIAGET, Jean. **O tempo e o desenvolvimento intelectual da criança.** In: Epistemologia genética ou sabedoria e ilusões da filosofia ou problemas de psicologia genética. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 211-225

PORTINARI, Candido. **Projeto Portinari: Acervo de Obras.** Disponível em: <http://www.portinari.org.br/ppsite/index.htm>. Acesso em: 10 out. 2011.

PORTO ALEGRE. Legislação Municipal. **Lei complementar 434/99: Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Porto Alegre (PDDUA).** Corag, 2001.

SARAIVA, Marina Rebeca de Oliveira. **A fábula da metrópole: a cidade do ponto de vista de crianças moradoras de condomínios fechados de luxo.** Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2009.

SPM. **Secretaria do Planejamento Municipal de Porto Alegre.** Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/>. Acesso em: 20 out. 2011.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. **Proximidade Territorial e Distância Social: reflexões sobre o efeito do lugar a partir de um enclave urbano.** ANPOCS, 2003.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; LAGO, Luciana Corrêa do. **O espaço social das grandes metrópoles brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.** Cadernos Metrópole (PUCSP), EDUC - Editora da PUC/SP, v. -, n. 4, p. 173-203, 2000.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. 2.ed. rev. e atual. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos et. al. **Quando a rua vira casa**: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 3.ed. São Paulo: Projeto, 1985.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos. **A cidade como um jogo de cartas**. 3.ed. São Paulo: Projeto, 1988.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. O lugar e o cotidiano. In: _____. **A natureza do espaço**, São Paulo: EDUSP, 2002.

SARAIVA, Marina Rebeca. **A fábula da metrópole**: a cidade do ponto de vista de crianças moradoras de condomínios fechados de luxo. In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2008, Porto Seguro. 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2008.

SAVAGE, Mike. Class analysis and social research. In: T. Butler, M. Savage (ed.), **Social change and middle classes**, London: UCL Press, 1995.

SCHAPIRA, Marie-France Prevôt. Métropoles d'Amérique latine: de l'espace public aux espaces privés. **Cahiers des Amériques Latines**, n. 35, p. 15 – 19, 2001.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

STEIN, Clarence. **Toward new towns for America**. Massachusetts: The M.I.T. Press, 1966.

TATI, Jacques. **Meu Tio** (*Mon Oncle*). França, 1958. Filme cinematográfico, DVD.

TONUCCI, Francesco. **La ciudad de los niños**: un modo nuevo de pensar la ciudad. Buenos Aires: Losada, 2007.

TONUCCI, Francesco et. al. L'autonomia di movimento dei bambini italiani. **Quaderni del progetto "La città dei bambini"**, n. 1, Giugno 2002.

TRUFFAUT, François. **Na Idade da Inocência** (*L'Argent de Poche*). França, 1976. Filme cinematográfico, DVD.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

UEDA, Vanda. **Os novos empreendimentos imobiliários e as transformações recentes no espaço urbano de Porto Alegre**. In: Encontro de Geógrafos da América Latina. Por uma geografia latino-americana. São Paulo, SP: Departamento de Geografia/FFLCH/USP, 2005.

VEITCH, Jenny et. al. Where Do Children Usually Play? A Qualitative Study of Parents' Perceptions of Influences on Children's Active Free Play. **Health & Place**, n. 12, v. 4, p.383-393, 2006.

VEJA. **Excesso de proteção faz mal ao seu filho.** 2010. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/140410/excesso-protecao-faz-mal-filho-p-108>. Acesso em 21 abr.2010

VERRI, Cínthya. **Perigos Fundamentais.** Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://boucheville.blogspot.com/2010/08/perigos-fundamentais.html>. Acesso em 10 ago.2010

ZERO HORA: **Em fotos e depoimentos, filhos voltam no tempo e encontram seus pais quando eles tinham a mesma idade.** Porto Alegre, 08 ago. 2010. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/bem-estar/19,0,2995516,Em-fotos-e-depoimentos-filhos-voltam-no-tempo-e-encontram-seus-pais-quando-eles-tinham-a-mesma-idade.html>. Acesso em 08 ago.2010

ZERO HORA: **Competição de carrinhos de rolimã em Encantado resgata brincadeira à moda antiga.** Porto Alegre, 04abr.2011. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp>. Acesso em 04 abr.2011.

ANEXO A – Opiniões do senso comum acerca do problema de pesquisa

VARREDORES



Arte de Cinthya Verri

Desço a rua Lageado, em Porto Alegre, as árvores ainda montam sua feira de frutas, a luz vem filtrada pelos galhos, o cheiro é de grama voada, a igreja São Sebastião é meu ponto visual para chegar à Protásio Alves, quase tudo igual a minha infância, menos as pessoas guardadas.

Há um recolhimento de madrugada em pleno sol. Não há mais ninguém varrendo a rua de manhã. A casa somente ficava limpa se a rua era varrida. A rua representava parte da residência. Uma extensão do pátio. Um corredor ansioso ao mundo. Antes das grades e das cercas eletrônicas, do pavor do assalto, a frente funcionava como sala de visitas. Recebia-se namorada nos cantos, o vendedor de enciclopédias e as representantes da Avon no jardim, os mendigos familiares e as campanhas de agasalho na escada. Os únicos riscos que apareciam no chão vinham do jogo da amarelinha e dos carrinhos de rolimã.

Não adiantava nada arrumar os aposentos, ajeitar a cama, lavar a louça, espanar os móveis, se não limpasse a calçada. Como usar roupa bonita com sapato sujo.

A maior parte dos vizinhos saía para se cumprimentar com sua vassoura de palha. Certo o encontro às 8 horas para reunir as folhas. Certo o falatório entre as braçadas firmes e ágeis. Os motoristas que passavam não interrompiam as fofocas. Achava lírico. Assim como os guris jogavam futebol de uma garagem a outra, os moradores conversavam de um portão a outro. Existia uma ordem imutável: o pássaro no fio, o gato na janela, o cachorro espiando no pátio e o varredor de cabeça baixa cuidando de seus domínios, disciplinado, nunca avançando no terreno alheio, amontoando os ciscos e gravetos num pequeno monte a São João.

Parece lenda, mas usávamos a rua como um cinto que apertava o muro, um cinto para a casa não cair no desleixo de um terreno baldio. As aparências se mantinham já na entrada. Quando as crianças iam para escola, os pais comentavam quais as vias mais transparentes de vento. Abria-se um pedágio informal da palavra, um controle asseado, uma vigilância dos serviços alheios. Calçada suja sinalizava doença ou divórcio. Minha mãe já entrava em polvorosa: "Coitado de Fulana, faz quatro dias que não recolhe as folhas. O que será que aconteceu?"

Desço a rua Lageado. Disputando corrida comigo, um vazamento desde o início da lomba, uma torrente de água branca e espumosa serpeando as pedras. Muito mais rápida do que meus passos. Não anseio soltar um barquinho de papel para ancorar no esgoto. Não é engraçado, é infinitamente triste. A água, como a rua, não tem mais olhos — não há quem se importe.

Competição de carrinhos de rolimã em Encantado resgata brincadeira à moda antiga

Campeonato movimenta o município e deve contar com pelo menos 200 participantes

Thiago Stürmer | thiago.sturmer@gruporbs.com.br

O morro que dá acesso a Lagoa da Garibaldi, ponto turístico de Encantado, no Vale do Taquari, recebe neste final de semana um campeonato de carrinhos de lomba. Na descida de 1,1 mil metros, o piloto pode chegar a 70 km/h, dependendo do modelo de seu carrinho. Pelo menos 200 pessoas devem participar.

O interesse na competição é tanto que os rolamentos sumiram das torneiras e oficinas mecânicas. Quem tem peças de sobra troca ou vende, nada de entregar de mão beijada para o adversário.

— O pessoal leva a sério. Tem uns que treinam escondidos para não mostrar o projeto do carrinho ao outro — afirma o industriário Alexandre Kuffel, 34 anos, um dos mais empolgados com o campeonato.

O marceneiro Rogério Bouvié, 34 anos, e um grupo de amigos também vão reviver a infância durante a competição.

— Quando era criança construí tantos carrinhos que usamos toda a madeira da despensa da casa — lembra Bouvié.

O pai dele teve de fazer um novo cômodo — de tijolo, para garantir. É nessa oficina improvisada que ele maneja madeiras, rolamentos e parafusos até hoje. Para ele próprio e para os outros. Sim, porque o filho Vitor, 13 anos, também entrou na brincadeira. Em tempos de videogames e sofisticados jogos por computador, ele e os amigos passam as tardes descendo lombadas nos carrinhos iguais aos que o pai usava décadas atrás.

— É saudável e divertido — resume o adolescente.

Fonte: Zero Hora, 2011

Em fotos e depoimentos, filhos voltam no tempo e encontram seus pais quando eles tinham a mesma idade

Patrícia Rocha

Neste domingo de Dia dos Pais, cinco filhos voltam no tempo e protagonizam um encontro improvável. Na capa desta edição e nas quatro páginas a seguir, Augusto, 12 anos, toca guitarra em um show amador no interior do Paraná em 1984, mesmo ano em que Leonardo, 21, e Rennan, 26, batem uma bola no campo do Inter, enquanto Guilherme, 17, participa de uma parada escolar no dia da Independência de 1973, e Isabela encara o início dos anos 1990. Tudo isso ao lado dos seus pais, quando eles tinham a idade que seus filhos têm hoje.

Por obra da tecnologia, foi possível reunir pais e filhos em uma foto antiga, que data da infância ou da adolescência do grande homenageado deste domingo. Cada família foi convidada a comparar o estilo de vida, os desejos e preocupações dos filhos em relação às experiências e perspectivas dos pais, em retratos do que foi e do que é viver aos 12, aos 15, aos 17 e aos 20 e poucos anos.

Nesse encontro de gerações, pais e filhos testemunham como a paternidade mudou nas últimas décadas, tomando a forma de um pai mais próximo, afetivo e disposto a aprender com o filho. E também surgiram algumas surpresas: crianças e adolescentes do século 21 invejam a liberdade de ganhar as ruas que seus pais tinham na sua idade, e, não por acaso, nas cidades grandes a bicicleta, quem diria, perdeu seu status de extensão do corpo dos meninos e meninas.

Guilherme (de azul) toma o lugar à frente do pai dele, Odalci, na parada de 7 de Setembro, em Campina das Missões, em 1973
Arte de Zarif sobre foto arquivo pessoal, pb, e Jefferson Botega, cor

Aos 17

Guilherme Pustai, 17 anos, sabe bem como era a vida de seu pai na mesma idade. O médico e professor de Medicina da Família do Hospital de Clínicas, Odalci Pustai, 54, gosta de contar histórias de antigamente, assim como seu pai costumava fazer.

Então, antes mesmo de a entrevista começar, Guilherme já se adianta dizendo que a tecnologia é uma das grandes diferenças que separa sua vida de estudante do terceiro ano em Porto Alegre, da vida do pai aos 17, dividida entre a lavoura da propriedade familiar e a escola noturna em Campina das Missões, no interior gaúcho. O assombro ao constatar as mudanças era mais de Odalci, pai também de Bárbara, 20 anos, do que do filho.

De filho para pai

Há 37 anos, o mundo chegava em ondas curtas a Odalci. O sétimo de 10 filhos de um pequeno agricultor colava o ouvido no rádio para não acordar os pais.

— Meu pai ouvia a Copa no rádio. Imagina! Para mim, isso não existe. É ver em TV full HD! — espanta-se Guilherme. Internauta usuário de Orkut, Twitter, Facebook e MSN, ele profetiza: — Tenho certeza de que o telefone fixo em 10 anos não vai mais existir.

Guilherme vive num mundo em que o saber dos jovens é levado a sério. São eles que estão desdobrando as incontáveis possibilidades da internet e que, em casa, ensinam os pais a viver nesse mundo.

— Ontem ensinei o pai a inserir uma imagem no power point de uma palestra dele — contou Guilherme, no dia da entrevista.

E o pai refletiu em seguida:

— Não lembro nem de perto de uma situação em que eu poderia ensinar algo ao meu pai, que tinha apenas o segundo ano primário, mas era um autodidata. Já meu filho discute as questões comigo, que ele foi buscar nas mesmas fontes a que tenho acesso.

Namoro virtual

A primeira namorada de Odalci foi um amor de porta de igreja. Enquanto os pais da garota rezavam na missa, eles namoravam do lado de fora.

— Era a época dos namoros platônicos, de construir uma realidade virtual — brinca Odalci.

Neste ano, Guilherme também teve um namoro virtual. Ao menos de início: conheceu a garota pela internet.

Mundo pela janela

Depois de um dia de trabalho, Odalci percorria um quilômetro a pé para chegar à escola, à noite. Hoje, Guilherme vai de carona com os pais e, às vezes, volta de lotação. Como qualquer pai, Odalci se preocupa com a segurança e o conforto dos filhos. Mas acredita que algo se perdeu com o passar do tempo:

— Uma grande diferença é o fato de hoje os adolescentes conhecerem a cidade pela janela do carro. A gente ia a pé, cumprimentando todo mundo, mas nossos filhos perderam a possibilidade de andar sozinhos.

Rito de passagem

Um dia, o pai de Odalci ofereceu ao filho um maço de cigarros para fumar. Foi como se decretasse: agora ele era um homem, um igual. A partir dali, o guri passou à condição de lavrador e, como tal, ganhava dois ovos a cada refeição. Ao ouvir a história, Guilherme ri:

— Já eu, se apareço com um cigarro...

Em tempos em que o cigarro perdeu a aura de masculinidade e glamour para se tornar vilão da geração saúde, Odalci escolheu para o filho outro rito de passagem. Levou Guilherme a um campo de treinamento para que ele tivesse a experiência de conduzir um carro:

— Foi uma maneira de dizer que ele está chegando próximo de um momento de autonomia.

Aos 20

Dos 20 e poucos anos de Leocir Dall'Astra, 47, à juventude dos dois filhos, o advogado Rennan Parmeggiani Dall'Astra, 26, e o universitário Leonardo Parmeggiani Dall'Astra, 21, há um abismo. A dupla pertence à chamada geração canguru, dos jovens que investem nos estudos e adiam a hora de buscar o próprio canto, de se casar e de ter filhos.

— Só quero que eles saiam de casa! — brinca o pai, técnico do Cerâmica, de Gravataí, e que na idade do caçula já era casado, pai do filho mais velho, e atuava como ponteiro-esquerda do Internacional.

Mas o apelo, os guris sabem, não é a sério.

— Não temos queixa, e eles têm total liberdade em casa — diz o pai.

Ah, a casa dos pais

Aos 21 anos, Leocir pagava as prestações de um apartamento financiado, dirigia um Corcel II e sonhava com um Opala Comodoro que não chegaria a ter. Com o salário de jogador — nem sombra das cifras milionárias de hoje — ainda ajudava os pais.

Já os filhos de Leocir não têm planos de sair de casa tão cedo. Leonardo cursa Educação Física e cogita uma segunda faculdade. Rennan terminou na semana passada a pós-graduação em Marketing e não vai se mudar até encontrar o apartamento ideal: imóvel novo, com no mínimo dois quartos, sendo um suite, em um prédio com a mesma infraestrutura daquele onde vive com os pais - segurança 24 horas e piscina.

— No mínimo, deve ter o mesmo que tenho em casa — diz Rennan.

Mas Rennan e Leonardo não apenas usufruem do conforto da casa dos pais: trabalham desde a adolescência, custearam a faculdade e contribuem com as contas. E levam numa boa as regras que o pai já havia superado na idade deles, como dar satisfação sobre onde vão e que horas voltam.

— E aí se não derem... — diz Leocir, rindo. — Hoje tudo é muito violento. Quero saber também quem são os amigos deles, preocupação que meu pai não tinha.

Filhos? Depois

Na idade de Rennan, seu pai era um senhor casado e pai de dois filhos. Uma situação apressada pela gravidez da mulher, Rosane, 45, mas que, ambos admitem, não tardaria a acontecer.

Defensor do lema "solteiro sim, sozinho nunca", Rennan mal pode se imaginar no lugar do pai aos 26 anos. Ele conta que namorada "séria, séria, séria mesmo" nunca teve. O foco é outro:

— Não tenho pressa para casar. Meus planos agora são voltados para minha profissão.

Namorando há um ano e oito meses, Leonardo ri ao pensar como seria se ele já tivesse um filho, tal qual foi com o pai:

— Tá louco! Só depois dos 30.

Aquele abraço

Abraço e beijo de pai já foi artigo raro. Foi assim na infância e na juventude de Leocir, mas deixou de ser quando ele tornou-se pai:

— Meu pai não tinha essa de fazer carinho. Não que não sentisse, mas não demonstrava. Hoje, abraço muito meus filhos.

Mais do que isso.

— "Oi, filhinho, acordou?" — imita, rindo, Leonardo.

Leocir passou a se sentir mais próximo do pai depois que se casou e foi morar longe, quando havia mais perguntas sobre como andava a vida e a profissão do filho. Já Leocir fala de tudo com os seus: de namorada, de futebol, de trabalho... E ele, que nunca falou de sexo com o pai, nem depois de casado, hoje repete para os filhos:

— Não esquece a camisinha, hein!

Leonardo e Rennan entram em campo para bater uma bola com o pai, Leocir, em um treino do Inter em 1984
Arte de Zarif sobre foto de Fernando Gomes, BD, 27/06/1985, pb, e Jefferson Botega, cor

Aos 15

Instantes antes de ser fotografada para fazer companhia ao pai no retrato ao lado, Isabela Albea da Silva Giordani, 15 anos, descobriu que ele, na sua idade, tinha os cabelos vermelhos.

— É sério?

Depois, sentada ao lado do pai, o designer gráfico Tiago Siliprandi Giordani, 33 anos, outra surpresa: ele também usava piercing no nariz. Mas de mentirinha, para não arranjar briga em casa.

— Sério mesmo?!

Tão sério e tão desencanado quanto as mudanças que pai e filha espelham no intervalo de apenas 18 anos. Dois exemplos: eles têm planos de colocar um piercing juntos, e Isabela bem poderia aparecer também na foto de outros dois pais: do avô materno, Jorge Almeida da Silva, 63 anos, com quem ela e a mãe moraram até quatro anos atrás, e ao lado do médico João Augusto Fraga Jr., 32, marido de sua mãe e que faz parte da vida dela desde que tinha um ano.

— E todos se dão bem — resume Tiago.

Do lado de cá das grades

Assim que voltou de Nova York, para onde foi em março deste ano com a equipe de robótica a que pertence, como prêmio de um campeonato mundial, Isabela contou para o pai, entusiasmada:

— Precisa ver que legal, a gente andava à 1h da manhã na rua!

Novidade para quem tem como regra esperar pela Kombi do colégio do lado de dentro das grades do prédio onde mora. Ao contrário do pai, que, apesar de ter assistido à multiplicação das grades em São Leopoldo, onde cresceu, ainda se aventurava a pé à noite e ganhava as ruas em sua bicicleta — para Isabela, pedalar é um programa entre outros, não um gesto automático ao sair de casa como era para o pai.

— Meu pai era mais rebelde do que eu aos 15, sou mais certinha. Acho que ele era mais livre também.

Tecnologia de época

A rotina de Isabela pode ser descrita assim: escola pela manhã, e, à tarde, horas no computador interrompidas pelo horário de almoço, dos temas e dos programas prediletos na TV. Mas não é só bate-papo na internet. Foi lá que ela descobriu o programa de estágio voluntário para reabilitar animais à vida selvagem, e assim viabilizar no futuro o sonho de conhecer a África, e onde criou o site que serve de base para a ONG que fundou, a Girls and Dogs.

— Já "o meu computador" eram as fitas-cassete — lembra Tiago.

Mas a função de deixar a fita pronta para acionar a tecla Rec tão logo começava a música esperada no rádio foi logo trocada pelo CD, um artigo de luxo inicialmente. Tanto que Tiago sabe dizer qual o primeiro que comprou: Erotica, da Madonna.

Mas, hoje, Isabela prefere mesmo é seu iPod. Ao menos, por enquanto.

Pai, tô namorando

Tiago e Isabela falam de tudo.

— Quase tudo - corrige o pai. — Ela está namorando há dois meses e, no começo, estava meio envergonhada de me contar.

Mas o que havia para contar e os conselhos que havia para dar foram ditos em um passeio a dois e atualizados via MSN — e Tiago ainda aproveitou o encontro com a filha na entrevista para saber como as coisas estavam no momento. Um papo que ele não lembra de ter tido com seu pai aos 15 anos. Falavam de filmes, da performance do Ayrton Senna, dos estudos, "conversas mais práticas, para saber se estava precisando de alguma coisa". E hoje, mesmo não morando com a filha, ele conclui:

— Tenho um grau de intimidade maior com Isabela. A geração dela tem muito mais liberdade para falar com os pais.

Isabela faz companhia para o pai, Tiago, em um momento contemplativo no início dos anos 1990
Arte de Zarif sobre foto arquivo pessoal, pb, e Jefferson Botega, cor

Aos 12

Antes mesmo de engrenar a conversa para comparar a vida de pai e filho aos 12 anos, Augusto Chagas, aluno da sexta série, deu seu parecer com a certeza de quem não costuma sair sozinho do sobrado guardado com cerca elétrica e alarme em um bairro tradicional de Porto Alegre:

— Acho que na época em que o meu pai tinha a minha idade, havia menos violência. Podiam brincar até tarde na rua...

Mas algo não mudou desde os 12 anos do hoje administrador Glauco Samuel Chagas, 38, pai também de Amanda, cinco: o afã de um guri por guitarra e bola e o quanto essas duas paixões podem aproximar gerações.

Bicicleta sem função

Augusto não lembra ao certo da última vez em que andou de bicicleta. Faz um tempo, diz, e foi na praia, onde costuma pedalar. Ao contrário do pai que, na sua idade, tinha a bicicleta como uma extensão do corpo. Todas as tardes, depois da aula, ganhava as ruas de Capanema, no interior paranaense. Até comer bergamota na casa de um colega que morava a cinco quilômetros de distância era motivo para pedalar com os amigos.

— A grande diferença agora é que tem perigo de assalto — diz Augusto.

Ao ouvir isso, Glauco se inclina na direção do filho e faz a pergunta que jamais ocorreria a seu pai:

— Tu te sentes preso em casa, filho?

— Não. Mas sinto falta de ter amigos (da vizinhança) com quem passar o tempo.

O desejo de Augusto é que a família se mude para um condomínio, onde ele poderia se soltar ao ar livre. Exatamente como o pai fazia.

Guitarra a postos

O gosto musical de Augusto é quase igual ao do pai. Quase.

— Gosto de rock mais pesado, AC/DC, Metallica... E de NX Zero.

Ao ouvir o nome da banda emo, Glauco brinca:

— NX Zero, nããã...

Na idade de Augusto, Glauco era guitarrista da banda Esfinge e depois, seguindo a vocação metal, passaria à Doce Podridão. Teve aulas de violão, assim como o filho, a quem deu uma guitarra no mês passado. E se Glauco não pôde compartilhar o gosto musical com seu pai, fã de música sertaneja e gauchesca, agora curte DVDs de shows e toca em dueto com o filho. Um dia antes da entrevista, apresentara a Augusto outra paixão da adolescência, a banda Legião Urbana. Castigo atualizado

Quando Glauco não se comportava, já sabia qual seria o castigo: nada de sair de casa para brincar. Repetir isso com o filho, ele sabe, não surtiria o mesmo efeito:

— Hoje, ficar em casa é prêmio, com tudo que há para falar com todo mundo.

Assim, o castigo de Augusto é outro, mas segue o mesmo princípio: ficar confinado sem os amigos. Ou seja, nada de MSN, ferramenta de conversas instantâneas na internet.

Sempre a bola

Augusto nem pestaneja: pior que ficar sem MSN seria ficar sem as aulas de vôlei e de futebol. Desde sempre, queria ter tantos troféus e medalhas quanto o pai conquistou - nas duas modalidades. Troféu, ele já se resignou, hoje fica com o clube, mas a coleção de medalhas vai bem.

Pai e filho torcem pelo Inter e gostam de camisetas de times. Mas Augusto tem muitas mais do que Glauco sonhava ter aos 12 anos, quando guardava no armário apenas o fardamento colorado e a camisa da Seleção. Enquanto conta isso, explica ao filho:

— A diferença é que era tudo original. Naquele tempo não tinha camiseta pirata.

Augusto assume o posto ao lado do pai, Glauco, na foto de uma partida do Capanema Atlético Clube, no interior do Paraná, no início dos anos 1980

Arte de Zarif sobre foto arquivo pessoal, pb, e Jefferson Botega, cor

DONNA 24

Comportamento

Excesso de proteção faz mal ao seu filho

Boa parte das crianças e adolescentes brasileiros vive como dentro de uma bolha, protegida dos aspectos mais triviais da realidade. É preciso dar-lhes autonomia, porque o maior risco é criar uma geração despreparada para a existência

Daniela Macedo e Gabriela Sandoval

Montagem sobre fotos Istockphoto e Pedro Rubens



VEJA TAMBÉM

* **Quadro:** Os principais medos dos pais e a linha que separa a preocupação saudável da superproteção

A preocupação com a segurança da prole é de ordem biológica: sem ela, nenhuma espécie animal conseguiria reproduzir-se e perpetuar-se. No âmbito humano, durante milhares de anos, os cuidados com as crias seguiram o padrão dos mamíferos em geral:

eram interrompidos quando elas começavam a tornar-se capazes de alguma autodefesa e de ajudar seus pais na obtenção de comida. A preocupação atual com os filhos – e sua exacerbação, a superproteção, assunto desta reportagem – tem origem histórica bem definida. No Ocidente, a infância e a adolescência, tais como as conhecemos, são uma criação econômica e cultural do fim do século XVIII, período imediatamente posterior à Primeira Revolução Industrial na Europa. Até então, crianças e adolescentes, assim considerados em suas limitações e peculiaridades, existiam apenas nas classes mais abastadas, nas quais eram educados com esmero por serem herdeiros da fortuna da família e para que pudessem representá-la apropriadamente na idade adulta. Meninos e meninas até 14, 15 anos, oriundos dos extratos sociais mais baixos, eram tidos só como "gente pequena" – e, portanto, sujeita a trabalhos tão pesados quanto o permitisse a sua força física. Com o avanço tecnológico, que resultou em máquinas que substituíram as atividades braçais e na necessidade de formar artesãos e operários qualificados para manusear equipamentos complexos e atender aos padrões de qualidade cada vez mais altos da indústria, o exército de crianças e jovens pobres passou a ser alvo de uma preocupação inédita: a de que crescessem saudáveis e pudessem, desse modo, ser adestrados para servir como a mão de obra requerida pelos novos tempos. Foi da vertente econômica que nasceram os conceitos de infância e adolescência – os quais, mais tarde, ganharam contornos mais delicados, complexos, graças às descobertas da pediatria, da psicologia e da pedagogia.

Com as crianças e os adolescentes, surgiu ainda uma rede de proteção tanto no plano jurídico como no familiar. Leis foram feitas para preservar o direito à integridade física e mental dos menores de idade (aliás, uma concepção originada daquelas de infância e adolescência), e pais e mães passaram a ser mais ciosos da saúde e da educação de seus filhos. Não seria inapropriado dizer que o amor maternal e paternal, no plano mais geral, é fruto das mudanças provocadas pela Revolução Industrial. Ultrapassadas as portas do século XXI, o que aterroriza muitos pais é ver suas crianças e jovens atingidos por violências que, até os estertores do século XVIII, não fariam seus congêneres perder o sono – e que não assombram, para além da medida, a maior parte das famílias atuais. Ou seja, com a infância e a adolescência, não nasceram somente os pais responsáveis, mas também os pais assustados e, por consequência, superprotetores. "Eles podem ser tão prejudiciais para a formação emocional de seus filhos quanto pais negligentes", diz a

Perigos Fundamentais



Please Keep Your Child On A Leash

Quando pequenos, somos destemidos, não conhecemos os riscos, não projetamos consequências. É natural disparar pela calçada e pela rua, considerar que o meio fio não passa de um degrau.

Quando pequenos, os pais sofrem principalmente porque são as testemunhas dos perigos que nunca percebemos. Cada susto é transferido, o pavor é transmitido e somos livres para nos arriscar. Cada toddler que corre estrada afora tem um pai horrorizado por trás. Cada menino e menina perdido na beira-mar tem um adulto desesperado fazendo telefone sem-fio entre os banhistas.

O comércio sabe disso. Naturalmente, desenvolveram um produto que promete acabar com este sofrimento: uma coleira. Isso mesmo, uma coleira para crianças. De fato, mais parece uma peiteira com guia nas costas. Tem velcros para ajuste ao tórax, à altura e ao tamanho do infante; tem em formato de girafinha, de vaquinha e de sapo.

No início, a resposta é unânime:

- Que horror, uma coleira!

Asco diante da possibilidade. O que me intriga são os depoimentos paterno e materno gerando curiosidade e interesse nos outros. A carência é sempre persuasiva. As conversas são facilmente encontradas na internet, especialmente em sites que promovem a venda. Dentre esses relatos, uma criança de três anos afirma que a mãe fica muito mais segura quando ele usa o dispositivo. Verdade absoluta: a coleira com guia serve aos pais em primeiro lugar.

Mães defendem argumentando que é útil em aeroportos, parques lotados, shows, eventos populosos, no supermercado, na praia. Mas, como não é prática comum, todos os olhares são dirigidos ao pequeno encoleirado, os vizinhos cochicham, alguns desaforam:

- Seu filho não é um cão.

De modo que é impossível que essa pessoa, ao crescer, não recorde de sua humilhação pública.

Em segundo lugar, se o adulto se responsabiliza inteiramente pela mobilidade infantil, nada impedirá este jovem de exigir o mesmo tipo de disponibilidade por várias décadas depois. Quando será hora de aprender a cair? Quando chegará o momento em que ele pode se cuidar sozinho?

A coleira representa um atestado de incompetência, a afirmação de que ele é incapaz de se deslocar sozinho. Essa informação, por si só é muito grave. A ilusão de que poderemos nos independizar ao caminhar é fundamental. A crença nisso será transformada na fé em nós mesmo.

Titubeando descobrimos o tamanho de nosso passo; pelo desequilíbrio encontraremos nosso centro. O processo de descoberta dos limites também ajuda na futura desconstrução dos mesmos. Segurança no andar pertence aos quadrúpedes.

Viver compreende os perigos no coração. Amar só é possível para quem os suporta.

Sobre espaço público, final de semana e crianças (editorial)

Abilio Guerra



Estudo para ocupação do Belvedere com uma exposição-brinquedo para as crianças
Desenho da arquiteta Lina Bo Bardi [Lina Bo Bardi, Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi]

sinopses

como citar

GUERRA, Abilio. Sobre espaço público, final de semana e crianças (editorial). *Arquitextos*, São Paulo, 01.007, Vitruvius, dez 2000 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.007/940>>.

Peço licença ao leitor, diante da proximidade das festas natalinas, para falar um pouco das crianças. Acredito tratar-se de uma questão "menor", mas não na acepção de *irrelevante* ou *sem importância*. Ao contrário, apontamos para o qualificativo dado por Gilles Deleuze e Félix Guattari para a obra de Franz Kafka – uma *literatura menor*. Eles assim a consideravam por conter em si três características essenciais: ser a expressão de uma minoria lingüística através de uma língua maior; nela tudo adquirir um valor político; e, por fim, nela o aspecto coletivo sempre predominar sobre o individual. Para nosso consumo imediato – e abusando da paciência do leitor para lembrá-lo que se trata de uma apropriação metafórica indevida mas "divertida" – tomo a liberdade de considerar a questão da criança na cidade como uma questão *menor*, com profundo significado político e coletivo.

Para colocar a questão, proponho uma lembrança de um acontecimento – poderia nem ter acontecido, poderia ter sido inventada, que nada mudaria – mas insisto que de fato ocorreu. Estava num domingo ensolarado qualquer andando pelas ruas arborizadas do meu bairro quando um grupo de uns 10 garotos – de variada idades mas todos galgando uma bicicleta – me abordaram para perguntar onde era avenida Paulista. Rapidamente apontei para a direção correta – nem ao menos cheguei a murmurar qualquer palavra – e tudo era tão corriqueiro que já estava me virando para continuar minha caminhada não fosse ter notado nas faces suadas e avermelhadas dos meninos uma alegria incontida. Percebi de instantâneo outros sinais que me passaram até então despercebidos: as roupas muito simples e um tanto gastas estavam impecavelmente limpas e bem passadas; todos estavam de tênis lustrosos, coloridos, grandes como devem ser os tênis de nossos garotos; as bicicletas era velhas mas brilhavam do banho recente e benvindo. Diante da cena inesperada, minha curiosidade foi alavancada e perguntei aos garotos o que eles iriam fazer na Avenida Paulista. Um deles, o mais educado ou talvez o menos esperto – afinal os outros já davam vigorosas pedaladas para vencer a ladeira em direção ao espigão – me fez a concessão de uma resposta – "ora, tio, viemos do Ipiranga até aqui para conhecer a avenida e

minha mãe..." e já não era possível mais entender o que dizia pois sua voz já distante – pois se apressava em se emparelhar aos colegas – fundia-se ao ruído dos poucos automóveis que passavam naquele momento. Até hoje fico pensando o que mãe do garoto poderia ter dito a ele: que era para tomar cuidado com o trânsito? para voltar antes do almoço? que a avenida Paulista era a mais bonita das avenidas da cidade?

Todos nós sabemos da enorme atração que exerce essa avenida sobre os moradores da cidade. Um fascínio que a levou ser escolhida como o monumento urbano mais querido da população em eleição de alguns poucos anos atrás. Mas nem sempre foi assim. Sua origem foi das mais aristocráticas. Projetada com largas ruas e canteiro central pelo engenheiro uruguaio Joaquim Eugênio de Lima, foi de pronto ocupada pelos mansões dos barões do café e pelos novos industriais, casarões imensos ostentando a concentração da riqueza e do poder. Nas décadas seguintes, a avenida vivenciou a paulatina substituição das residências por edifícios do novo poder que se constituía – o poder econômico dos grandes bancos. Com o tempo, porém, a avenida se popularizou com as mesclas de atividades, com o metrô, com as manifestações políticas, esportivas e festivas... Houve uma apropriação física e mental da avenida por parte da população de todos os extratos da sociedade (ao ponto do poder econômico menos comprometido com o destino da cidade resolver fabricar um novo espaço hierático só seu nas bordas do rio Pinheiros). Os poucos espaços públicos existentes além das largas calçadas – o belvedere abaixo do Masp e o Parque do Trianon – tornaram-se cada vez mais freqüentados, tanto nos footing de final de jornada de trabalho como nos finais de semana. Aos poucos os espaços culturais começaram a surgir e se multiplicar, oferecendo exposições, shows, peças de teatro, salas de cinema, bares e restaurantes.

A culminância desse processo, em minha opinião, foi quando as crianças começaram a freqüentar a avenida Paulista nos finais de semana, andando de bicicleta, patins e skates pelos calçadões acompanhadas de seus pais ou de seus avós. Um dos espaços prediletos era a enorme "Praça Paulista" que envolve as duas torres gêmeas da Caixa Econômica Federal e de diversas empresas. Protegidas do trânsito e resguardadas do vai-e-vem mais apressado, a criançada ficava horas deslizando e correndo pela imensa planície desimpedida, com apenas alguns bancos ocupados pelos adultos, um lindo chafariz que surpreendentemente funcionava, alguma pouca vegetação de bom gosto em alguns nichos, um espelho d'água onde poucos namorados se abraçavam... Por não ter um calçamento adequado e por ali acontecer uma absurda feira de antigüidades falsas, a praça-belvedere do Masp nunca foi a preferida da meninada, mas sempre tinha algumas crianças por ali, correndo e se deslumbrando com o vão livre e com a vista maravilhosa. O Parque do Trianon, ao menos nas manhãs do domingo quando provavelmente os freqüentadores mais *hard* estavam se deliciando com merecido sono, as crianças também podiam se divertir nas alamedas e nos "parquinhos", olhar os animais e admirar a mata vigorosa e fechada.

Não é mais assim. Hoje os calçadões da avenida Paulista – comparáveis em importância urbana aos calçadões de Copacabana – estão deteriorados, com enormes crateras que são riscos constantes à integridade dos pedestres. O belvedere do Masp há anos está depredado pela própria direção do museu que equilibra um discurso de popularização com uma prática de renegar a inevitável dimensão urbana e popular que o projeto de Lina Bo Bardi lhe conferiu. E o espaço predileto da criançada – e dos pais e avós também – a Praça Paulista, foi reformada e fechada!!! As crianças foram proibidas de se divertirem e o requintado projeto de implantação das torres, que previu um generoso espaço de uso coletivo para a cidade, foi totalmente aviltado e hoje não passa de uma caricatura. Restaram as calçadas cada vez mais esburacadas, coalhadas de obstáculos – telefones, postes, lixeiras, floreiras e as abomináveis bancas de jornais, hoje verdadeiras lojas de conveniências estabelecidas sobre solo que deveria servir para as pessoas andarem (e já que estamos falando disso, quem serão os donos dessas minas de dinheiro fácil?...). Será que estamos diante daquela antevisão romântica de que tudo tem um ciclo, tudo passa pelo processo de nascimento, crescimento, apogeu e morte?

Penso que um pouco de empenho coletivo e alguma vontade política pode reverter a situação. Afinal consertar os buracos é barato e cabe ao poder público obrigar às ricas empresas a zelarem pela calçada frontal às propriedades, sob risco de pesadas multas e outras penalidades cabíveis. Adequar a praça-belvedere do Masp ao uso da população e em especial da criança é uma questão que a Prefeitura e a direção do Masp não podem fugir indefinidamente, afinal o compromisso popular e urbano de Lina Bo Bardi um dia terá que se efetivar. Abrir novamente a Praça Paulista à população, colocando abaixo aquelas monstruosas (e fascistas) guaritas poderia ser um belo presente das empresas às crianças da cidade quem sabe para o próximo natal (que até poderiam usar isso como marketing institucional e nós até ficaríamos quietos pois sabemos que ninguém é de ferro...), afinal este último ano da década, do século e do milênio já se foi. Quem sabe se os responsáveis fizerem sua parte, poderemos novamente ver as crianças ocuparem os espaços públicos e coletivos mostrando a nós, adultos, que numa questão menor pode residir uma dimensão política e coletiva vital.

ANEXO B – Tabela de apresentação dos dados por bairro

Nº	Bairro	Escaridade média dos responsáveis por domicílio (anos)		Renda média dos responsáveis por domicílio (SM)	Nº de domicílios total	Nº de domicílios por espécie Apartamento	Nº de domicílios por espécie Casa	Nº de domicílios por espécie Cômodo	Nº de domicílios sem banheiro nem sanitário 2000	Nº de domicílios com abastecimento de água não adequado 2000	Nº de domicílios com esgotamento sanitário não adequado 2000	Nº de domicílios com lixo não coletado 2000	População residente total	População residente de 7 a 14anos	Área do bairro (ha)	Densidade demográfica (hab/ha)
1	Agronomia	6,12	4,23	3664	53	3354	24	88	228	948	70	12393	1987	1666	7,44	
2	Anchieta	5,88	4,92	376	26	328	6	24	28	149	46	1281	184	521	2,46	
3	Arquipélago	4,71	3,15	2219	6	2186	0	141	924	1158	105	7619	1233	4420	1,72	
4	Auxiliadora	12,75	19,85	3971	3400	501	8	0	0	0	1	9985	771	84	118,87	
5	Azenha	10,65	11,50	4055	2932	999	20	42	1	0	1	10475	1026	115	91,09	
6	Bela Vista	13,95	34,45	3558	3086	442	7	0	3	5	0	10097	915	98	103,03	
7	Belém Novo	6,57	4,80	4216	9	4012	9	62	169	778	35	13787	1840	2849	4,84	
8	Belém Velho	6,56	4,78	2626	5	2469	2	96	129	635	32	8274	1216	916	9,03	
9	Boa Vista	13,42	26,71	3294	2480	795	4	1	6	0	1	9030	934	109	82,84	
10	Bom Fim	12,67	15,25	4152	4000	115	0	1	2	1	0	9368	619	38	246,53	
11	Bom Jesus	6,53	4,90	8872	1406	7327	15	212	135	1298	43	30423	4770	202	150,61	
12	Camaquã	8,26	6,92	6993	2324	4633	18	35	23	111	3	22009	2695	227	96,96	
13	Campo Novo	6,64	4,72	2124	34	2077	7	13	124	476	14	7652	1105	592	12,93	
14	Cascata	6,01	3,69	7949	104	7614	49	294	479	1058	159	27784	4350	759	36,61	
15	Cavahada	8,43	7,23	4900	1476	3265	37	7	6	173	3	15403	1845	189	81,50	
16	Cel. Aparício Borges	7,27	4,91	5597	272	3424	11	71	144	553	18	15100	1952	219	68,95	
17	Centro	12,04	12,79	17868	16690	468	106	7	12	6	80	36591	2290	239	153,10	
18	Chácara das Pedras	11,86	21,51	1843	593	1228	0	1	0	1	0	6479	637	107	60,55	
19	Chapéu do Sol	4,89	2,72	725	0	725	0	2	18	26	24	2620	473	500	5,24	
20	Cidade Baixa	12,05	11,11	8762	7804	718	7	0	1	3	2	18523	1203	93	199,17	
21	Cristal	9,25	9,37	9867	4891	4803	50	77	67	825	37	30220	3763	392	77,09	
22	Cristo Redentor	10,64	10,89	5816	4453	1280	28	3	1	8	0	15505	1534	139	111,55	
23	Espírito Santo	9,24	11,26	1708	38	1665	3	9	5	20	2	6121	745	190	32,22	
24	Farrapos	5,90	3,42	4869	266	4537	29	119	184	914	46	17083	2645	165	103,53	
25	Farroupilha	12,89	17,40	461	435	15	0	0	0	0	0	1101	63	66	16,68	
26	Floresta	10,97	12,64	6456	5290	882	9	4	168	166	0	15493	1290	219	70,74	
27	Glória	9,80	10,46	3028	849	1799	2	1	5	91	0	9077	1034	144	63,03	
28	Guarujá	8,78	11,46	1245	43	1196	2	33	15	54	2	4841	642	147	32,93	
29	Higienópolis	12,18	18,17	3451	2666	709	21	0	5	9	4	9096	850	106	85,81	
30	Hípica	7,31	5,66	3442	16	3389	6	19	73	148	35	10948	1529	951	11,51	
31	Humaitá	9,23	6,60	3383	2646	724	5	14	104	14	11	10293	1490	416	24,74	
32	Independência	13,04	20,67	5006	4740	157	4	0	1	2	0	10986	682	57	192,74	
33	Ipanema	9,81	15,28	6303	656	5397	32	24	57	118	27	20790	2583	1021	20,36	
34	Jardim Botânico	10,95	12,64	4227	2685	1441	45	3	4	43	0	11494	1095	203	56,62	
35	Jardim Carvalho	7,71	6,18	7395	1268	6009	16	134	91	871	55	25161	3452	402	62,59	
36	Jardim do Salso	11,92	13,55	1327	807	516	0	0	0	0	0	4530	534	92	49,24	
37	Jardim Floresta	7,56	6,13	1328	140	1163	9	3	3	3	1	4237	450	75	56,49	
38	Jardim Itú	9,58	11,38	2361	498	1813	28	0	1	3	0	7569	851	139	54,45	
39	Jardim Lindóia	11,83	20,10	2716	1938	756	1	0	0	0	0	7932	773	92	86,22	
40	Jardim Sabará	9,32	8,52	4774	2168	2500	16	17	4	91	3	14987	1774	212	70,69	
41	Jardim São Pedro	10,16	10,87	1964	1113	804	16	0	1	10	0	5152	512	121	42,58	
42	Lageado	5,24	3,77	1938	3	1925	0	70	967	766	91	6476	965	4496	1,44	

43	Lami	6,11	4,35	1113	2	1103	2	12	452	511	25	3493	513	2820	1,24
44	Lomba do Pinheiro	5,75	3,26	12071	165	11758	23	313	683	3536	166	43882	7198	3399	12,91
45	Mário Quintana	5,16	2,61	8140	85	7873	11	336	192	2221	169	28518	4891	678	42,06
46	Medianeira	10,13	11,10	3565	1685	1803	31	7	7	32	0	10701	1072	126	84,93
47	Menino Deus	11,97	15,84	12373	10478	1555	5	3	9	5	2	30717	2552	231	132,97
48	Moinhos de Vento	13,18	29,66	3187	2891	215	21	2	2	1	0	8067	510	93	86,74
49	Mont' Serrat	12,81	24,37	3916	3256	611	13	4	0	3	0	10236	886	79	129,57
50	Morro Santana	8,28	6,60	5955	1939	3951	11	68	78	385	45	19236	2664	249	77,25
51	Navegantes	8,66	7,36	1519	736	682	65	1	2	0	1	4227	370	220	19,21
52	Nonoai	9,26	9,37	7000	2041	4551	11	66	59	444	46	21393	2658	438	48,84
53	Partenon	8,90	8,15	16141	4955	9561	50	78	81	402	26	47430	5704	625	75,89
54	Passo D' Areia	9,68	9,45	7652	5729	1825	11	24	6	73	7	20880	1967	253	82,53
55	Passo das Pedras	7,23	6,07	7490	1339	5982	28	90	72	744	142	24549	3403	379	64,77
56	Pedra Redonda	11,62	22,56	101	1	83	1	0	0	5	0	316	36	51	6,20
57	Petrópolis	12,88	20,34	13252	10756	2215	21	0	2	5	0	34593	2865	339	102,04
58	Ponta Grossa	7,40	5,62	1022	6	1003	2	28	73	125	17	3290	467	936	3,51
59	Praia de Belas	11,64	12,73	747	688	57	0	22	35	11	5	1869	173	261	7,16
60	Restinga	6,12	3,56	15113	1343	13456	68	388	783	1510	172	53764	8527	3856	13,94
61	Rio Branco	12,83	21,18	6206	5209	788	28	2	0	4	0	16473	1261	137	120,24
62	Rubem Berta	8,36	6,01	22556	13696	8454	53	187	53	812	37	68536	8862	820	83,58
63	Santa Cecília	12,18	14,75	2356	2102	201	1	0	0	1	1	5800	466	68	85,29
64	Santa Maria Goretti	9,30	8,81	1390	669	675	18	0	0	0	0	3964	420	71	55,83
65	Santa Tereza	6,99	6,47	17431	3003	13342	96	403	477	867	144	59222	9124	556	106,51
66	Santana	11,87	14,02	9978	8194	1577	26	8	10	19	0	25028	2082	180	139,04
67	Santo Antônio	10,74	11,08	5483	3677	1657	14	0	3	8	0	15003	1500	149	100,69
68	São Geraldo	9,60	8,49	3476	2434	780	90	4	2	2	0	9202	833	189	48,69
69	São João	9,52	10,66	6632	3970	2493	23	96	22	906	99	18721	2195	602	31,10
70	São José	6,30	4,02	8566	709	7796	33	152	326	1574	177	30164	4609	356	84,73
71	São Sebastião	9,92	10,25	2408	1447	920	23	0	0	16	0	6714	641	106	63,34
72	Sarandi	6,51	4,41	26738	5197	21281	85	395	392	1489	435	90665	12974	2876	31,52
73	Serraria	4,47	2,73	1217	6	1208	3	80	40	559	14	4682	819	175	26,75
74	Teresópolis	9,98	12,37	3319	1053	1988	3	9	20	99	17	9877	1122	351	28,14
75	Três Figueiras	13,26	38,41	1137	298	795	2	3	16	31	13	3657	316	134	27,29
76	Tristeza	11,39	16,89	4905	1827	2993	6	17	4	44	1	14837	1609	277	53,56
77	Vila Assunção	12,92	31,44	1241	191	1033	1	3	1	14	0	3819	318	124	30,80
78	Vila Conceição	8,79	13,29	452	5	427	14	4	2	3	0	1467	163	37	39,65
79	Vila Ipiranga	10,08	9,14	7776	5240	2436	6	1	2	4	0	21105	2100	260	81,17
80	Vila Jardim	7,63	6,84	4786	755	3925	41	28	33	80	0	14450	1839	143	101,05
81	Vila João Pessoa	7,47	6,16	3696	316	3285	66	17	14	454	9	12641	1729	108	117,05
82	Vila Nova	7,88	6,12	10207	3735	6253	11	30	80	779	39	33417	4713	1085	30,80

Fonte: elaborado pela Autora, a partir dos dados disponibilizados pela base do Observapoa

ANEXO C – Tabela de apresentação dos dados por bairro após classificação

Nº	Bairro	Escolaridade	Renda	Tipologia	Densidade	População 7 a 14	Sem Banheiro	Água inadequada	Esgoto inadequado	Lixo não coletado
4	Auxiliadora	1ALTO	1ALTO	1AP	A100	1BAIXO	0ISB	0ISA	0ISE	0ISL
32	Independência	1ALTO	1ALTO	1AP	A100	1BAIXO	0ISB	0ISA	0ISE	0ISL
57	Petrópolis	1ALTO	1ALTO	1AP	A100	1BAIXO	0ISB	0ISA	0ISE	0ISL
61	Rio Branco	1ALTO	1ALTO	1AP	A100	1BAIXO	0ISB	0ISA	1ISE	0ISL
49	Mont' Serrat	1ALTO	1ALTO	1AP	A100	1BAIXO	1ISB	0ISA	1ISE	0ISL
6	Bela Vista	1ALTO	1ALTO	1AP	A100	2MÉDIO	0ISB	1ISA	1ISE	0ISL
48	Moinhos de Vento	1ALTO	1ALTO	1AP	B60-100	1BAIXO	1ISB	1ISA	0ISE	0ISL
39	Jardim Lindóia	1ALTO	1ALTO	1AP	B60-100	2MÉDIO	0ISB	0ISA	0ISE	0ISL
9	Boa Vista	1ALTO	1ALTO	1AP	B60-100	2MÉDIO	0ISB	1ISA	0ISE	0ISL
29	Higienópolis	1ALTO	1ALTO	1AP	B60-100	2MÉDIO	0ISB	1ISA	1ISE	1ISL
25	Farroupilha	1ALTO	1ALTO	1AP	D20*	1BAIXO	0ISB	0ISA	0ISE	0ISL
18	Chácara das Pedras	1ALTO	1ALTO	3CA	B60-100	2MÉDIO	1ISB	0ISA	1ISE	0ISL
77	Vila Assunção	1ALTO	1ALTO	3CA	C20-60	1BAIXO	1ISB	1ISA	1ISE	0ISL
75	Três Figueiras	1ALTO	1ALTO	3CA	C20-60	1BAIXO	1ISB	2ISA	1ISE	2ISL
76	Tristeza	1ALTO	1ALTO	3CA	C20-60	2MÉDIO	1ISB	1ISA	1ISE	0ISL
56	Pedra Redonda	1ALTO	1ALTO	3CA	D20	2MÉDIO	0ISB	0ISA	2ISE	0ISL
10	Bom Fim	1ALTO	2MÉDIO	1AP	A100	1BAIXO	0ISB	0ISA	0ISE	0ISL
20	Cidade Baixa	1ALTO	2MÉDIO	1AP	A100	1BAIXO	0ISB	0ISA	0ISE	0ISL
47	Menino Deus	1ALTO	2MÉDIO	1AP	A100	1BAIXO	0ISB	1ISA	0ISE	0ISL
17	Centro	1ALTO	2MÉDIO	1AP	A100	1BAIXO	0ISB	1ISA	0ISE	1ISL
66	Santana	1ALTO	2MÉDIO	1AP	A100	1BAIXO	1ISB	1ISA	1ISE	0ISL
63	Santa Cecília	1ALTO	2MÉDIO	1AP	B60-100	1BAIXO	0ISB	0ISA	0ISE	0ISL
36	Jardim do Salso	1ALTO	2MÉDIO	1AP	C20-60	2MÉDIO	0ISB	0ISA	0ISE	0ISL
59	Praia de Belas	1ALTO	2MÉDIO	1AP	D20*	2MÉDIO	2ISB	2ISA	1ISE	1ISL
67	Santo Antônio	2MÉDIO	2MÉDIO	1AP	A100	2MÉDIO	0ISB	1ISA	1ISE	0ISL
22	Cristo Redentor	2MÉDIO	2MÉDIO	1AP	A100	2MÉDIO	1ISB	0ISA	1ISE	0ISL
26	Floresta	2MÉDIO	2MÉDIO	1AP	B60-100	1BAIXO	1ISB	2ISA	1ISE	0ISL
71	São Sebastião	2MÉDIO	2MÉDIO	1AP	B60-100	2MÉDIO	0ISB	0ISA	1ISE	0ISL
79	Vila Ipiranga	2MÉDIO	2MÉDIO	1AP	B60-100	2MÉDIO	0ISB	0ISA	1ISE	0ISL
54	Passo D`Areia	2MÉDIO	2MÉDIO	1AP	B60-100	2MÉDIO	1ISB	1ISA	1ISE	1ISL
5	Azenha	2MÉDIO	2MÉDIO	1AP	B60-100	2MÉDIO	2ISB	0ISA	0ISE	0ISL
34	Jardim Botânico	2MÉDIO	2MÉDIO	1AP	C20-60	2MÉDIO	1ISB	1ISA	1ISE	0ISL
69	São João	2MÉDIO	2MÉDIO	1AP	C20-60	2MÉDIO	2ISB	1ISA	2ISE	2ISL
46	Medianeira	2MÉDIO	2MÉDIO	2MI	B60-100	2MÉDIO	1ISB	1ISA	1ISE	0ISL
21	Cristal	2MÉDIO	2MÉDIO	2MI	B60-100	2MÉDIO	1ISB	1ISA	2ISE	1ISL
41	Jardim São Pedro	2MÉDIO	2MÉDIO	2MI	C20-60	2MÉDIO	0ISB	1ISA	1ISE	0ISL
27	Glória	2MÉDIO	2MÉDIO	3CA	B60-100	2MÉDIO	0ISB	1ISA	1ISE	0ISL
38	Jardim Itú	2MÉDIO	2MÉDIO	3CA	C20-60	2MÉDIO	0ISB	0ISA	1ISE	0ISL
78	Vila Conceição	2MÉDIO	2MÉDIO	3CA	C20-60	2MÉDIO	1ISB	1ISA	1ISE	0ISL
23	Espírito Santo	2MÉDIO	2MÉDIO	3CA	C20-60	2MÉDIO	1ISB	1ISA	1ISE	1ISL
33	Ipanema	2MÉDIO	2MÉDIO	3CA	C20-60	2MÉDIO	1ISB	1ISA	1ISE	1ISL
74	Teresópolis	2MÉDIO	2MÉDIO	3CA	C20-60	2MÉDIO	1ISB	1ISA	1ISE	1ISL
52	Nonoai	2MÉDIO	2MÉDIO	3CA	C20-60	2MÉDIO	1ISB	1ISA	2ISE	1ISL
28	Guarujá	2MÉDIO	2MÉDIO	3CA	C20-60	2MÉDIO	2ISB	2ISA	1ISE	1ISL
62	Rubem Berta	2MÉDIO	3BAIXO	1AP	B60-100	2MÉDIO	1ISB	1ISA	1ISE	1ISL
68	São Geraldo	2MÉDIO	3BAIXO	1AP	C20-60	2MÉDIO	1ISB	1ISA	1ISE	0ISL
31	Humaitá	2MÉDIO	3BAIXO	1AP	C20-60*	3ALTO	1ISB	2ISA	1ISE	1ISL
40	Jardim Sabará	2MÉDIO	3BAIXO	2MI	B60-100	2MÉDIO	1ISB	1ISA	1ISE	1ISL
51	Navegantes	2MÉDIO	3BAIXO	2MI	C20-60	1BAIXO	1ISB	1ISA	0ISE	1ISL

64	Santa Maria Goretti	2MÉDIO	3BAIXO	2MI	C20-60	2MÉDIO	0ISB	0ISA	0ISE	0ISL
12	Camaquã	2MÉDIO	3BAIXO	3CA	B60-100	2MÉDIO	1ISB	1ISA	1ISE	0ISL
15	Cavahada	2MÉDIO	3BAIXO	3CA	B60-100	2MÉDIO	1ISB	1ISA	1ISE	1ISL
53	Partenon	2MÉDIO	3BAIXO	3CA	B60-100	2MÉDIO	1ISB	1ISA	1ISE	1ISL
50	Morro Santana	2MÉDIO	3BAIXO	3CA	B60-100	2MÉDIO	2ISB	2ISA	2ISE	1ISL
80	Vila Jardim	3BAIXO	3BAIXO	3CA	A100	2MÉDIO	1ISB	1ISA	1ISE	0ISL
81	Vila João Pessoa	3BAIXO	3BAIXO	3CA	A100	2MÉDIO	1ISB	1ISA	2ISE	1ISL
11	Bom Jesus	3BAIXO	3BAIXO	3CA	A100	3ALTO	2ISB	2ISA	2ISE	1ISL
24	Farrapos	3BAIXO	3BAIXO	3CA	A100	3ALTO	2ISB	2ISA	2ISE	1ISL
65	Santa Tereza	3BAIXO	3BAIXO	3CA	A100	3ALTO	2ISB	2ISA	2ISE	1ISL
16	Cel. Aparício Borges	3BAIXO	3BAIXO	3CA	B60-100	2MÉDIO	2ISB	2ISA	2ISE	1ISL
35	Jardim Carvalho	3BAIXO	3BAIXO	3CA	B60-100	2MÉDIO	2ISB	2ISA	2ISE	1ISL
55	Passo das Pedras	3BAIXO	3BAIXO	3CA	B60-100	2MÉDIO	2ISB	2ISA	2ISE	2ISL
70	São José	3BAIXO	3BAIXO	3CA	B60-100	3ALTO	2ISB	2ISA	2ISE	2ISL
37	Jardim Floresta	3BAIXO	3BAIXO	3CA	C20-60	2MÉDIO	1ISB	1ISA	1ISE	1ISL
82	Vila Nova	3BAIXO	3BAIXO	3CA	C20-60	3ALTO	1ISB	1ISA	2ISE	1ISL
72	Sarandi	3BAIXO	3BAIXO	3CA	C20-60	3ALTO	2ISB	2ISA	2ISE	2ISL
14	Cascata	3BAIXO	3BAIXO	3CA	C20-60	3ALTO	3ISB	2ISA	2ISE	2ISL
45	Mário Quintana	3BAIXO	3BAIXO	3CA	C20-60	3ALTO	3ISB	2ISA	3ISE	2ISL
73	Serraria	3BAIXO	3BAIXO	3CA	C20-60	3ALTO	3ISB	2ISA	3ISE	2ISL
30	Hípica	3BAIXO	3BAIXO	3CA	D20	2MÉDIO	1ISB	2ISA	1ISE	2ISL
7	Belém Novo	3BAIXO	3BAIXO	3CA	D20	2MÉDIO	2ISB	2ISA	2ISE	1ISL
19	Chapéu do Sol	3BAIXO	3BAIXO	3CA	D20	3ALTO	1ISB	2ISA	1ISE	2ISL
13	Campo Novo	3BAIXO	3BAIXO	3CA	D20	3ALTO	1ISB	2ISA	2ISE	1ISL
58	Ponta Grossa	3BAIXO	3BAIXO	3CA	D20	3ALTO	2ISB	2ISA	2ISE	2ISL
60	Restinga	3BAIXO	3BAIXO	3CA	D20	3ALTO	2ISB	2ISA	2ISE	2ISL
1	Agronomia	3BAIXO	3BAIXO	3CA	D20	3ALTO	2ISB	2ISA	3ISE	2ISL
44	Lomba do Pinheiro	3BAIXO	3BAIXO	3CA	D20	3ALTO	2ISB	2ISA	3ISE	2ISL
43	Lami	3BAIXO	3BAIXO	3CA	D20	3ALTO	2ISB	3ISA	3ISE	2ISL
8	Belém Velho	3BAIXO	3BAIXO	3CA	D20	3ALTO	3ISB	2ISA	2ISE	2ISL
2	Anchieta	3BAIXO	3BAIXO	3CA	D20	3ALTO	3ISB	2ISA	3ISE	3ISL
3	Arquipélago	3BAIXO	3BAIXO	3CA	D20	3ALTO	3ISB	3ISA	3ISE	2ISL
42	Lageado	3BAIXO	3BAIXO	3CA	D20	3ALTO	3ISB	3ISA	3ISE	2ISL

Legenda: vide Tabela 1, no item 2.2, p.63.

Fonte: elaborado pela Autora

ANEXO D – Tabela dos aspectos demográficos dos bairros

Perfil de bairro	Nº	Bairro	População residente total	População infantil (0 a 14 anos)	População residente de até 6 anos	População residente de 7 a 14anos	População residente com 60 anos ou mais	Percentual de crianças no bairro	Percentual de idosos no bairro	Percentual de 7 a 14 no bairro	Percentual de 7 a 14 do município	Desenho etário
1	25	Farroupilha	1101	119	56	63	289	10,81	26,25	5,72	0,04	IDOSOS
1	32	Independência	10986	1143	461	682	2651	10,40	24,13	6,21	0,41	IDOSOS
1	48	Moinhos de Vento	8067	878	368	510	2175	10,88	26,96	6,32	0,30	IDOSOS
1	61	Rio Branco	16473	2122	861	1261	3274	12,88	19,87	7,65	0,75	IDOSOS
1	4	Auxiliadora	9985	1300	529	771	1819	13,02	18,22	7,72	0,46	IDOSOS
1	57	Petrópolis	34593	4890	2025	2865	5969	14,14	17,25	8,28	1,71	IDOSOS
1	77	Vila Assunção	3819	553	235	318	718	14,48	18,80	8,33	0,19	IDOSOS
1	75	Três Figueiras	3657	515	199	316	730	14,08	19,96	8,64	0,19	IDOSOS
1	49	Mont`Serrat	10236	1502	616	886	1511	14,67	14,76	8,66	0,53	IDOSOS
1	6	Bela Vista	10097	1523	608	915	1293	15,08	12,81	9,06	0,55	MUNICÍPIO
1	29	Higienópolis	9096	1380	530	850	1359	15,17	14,94	9,34	0,51	MUNICÍPIO
1	39	Jardim Lindóia	7932	1289	516	773	1084	16,25	13,67	9,75	0,46	MUNICÍPIO
1	18	Chácara das Pedras	6479	1046	409	637	978	16,14	15,09	9,83	0,38	MUNICÍPIO
1	9	Boa Vista	9030	1581	647	934	1007	17,51	11,15	10,34	0,56	MUNICÍPIO
1	76	Tristeza	14837	2845	1236	1609	1933	19,18	13,03	10,84	0,96	MUNICÍPIO
1	56	Pedra Redonda	316	62	26	36	28	19,62	8,86	11,39	0,02	MUNICÍPIO
2	17	Centro	36591	4146	1856	2290	7129	11,33	19,48	6,26	1,37	IDOSOS
2	20	Cidade Baixa	18523	2135	932	1203	3388	11,53	18,29	6,49	0,72	IDOSOS
2	10	Bom Fim	9368	1096	477	619	2013	11,70	21,49	6,61	0,37	IDOSOS
2	63	Santa Cecília	5800	770	304	466	1151	13,28	19,84	8,03	0,28	IDOSOS
2	47	Menino Deus	30717	4461	1909	2552	5617	14,52	18,29	8,31	1,52	IDOSOS
2	66	Santana	25028	3695	1613	2082	4608	14,76	18,41	8,32	1,24	IDOSOS
2	59	Praia de Belas	1869	325	152	173	230	17,39	12,31	9,26	0,10	MUNICÍPIO
2	36	Jardim do Salso	4530	1004	470	534	437	22,16	9,65	11,79	0,32	MUNICÍPIO
3	26	Floresta	15493	2197	907	1290	3097	14,18	19,99	8,33	0,77	IDOSOS
3	54	Passo D`Areia	20880	3323	1356	1967	4162	15,91	19,93	9,42	1,17	IDOSOS
3	34	Jardim Botânico	11494	1980	885	1095	1709	17,23	14,87	9,53	0,65	MUNICÍPIO
3	71	São Sebastião	6714	1083	442	641	1072	16,13	15,97	9,55	0,38	MUNICÍPIO
3	5	Azenha	10475	1813	787	1026	1719	17,31	16,41	9,79	0,61	MUNICÍPIO
3	22	Cristo Redentor	15505	2667	1133	1534	2168	17,20	13,98	9,89	0,92	MUNICÍPIO
3	41	Jardim São Pedro	5152	849	337	512	887	16,48	17,22	9,94	0,31	IDOSOS
3	79	Vila Ipiranga	21105	3500	1400	2100	3206	16,58	15,19	9,95	1,25	MUNICÍPIO
3	67	Santo Antônio	15003	2607	1107	1500	2204	17,38	14,69	10,00	0,90	MUNICÍPIO
3	46	Medianeira	10701	1860	788	1072	1924	17,38	17,98	10,02	0,64	IDOSOS
3	78	Vila Conceição	1467	319	156	163	192	21,75	13,09	11,11	0,10	MUNICÍPIO
3	38	Jardim Itú	7569	1490	639	851	1133	19,69	14,97	11,24	0,51	MUNICÍPIO
3	74	Teresópolis	9877	1956	834	1122	1542	19,80	15,61	11,36	0,67	MUNICÍPIO
3	27	Glória	9077	1815	781	1034	1425	20,00	15,70	11,39	0,62	MUNICÍPIO
3	69	São João	18721	4095	1900	2195	2842	21,87	15,18	11,72	1,31	MUNICÍPIO
3	23	Espírito Santo	6121	1337	592	745	694	21,84	11,34	12,17	0,44	MUNICÍPIO
3	33	Ipanema	20790	4455	1872	2583	2192	21,43	10,54	12,42	1,54	MUNICÍPIO

3	52	Nonoai	21393	4731	2073	2658	2651	22,11	12,39	12,42	1,59	MUNICÍPIO
3	21	Cristal	30220	7017	3254	3763	3094	23,22	10,24	12,45	2,25	MUNICÍPIO
3	28	Guarujá	4841	1155	513	642	471	23,86	9,73	13,26	0,38	MUNICÍPIO
4	51	Navegantes	4227	674	304	370	779	15,95	18,43	8,75	0,22	IDOSOS
4	68	São Geraldo	9202	1415	582	833	1772	15,38	19,26	9,05	0,50	IDOSOS
4	64	Santa Maria Goretti	3964	713	293	420	705	17,99	17,79	10,60	0,25	MUNICÍPIO
4	40	Jardim Sabará	14987	3040	1266	1774	1785	20,28	11,91	11,84	1,06	MUNICÍPIO
4	15	Cavallhada	15403	3406	1561	1845	2032	22,11	13,19	11,98	1,10	MUNICÍPIO
4	53	Partenon	47430	10715	5011	5704	5873	22,59	12,38	12,03	3,41	MUNICÍPIO
4	12	Camaquã	22009	4915	2220	2695	2542	22,33	11,55	12,24	1,61	MUNICÍPIO
4	62	Rubem Berta	68536	16234	7372	8862	5618	23,69	8,20	12,93	5,29	MUNICÍPIO
4	50	Morro Santana	19236	5000	2336	2664	1642	25,99	8,54	13,85	1,59	CRIANÇAS
4	31	Humaitá	10293	2600	1110	1490	649	25,26	6,31	14,48	0,89	CRIANÇAS
5	37	Jardim Floresta	4237	787	337	450	677	18,57	15,98	10,62	0,27	MUNICÍPIO
5	80	Vila Jardim	14450	3417	1578	1839	1577	23,65	10,91	12,73	1,10	MUNICÍPIO
5	16	Cel. Aparício Borges	15100	3799	1847	1952	1076	25,16	7,13	12,93	1,17	CRIANÇAS
5	7	Belém Novo	13787	3571	1731	1840	1386	25,90	10,05	13,35	1,10	CRIANÇAS
5	81	Vila João Pessoa	12641	3276	1547	1729	1394	25,92	11,03	13,68	1,03	CRIANÇAS
5	35	Jardim Carvalho	25161	6760	3308	3452	2521	26,87	10,02	13,72	2,06	CRIANÇAS
5	55	Passo das Pedras	24549	6526	3123	3403	2182	26,58	8,89	13,86	2,03	CRIANÇAS
5	30	Hípica	10948	2953	1424	1529	758	26,97	6,92	13,97	0,91	CRIANÇAS
5	82	Vila Nova	33417	8802	4089	4713	2549	26,34	7,63	14,10	2,81	CRIANÇAS
5	58	Ponta Grossa	3290	878	411	467	222	26,69	6,75	14,19	0,28	CRIANÇAS
5	72	Sarandi	90665	24374	11400	12974	7801	26,88	8,60	14,31	7,75	CRIANÇAS
5	2	Anchieta	1281	384	200	184	121	29,98	9,45	14,36	0,11	CRIANÇAS
5	13	Campo Novo	7652	2083	978	1105	506	27,22	6,61	14,44	0,66	CRIANÇAS
5	43	Lami	3493	958	445	513	356	27,43	10,19	14,69	0,31	CRIANÇAS
5	8	Belém Velho	8274	2407	1191	1216	676	29,09	8,17	14,70	0,73	CRIANÇAS
5	42	Lageado	6476	1945	980	965	559	30,03	8,63	14,90	0,58	CRIANÇAS
5	70	São José	30164	9050	4441	4609	2564	30,00	8,50	15,28	2,75	CRIANÇAS
5	65	Santa Tereza	59222	17948	8824	9124	4868	30,31	8,22	15,41	5,45	CRIANÇAS
5	24	Farrapos	17083	5361	2716	2645	1436	31,38	8,41	15,48	1,58	CRIANÇAS
5	14	Cascata	27784	8536	4186	4350	2100	30,72	7,56	15,66	2,60	CRIANÇAS
5	11	Bom Jesus	30423	9760	4990	4770	2269	32,08	7,46	15,68	2,85	CRIANÇAS
5	60	Restinga	53764	16855	8328	8527	3739	31,35	6,95	15,86	5,09	CRIANÇAS
5	1	Agronomia	12393	3889	1902	1987	842	31,38	6,79	16,03	1,19	CRIANÇAS
5	3	Arquipélago	7619	2531	1298	1233	573	33,22	7,52	16,18	0,74	CRIANÇAS
5	44	Lomba do Pinheiro	43882	14476	7278	7198	2646	32,99	6,03	16,40	4,30	CRIANÇAS
5	45	Mário Quintana	28518	10240	5349	4891	1358	35,91	4,76	17,15	2,92	CRIANÇAS
5	73	Serraria	4682	1716	897	819	209	36,65	4,46	17,49	0,49	CRIANÇAS
5	19	Chapéu do Sol	2620	996	523	473	144	38,02	5,50	18,05	0,28	CRIANÇAS

Legenda:

A coluna do desenho etário considera as três variações encontradas em Porto Alegre, segundo Tabela 8, apresentada no item 3.2, p.84.

A primeira, intitulada "MUNICÍPIO", dos bairros que possuem o mesmo desenho do município:

Adultos > Crianças > Idosos

62-72% | 15-23% | 8-17%

A segunda, intitulada "CRIANÇAS" dos bairros com desenho semelhante ao do município, porém com alto percentual de crianças:

Adultos > Crianças > Idosos

56-68% | 25-38% | 4-11%

E a terceira, intitulada "IDOSOS", em que o percentual de idosos é superior ao de crianças:

Adultos > Idosos > Crianças

62-70% | 14-26% | 10-17%

Fonte: elaborado pela Autora, a partir dos dados do Observapoa, relativos ao ano 2000

ANEXO E – Tabela de classificação do tecido urbano dos bairros

Perfil	Nº	Bairro	Sigla Tecido Urbano	Perfil	Nº	Bairro	Sigla Tecido Urbano
1	4	Auxiliadora	3TV	3	78	Vila Conceição	5ITC
	25	Farroupilha	3TV		22	Cristo Redentor	7TC
	32	Independência	3TV		33	Ipanema	7TC
	39	Jardim Lindóia	3TV	40	Jardim Sabará	2IT	
	61	Rio Branco	3TV	53	Partenon	2IT	
	18	Chácara das Pedras	4T	68	São Geraldo	3TV	
	9	Boa Vista	5ITC	50	Morro Santana	4T	
	77	Vila Assunção	5ITC	51	Navegantes	4T	
	6	Bela Vista	7TC	64	Santa Maria Goretti	4T	
	29	Higienópolis	7TC	12	Camaquã	5ITC	
	48	Moinhos de Vento	7TC	15	Cavallhada	5ITC	
	49	Mont` Serrat	7TC	62	Rubem Berta	6IM	
	56	Pedra Redonda	7TC	31	Humaitá	6IMC	
	57	Petrópolis	7TC	1	Agronomia	1RIT	
	75	Três Figueiras	7TC	8	Belém Velho	1RIT	
	76	Tristeza	7TC	13	Campo Novo	1RIT	
2	10	Bom Fim	3TV	19	Chapéu do Sol	1RIT	
	17	Centro	3TV	30	Hípica	1RIT	
	20	Cidade Baixa	3TV	42	Lageado	1RIT	
	36	Jardim do Salso	3TV	43	Lami	1RIT	
	63	Santa Cecília	3TV	44	Lomba do Pinheiro	1RIT	
	66	Santana	3TV	58	Ponta Grossa	1RIT	
	47	Menino Deus	5ITC	60	Restinga	1RIT	
59	Praia de Belas	6ITM	3	Arquipélago	2IT		
3	5	Azenha	2IT	11	Bom Jesus	2IT	
	23	Espírito Santo	2IT	14	Cascata	2IT	
	28	Guarujá	2IT	16	Cel. Aparício Borges	2IT	
	34	Jardim Botânico	2IT	24	Farrapos	2IT	
	38	Jardim Itú	2IT	35	Jardim Carvalho	2IT	
	46	Medianeira	2IT	45	Mário Quintana	2IT	
	54	Passo D`Areia	2IT	55	Passo das Pedras	2IT	
	69	São João	2IT	70	São José	2IT	
	74	Teresópolis	2IT	72	Sarandi	2IT	
	26	Floresta	3TV	80	Vila Jardim	2IT	
67	Santo Antônio	3TV	81	Vila João Pessoa	2IT		
71	São Sebastião	3TV	82	Vila Nova	2IT		
79	Vila Ipiranga	3TV	2	Anchieta	4T		
27	Glória	4T	37	Jardim Floresta	4T		
41	Jardim São Pedro	4T	65	Santa Tereza	5ITC		
21	Cristal	5ITC	73	Serraria	5ITC		
52	Nonoai	5ITC	7	Belém Novo	6RITC		

Legenda:

1RIT: rururbano e irregular e tradicional; 2IT: irregular e tradicional; 3TV: tradicional vertical; 4T: tradicional; 5ITC: irregular e tradicional e contemporâneo; 6IM: irregular e modernista; 6IMC: irregular e modernista e contemporâneo; 6ITM: irregular e tradicional e modernista; 6RITC: rururbano e irregular e tradicional e contemporâneo; 7TC: tradicional e contemporâneo.

ANEXO F – Modelo de questionário

1. Nome Completo: _____
2. Idade: _____ anos 3. Gênero: () Masculino () Feminino 4. Escola (Turma): _____
5. Endereço: _____
Bairro: _____ Cidade: _____
6. Quem mora com você?
() Pai () Mãe () Irmão(s) – Que idade eles têm? _____
() Outros – Quem? _____
7. Há quantos anos você mora neste local? _____
8. Onde você morava antes? _____
9. Onde seu pai morava quando ele era criança?
(Bairro/Cidade) _____
10. Onde sua mãe morava quando ela era criança?
(Bairro/Cidade) _____
11. Qual a profissão do seu pai? Onde ele trabalha? _____
12. Qual a profissão da sua mãe? Onde ela trabalha? _____
13. Qual a escolaridade do seu pai?
() Fundamental: () completo () incompleto
() Ensino Médio: () completo () incompleto
() Ensino Superior: () completo () incompleto
14. Qual a escolaridade da sua mãe?
() Fundamental: () completo () incompleto
() Ensino Médio: () completo () incompleto
() Ensino Superior: () completo () incompleto
15. Com quem você vai à escola?
() Sozinho(a) () Pai () Mãe () Outro adulto () Amigos () Outro – Quem? _____
16. Como é feito seu percurso até à escola?
() A pé () De carro () De ônibus () De van () Outro – Qual? _____
17. Quais os lugares que você frequenta durante a semana? Onde ficam? Como você se desloca até lá?
() Cursos Bairro(s): _____ () A pé () De carro () De ônibus () Outro
() Parentes e amigos Bairro(s): _____ () A pé () De carro () De ônibus () Outro
() Shopping Center Bairro(s): _____ () A pé () De carro () De ônibus () Outro
() Clube Bairro(s): _____ () A pé () De carro () De ônibus () Outro
() Praças e Parques Bairro(s): _____ () A pé () De carro () De ônibus () Outro
() Outro(s) – Qual(is)? _____
18. Quais os lugares que você frequenta no final de semana? Onde ficam? Como você se desloca até lá?
() Parentes e amigos Bairro(s): _____ () A pé () De carro () De ônibus () Outro
() Shopping Center Bairro(s): _____ () A pé () De carro () De ônibus () Outro
() Clube Bairro(s): _____ () A pé () De carro () De ônibus () Outro
() Praças e Parques Bairro(s): _____ () A pé () De carro () De ônibus () Outro
() Outro(s) – Qual(is)? _____
19. Onde você passa suas férias? () Em casa () Na praia () No campo () Outro – Qual? _____
20. Você costuma andar sozinho(a) pelas ruas do seu bairro? () Sim () Não
21. Quais atividades você realiza nas ruas do seu bairro?
() Caminha () Anda de bicicleta ou skate () Encontra seus amigos () Faz compras () Circula de carro
() Outra(s) – Qual(is)? _____
22. Você mora em:
() Casa () Apartamento em edifício único no terreno
() Casa em condomínio fechado () Apartamento em condomínio com dois ou mais edifícios
23. Quem mais dorme no mesmo quarto que você?
() Ninguém, durmo sozinho(a) () Irmão(s) () Outro – Quem? _____
24. No seu quarto há equipamento(s) eletrônico(s)? Qual (is)?
() TV () Videogame () Computador () Outro – Qual(is)? _____
25. Há algum equipamento de lazer onde você mora? Como é o acesso a este(s) equipamento(s)?
() Salão de festas Acesso: () público () semi-privado (condomínio) () privado (família)
() Playground Acesso: () público () semi-privado (condomínio) () privado (família)
() Piscina Acesso: () público () semi-privado (condomínio) () privado (família)
() Outro – Qual(is)? _____

ANEXO G – Quadro síntese dos respondentes

IDENTIFICAÇÃO					ESPAÇO FÍSICO			ESPAÇO SOCIAL		COTIDIANO PRÁTICAS			COTIDIANO LUGARES			
Perfil ES	Grupo	Nº	Gênero	Idade	Bairro	TH	Equipamentos lazer	Escolaridade pai/mãe	Conviventes no domicílio (incluindo o estudante)	Anda sozinho	Cita percurso a pé	Carro como único meio	Nenhuma atividade na rua	Cita espaços públicos	Cita Praças e Parques	Cita Shopping center
1	1 2	1	F	14	Tristeza	CF	S	S/M	3(P,M)	S	S	N	N	N	N	S
2	1 2	2	F	13	Santana	A	N	S/N.I	3(P,M)	S	S	N	N	S	S	S
2	1 2	3	F	15	Santana	A	S	S	3(PA,M)	S	S	N	N	S	S	S
2	1 2	4	F	14	Santana	C	N	S/SI	4(P,M,I)	S	S	N	N	S	N	N
2	1 2	X	F	15	Santana	N.I	N.I	N.I	N.I	N.I	N.I	N.I	N.I	N.I	N.I	N.I
3	3	5	F	14	Cristal	AC	N	S	4(P,M,I)	S	S	N	N	S	S	S
3	3	6	F	14	Teresópolis	C	N	N.I/SI	3(M,I)	S	N	S	N	N	N	N
4	4	7	M	14	Humaitá	CF	S	S	2(M)	N	N	S	S	N	N	N
4	4	8	F	14	Morro Santana	CF	S	SI/S	2(M)	S	N	N	N	N	N	S
4	4	9	M	14	Partenon	A	N	S/SI	4(P,M,I)	N	N	S	S	N	N	N
4	4	10	M	14	Partenon	C	S	MI	3(P,M)	S	N	S	N	N	N	S
4	4	11	M	13	Partenon	C	N	S	3(M,I)	S	S	N	N	S	S	N
5	5	12	M	14	Agronomia	C	N	S	6(M,I)	S	N	S	S	N	N	N
5	5	13	F	13	Belém Novo	C	S	S	4(P,M,I)	S	S	N	N	N	N	N
5	5	14	F	14	Jardim Carvalho	C	N	M	6(P,M,I,A,O)	S	S	N	N	S	S	S
5	5	15	M	16	Lomba do Pinheiro	AC	S	MI	3(P,M)	S	S	N	N	S	S	S
5	5	16	M	13	Lomba do Pinheiro	C	S	S/MI	4(PA,M,I)	S	N	N	N	S	S	S
5	5	17	F	13	Ponta Grossa	C	N	SI	4(P,M,I)	N	S	N	S	N	N	N
5	5	18	F	14	Restinga	AC	S	M	5(P,M,I)	S	S	N	N	S	S	S
5	5	19	M	15	Restinga	C	N	FI/S	7(P,M,I,O)	S	S	N	N	N	N	S
5	5	X	M	14	Lomba do Pinheiro	N.I	N.I	N.I	N.I	N.I	N.I	N.I	N.I	N.I	N.I	N.I
N.C	6	20	M	13	(Alvorada)	C	S	SI	9(P,M,I,O)	S	S	N	N	S	S	S
N.C	6	21	M	16	(Guaíba)	C	N	M	3(M,A)	S	S	N	N	N	N	S
N.C	6	22	F	15	(Viamão)	C	N	M	4(P,M,I)	S	N	S	N	S	S	S
N.C	6	23	M	13	(Viamão)	C	N	MI	4(P,M,I)	N	N	S	S	N	N	N
N.C	6	24	F	13	(Viamão)	C	N	MI/M	3(P,M)	S	S	N	N	S	S	S
N.C	6	25	F	15	(Viamão)	C	N	N.I	4(O)	N	S	N	N	S	S	S
N.C	6	26	M	15	(Viamão)	C	N	S/M	3(M,I)	S	S	N	N	S	N	N
N.C	6	27	F	14	(Viamão)	C	N	MI/S	3(P,M)	N.I	N	S	N	N	N	S
N.C	6	28	M	16	(Viamão)	CF	N	N.I	3(M,I)	N	S	N	N	S	S	N
N.C	6	X	M	14	(outros)	N.I	N.I	N.I	N.I	N.I	N.I	N.I	N.I	N.I	N.I	N.I

Legenda:

Gênero: Masculino (M); Feminino (F). Tipologia Habitacional (TH): Casa (C); Apartamento (A); Casa em condomínio fechado (CF); Apartamento com dois ou mais blocos (AC). Escolaridade: Ensino Fundamental (F); Ensino Médio (M); Ensino Superior (S); Incompleto (I). Conviventes: Pai (P); Mãe (M); Padrasto (Pa); Irmãos (I); Avós (A); Outros (O). Sim (S); Não (N). Não classificado (N.C). Estudante ausente (X). Não Informado (N.I.).

Fonte: elaborado pela Autora

ANEXO H – Descrição das práticas cotidianas e dos espaços vividos dos respondentes

Nº	Categoria	Identificação e descrição das práticas cotidianas e dos espaços vividos
1	(5) REC 2	Esta menina mora com os pais, bancário e técnica de enfermagem, em condomínio fechado, com piscina, <i>playground</i> e salão de festas, no bairro Tristeza. Situado no segundo polo da elite junto à orla do Guaíba, com tecido tradicional e contemporâneo, o bairro se caracteriza pelo uso residencial com comércio concentrado na Avenida Wenceslau Escobar, muito próxima da sua residência. Ela não cita espaços públicos como lugares frequentados, apesar de haver algumas praças no entorno, nem realiza atividades de lazer na rua, apenas encontra amigos. Durante a semana vai à escola, a cursos e ao Shopping Praia de Belas, apesar de morar mais perto do Barra Shopping Sul e, nos finais de semana, visita parentes e amigos na Zona Norte. Costuma andar sozinha e se desloca a pé, de carro, ônibus ou van (escola), durante a semana, e apenas de carro nos finais de semana.
2	(4) REC 1	Esta menina mora com os pais, ele professor, em apartamento no bairro Santana. Situado na área central, com tecido tradicional vertical, é um bairro residencial que possui comércio de menor porte e se destaca pela proximidade com o Parque da Redenção. Ela não realiza atividades de lazer na rua, apenas caminha, mas cita espaços públicos como lugares frequentados. Frequenta a casa de amigos e parentes, praças e parques nas imediações da residência e o Shopping Iguatemi, durante a semana também vai a cursos. Costuma andar a pé, de van (escola) ou de carro.
3	(4) REC 1	Esta menina mora com a mãe, fonoaudióloga no Hospital de Clínicas, e o padrasto em apartamento no bairro Santana. Situado na área central, com tecido tradicional vertical, é um bairro residencial que possui comércio de menor porte e se destaca pela proximidade com o Parque da Redenção. Ela não realiza atividades de lazer na rua, mas encontra amigos e faz compras, e cita espaços públicos como lugares frequentados. Frequenta parques e praças nas imediações da residência e, no final de semana, também o Shopping Iguatemi. Costuma andar sozinha e se desloca a pé, de van (escola) ou de carro.
4	(1) REL 1	Esta menina mora com os pais, representante químico e secretária, e um irmão em casa com piscina no bairro Santana. Situado na área central, com tecido tradicional vertical, é um bairro residencial que possui comércio de menor porte e se destaca pela proximidade com o Parque da Redenção. Ela tem a rua como espaço de lazer, onde anda de bicicleta, cita espaços públicos como lugares frequentados e não cita shoppings centers. Frequenta cursos, nas imediações do bairro, e, aos finais de semana, o centro de Porto Alegre. Costuma andar sozinha e se desloca a pé ou de van (escola).
5	(4) REC 1	Esta menina mora com os pais, engenheiro e professora, e um irmão em apartamento em condomínio com dois ou mais blocos no bairro Cristal. Situado na interface do polo 2, com tecido irregular, tradicional e contemporâneo, é um bairro residencial que vem crescendo a partir da implantação recente do Barra Shopping e de condomínios fechados. Ela não realiza atividades de lazer na rua, mas caminha e encontra amigos, e cita espaços públicos como lugares frequentados. Além da escola, frequenta a casa de parentes e amigos no próprio bairro, no Camaquã e no Santana, os shoppings Barra e Praia de Belas, praças e parques no Santana e no Passo D´Areia. Costuma andar sozinha e se desloca a pé, de carro ou de van (escola).
6	(5) REC 2	Esta menina mora com a mãe e um irmão em casa no bairro Teresópolis. Bairro com características bucólicas, de tecido irregular e tradicional, que sofreu intervenções urbanísticas recentes, sobretudo pela implantação da Terceira Perimetral. Ela não cita espaços públicos como lugares frequentados, nem realiza atividades de lazer na rua, apenas encontra amigos e circula de carro. Frequenta cursos no centro, a casa de parentes e amigos no próprio bairro, no Moinhos de Vento e no Agronomia, e faz viagens para fora de Porto Alegre. Costuma andar sozinha, mas cita o carro como único meio de deslocamento, vai à escola de van.
7	(6) REC 3	Este menino mora com a mãe em casa em condomínio fechado no bairro Humaitá. Essencialmente residencial, com tecido irregular, modernista e contemporâneo, o bairro dispõe de pequeno comércio, foi projetado pela iniciativa privada na década de 70 e se destaca pelas torres de apartamentos, os condomínios fechados e o Parque Marechal Mascarenhas de Moraes, localizado na mesma rua do seu condomínio. Ele não realiza nenhuma atividade na rua, nem cita espaços públicos como lugares frequentados. Não possui shoppings nas imediações da residência e também não os cita como lugares frequentados. Não costuma andar sozinho, cita o carro como único meio de deslocamento, vai à escola de van e frequenta apenas a casa de parentes e amigos, no bairro Restinga.
8	(4) REC 1	Esta menina mora com a mãe, funcionária pública, em casa em condomínio fechado com salão de festas, piscina e <i>playground</i> , no bairro Morro Santana. Com tecido tradicional, o bairro se destaca pela geografia natural e pela presença de áreas verdes, abundantes nas imediações de sua residência. Ela não realiza atividades de lazer na rua, apenas caminha e circula de carro, mas cita espaços públicos como lugares frequentados. Frequenta cursos, casa de amigos e parentes em vários bairros, shopping, apesar de não possuir nenhum no entorno de casa, e restaurantes. Costuma andar sozinha e cita carro ou ônibus como meios de deslocamento, vai à escola de van.

9	REC 3	(6)	Este menino mora com os pais, ele vendedor de carros, e um irmão em apartamento no bairro Partenon, próximo a vilas irregulares. De tecido irregular e tradicional, o bairro é cortado por uma das principais artérias da cidade, a Av. Bento Gonçalves, e limitado por outra, a Av. Ipiranga e se destaca pelo contraste entre os padrões residenciais. Ele não realiza nenhuma atividade na rua, nem cita espaços públicos e shoppings centers como lugares frequentados. Frequenta cursos e a casa de parentes e amigos, no próprio bairro. Não costuma andar sozinho pela cidade e cita o carro como único meio de deslocamento, vai de van à escola.
10	REL 3	(3)	Este menino mora com os pais, ela auxiliar administrativa, em casa próxima a vilas irregulares no bairro Partenon. De tecido irregular e tradicional, o bairro é cortado por uma das principais artérias da cidade, a Av. Bento Gonçalves, e limitado por outra, a Av. Ipiranga e se destaca pelo contraste entre os padrões residenciais. Ele tem a rua como espaço de lazer, onde faz compras e joga bola, não cita espaços públicos como lugares frequentados, mas cita shopping center. Também frequenta a casa de parentes e amigos e clube, no próprio bairro e no Menino Deus. Costuma andar sozinho, mas cita o carro como único meio de deslocamento, vai à escola de van.
11	REL 1	(1)	Este menino mora com a mãe, técnica em enfermagem, e um irmão em casa no bairro Partenon. De tecido irregular e tradicional, o bairro é cortado por uma das principais artérias da cidade, a Av. Bento Gonçalves, e limitado por outra, a Av. Ipiranga e se destaca pelo contraste entre os padrões residenciais. Ele vive, justamente, em uma das áreas privilegiadas, o Intercap, que possui praças, amplas ruas pavimentadas e arborizadas, com residências bem distribuídas no espaço e, em sua grande maioria, construídas em alvenaria. Tem a rua como espaço de lazer, onde anda de bicicleta ou skate, encontra amigos, faz compras e joga bola, cita espaços públicos como lugares frequentados e não cita shoppings centers, não tendo nenhum no entorno de sua casa. Frequenta a casa de parentes e amigos, incluindo alguns em Viamão, praças e parques e o centro de Porto Alegre. Costuma andar sozinho pela cidade e se desloca a pé ou de ônibus.
12	REC 3	(6)	Este menino mora com a mãe, professora e bibliotecária (o pai é tenente coronel da Brigada), e mais 4 irmãos em casa próxima a vilas irregulares no bairro Agronomia. De ocupação rarefeita, com tecido irregular e tradicional, o bairro se destaca pela presença do campus da UFRGS, onde fica a escola. Ele não realiza nenhuma atividade na rua, nem cita espaços públicos e shoppings centers como lugares frequentados. Nas imediações de sua casa, não há equipamentos educacionais ou recreativos, nem shoppings. Frequenta apenas a escola, para onde vai a pé ou de carro, e a casa de amigos e parentes, em Viamão. Costuma andar sozinho, e o carro é o principal meio de deslocamento.
13	REC 2	(5)	Esta menina mora com os pais, professores, e um irmão em casa com piscina no bairro Belém Novo. O bairro fica no extremo-sul da cidade, junto à orla do Guaíba e mescla tecido rururbano, irregular, tradicional e contemporâneo. Ela não cita espaços públicos como lugares frequentados, nem realiza atividades de lazer na rua, apenas caminha e passeia com cachorros. Nas imediações da residência há poucos equipamentos e nenhum shopping. Frequenta curso de hipismo e a casa de parentes e amigos, no próprio bairro. Costuma andar sozinha e se desloca a pé e de carro, vai à escola de van.
14	REC 1	(4)	Esta menina mora com os pais, guarda municipal e dona de casa, um irmão, a avó e uma amiga da mãe, em casa no bairro Jardim Carvalho próxima a vilas irregulares. O bairro de tecido irregular e tradicional é basicamente residencial, formado por núcleos autônomos, entre eles o Cefer II, onde fica sua casa, com pequeno comércio, limitado pelas Av. Protásio Alves e Ipiranga e cortado pela Av. Antonio de Carvalho. Ela não realiza atividades de lazer na rua, mas caminha, encontra amigos e faz compras, e cita espaços públicos como lugares frequentados. Frequenta a casa de parentes e amigos durante a semana no próprio bairro, e o Barra Shopping, no Cristal, e o Parque da Redenção, no Farrroupilha, nos finais de semana. Costuma andar sozinha, a pé ou de ônibus, meio utilizado para ir à escola.
15	REL 2	(2)	Este menino mora com os pais em apartamento em condomínio com dois blocos ou mais, com salão de festas e <i>playground</i> , próximo a vilas irregulares no bairro Lomba do Pinheiro. Com tecido rururbano e irregular, o bairro possui ocupação heterogênea, mesclando núcleos densamente povoados com áreas verdes, de preservação ecológica. Ele tem a rua como espaço de lazer, onde anda de bicicleta ou skate e circula de carro, cita espaços públicos e shoppings centers como lugares frequentados, apesar de não possuir nenhum no entorno de casa. Além do Shopping Praia de Belas, frequenta a casa de parentes e amigos, praças e parques em vários bairros. Costuma andar sozinho e se desloca a pé, de carro ou ônibus, meio utilizado para ir à escola.
16	REC 1	(4)	Este menino mora com a mãe, dona de casa, o padrasto e um irmão em casa com piscina no bairro Lomba do Pinheiro. Com tecido rururbano e irregular, o bairro possui ocupação heterogênea, mesclando núcleos densamente povoados com áreas verdes, de preservação ecológica. Ele não realiza atividades de lazer na rua, mas caminha, faz compras e circula de carro, e cita espaços públicos como lugares frequentados. Frequenta cursos no Centro e a casa de amigos e parentes no próprio bairro, às vezes vai a praças e parques e ao shopping, não possuindo nenhum no entorno de casa. Costuma andar sozinho e se desloca de ônibus ou de carro, vai de van à escola.
17	REC 3	(6)	Esta menina mora com os pais, ela funcionária pública, e um irmão em casa no bairro Ponta Grossa. Afastado do centro, possui tecido rururbano e irregular e é ocupado, basicamente, por sítios e sedes sociais. Ela não realiza nenhuma atividade na rua, nem cita espaços públicos e shoppings centers como lugares frequentados. Nas imediações de sua casa não há equipamentos educacionais ou recreativos nem shoppings. Frequenta, durante a semana, um clube em Ipanema e, no final de semana, a casa de parentes e amigos no próprio bairro. Não costuma andar sozinha, mas se desloca a pé ou de carro, vai à escola de van.

18	(2) REL 2	Esta menina mora com os pais, sargento e produtora de eventos, e dois irmãos em apartamento com dois blocos ou mais, provido de piscina e quadras esportivas e próximo a vilas irregulares, no bairro Restinga. De tecido rururbano, irregular e tradicional, o bairro constitui um núcleo autossuficiente, com escolas e equipamentos recreativos, não possui nenhum shopping, e congrega loteamentos populares e vilas irregulares, sendo dividido em Restinga Velha e Nova Restinga, onde fica sua casa. Ela tem a rua como espaço de lazer, onde anda de bicicleta ou skate, cita espaços públicos e shoppings centers como lugares frequentados. Além do Shopping Praia de Belas, frequenta cursos e a casa de amigos e parentes na zona sul, e o Parque Marinha do Brasil, no Praia de Belas. Costuma andar sozinha e se desloca de ônibus, a pé e de carro, vai de van à escola.
19	(3) REL 3	Este menino mora com os pais, gerente de loja e dona de casa, dois irmãos, tia e primo, em casa próxima a vilas irregulares no bairro Restinga. De tecido rururbano, irregular e tradicional, o bairro constitui um núcleo autossuficiente, com escolas e equipamentos recreativos, não possui nenhum shopping, e congrega loteamentos populares e vilas irregulares, sendo dividido em Nova Restinga e Restinga Velha, onde fica sua casa. Ele tem a rua como espaço de lazer, onde anda de skate, encontra amigos, faz compras, circula de carro e joga futebol, não cita espaços públicos como lugares frequentados, mas cita shopping center. Além do Barra Shopping, no Cristal, frequenta a casa de parentes e amigos no próprio bairro. Costuma andar sozinha e se desloca a pé ou de carro, vai à escola de van.
20	(2) REL 2	Este menino mora com pais, vendedor de carros e confeitaria, 2 irmãos, avó, tia e dois primos, em casa na cidade de Alvorada. Ele tem a rua como espaço de lazer, onde caminha, anda de bicicleta ou skate, encontra amigos, faz compras e circula de carro, cita espaços públicos e shoppings centers como lugares frequentados. Frequenta também a casa de parentes e amigos, praças e parques, concentrados no próprio bairro. Costuma andar sozinha e se desloca a pé ou de carro, vai à escola de van.
21	(3) REL 3	Este menino mora com a mãe e a avó em casa na cidade de Guaíba. Ele tem a rua como espaço de lazer, onde anda de bicicleta ou skate e joga futebol, não cita espaços públicos como lugares frequentados, mas cita shopping center. Frequenta também a casa de amigos e parentes. Em Porto Alegre, tem como referência a casa do pai, situada no bairro Azenha. Costuma andar sozinha e se desloca a pé ou de carro, vai à escola de van.
22	(2) REL 2	Esta menina mora com os pais, químico e dona de casa, e um irmão, em casa com piscina na cidade de Viamão. Ela tem a rua como espaço de lazer, onde caminha e anda de bicicleta ou skate, cita espaços públicos e shoppings centers como lugares frequentados. Frequenta também a casa de parentes e amigos, praças e parques, em vários bairros de Porto Alegre e também em Canoas. Costuma andar sozinha e cita o carro como único meio de deslocamento, vai à escola de van.
23	(6) REC 3	Este menino mora com os pais, empresário e dona de casa, e um irmão em casa na cidade de Viamão. Ele não realiza nenhuma atividade na rua, nem cita espaços públicos e shoppings centers como lugares frequentados. Frequenta cursos e a casa de parentes e amigos. Não costuma andar sozinha e cita o carro como único meio de deslocamento.
24	(2) REL 2	Esta menina mora com os pais, comerciante e decoradora de festas, em casa na cidade de Viamão. Ela tem a rua como espaço de lazer, onde anda de bicicleta ou skate e encontra amigos, cita espaços públicos e shoppings centers como lugares frequentados. Frequenta também a casa de amigos e parentes, praças e parques em Viamão, Alvorada e Porto Alegre. Costuma andar sozinha e se desloca a pé ou de carro.
25	(4) REC 1	Esta menina mora com os padrinhos e primo em casa na cidade de Viamão. Ela não realiza atividades de lazer na rua, apenas encontra amigos, mas cita espaços públicos como lugares frequentados. Frequenta a casa de parentes e amigos, shopping, praças e parques. Destaca o próprio quarto como um dos lugares frequentados. Não costuma andar sozinha e se desloca a pé, de carro ou de ônibus, meio que utiliza para ir à escola.
26	(1) REL 1	Este menino mora com a mãe, enfermeira, e um irmão em casa na cidade de Viamão. Ele tem a rua como espaço de lazer, onde caminha, anda de bicicleta ou skate, encontra amigos, faz compras, circula de carro e joga bola, cita espaços públicos como lugares frequentados e não cita shoppings centers. Frequenta o centro de sua cidade, costuma andar sozinha e se desloca a pé, vai à escola de van.
27	(5) REC 2	Esta menina mora com os pais, açougueiro e comerciante, em casa na cidade de Viamão. Ela não cita espaços públicos como lugares frequentados, nem realiza atividades de lazer na rua, apenas encontra amigos e circula de carro. Frequenta a casa de parentes e amigos e o shopping. Se desloca por vários bairros, inclusive de Porto Alegre, e cita o carro como único meio de deslocamento.
28	(1) REL 1	Este menino mora com a mãe e um irmão em casa em condomínio fechado na cidade de Viamão. Ele tem a rua como espaço de lazer, onde caminha, anda de bicicleta ou skate, encontra amigos, faz compras e circula de carro, cita espaços públicos como lugares frequentados e não cita shoppings centers. Frequenta a casa de parentes e amigos, clube, praças e parques em Viamão e Gravataí. Não costuma andar sozinha e se desloca a pé, de carro ou de ônibus, meio que utiliza para ir à escola.

Fonte: elaborado pela Autora